

MORTE INVISÍVEL

AUTORAS DE O MENINO DA MALA



LENE KAABERBØL
E AGNETE FRIIS





MORTE
MORTE
INVISIVEL



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

MORTE INVISIVEL



Título original: *Et stille umærkeligt drab*
Copyright © 2010 por Lene Kaaberbøl e Agnete Friis
Copyright da tradução americana © 2012 por Tara Chace
Copyright da tradução brasileira © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Marcelo Mendes
preparo de originais: Gabriel Machado
revisão: Flávia Midori e Luis Américo Costa
projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira
capa: Retina 78
eBook: [Hondana](#)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F949m

Friis, Agnete

Morte invisível [recurso eletrônico] / Agnete Friis; Lene Kaaberbøl [tradução de Marcelo Mendes]; São Paulo: Arqueiro, 2015.

recurso digital

Tradução de: Invisible murder

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-352-6 (recurso eletrônico)

1. Ficção dinamarquesa. 2. Livros eletrônicos. I. Kaaberbøl, Lene. II. Friis, Agnete. III. Mendes, Marcelo. III. Título.

CDD: 839.813

CDU: 821.113.4

14-17418

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

NORTE DA HUNGRIA

— QUEM SABE A GENTE NÃO encontra uma pistola? — disse Pitkin, apontando para a guarita ao lado do portão. — *Bang, bang!*

— Ou talvez uma metralhadora — ajuntou Tamás, disparando uma arma imaginária que estaria apoiada em seus quadris. — *Ratatatatatatatá!*

— Ou um tanque!

— Não, eles levaram todos os tanques — retrucou Tamás com súbito e inoportuno realismo.

— Então uma granada — arriscou Pitkin. — Você não acha que eles podem ter esquecido uma granada por aí?

— Tudo é possível — respondeu Tamás, apenas para não acabar com as esperanças do amigo.

Anoitecera havia pouco. O dia fora chuvoso, o ar ainda recendia a umidade. Caso não tivesse parado de chover, eles decerto não estariam ali. Embora não depositasse a mínima fé em milagrosas pistolas, metralhadoras e granadas, Tamás sentia o estômago borbulhar de empolgação como se dentro dele alguém tivesse sacudido uma lata de refrigerante.

Uma cerca confinava o velho acampamento militar, mas havia muito o solitário vigia noturno desistira de defender o lugar contra as hordas de ladrões de ferro-velho. Ele se fechava como sempre na sua casinha, a única edificação que por ali ainda dispunha de amenidades como luz e água, e via alguma coisa na pequena televisão em preto e branco que trazia de casa e levava embora todas as manhãs, terminado seu turno. Certa vez, chegara ao ponto de disparar tiros contra os irmãos Rákos, que tentaram roubar o aparelho, e o episódio lhe rendera algum respeito. Agora vigorava uma espécie de trégua tácita no território que se estendia da guarita até o portão e a área imediatamente ao redor dele: nem mesmo o mais empreendedor dos larápios locais punha os pés ali. O resto, no entanto, era uma vasta terra de ninguém da qual já haviam levado quase tudo, senão tudo, do que era possível levar, inclusive pedaços da cerca. György Motas tinha roubado longos trechos para construir seu canil.

Tamás sabia perfeitamente que as chances de encontrar qualquer coisa de valor ali eram quase nulas. Por outro lado, o que mais havia para fazer em uma noite quente de primavera quando não se possuía um mísero tostão? Embora falasse como um pirralho de 8 anos, Pitkin tinha quase 18 e era mais forte que a média. Se a sorte ajudasse, talvez eles encontrassem algo que outros haviam deixado para trás porque era pesado demais.

Os dois passaram por baixo da cerca. Tamás sorriu no escuro ao sentir o ligeiro arrepio que o acometia sempre que fazia algo proibido. Em torno deles ainda estavam de pé as paredes de cimento do que antes foram o refeitório, os banheiros, as oficinas e os gabinetes do acampamento soviético, lembrando o cenário abandonado de um filme. Janelas e portas desde muito já haviam encontrado um emprego melhor em outros lugares, assim como vigas, telhas, radiadores, canos, torneiras, pias e

vasos sanitários. Os barracões de madeira em que dormiam os soldados também já tinham sumido, subtraídos tábuas por tábuas, restando apenas os alicerces de concreto. A maior e mais preservada das edificações era a velha enfermaria de três pavimentos, elevando-se feito um castelo medieval cercado de toscos casebres. Durante muitos anos após a retirada dos russos, ela servira de clínica para atendimento da população local, administrada por uma das diversas organizações de ajuda ocidentais. Mas, com o passar dos anos, médicos, enfermeiros e voluntários anglófonos haviam voltado para suas casas, abrindo espaço para que os rapinadores descessem sobre o lugar como um bando de gafanhotos. Os primeiros tinham auferido um bom lucro: Attila, por exemplo, encontrara um pequeno armário repleto de frascos de álcool isopropílico; Marius Paul, por sua vez, conseguira desovar três microscópios por 50 mil florins em Miskolc. Atualmente, a velha enfermaria se resumia à carcaça vazia de um frango já eviscerado até as últimas carniças, mas era para lá que Tamás e Pitkin agora se dirigiam.

Tamás cruzou o vão da porta e acendeu a lanterna para ver onde pisava. O luar atravessava as frestas do telhado e desenhava figuras azuladas numa escuridão densa, úmida e impenetrável.

– Buu! – gritou Pitkin às costas dele, alto o bastante para fazer o amigo estremecer. O som ecoou nas paredes e ele riu. – Ficou com medinho?

Tamás não fez mais que grunhir: Pitkin não passava de uma criancinha.

No chão ainda se viam os restos encardidos do linóleo de outrora e, nas paredes, traços da tinta verde. Tamás apontou a lanterna escada acima. No alto do terceiro andar, era possível ver algo do céu noturno, apenas um pedacinho, de onde os gatunos haviam surrupiado as telhas. O porão era inacessível; os russos o tinham lacrado de um jeito bem simples: jogando cimento molhado no fosso de ambas as escadas que levavam ao lugar.

Pitkin perscrutou o corredor deserto. Tomou a lanterna de Tamás, brandiu-a como se fosse uma arma e irrompeu no primeiro cômodo.

– Ninguém se mexe! – berrou, apontando o facho para a ala hospitalar vazia.

– Shhh – fez Tamás. – Quer que o vigia ouça a gente?

– Bobagem. O cara deve estar roncando na frente da TV, como sempre. – Pitkin subitamente avistou algo que o fez deixar de lado a pose de herói. – Opa. Alguma coisa aconteceu aqui...

Ele estava certo. Passeando pela parede descascada, o foco da lanterna agora revelava uma imensa rachadura na alvenaria sob a janela e, no chão, uma pilha de escombros razoavelmente maior do que as outras que se viam por toda parte. Um pedaço do teto havia ruído, deixando um rombo emoldurado de fiapos de gesso. Tamás passou a temer que o resto da estrutura pudesse vir abaixo a qualquer momento, fazendo dele e de Pitkin o recheio humano de um belo sanduíche de concreto. Então ele enxergou algo que atiçou sua cobiça.

– Ali! Ilumina ali! – exclamou Tamás.

– Ali onde?

– Na janela. Não, mais para baixo, no chão...

Talvez aquilo fosse obra do apodrecimento natural do prédio, talvez dos pequenos tremores que por vezes encrespavam o café que eles bebiam em casa. Fosse o que fosse, a velha enfermaria agora se achava alguns passos mais próxima da ruína total. A rachadura na parede havia feito parte do piso

afundar para o porão inacessível abaixo dele.

Os amigos se entreolharam.

– Deve ter uma porrada de coisas lá embaixo – disse Tamás.

– É verdade – concordou Pitkin. – Talvez até uma granada...

Para Tamás, seria mil vezes preferível que houvesse ali dois ou três microscópios como os que Marius Paul tivera a sorte de encontrar.

– Eu consigo passar pelo buraco – garantiu. – Me dá a lanterna.

– Também quero descer.

– Eu sei, mas tem que ser um de cada vez.

– Por quê?

– Seu idiota, se a gente descer junto, como é que vamos sair depois?

Sem uma corda ou uma escada, Pitkin foi obrigado a ceder. Portanto, Tamás sentou-se na borda do buraco e cautelosamente passou as pernas para o outro lado. Ele hesitou por alguns instantes.

– Depressa! – exclamou Pitkin. – Senão desço eu!

– Já vou, já vou. Só mais um segundo.

Tamás não queria que o amigo o considerasse um covarde, então se deixou escorregar buraco abaixo. Antes mesmo de tocar os pés no chão, sentiu um doloroso rasgo no braço.

– Aai! – berrou, desabando de mau jeito sobre os escombros do teto.

A queda chacoalhou todos os seus ossos, mas não superou a dor no braço esquerdo.

– O que aconteceu? – perguntou Pitkin.

– Alguma coisa me cortou.

Tamás podia sentir o sangue empapando a manga da camisa. *Merda*. Uma farpa de aproximadamente 20 centímetros espetava-lhe as carnes logo abaixo da axila. Ele conseguiu retirá-la, mas nada pôde fazer quanto à ferida. Esperou a dor passar, porém o ferimento só latejava mais.

– Bom, tem alguma coisa aí embaixo? – indagou Pitkin, impaciente, já nem um pouco preocupado com o bem-estar do companheiro.

– Não dá para ver porra nenhuma, né? Me dá essa lanterna aí.

Pitkin se deitou na beira do buraco e esticou o braço. Tamás penou para pegar a lanterna. Por sorte o porão tinha um pé-direito mais baixo que os demais recintos da enfermaria.

Logo ficou claro que eles haviam encontrado um tesouro. Tudo ainda estava lá, tal como imaginado. Duas macas hospitalares, toneladas de instrumentos – infelizmente, nada que lembrasse um microscópio. Os radiadores, as torneiras e as pias estavam intactos. Nas prateleiras e no armário metálico, havia livros, frascos e garrafas; num dos cantos, uma balança manual idêntica à da enfermaria da escola, dessas em que os pesos vão deslizando até as réguas se equilibrarem. E aquele era apenas o primeiro dos cômodos. Tamás até esqueceu o braço ferido enquanto calculava a fortuna que embolsaria caso eles conseguissem tirar todas aquelas coisas dali antes que outros também descobrissem a caverna do tesouro.

– Alguma arma? – perguntou Pitkin.

– Ainda não sei.

Tamás abriu a porta que dava para o corredor, umas das muitas que havia ali embaixo, todas de

metal, grossas, pesadas e rangentes. Foi examinando às pressas cada um dos recintos, iluminando-os com a lanterna. O primeiro era claramente uma sala de cirurgia, pois as lâmpadas enormes ainda pendiam do teto e uma mesa metálica jazia no centro. O segundo era um depósito repleto de armarinhos trancados. O coração de Tamás acelerou quando ele viu caixas fechadas de medicamentos nas prateleiras de vidro. Dependendo do que fossem aquelas drogas e do estado de conservação em que se encontravam, era bem possível que valessem muito mais do que microscópios.

Porém, foi o cômodo seguinte que o fez parar e olhar com atenção, sem nem registrar os berros impacientes de Pitkin.

No passado, aquilo devia pender do teto, mas os tremores ou o desgaste haviam afrouxado os parafusos compridos e, a certa altura, a coisa inteira despencara no piso de cerâmica rachado. Durante a queda, a esfera tinha se soltado do braço e estava rachada e arranhada; a tinta amarela lembrava as minas navais que Tamás já conhecia do cinema. Com muita cautela, ele tocou o objeto com a ponta dos dedos. Estava quente. Não muito, apenas com uma temperatura próxima à humana, como se fosse um ser vivo. Apesar da poeira e dos arranhões, ainda era possível ler a etiqueta de advertência, as letras pretas contra o fundo amarelo.

Tamás recuou um passo. Notou que a luz da lanterna estava mais fraca. Decerto eram as pilhas que ameaçavam morrer. Ele teria que voltar para o buraco antes que ficasse no breu. No cômodo vizinho, arrombou um dos armarinhos e recheou os bolsos com os frascos e caixas de remédio que foi pescando aleatoriamente. Pitkin voltou a berrar, agora em tom mais audível.

A cabeça de Tamás fervilhava com os pensamentos que se atropelavam. Ele via o futuro com absoluta clareza, sabia perfeitamente o que precisaria fazer dali em diante. Era como se relembresse uma experiência do passado e não estivesse planejando uma situação futura. Isso mesmo. Primeiro a gente vai ter que fazer isto. Depois aquilo. E então, se eu conseguir um...

– Encontrou uma granada? – Pitkin foi logo perguntando, menos aflito agora que via o amigo de volta.

Tamás ergueu os olhos para o buraco, o rosto de Pitkin assomando do outro lado feito a lua em meio à escuridão. Um estranho sorriso cresceu involuntariamente nos lábios de Tamás até se alargar como a boca de um sapo.

– Não – respondeu sem muito ar nos pulmões, ainda visualizando a esfera amarela com sua sinistra advertência.

– Então encontrou o quê? Anda, fala!

– Algo muito melhor que uma granada. Muito, muito melhor...

NOS ÚLTIMOS TEMPOS, SKOU-LARSEN SÓ pensava em sua morte iminente. Ao se levantar de manhã, sentia certa dificuldade ao inalar, como se respirar não fosse natural. Precisava fazer um esforço consciente para encher os pulmões. As dores nas juntas desde muito já haviam se tornado um ruído de fundo que ele mal ouvia, por mais que o exaurissem.

Nada mais justo, supunha. Afinal, aquele corpo originalmente tão confiável estava na labuta desde 1925 e já era de se esperar algum grau de decadência. O que mais o aborrecia não eram as dores e a falta de ar, mas o que elas significavam.

Encarou o advogado que o defrontava do outro lado do tampo branco e lustroso da mesa de reuniões, armado com uma maleta de aspecto profissional e óculos supostamente estilosos.

– Quero apenas que minha mulher tenha todo o apoio necessário depois que eu for embora – disse Skou-Larsen.

Era assim que ele havia decidido se referir à própria morte: “ir embora”. Via algo de gracioso na expressão, achava que ela sugeria um progresso gradual e civilizado rumo a um destino certo, a ponto de se imaginar, por vezes, a bordo de uma grande embarcação com as velas ao vento e as bandeiras desfraldadas, vendo a luz do sol se refletir no mar encapelado enquanto deixava para trás a terra dos vivos. Gostava dessa imagem. Ela obscurecia a realidade clínica da morte e o impedia de pensar na indignidade de coisas como falência de órgãos, água nos pulmões, injeções de morfina, sangue velho secando no interior de veias moribundas.

O advogado assentiu. Mads Ahleggaard, era esse seu nome. Skou-Larsen o havia escolhido por ser filho do outro Ahleggaard que sempre fora seu advogado. Mas agora o Ahleggaard Pai se achava às voltas com um taco de golfe em Marbella, no sul da Espanha, e Skou-Larsen teria que se conformar com a versão mais jovem e menos confiável de seu fiel escudeiro.

– Entendo perfeitamente a sua preocupação, Jørgen – garantiu Ahleggaard Filho, mais uma vez assentindo para enfatizar as palavras. – Mas... de que tipo de apoio você imagina que sua mulher poderá precisar?

Faltava pouco para que Skou-Larsen perdesse a paciência de vez. Já havia explicado tudo antes.

– Sempre fui eu que cuidei de tudo. Todas as decisões administrativas e financeiras e... bem, quase todo o resto também. Quero que Claus... isto é, nosso filho... ocupe esse lugar no futuro.

O futuro. Mais um eufemismo para a abominável realidade da morte. O futuro, ou seja, lá adiante, depois que os vermes se fartarem das minhas carnes mortas e saírem à procura de outro banquete.

– Sim, tenho certeza que ele poderá ajudá-la bastante – disse Mads.

Skou-Larsen sentiu uma tensão nos músculos em torno dos olhos e da boca. O rapazote do outro lado da mesa simplesmente *se recusava* a entender, sentado ali em mangas de camisa, com o paletó pendurado no encosto da cadeira, como um colegial. Que idade teria ele? Não mais que 35, sem dúvida. Caso contrário, já teria aprendido que nem todos gostam de ser tratados pelo primeiro nome,

com tamanha falta de cerimônia.

– Mas e se ela não pedir a ajuda dele? Se apenas for lá e fizer... sei lá, *alguma coisa*? Ela não tem nenhuma experiência de negócios, sempre foi muito ingênua, presa fácil para qualquer mau-caráter. É muito mais frágil do que as pessoas imaginam. Por isso, acho que devemos tomar algumas... precauções.

– Que tipo de precauções? – perguntou Mads.

– Se meu filho tivesse uma procuração, por exemplo. Nesse caso, ele poderia controlar as finanças da mãe, a administração da casa.

– Jørgen, sua mulher é adulta, pode tomar as próprias decisões. Além disso, a casa está no nome dela.

– Eu sei! É *esse* o problema!

Com o dedo indicador bronzeado, Mads empurrou os óculos de titânio mais para cima do nariz.

– Pelo contrário: isso facilitará bastante as coisas para ela do ponto de vista dos tributos. Os impostos imobiliários não são brincadeira.

– Pode ser. Mas isso também facilitou as coisas quando ela resolveu procurar um banco por conta própria e tomar um empréstimo de 600 mil coroas para depois torrar tudo num projeto imobiliário que provavelmente nunca existiu fora das fotos dos panfletos de propaganda. É tão difícil assim entender que me preocupo com ela?

– Jørgen, acho que você devia conversar com sua mulher. Talvez você e Claus devessem falar com ela juntos. Legalmente, a casa é dela e ela pode dispor do imóvel do jeito que bem entender. Do ponto de vista jurídico e ético, não há nada que eu possa fazer, nenhum documento que eu possa conceber para mudar isso. A menos que ela concorde com essa ideia da procuração.

– Não, ela não concorda – disse Skou-Larsen. Já havia tentado, mas sem sucesso.

– Não? Nesse caso...

A reunião estava terminada, a julgar pelo modo como Ahleggaard recolhia seus papéis. Skou-Larsen permaneceu imóvel, mas o jovem advogado contornou a mesa para apertar sua mão e indagou:

– Quer que eu peça a Lotte para chamar um táxi?

– Não precisa. Vim de carro.

– É mesmo? Puxa, aposto que teve dificuldade para encontrar uma vaga aqui perto...

Skou-Larsen se levantou sem pressa.

– Quer dizer então que você não vai me ajudar – resmungou.

– Estaremos sempre aqui para ajudá-lo. Se houver alguma coisa que possamos fazer, basta ligar e marcamos uma reunião.



Uma chuva de abril acabara de se dissipar quando Skou-Larsen deixou o prédio em que ficava o escritório de seu inútil advogado. No parque do outro lado da rua, arbustos de flores amarelas pingavam sobre os caminhos de cascalho e bicicletas passavam por perto, os pneus chiando na ciclovía molhada.

Como Ahleggaard previra, ele tivera dificuldade para encontrar uma vaga nas imediações e já estava quase sem fôlego ao alcançar o estacionamento subterrâneo da Adelgade, onde enfim conseguira deixar seu adorado Opel Rekord. Talvez por isso não tivesse visto o Citroën preto se aproximar.

– Ei, cuidado aí!

Alguém o puxou pelo ombro e ele deu um passo para trás antes de perder o equilíbrio e se esborrachar no chão. O pneu do carro, cintilante em razão da chuva, passou a poucos centímetros de seu rosto e o pó do asfalto molhado atingiu uma de suas faces como se fosse granizo.

– O senhor está bem?

O Citroën já ia longe. Skou-Larsen viu-se aos pés de um rapaz bastante suado com uma camiseta verde-limão de ciclista e um short de lycra da mesma cor. Não conseguia formar as palavras para responder.

– Quer que eu chame uma ambulância? – insistiu seu salvador.

Skou-Larsen fez que não com a cabeça. Nada de ambulância.

– Vou voltar para casa – conseguiu dizer enfim. Sabia que Helle estava à sua espera, não queria que ela se preocupasse.

Ficou de pé e agradeceu ao ciclista fosforescente. Chegando ao Opel, acomodou-se diante do volante. Nada havia acontecido, disse a si mesmo, e repetiu, só por garantia: absolutamente *nada* havia acontecido.

A caminho de casa, no entanto, não conseguiu deixar de pensar no que *poderia* ter acontecido. Não algo gradual, que se arrastasse por meses, talvez anos. Tudo ocorreria num único segundo e ele ficaria estatelado no asfalto como um mosquito cheio de sangue no para-brisa de um carro.

Também se podia morrer daquela forma.

— CARAMBA – DISSE MAGNUS. – Ela bem que podia ter feito direito e acabado com a raça desse filho da puta.

Nina virou-se para fitar o chefe. O sorriso dele parecia forçado e sua tentativa de fazer humor negro era tão sem jeito quanto o próprio corpanzil. Ele dava a impressão de estar cansado. Cansado e pálido, completamente desprovido do aspecto habitual, do fulgor dourado de um cruzado viking sempre a postos para combater dragões, infiéis e burocratas.

– Olha só para as mãos desse juiz – sussurrou ele. – Parece que são feitas de massinha de modelar. Quanto desperdício de espaço. Essa gente não faz mais do que empurrar papel para a frente. Malditos. Maldito sistema.

Magnus esvaziou os pulmões com uma sonora bufada de desprezo e deixou o corpo cair para trás, fazendo a cadeira, frágil demais para tanto peso, ranger de modo ameaçador. Por fim, ergueu os olhos para o teto, resignado.

Nina sabia que os tribunais tinham esse efeito sobre ele. Não era a primeira vez que via o chefe se desesperar com os excelsos representantes do “sistema” dinamarquês. Duelar com a burocracia e os advogados sempre o exauria.

Ela, por sua vez, reagia de modo diferente: engolia a própria raiva e a deixava ali, fermentando em algum lugar nas imediações do diafragma.

Eram 13h24.

Fazia mais de uma hora que Natasha estava completamente imóvel, sentada com os cotovelos ligeiramente apoiados na mesa dos réus, uma expressão distante nos olhos azuis e áridos. Parecia alheia ao próprio julgamento e só demonstrou algum interesse quando a intérprete russa se aproximou para traduzir todo o falatório em dinamarquês. A jovem ucraniana fora detida sete meses antes. Sua filha, Rina, havia sido enviada de volta para o acampamento da Cruz Vermelha em Furesø, onde zanzava pelos corredores feito um fantasma entre as outras crianças mais barulhentas.

O sol forte atravessava as janelas altas do tribunal e partículas de poeira rodopiavam nas réstias de luz. A promotora estava prestes a concluir sua argumentação. Ela era miúda e enérgica, tinha cerca de 45 anos e estava vestida de forma impecável com um terninho azul-escuro; meias de náilon cor da pele e uma correntinha de ouro no pescoço completavam o visual.

Nina olhava para o gesso do teto enquanto a mulher lentamente recapitulava os detalhes do indiciamento. Como se precisasse. Como se todos ali já não soubessem o que viria depois.

– A ré, Natasha Dimitrenko, dirigiu-se a uma loja de material de caça em Nordre Frihavnsgrade...

Nina sentiu um formigamento de inquietação que a obrigou a se espreguiçar feito um gato, lenta e silenciosamente. Sentada ao lado de Natasha, a intérprete russa fazia um suave contraponto à estridência da promotora.

– ... e comprou uma Sterkh-1, uma faca russa de 24 centímetros, tradicionalmente usada para eviscerar e esfolar os animais...

Nina encarou Natasha e tentou encontrar os olhos dela sob as franjas ralas.

– ... e foi com essa faca que a ré golpeou quatro vezes seu noivo, Michael Anders Vestergaard, em três lugares: no braço, no ombro e no pescoço.

Nina e os outros da Cruz Vermelha sabiam que o homem era um porco sádico que agredira Natasha brutalmente, deixando-a com lacerações vaginais tão profundas que Magnus se vira obrigado a suturá-las. Mesmo assim, Natasha voltara para os braços do ogro, disposta a tolerar tanto a violência sexual quanto a humilhação para evitar ser deportada para a Ucrânia.

Nina havia deposto na segunda-feira, assim como Magnus, a quem tinha cabido a tarefa nada invejável de recosturar Natasha no verão anterior, na clínica, depois daquilo que a acusação via apenas como “sexo consensual com elementos de dominância”. Magnus descrevera o estado de Natasha com todos os nauseantes detalhes enquanto a promotora displicentemente examinava seus papéis, fazendo anotações nas margens.

Sim, Natasha havia consentido – ou pelo menos tolerado. Não, ela não tinha procurado a polícia. Nem mesmo para contar das suspeitas de que o homem começava a se interessar por Rina. No dia em que o vira enfiar um dedo sob a calcinha da menina, em vez de chamar a polícia, ela comprara a tal faca. Telefonara para Nina, mas só quando já era tarde demais.

Natasha estava condenada antes mesmo de ser levada a julgamento; todos sabiam seu destino. Primeiro seria condenada por agressão com intenção de matar. Agressão premeditada, claro, uma vez que muitas horas haviam decorrido desde a compra da faca até o momento em que a lâmina foi enterrada no pescoço de Michael Vestergaard, a poucos milímetros de um golpe fatal. Ela seria jogada na cela de um presídio dinamarquês até que seu pedido de asilo percorresse todo o labirinto burocrático do Controle de Imigração e fosse negado. Enquanto isso, Rina consumiria meses ou anos de sua infância sob os cuidados bem-intencionados mas inadequados do sistema de asilo político, mais provavelmente na unidade infantil da Cruz Vermelha de Furesø. Tão logo Natasha fosse deportada para cumprir o resto da sentença numa prisão da Ucrânia, Rina também seria despachada para lá e aguardaria num orfanato qualquer a soltura da mãe. Tudo isso era tão previsível quanto o monótono relato da promotora e o lento folhear de suas páginas enquanto a audiência prosseguia.

Vestergaard estava sentado no fundo na sala, a camisa Hugo Boss acintosamente desabotoada para que todos pudessem ter uma visão desobstruída das cicatrizes horrendas na altura do pescoço e do ombro. Ele estava com um braço em volta dos ombros de uma moça de pele morena que parecia ser sul-americana. A certa altura, segurou com delicadeza o queixo da nova namorada, mas ela se retraiu um pouco, assustada. No entanto, logo abriu um sorriso e deixou que ele corresse o dedo sobre seu lábio inferior, borrando um pouco do batom.

Havia muito tempo ele perdera o interesse no julgamento.

Magnus seguiu o olhar de Nina.

– Ela devia ter feito o serviço completo – sibilou.

A revolta ainda corroía Nina quando ela entrou no estacionamento em frente aos portões da Cruz Vermelha. Seu turno já terminara, mas o que ela tinha a fazer não poderia ser delegado a outra pessoa.

Nina esperou no carro por um segundo, ofegante. O mormaço fazia o ar ondular sobre as telhas de madeira escura da unidade infantil. Sentadas na grama, com as pernas compridas espichadas sob o sol, duas adolescentes folheavam casualmente uma revista. Nina sabia que uma delas era da Etiópia. Nunca tinha visto a outra antes, mas, a julgar pelo branco azulado das pernas, devia ser mais uma garota do Leste Europeu sonhando com uma vida melhor no Ocidente. Eram menores desacompanhadas. No momento, cerca de cinquenta meninas na mesma condição estavam naquelas instalações que um dia haviam sido uma caserna. Era ali que Rina também se alojava enquanto Natasha permanecia detida. Cogitaram transferi-la, mas Magnus fizera tanto escândalo que as autoridades por fim tinham cedido. “Pensem bem”, argumentara ele, “essa menina foi arrancada lá dos cafundós da Europa para depois chegar aqui e ficar meses sob a custódia daquele monstro doentio. Somos as únicas pessoas que ela conhece na Dinamarca. Ninguém vai tirá-la daqui”.

Nina encontrou Rina no quarto. A menina de 7 anos estava sentada em um sofá vermelho novinho em folha, cercada de um punhado de bonecas Barbie semidespidas e com os cabelos irremediavelmente desgrenhados. Empunhava um celular velho e quebrado, apertando os botões com total concentração.

Nina respirou fundo, sabendo que precisava acabar logo com aquilo. Para atrair a atenção da menina, disse:

– Ei, Rina. Hoje estive com a sua mãe.

Como se compusesse uma longa mensagem de texto, Rina seguiu digitando com os dedinhos firmes, as unhas roídas quase até o sabugo. Delicadamente, Nina pousou a mão sobre a dela.

– As coisas saíram do jeito que a gente tinha imaginado, Rina. Sua mãe vai ficar presa por um tempo aqui na Dinamarca, mas depois vocês vão voltar para a Ucrânia.

Nina já havia pensado em como transformar a parte da Ucrânia numa espécie de boa notícia, mencionando a liberdade e o futuro após a sentença de Natasha, mas naquele momento não lhe ocorriam palavras que pudessem pintar um cenário diferente do país e da realidade que certamente aguardavam pelas duas: uma terra de ninguém erma e miserável.

Natasha nunca contara por que havia deixado a Ucrânia com a filha e Nina nunca perguntara. Talvez estivesse fugindo da pobreza, da política linha-dura, da máfia, da prostituição... Tudo era possível. Tinha lá seus motivos e seria preciso bem mais do que palavras otimistas para convencer Rina de que a Ucrânia era o final feliz daquela história. Com a cabeça abaixada, a menina permaneceu imóvel, exceto pelas mãos ligeiramente trêmulas.

– Sei que é difícil para você...

Nina se aproximou um pouco. Sua vontade era pegar a pobrezinha no colo, levá-la consigo para seu apartamento em Østerbro e cuidar dela até que... bem, até quando? Ainda que reunisse todas as suas forças, ela não conseguiria resolver mais que uma pequena fração de todos os problemas da garota. A mãe dela estava presa, e nada se podia fazer a respeito. Natasha deveria cumprir cinco anos, um prazo totalmente incompreensível para uma criança de 7 anos. E, na hipótese de que a mãe

fosse cumprir a pena num presídio ucraniano, os dias que Rina passaria na unidade infantil da Cruz Vermelha talvez acabassem sendo os melhores de toda a sua infância.

Nina afastou o pensamento. Se as coisas chegassem a tal ponto, eles teriam que pensar em algo. No que dependesse dela, Rina jamais mofaria num orfanato ucraniano. Delicadamente, Nina colocou uma longa mecha dos cabelos da menina para trás da orelha. Os olhinhos azuis estavam arregalados, mas de um modo estranho, opacos, como se olhassem para dentro.

– Você vai ficar aqui no Centro com a gente, Rina. Entende o que estou dizendo?

A menina não respondeu.

– Você vai morar aqui, vai estudar aqui, como tem feito até agora. Ingrid e as outras funcionárias do Centro vão cuidar de você e levá-la para visitar sua mãe de vez em quando, ok? – Ingrid era a ex-professora durona que comandava o programa de assistência aos internos menores de idade. – Mas eu também vou ficar por perto. Venho ver você quase todos os dias, prometo.

Rina por fim meneou a cabeça, mas Nina não soube ao certo o que aquilo significava: ou a menina sinalizava que havia compreendido ou apenas estava dando a conversa por encerrada. Rina se recostou no sofá, pegou uma das bonecas e começou a vesti-la com os dedinhos desajeitados.

– Muito bem, então – disse Nina. – Agora eu preciso ir.



Naquele fim de tarde, não havia quase nenhum movimento no Centro. Boa parte dos funcionários de tempo integral já se preparava para ir embora e dali a pouco os seiscentos residentes seriam abandonados à própria escuridão pessoal. Um pequeno grupo de homens e mulheres fazia fila no prédio da administração para receber o tíquete que dava direito ao jantar. Do outro lado do terreno, vinha o zun-zum-zum das unidades familiares, os gritos distantes da criançada. Os dias no acampamento eram modorrentos, nada parecia acontecer, mas as noites eram tensas e irrequietas. Servia-se o jantar às seis horas e, depois, as portas do escritório central eram trancadas. Os funcionários voltavam à civilização. Apenas alguns guardas noturnos permaneciam para patrulhar os corredores e impedir que paquistaneses, indianos e iraquianos se matassem uns aos outros durante a madrugada. As poucas mulheres solteiras se escondiam; as famílias com crianças se trancavam em seus cômodos com a TV ligada no volume máximo a fim de abafar a algazarra dos rapazes bêbados e as brigas constantes dos vizinhos.

À tarde, as pessoas não faziam mais do que esperar pela noite.

Nina conferiu o relógio: 16h04. Ainda teria tempo para dar uma rápida passada na clínica. Pediu à cuidadora que desse atenção especial a Rina, mesmo sabendo que as demais crianças da unidade não estavam em condições muito melhores. Em seguida, saiu ao pátio e atravessou o caminho de lajotas que levava ao prédio de tijolos aparentes que abrigava a clínica e a enfermaria.

Pelo estado da sala de espera, ficou claro que a semana em que ela e Magnus haviam se ausentado para acompanhar o julgamento de Natasha bastara para que o caos se instalasse. Marie e Berit – respectivamente a secretária e a segunda enfermeira da clínica – eram competentes, mas não faziam milagres. Recolher revistas, varrer o chão, arrumar os papéis, tudo isso perdia importância

diante da necessidade de registrar reclamações, monitorar inflamações de garganta, enfrentar desequilíbrios psicológicos e fazer a triagem dos possíveis pacientes, muitos saindo insatisfeitos porque o “doutor”, isto é, Magnus, não estava lá para atendê-los.

A porta para o ambulatório estava trancada, logo Berit e Marie já tinham ido embora. No umbral, havia um *post-it* amarelo com um bilhete rabiscado às pressas, quase ilegível, que não parecia ter sido escrito por nenhuma das duas. Nina tentou decifrar os garranchos. Ao que parecia, a família do quarto 42 pedia que um médico ou uma enfermeira passasse por lá.

Ela novamente conferiu as horas: 16h07. Prometera a Anton comprar um novo par de chuteiras a caminho de casa. Mas, se abrisse mão de colocar em dia sua papelada ainda naquela tarde, talvez conseguisse encaixar a visita. Lembrava-se muito bem do quarto 42. A família havia chegado do Irã três meses antes: a mãe era médica, mas, ali no acampamento, isso não significava muita coisa. Era como se o passado das pessoas fosse apagado e elas perdessem, de uma hora para outra, todas as habilidades, a autoestima, a independência. Nina já vira isso acontecer inúmeras vezes. Depois de um tempo, as pessoas mal conseguiam amarrar os próprios sapatos.

A porta do quarto já se achava aberta. Na extremidade do cômodo escuro, dois pré-adolescentes estavam grudados na televisão, assistindo a um *game show* com o volume nas alturas. A mãe estava sentada na cama ao lado do marido enfermo e acariciava sua testa. Ela ergueu os olhos preocupados assim que avistou Nina na soleira.

– Dor de cabeça outra vez – explicou, apontando para o marido, que arfava dramaticamente com os olhos fechados. – Acho que é meningite.

Nina puxou uma cadeira, sentou-se junto do homem e pôs a mão na testa dele. Sem febre. A mulher já os chamara na semana anterior, dizendo suspeitar de um tumor cerebral, mas Magnus afirmara que provavelmente era uma simples enxaqueca.

Nina balançou a cabeça e tomou a mão da mulher entre as suas.

– Não é nada sério, não precisa se preocupar.

A mulher parecia cética.

– Você ainda tem os comprimidos que o médico lhe deu? – Nina perguntou ao homem. – Tem tomado direito?

– Sim – balbuciou ele.

Nina ainda ficou ali por mais um tempo. Chegou a pensar na possibilidade de um novo emprego, algo que não a deixasse naquele estado deplorável. Sabia muito bem qual era o problema do iraniano: medo. Uma ansiedade crônica que aos poucos resvalara para o pânico permanente. Como seria possível tratar de uma coisa dessas com meia dúzia de amenidades e aspirinas? Não. Isso estava errado. Pior ainda. Isso era absolutamente repreensível.

Ela forçou um sorriso consolador.

– A gente se vê amanhã, ok? Fiquem tranquilos, está tudo bem.

A mulher não respondeu e Nina sabia por quê. O mais provável era que o marido não tivesse mesmo meningite, mas, fora isso, nada estava bem, nem de longe. Dali a pouco ela sairia para comprar chuteiras para o filho e a noite cairia sobre o Centro de Furesø.

Nina se despediu com um aceno de cabeça e foi para o corredor, fechando a porta com força.

exagerada.

QUANDO ELES PEDIRAM PARA SEREM levados à rua Tavaszmész, no Oitavo Distrito de Budapeste, o taxista trancou todas as portas. Sándor ouviu claramente o clique das travas e não pôde deixar de notar o olhar de desconfiança que o homem lhe lançou pelo retrovisor. Por sorte Lujza estava a seu lado. Apesar da inclinação para os xales esquisitos e as roupas de brechó (*boho chic*, como ela gostava de chamar), Lujza tinha os cabelos claros e a postura ereta típicos da classe média húngara, suficientes para lhe conferir o ar de uma pessoa centrada e respeitável. Quanto a ele, por mais que caprichasse nos nós das gravatas, engraxasse os sapatos e passasse as camisas a ferro, sempre haveria um ponto de interrogação pairando sobre sua cabeça: a dúvida que ele agora via nos olhos do taxista.

– Ainda bem que você está aqui – falou Sándor em voz alta.

Por outro lado, ele não estaria naquele táxi se não fosse por ela. Jamais andava de táxi.

Lujza o encarou surpresa. Decerto não havia notado o trancar das portas, tampouco as suspeitas do motorista.

– Por quê?

Sándor não se deu o trabalho de explicar.

– Porque está tudo ótimo.

Tomando isso por mais um elogio, Lujza sorriu.

– Você é um amor – disse ela, beijando-o no rosto.

Eles vinham da cerimônia de batismo de um sobrinho de Lujza, filho de sua irmã mais velha e primeiro neto de seus pais.

Sándor também fora oficialmente apresentado à família Szabó. Os nervos ainda estavam à flor da pele, mas o que ele sentia agora era mais cansaço do que aquela tensão paralisante que o tinha acometido na viagem de ida. Sua vontade era perguntar a Lujza se havia se saído bem, mas já sabia a resposta. Não, ele não havia se saído bem. Todos o trataram com educação, até mesmo com simpatia. O Sr. Szabó apertara sua mão com firmeza e papeara sobre os estudos, sobre os exames que estavam por vir e, principalmente, sobre a especialidade que ele pretendia escolher no futuro – o homem também era advogado e tinha abraçado com entusiasmo o direito penal. A Sra. Szabó estava tão preocupada com o netinho embrulhado em tule que mal dera atenção a Sándor, abrindo-lhe um sorriso frouxo quando foram apresentados. Não havia nada de errado com o tratamento que recebera; o que o aborrecera fora seu próprio desempenho na festa. Ele tinha sentido aquela tensão que lhe congelava os músculos do rosto e frequentemente lhe roubava a voz quase por inteiro, dificultando as conversas. Volta e meia seus interlocutores eram obrigados a interrompê-lo para perguntar: “O que foi que você disse?”

Sándor sabia que não havia causado boa impressão. Não entendia como Lujza podia estar ali a

seu lado, aparentemente feliz, dando beijos em seu rosto.

Na altura da rua Szív, o motorista precisou reduzir a velocidade por causa dos pedestres que atravessavam com displicência, sem ao menos olhar, como se as normas de trânsito não existissem. Redobrando os cuidados, ele avançou devagar, abrindo caminho entre as pessoas, na esperança de conseguir entrar na avenida Andrássy, mas não teve sucesso. O acesso ao amplo bulevar estava interditado por um punhado de policiais e uma barricada temporária, e as pessoas zanzavam por toda parte, tanto no asfalto quanto nas calçadas. O taxista ainda tentou dar marcha a ré, porém já não era mais possível: a multidão havia se fechado como um punho em torno do carro. O motorista entreabriu sua porta, espichou a cabeça para fora e berrou para o policial mais próximo:

– Ei, o que está acontecendo?

O policial se virou e acenou para o motorista com a cordialidade de um colega.

– Uma manifestação. Assim que acabar, liberamos o acesso.

O taxista se acomodou diante do volante, fechou a porta do carro e voltou a trancá-la.

– Desculpem, mas vamos ter que esperar. – Ele baixou as janelas o bastante para que circulasse um pouco de ar. Em seguida, desligou o motor e explicou: – Para economizar gasolina. Estamos presos aqui, fazer o quê?

Através das frestas das janelas, Sándor podia ouvir a batida dos tambores e as palavras de ordem. Restava-lhe computar a fortuna que precisaria pagar pela corrida. O motor havia sido desligado, mas o taxímetro, não.

– Talvez fosse melhor a gente seguir a pé – sugeriu ele. – Ou de metrô.

– Estou de salto, esqueceu? – objetou Lujza.

Os tambores ficavam cada vez mais ruidosos. Os manifestantes se aproximavam, vindo pela avenida Andrássy desde a praça dos Heróis, supunha Sándor. Ele não conseguia ver direito o que se passava fora do táxi, mas agora podia ouvir o que as pessoas berravam:

– Salvem a Hungria já! Salvem a Hungria já!

Involuntariamente, Sándor escorregou alguns centímetros no banco. Aquilo só podia ser coisa dos Jobbik, que mais uma vez saíam às ruas para pedir a cabeça dos judeus, dos comunistas e dos ciganos, de todos aqueles que estavam “levando a pátria à ruína”.

– Esses idiotas... – resmungou Lujza, e crispou os lábios como se tivesse descoberto alguma porcaria na sola dos sapatos. – Um bando de racistas, de conformistas lobotomizados.

O motorista se virou e lançou a Lujza o mesmo olhar desconfiado que havia desferido contra Sándor no início da viagem.

– Os Jobbik não são racistas. Querem uma Hungria melhor, só isso.

Essa não, pensou Sándor, não comece uma discussão.

Era uma esperança infundada. Lujza se empertigou no banco e fuzilou o taxista com os olhos, 58 quilos de indignação humanista contra 117 de banhas e músculos nacionalistas.

– E que tipo de Hungria seria essa? – questionou ela. – Uma Hungria clinicamente expurgada de todo tipo de diversidade? Uma Hungria em que você pode ser preso só porque sua pele tem uma cor diferente? Uma Hungria em que é perfeitamente aceitável que os ciganos tenham menos quinze anos de expectativa de vida que o resto da população?

– Se eles querem viver mais, é só beber menos, ora. Também seria bom que parassem de espalhar suas doenças por aí.

– Onde é que o senhor aprendeu tanta bobagem? Na HIR TV?

– Bem, alguém precisa dizer a verdade, já que o governo não faz isso – insistiu o homem. – Queria ver a senhorita dirigindo um táxi à noite em Budapeste. As ruas são controladas pelas gangues de ciganos. Você pisca para o lado errado e eles enterram uma faca no seu pescoço. Essa gente é pior que animal.

Foi o que bastou para que Lujza arrancasse da bolsa um punhado de notas de 10 mil florins e as jogasse no banco da frente.

– Aí está. A gente vai descer agora mesmo.

O motorista não fez objeção e as portas foram destravadas.

– Cadela. Dá o fora do meu táxi e leva esse cigano sarnento com você.

Lujza escancarou a porta e saltou para a rua. Sándor ficou paralisado por alguns segundos, a pele formigando como se as palavras do motorista o tivessem atingido fisicamente. Sua garganta havia fechado, o que não fazia muita diferença, pois ele não sabia o que dizer.

– *Vem*, Sándor – chamou Lujza, irritada.

Ele abriu a porta como pôde e desceu em meio a uma turba que se acotovelava na direção da barreira policial.

– Mas os seus sapatos... – ele conseguiu dizer. – Os saltos...

– Prefiro ir *a pé* e *descalça* até a Tavaszmezö! – rebateu Lujza.

Ela começou a chorar e Sándor precisou atropelar os manifestantes para contornar o carro ao encontro dela. Só o que desejava era sair dali, ir para bem longe daqueles tambores, daqueles gritos e daquelas faixas vermelhas e brancas que se aproximavam. Acima da cabeça deles, ressoava o vozerio, tanto o dos manifestantes quanto o do alto-falante de má qualidade no alto de um carro.

– Salvem a Hungria já! Salvem a Hungria já!

Ao que parecia, Lujza estava mesmo disposta a cumprir sua promessa, pois agora, equilibrando-se numa das pernas, dobrava a outra para tirar o sapato. Parecia tão pequena e tão vulnerável naquele vestidinho de verão cor de creme, sem mangas... O xale de seda branca havia escorregado de um dos ombros e o pescoço parecia estranhamente exposto porque, devido a uma singela homenagem às festividades do dia, seus cabelos estavam presos no alto com um par de flores também de seda branca. A vontade de Sándor era interrompê-la. Doía-lhe imaginar aqueles pezinhos nus em meio ao tropel de botas e sapatos de tantos manifestantes. Ela não fazia ideia de como era perigoso o que estava fazendo, e tanta intrepidez chegava a assustá-lo.

– Malditos fascistas! – exclamou ela, e as lágrimas se misturaram ao pó da maquiagem. – E são tantos! É de embrulhar o estômago. – Apoiando-se em Sándor, tirou o segundo sapato.

– Calce isso de novo – suplicou ele. – E se você pisar num caco de vidro?

Lujza não lhe deu ouvidos.

– São uns idiotas que acreditam cegamente em tudo o que diz a propaganda nacionalista da televisão. Como é que podemos deixar essa gente marchar nas ruas com esses uniformes ridículos? Será que não aprendemos nada?

– Shhh!– sibilou ele instintivamente.

– Você está mandando eu *me calar*? – Ela o encarou, indignada.

– A gente nunca sabe o que... – começou ele, depois emudeceu. Não queria correr o risco de instigá-la ainda mais.

– Você está com medo? Está com medo deles?

Bem, ele estava, sim.

– Aquele homem chamou você de “cigano sarnento”! – Ela apontou para o taxista, que por sorte permanecera onde estava, ilhado em seu Mercedes verde. – Só porque você tem os cabelos escuros! E você nem se *parece* com um cigano!

– Eu sei... – balbuciou ele.

– Você não pode permitir que falem o que quiserem! Não pode deixar barato!

– É verdade – disse ele, esperando que o assentimento desse fim à discussão.

Subitamente, a multidão começou a tombar numa espécie de efeito dominó, uns caindo para o chão, outros tentando se equilibrar, outros tantos procurando sair do caminho. Sándor puxou Lujza para junto de si, fazendo o possível para não desabar com ela. Uma das barricadas havia tombado e um confronto eclodira entre os policiais de coletes verde-neon e capacetes pretos e um pequeno grupo de jovens que tentava entrar na avenida Andrásy. Tinham todo o jeito de adolescentes punks, com os cabelos espetados, casacos de capuz e calças rasgadas, largas o bastante para deixar à mostra boa parte das cuecas. Empunhavam cartazes que diziam: “NÃO AO RACISMO! FODAM-SE OS FASCISTAS!”

Através do espaço que se abriu durante a comoção, Sándor enfim pôde ver melhor os manifestantes que seguiam do outro lado das barricadas. Longas e ordenadas filas de homens e mulheres vinham marchando pela avenida, todos de camisa branca, calças pretas, coletes pretos e lenços listrados de vermelho e branco amarrados no pescoço; na cabeça, casquetes militares com brasões também em vermelho e branco. Tinham uma estranha semelhança com bailarinos de dança folclórica, inofensivos e corados, nem de longe similares aos fanáticos skinheads com olhares brilhando de ódio e socos-ingleses nos dedos.

– Eles parecem tão... *normais*! – exclamou Lujza, tão próxima que Sándor podia sentir no pescoço o calor do hálito dela. – Tão ordeiros e certinhos. Mas aquelas listras dos Árpád e aquelas cruzeiras patriarcais... Quem eles pensam que estão enganando? Por que não mostram uma suástica logo de uma vez? Ou uma cruz de flechas?

– Não são apenas Jobbik, esses aí – afirmou Sándor, novamente cedendo aos maus presságios. – Tem também o pessoal da Magyar Gárda, que é treinado com armas.

Talvez um pouco do medo que ele sentia houvesse passado para Lujza, pois agora a namorada não demonstrava o mesmo ultraje. Ela se manteve em silêncio, simplesmente se deixando abraçar.

– Vamos para casa – disse ela por fim.



A viagem de volta levaria mais de uma hora. A estação de metrô de Kodály Körönd estava fechada, decerto para que os manifestantes não vandalizassem as belas instalações históricas. Eles foram

abrindo caminho pela multidão até a Oktogon e lá pegaram o bonde para a praça Rákóczi. Lujza havia calçado os sapatos de salto alto e seguiu calada, perdida nos próprios pensamentos, até quando percorreram a última etapa do caminho, deixando para trás o amplo bulevar József para se embrenhar nas ruas mais estreitas do Oitavo Distrito. O sol da tarde ardia branco no horizonte, queimando as calçadas rachadas. Uma família de ciganos em roupas de domingo posava na escadaria da igreja Józsefváros, na rua Horváth Mihály, prontos para serem fotografados.

– Olha – disse Sándor. – Eles também tiveram um batismo.

Lujza meneou a cabeça, mas não reagiu com o ânimo esperado. Nem mesmo quando ele sugeriu uma escala na padaria da esquina para um café com bolo de sementes de papoula.

– Estou cansada. Quero ir para casa, só isso.

Lujza dividia com mais três estudantes um apartamento na rua Tavaszmező. Sándor sabia que os pais dela, o Sr. e a Sra. Szabó, não viam aquilo com bons olhos e preferiam que a filha tivesse ficado por mais tempo sob as asas deles no ambiente ligeiramente mais abastado do Segundo Distrito, onde ela havia sido criada. “Mas Lujza só faz o que Lujza quer”, Papa Szabó costumava falar, resignado.

Ela não o convidou para subir e Sándor não insistiu. Despediu-se dela com um beijo no rosto e já estava indo embora quando ouviu:

– Você nunca fica com raiva?

– Raiva do quê?

– Deles... Daqueles idiotas da Magyar Gárda e todos aqueles imbecis uniformizados.

– Claro que sim. Também não suporto extremistas.

Sándor sabia que essa afirmação não era suficiente. Sabia que a namorada se sentia traída. Ele a havia decepcionado num teste bem mais importante do que causar uma boa impressão na família.

Lujza destrancou a porta do prédio e entrou no breu da portaria.

– A gente se fala depois! – berrou ele enquanto a porta se fechava.

Parado ali, diante da decrepitude daquela fachada, com o seu melhor terno e os sapatos meticulosamente engraxados, teve a desconcertante sensação de que aos poucos perdia a namorada, que o mundo estava prestes a mudar, e não para melhor.

OMÊS DE MAIO CAIU SOBRE BUDAPESTE feito um martelo de forja. Faltava muito pouco para ver o asfalto das ruas e a alvenaria dos prédios rachando com o calor. Sándor correu um dedo pelo colarinho da camisa para desgrudar o tecido do pescoço suado. Depôs sobre o degrau superior da escada a pasta de segunda mão com as notas de seus exames mais recentes, equilibrou-a entre as pernas e vasculhou os bolsos à procura das chaves de casa. De repente, viu que não precisaria delas, pois a porta já estava aberta. *Lar, doce lar*, pensou. Irritado, empurrou a madeira que ameaçava desabar.

O dormitório universitário dispunha de uma placa nova, a única coisa nova ali. A universidade tinha encampado alguns dos imóveis mais antigos da rua Szigony, mas, levando-se em conta que as equipes de demolição já esperavam do outro lado da esquina, por assim dizer, ninguém via motivo para gastar dinheiro com manutenção e reparos. Quadras inteiras já haviam sucumbido à voracidade dos tratores e não tardaria para que as derradeiras espeluncas da área tivessem o mesmo destino e abrissem caminho para o Projeto Corvin-Szigony. Prédios comerciais palacianos, institutos de educação, condomínios exclusivos, shoppings de luxo, tudo seria erguido a partir das ruínas daquilo que a maioria dos budapestenses via como a “favela cigana” da cidade. A menos que a recessão colocasse um freio naquele desvario, foi o que pensou Sándor enquanto brigava com a porta que se recusava a fechar. Precisou erguê-la um pouco do chão, aplicar uma sacudidela e... pronto, ele enfim ouviu o clique.

– Desperdício de energia – sentenciou Ferenc, descendo as escadas ruidosamente. Morava no mesmo andar de Sándor e estudava música. – Estou de saída. Você pode tentar fechá-la para mim depois?

Se era difícil fechar a porta por dentro, tornava-se quase impossível fazer isso por fora. A maioria dos residentes nem tentava.

– Tudo bem – respondeu Sándor.

Ferenc desceu os últimos degraus aos saltos. Seus cabelos estavam espetados como sempre, apontando em todas as direções, e apesar do calor, ele usava seu adorado jaquetão inglês. Certa vez confidenciara a Sándor que as mulheres costumavam dizer que aquela roupa o deixava parecido com Hugh Grant.

– A gente vai sair para tomar uma cerveja lá no Gödör – avisou ele. – Por que você não vem?

Sándor fez que não com a cabeça.

– Preciso estudar.

– A mesma ladainha de sempre. Anda, vem. Chama a Lujza. Você não acha que a garota vai gostar de dar umas voltas por aí?

Sándor sentiu uma paralisia nos cantos da boca como se ainda sofresse com a anestesia de um dentista. Ele havia encontrado Lujza quatro vezes desde o batismo e nenhuma ocasião fora

particularmente agradável. Sempre saíra com a impressão de que estava sob escrutínio. Lujza só queria falar de política, direitos humanos e fascismo. De uma hora para outra, passara a achar de fundamental importância saber o que ele pensava, o que sentia e como se posicionava diante desse ou daquele assunto. Talvez receasse estar namorando um fascista enrustido. Antes daquele malfadado batismo, eles passeavam de mãos dadas, beijavam-se, jogavam conversa fora e faziam amor; agora, cada encontro era tão tenso quanto a porcaria de um debate. A simples ideia de vê-la bastava para deixá-lo sem jeito e antissocial.

– Direito internacional não é brincadeira – replicou ele, mas só porque precisava dizer algo. – Faltam apenas alguns dias para a prova. Vai ser um desastre se eu não estiver preparado.

– Deixa de onda, Sándor – resmungou Ferenc. – Você está *sempre* preparado.

– Porque deixo de tomar cerveja para estudar. Isso se chama disciplina.

– Ok, ok. Mas essa sua disciplina é um porre para todos nós...

Sándor abriu a porta para que o amigo saísse e repetiu o mesmo ritual para fechá-la: erguer, sacudir, esperar pelo clique.

Depois ficou parado onde estava.

Ânimo, rapaz, disse a si mesmo, suba e vá estudar.

A escadaria de pé-direito alto estava às escuras. Uma das janelas que dava para a rua fora vedada com um tapume. A outra ainda conservava boa parte de seu multicolorido vitral. Num passado remoto, o casarão havia sido um belo exemplar da arquitetura húngara, construído e decorado pelos mesmos artesãos e serralheiros que tinham trabalhado nas mansões em torno do Museu Nacional. Havia muito fora relegado ao mais completo abandono, mas recentemente parecia estar se decompondo de forma ainda mais rápida, como se fizesse um esforço consciente para se adiantar aos tratores. Tal e qual o homem que se suicida para não ser assassinado, pensou Sándor. Os cômodos ainda preservavam o pé-direito de 4 metros, mas os problemas eram muitos: o gesso se desmanchava nas estruturas, a luz oscilava, a ferrugem da tubulação hidráulica fedia a esgoto e o lugar como um todo recendia a umidade, poeira e lixo. Ao cabo de quatro meses de promessas vazias, ele tomara a iniciativa de remendar por conta própria a janela do quarto, tapando os buracos com plástico preto.

De repente, ele se lembrou dos membros da Magyar Gárda, marchando e clamando pela salvação nacional. Nos jornais e nos noticiários da TV, abundavam reportagens sobre os tempos difíceis, o desemprego e o risco de falência generalizada do país. Na universidade, todos pensavam, aflitos, no que aconteceria caso o governo parasse de pagar salários e bolsas. Era bem possível que muito em breve a educação gratuita não passasse de um luxo do passado. Assim como a assistência médica. Assim como as aposentadorias.

Tudo está ruindo, pensou ele. Batemos num iceberg e agora o país começou a afundar.

Aquela crise não poderia ter esperado pelo menos mais uns dois anos? Faltava tão pouco para que tivesse nas mãos seu diploma de bacharel... Se depois disso o país explodisse, talvez ainda fosse possível arrumar um emprego num escritório de advocacia. Talvez fazer uma pós-graduação mais tarde, ainda que numa universidade particular. Com um salário, ele poderia se mudar. Pelo menos sair do Oitavo Distrito e ir para um lugar em que os prédios não estivessem ruindo e as

pessoas não o tomassem por um cigano imundo o tempo todo. “Só porque você tem os cabelos escuros”, tal como dissera Lujza.

Ele subiu a escada, sempre rente à parede, onde os degraus eram mais sólidos.

No alto, deparou com um garoto cigano recostado à porta de seu quarto: cabelos compridos e escuros, postura de machão, jeans bem justos na cintura fina e nas pernas, botinas empoeiradas e um sorriso marrento, amplo o bastante para revelar a ausência de um canino.

– E aí, *czigány*? – cumprimentou o desconhecido.

Quando foi puxado para um abraço com muitos tapas nas costas, Sándor se deu conta de que ali estava seu irmão.



Sándor tinha 8 anos no dia em que chegaram as quatro vans brancas. A primeira era uma ambulância, a segunda, uma espécie de minivan, e as duas últimas, da polícia. Mas todas eram brancas.

Elas vinham ziguezagueando pela estrada que descia para o vale onde ficava o povoado. Uma poeira avermelhada espiralava em torno delas.

– Olha lá! – exclamou Tibor, coçando o nariz. – Alguém está chegando.

Sándor deu uma fígada na vara de pescar, mas a triste realidade era que não havia nada no anzol que ele próprio fabricara com um arame.

– O que você acha que eles vieram fazer aqui?

– Sei lá – respondeu Tibor. – Vamos descobrir?

Sándor assentiu. Não era comum que carros desconhecidos chegassem a Galbeno. Ele e Tibor deixaram suas varas para trás, saltaram o riacho e saíram correndo pelo caminho que levava de volta ao povoado.

– Depois a gente volta – disse Tibor. – Quem sabe os peixes não mordem enquanto a gente não está olhando?

Os dois não eram os únicos curiosos. Nas varandas, muitos esticavam o pescoço para ver melhor os forasteiros; diante da casa de Baba, os homens iam largando seus violões e se levantando aos poucos. Attila, que atrelava seu macilento alazão à carroça de lenha, passou as rédeas para o filho mais velho e sumiu no interior da casa. Voltou dali a pouco com dois sacos vazios e os jogou na traseira do veículo. Bateu no lombo do cavalo, que saiu trotando a contragosto pelo sulcado caminho de terra que levava ao bosque.

As vans agora se sacudiam pela poeirenta praça diante da escola e do conselho municipal, avançando um pouco pela rua do povoado antes de parar.

– É a sua casa – constatou Tibor. – O que é que eles vão fazer lá? Será que seu padrasto está voltando?

– Não – sussurrou Sándor.

Pela primeira vez, sentiu uma câimbra no estômago que não era de curiosidade ou agitação. Elvis, seu padrasto, estava preso em Szeged e ainda tinha pelo menos seis meses de pena para cumprir. Não era por causa dele que aquelas vans estavam ali. A menos que ele tivesse fugido.

– Acho melhor a gente ficar por aqui mesmo – sugeriu Tibor.

Sándor fez que não com a cabeça.

– Depois que meu padrasto foi embora, eu sou o homem da família. Sou eu quem cuida da mamãe e das meninas.

– E do seu irmão também.

– É, dele também.

Os sentimentos de Sándor pelo irmãozinho de 1 ano nem sempre eram os mais carinhosos. Com as meninas, o padrasto havia sido um pouco mais discreto, porém, com o caçula, ele não conseguira disfarçar a alegria por finalmente ter um “filho de verdade”. No batismo, tinham deixado o moleque tocar os dedinhos miúdos em cada um dos instrumentos para observar se ele demonstrava interesse por algum em especial. Ao ouvir de vovô Viktor que o menino seria um “violinista tão bom quanto o pai”, Elvis só faltara explodir de tanto orgulho.

Ninguém se dera o trabalho de fazer o mesmo com Sándor.

Mas agora o padrasto não estava mais lá e quatro vans brancas se achavam estacionadas diante da casa. Sándor podia ver sua avó Éva tentando despachar dois dos homens que haviam descido dos carros. Plantada à porta, ela procurava bloquear a passagem, muito embora tivesse pouco mais de 1,50 metro de altura e os homens parecessem gigantes diante dela.

Outros desceram dos carros e Sándor já não conseguia mais ver a avó. No entanto, avistou uma maca sendo retirada da traseira da ambulância e levada para dentro de casa. Sándor se apressou e correu rua abaixo. Àquela altura, já havia tantos forasteiros e curiosos aglomerados que ele precisou abrir caminho entre eles.

Deparou com a mãe estirada na maca, sendo carregada para a ambulância. Por um segundo ficou paralisado, o coração martelando contra as costelas.

– Mamãe – sussurrou.

A mãe conseguiu ouvi-lo, apesar do barulho das vozes nervosas misturadas ao ronco dos motores que não haviam sido desligados, muito embora os carros estivessem estacionados.

– Sándorka... meu tesouro. Venha aqui.

Sándor passou por baixo do braço do socorrista uniformizado de cinza e correu para a maca de alumínio já bem arranhada que esperava junto à ambulância. Achou que a mãe estava com o mesmo aspecto de sempre. Sim, ela andava meio adoentada, mas por que deveria ser hospitalizada assim, de uma hora para outra?

Sua outra avó, Vanda, que dera nome à sua irmã mais velha... ela havia ido para o hospital, mas nunca voltara para casa. Morrera.

Sándor não conseguiu dizer nenhuma palavra. Simplesmente se aproximou da mãe para que ela pudesse tomar sua mão.

– Atenção aí – alertou o atendente da ambulância. – Vamos levantar a maca. Cuidado para não prender os dedos.

Mãe e filho novamente se separaram.

– Não vou demorar – garantiu ela. – Logo, logo estarei de volta. Enquanto isso, cuide bem das meninas e do Tamás, está bem? Junto com a vovó Éva.

Então as portas se fecharam e a ambulância se moveu devagar. Os outros carros permaneceram onde estavam e Sándor logo se daria conta de que os *gadje* não tinham vindo apenas para buscar sua mãe.



Era estranho ver Tamás ali, diante de seu dormitório, no meio de uma vida que nada tinha a ver com ele. Crescido, ou quase, ele ainda era desengonçado como um adolescente e trazia nas feições uma doçura que não se coadunava com a atitude de valentão. Poderia pelo menos ter cortado os cabelos. Por que diabos alguém faria questão de parecer assim... tão cigano? Quem o visse naquele corredor decerto pensaria que estava ali para roubar.

– Venha, entre – disse Sándor a contragosto. Era preferível ficar lá dentro a permanecer ali.

Tamás perambulou pelo cômodo, avaliando-o. As proporções eram um tanto estranhas em razão da divisória que partira ao meio o que antes havia sido um quarto amplo e muito bem-iluminado. Agora, Sándor e seu vizinho tinham apenas metade de uma janela cada um e conheciam, muito mais do que desejavam, os ruídos corporais um do outro, pois a tal divisória não passava de uma prancha de compensado pintada. Mas fora isso...

– Muito bom – comentou Tamás. – Puxa, quantos livros você tem...

– Estudantes sempre têm muitos livros.

– Certo. E aqueles ali, de que matéria são?

Abrindo um largo sorriso, Tamás apontou para uma prateleira repleta de livros de bolso. Pegou um deles e Sándor instintivamente estendeu a mão para detê-lo.

– Morgan Kane – leu Tamás. – *The Devil's Marshal*.

– Cuidado com isso. Esses livros são muito difíceis de achar hoje em dia.

Ele não sabia explicar de onde vinha o fascínio pelo sanguinário xerife americano. Sabia, no entanto, que os faroestes não eram exatamente o que Lujza chamava de “literatura”, por isso mentia que os lia apenas para aprimorar os conhecimentos de inglês. Mas os livros o consumiam e ele havia acompanhado todas as fases da vida de Kane, desde o vulnerável órfão de 16 anos até o velho matador desesperançado. Ou quase todas, pois, dos 83 títulos da série, ele possuía 81. Faltavam *The Gallows Express* e *Harder than Steel*.

– Cadê o seu computador? Você tem um computador, não tem? – perguntou Tamás, jogando o livro sobre a cama.

Sándor recolheu-o e o colocou de volta na prateleira.

– Por que você quer saber?

– Poxa, *phrala*. Você é ou não é meu irmão?

Phrala. Ele já tinha ouvido as pessoas se chamarem assim nas ruas do Oitavo Distrito, mas em tom um pouco zombeteiro, evocando uma ideia de comunidade. Uma comunidade à qual ele não pertencia. “Ei, irmão”, “Ei, cigano”. Ninguém se dirigia a ele dessa maneira; viam claramente que não era um deles.

Cuide bem das meninas e do Tamás, suplicara sua mãe. Ele tinha apenas 8 anos. Que diabos era

possível esperar de uma criança de 8 anos?

– O que você quer?

– Tem uma coisa que eu preciso descobrir na internet. Você tem acesso à internet, não tem?

– Tenho – admitiu Sándor, relutante.

~

Sándor precisou digitar seu nome de usuário e a senha para entrar na rede da universidade, mas, fora isso, Tamás não solicitou nenhuma ajuda. Não queria o irmão bisbilhotando às suas costas.

– O que você está procurando?

Tamás olhou-o de relance.

– Não é da sua conta.

– Opa. Esse computador é meu, lembra?

– Tudo bem. É uma garota aí. Feliz agora?

O corpo compacto de Tamás irradiava uma energia juvenil de inquietude e empolgação, algo que preocupava Sándor ao mesmo tempo que provocava certa inveja. Ele nunca tivera aquela juventude de Tamás: sempre se vira cercado de muitas regras, de muitas consequências imprevisíveis caso desse um passo em falso.

– Você não pode vir aqui só para ver pornografia, vou logo avisando.

– Não é nada disso! Só vou papear com ela um pouquinho.

– Uma cigana? – perguntou Sándor automaticamente, como se isso fosse a coisa mais importante do mundo. Sem dúvida seria a primeira pergunta que a mãe e a avó fariam.

– Não, é uma *gadj*.

– O que você acha que a mamãe diria sobre isso?

Tamás se empertigou e virou-se para o irmão.

– O que a *vovó* diria, né? Se elas soubessem... mas não sabem.

As mãos de Tamás pareciam deslizar sobre o teclado, mas Sándor notou que uma delas se movia mais lentamente.

– O que aconteceu com sua mão?

Tamás virou a mão e a examinou como se só agora tivesse notado algo de errado com ela. A pele descascava em grandes pedaços, feito uma batata cozida, e a superfície sob a camada morta apresentava uma cor estranha, algo entre o marrom e o vermelho.

– Me queimei.

– Com o quê?

– Com um motor. Agora me deixa em paz. Posso me virar sozinho. Você não tem que estudar?

Sándor de fato precisava estudar, mas não conseguiria se concentrar com o irmão por perto. Tamás era um corpo estranho naquele habitat. Um corpo bastante irrequieto, aliás. O garoto rolava de lá para cá na velha cadeira de rodinhas do quarto, tamborilava sobre o surrado tampo da mesa, cantarolava ou assobiava suavemente, mas sem parar. Por duas vezes, sacou o celular do bolso e falou baixinho com alguém que não parecia ser a nova namoradinha.

– Você tem um celular – disse Sándor, meio que fazendo uma pergunta.

Talvez o dinheiro não andasse tão curto em casa quanto da última vez em que ele estivera lá.

– Tenho – foi só o que respondeu Tamás.

– Mamãe também?

– Não.

Seguiu-se um momento de silêncio. À guisa de um pedido de desculpas, Tamás disse:

– Vou lhe dar meu telefone. Você me dá o seu, depois mamãe pode ligar também.

Sándor passou seu número, ainda que, estranhamente, o incomodasse a ideia de que dali em diante a mãe poderia ligar quando bem entendesse. Uma coisa era passar alguns dias em Gabeno uma vez por ano sempre que lhe apetecesse; outra bem diferente era ficar sempre disponível para sua família cigana.

Para piorar as coisas, havia um problema de crescente urgência: ele precisava ir ao banheiro.

Seu computador era, de longe, a coisa mais preciosa que ele possuía. Juntar dinheiro para comprar o Toshiba tinha sido uma via-crúcis, muito embora a máquina fosse de segunda mão e bem ultrapassada. Não havia banheiros no andar de Sándor. Seria preciso descer dois lances de escada e atravessar metade de um corredor. Mas ele não confiava tanto no irmão para deixá-lo sozinho no quarto, muito embora Tamás agora estivesse focado no que fazia. Pouco antes, ele tinha soltado um triunfante “Isso!”, sinal de que seu suposto romance dera um salto qualitativo qualquer.

No fim das contas, Sándor não tinha escolha. Largou seu compêndio de direito romano, levantou-se da cama e avisou:

– Não mexa nas minhas coisas. E se estragar meu computador... corto o seu saco fora!

Isso era o tipo de coisa que ele jamais diria, muito menos aos amigos e conhecidos húngaros que nem faziam ideia de sua semidescendência cigana.

Tamás deu um sorriso malicioso.

– Você e mais quantos, *phrala*?



Sándor correu para o banheiro, que, naturalmente, estava ocupado. Não se conteve e bateu à porta até que um dos colegas saiu para o corredor.

– Calma, camarada! Não pode esperar nem eu colocar as calças?

– Desculpe.

Ele entrou às pressas no banheiro, trancou a porta e aliviou a bexiga, que até então nunca havia sido submetida a tão dura prova. Na tentativa de melhorar a fetidez do cômodo, alguém colocara um desinfetante verde no interior do vaso, mas, para Sándor, isso só acrescentara uma bizarra e química doçura ao considerável fedor de esgoto e urina.

Aflito demais para lavar as mãos como devia, simplesmente enfiou as mãos sob o jato da torneira e as secou nas próprias calças, preferindo-as à toalha vermelha úmida que ficava ao lado da pia.

Voltando para o quarto, viu que Tamás já havia ido embora. Por sorte, o computador continuava lá, em perfeita ordem e ainda conectado à rede. Sándor correu para a janela e esquadrinhou a

vizinhança até enxergar o irmão caminhando na direção da rua Prater.

– Ei! – berrou.

Tamás virou-se e foi andando de costas.

– Obrigado pelo computador! A gente se vê por aí, *czigány*.

Então, sumiu depois de dobrar uma esquina.



Sándor desligou o computador. Subitamente, arrependeu-se por não ter pedido ao irmão mais notícias de casa, por não ter perguntado o que a tal namoradinha tinha de tão especial para fazê-lo enfrentar uma viagem de cinco horas em três ônibus diferentes apenas para conversar com ela pela internet. Não haveria outro computador mais próximo? Nem mesmo uma lan house em Miskolc?

Talvez a garota morasse em Budapeste, por isso Tamás tivesse partido com tanta pressa.

Ou talvez houvesse outro motivo. Sándor notou de repente que uma das gavetas de sua mesa estava aberta. A constatação teve o efeito de um soco no estômago. Embora tivesse receado que o irmão aprontasse alguma bagunça no quarto, que quebrasse alguma coisa ou derramasse refrigerante no computador, em nenhum momento lhe passara pela cabeça que o garoto pudesse levar algo que não era seu. Irmão não rouba de irmão.

A carteira ainda estava lá. Mas o passaporte havia sumido.

AO LONGO DAS DUAS ÚLTIMAS HORAS, o ar havia ficado ainda menos respirável no interior da van de vigilância, o cheiro de café velho misturando-se ao suor do nervosismo. Søren inclinava-se ora para a frente, ora para trás, na tentativa de focar a imagem na tela. Recentemente, seu oftalmologista tinha começado a falar de lentes bifocais.

– Será que a gente não consegue uma imagem melhor?

– Não enquanto ele estiver se deslocando – respondeu o técnico. – A luz também não está ajudando muito.

A imagem saltava e tremia enquanto, do lado de fora, o homem atravessava o pátio ferroviário abandonado. Søren voltou a atenção para outro monitor, que lhe dava uma visão panorâmica da área. Eles haviam posicionado dois homens no telhado do prédio residencial mais próximo, na Røvsingsgade. O decrepito caminhão de refrigeração Scania, usado em todas as operações, achava-se estacionado mais ou menos no centro de um terreno baldio, o triângulo que se formava entre a Røvsingsgade e os entroncamentos da velha ferrovia. Um pouco mais adiante, do outro lado de uma horta comunitária improvisada, um trem corria pelos trilhos numa rápida sucessão de janelas iluminadas. A escuridão agora dava lugar a uma meia-luz. Por sorte, uma massa de nuvens pesadas obstruía o amanhecer, mas ainda estava claro o bastante para que os ocupantes do caminhão pudessem avistar Berndt caso ele não tomasse os devidos cuidados.

Mas Berndt estava agindo direito. Naquele momento, a pequena câmera acoplada aos fones de ouvido não mostrava nada além de closes de um gramado muito seco e dos arbustos de urtiga que haviam sobrevivido ao último inverno.

– Anda, homem, vamos logo com isso... – resmungou Mikael Nielsen no interior da van.

Ele era um jovem de QI altíssimo, um dos novatos que Søren tinha recrutado da força de vigilância para engrossar as fileiras do Contraterrorismo. Em razão dos cabelos cortados à escovinha e do rosto avermelhado, Nielsen parecia um hooligan e dificilmente seria convidado para rachar um táxi com alguém, tal era a energia que irradiava. Sim, também tinha uma mente brilhante e uma memória extraordinária para fatos, mas sua inquietude precisava ser controlada em momentos como aquele, quando não havia outra coisa a fazer senão esperar. E esperar. E esperar ainda mais. Esse era o preço da cautela.

As imagens deram um salto repentino e agora eles podiam ouvir a respiração de Berndt, que ressoava mais alta que o esperado no interior sufocante da van. O monitor ficou todo preto.

– Ele já está debaixo do caminhão – avisou Gitte Nymand praticamente no ouvido de Søren.

Sentada atrás dele, ela inclinava-se para a frente a fim de acompanhar mais de perto toda a ação. Søren não podia ignorar o perfume dos cabelos recém-lavados e do desodorante que ela estava usando. Por sorte, o contraste com os odores da camisa que ele havia vestido mais de quinze horas

antes não era muito grande.

Subitamente, na tela até então negra, surgiu uma imagem picotada e pixelada que, apenas após alguns segundos, pôde ser identificada por Søren sem o auxílio dos óculos.

O interior da carroceria do caminhão. Lâmpadas de trabalho obsoletas faziam as vezes de holofotes e incidiam sobre a silhueta de um homem amarrado a uma cadeira com as mãos algemadas para trás. Um volume embrulhado em plástico preto estava atado com fitas adesivas ao seu torso nu.

– Uhul! – comemorou Gitte em voz baixa, e Søren perdoou o pequeno arroubo.

Fora ela quem conseguira fazer o ativista capturado revelar o que sabia sobre a área local – um conhecimento surpreendentemente extenso para um estrangeiro. Ela e Mikael haviam localizado o caminhão de refrigeração e descoberto que o proprietário registrado nunca tinha ouvido falar do veículo. Fazia apenas quatro meses que Gitte estava no Contraterrorismo e uma vitória como aquela certamente faria bem à sua autoconfiança.

– Chame o comandante – disse Søren a Mikael. – Diga a ele que temos confirmação visual e que explosivos foram atados ao refém. Precisamos bloquear o tráfego na Røvsingsgade antes de entrarmos em ação.

Outros vultos podiam ser vistos na carroceria do Scania. Quatro, ao que parecia. Dois conversavam baixinho em inglês enquanto examinavam uma câmera de vídeo e procuravam entender por que ela não funcionava. “É a bateria”, dizia uma voz feminina, mas as balaclavas e os coletes à prova de bala davam a todos a mesma silhueta assexuada. O outro, aparentemente jovem, exclamou: “Mas eu acabei de recarregar!”

– Mal acredito que o Berndt também tenha conseguido imagens – disse Gitte. – Pensei que já seria uma sorte enorme se tivéssemos apenas o áudio. Como foi que ele conseguiu?

– O sistema de ventilação – respondeu Mikael casualmente enquanto batia o polegar contra o sofisticado rádio digital que havia adquirido pouco antes. – Vamos!

Por fim, ele conseguiu uma conexão e foi até a parte traseira da van para poder falar sem perturbar demais a operação de vigilância que se dava na frente.

Søren voltou a atenção para os acontecimentos no caminhão. Dois dos sequestradores empunhavam fuzis automáticos; não dava para identificar o fabricante, mas algo no contorno das armas lembrava os velhos Heckler & Koch do Exército dinamarquês. Ainda que não se visse nada, era bem provável que os outros dois também estivessem armados, no mínimo com pistolas. Mas os explosivos eram de longe o fator mais crítico da situação.

Em vista das circunstâncias, o refém se achava excepcionalmente calmo, impassível, apenas observando seus carrascos. As luzes que vinham do alto refletiam em sua cabeça raspada, criando sombras sob o queixo e no espaço oco das clavículas. Vez por outra, ele sacudia os ombros num tremor que parecia ser apenas uma reação ao frio.

De repente, Søren sentiu a mão de Mikael em seu ombro.

– Não rolou – avisou o jovem. – Não consegui falar com o comandante. Esse sistema novo é uma porcaria, toda hora me transferem para o 911.

Merda. Søren se conteve para não xingar em voz alta; não queria piorar a situação. Também refreou o impulso de tomar o rádio das mãos de Mikael e ver se fazia alguma diferença que os botões

fossem apertados por um inspetor. Carteiradas desse tipo funcionavam com pessoas, às vezes, mas a tecnologia era totalmente imune a cargos e hierarquias.

– Veja se consegue ligar para o celular dele – sugeriu Søren. – Mas cuidado com o que vai dizer. Nós não somos os únicos que bisbilhotam os telefonemas alheios.

Mikael assentiu, mascando seu chiclete de nicotina tão vigorosamente que os músculos faciais se convulsionavam. Sempre recorria a esse expediente para evitar os cigarros nos momentos de tensão.

– Vou tentar.

Mas dali a pouco voltou a xingar.

– Celular desligado.

Na verdade, esse era o procedimento regulamentar. Søren também havia desligado seu celular como medida de precaução.

– Tudo bem – disse ele. – Alguma novidade?

– O tempo está passando. Cedo ou tarde eles vão notar que Blue 1 está desaparecido e Blue 4 não está dando retorno.

Blue 1 era o codinome do ativista que eles tinham capturado; Blue 4 era o guarda que a unidade de Berndt tinha neutralizado.

– Por acaso ainda há alguma possibilidade de contato com o nosso pessoal? – perguntou Søren.

– Sim. Somente o resto dos serviços de emergência é que está fora do ar.

– Admirável mundo novo digital – murmurou Søren.

– Acho que a gente devia entrar. Enquanto ainda temos o elemento-surpresa a nosso favor.

Pegamos os caras antes que eles possam apertar o botão.

– E se não der certo? Não sabemos qual é o raio de alcance daqueles explosivos. Eles estão a 20 ou 30 metros do tráfego na Røvsingsgade.

– E não é completamente impossível que tenham um sentinela do lado de fora – interveio Gitte. – Alguém que não tenhamos localizado.

– Nesse caso, por que diabos esse sentinela não viu o Berndt? – rebateu Mikael.

– Porque o Berndt é o Berndt.

– Mas esperar é tão perigoso quanto agir. Eles podem matar o refém a qualquer momento. Com ou sem explosivos.

– Não – replicou Gitte. – Porque ainda não fizeram a gravação.

Mikael emitiu um som de frustração, algo entre um chiado e um suspiro.

– O terrorismo tem esse nome porque aterrorizar é o objetivo da coisa – prosseguiu Gitte. – Não é isso que você sempre repete pra gente, chefe?

– Exatamente.

Søren se permitiu esboçar um sorriso. Nenhum grupo terrorista teria por objetivo final matar um homem num caminhão de refrigeração em Copenhague, por mais importante que ele fosse. Seria preciso que o mundo visse o assassinato, que a gravação fosse exibida no maior número possível de veículos de comunicação, chamando a atenção das pessoas, instilando medo nelas, mudando o comportamento delas. Na ausência do vídeo, nada daquilo faria sentido do ponto de vista dos terroristas. Sem falar no risco de que outros grupos assumissem a responsabilidade pelo ato.

Gitte se empertigou de repente. Era uma mulher alta, tão alta quanto a maioria dos homens, e tinha os ombros de uma estrela olímpica da natação. Quando Gitte se empertigava, as pessoas notavam.

– O que foi?

– O trânsito na rua – explicou ela, apontando para o monitor que exibia a visão panorâmica da área. – Sumiu.

Ela tinha razão. O minguido trânsito do início da manhã havia desaparecido por completo. A Røvsingsgade estava deserta.

Dessa vez Søren não se conteve:

– *Merda.*

Que diabos estaria acontecendo ali? Que idiota teria bloqueado a rua sem consultá-los? E quanto tempo levaria até que os terroristas no caminhão se dessem conta do que estava acontecendo? Talvez segundos, caso eles realmente tivessem mais um sentinela do lado de fora.

– Agora! – ordenou Søren a Berndt pelo fone. – Vamos entrar *agora!*



Luzes, frio, movimento. A claridade ainda fraca do amanhecer chegava a ser ofuscante após tanto tempo no breu de uma van apertada. Søren saltou para o asfalto, atravessou correndo o primeiro estacionamento e precisou pular uma cerca viva de faias para passar ao segundo. O caminhão de refrigeração não era seu destino; Berndt cuidaria dele com a equipe de ataque, e Søren não tinha a menor intenção de ficar no caminho de pessoas especificamente treinadas para esse tipo de operação. Seu objetivo era alcançar o homem que se empoleirava no alto do prédio residencial de quatro andares de onde vinham sendo transmitidas as imagens panorâmicas para a van. Era com o rádio dele que Berndt pretendia se comunicar com o resto dos serviços de emergência e descobrir o que diabos estava acontecendo. Ele irrompeu pela porta dos fundos – devidamente lacrada com fita adesiva para não se trancar ao bater – e chispou escada acima rumo ao terraço.

Primeiro andar, segundo andar, terceiro andar... Após o quarto, ainda havia um pequeno lance de degraus que dava acesso ao telhado e, àquela altura, Søren já sentia uma intensa ardência no ligamento cruzado do joelho que fora operado. Os pulmões já faziam hora extra, mas ele ainda tinha fôlego suficiente para rosnar “Me passa esse rádio aí!” ao jovem policial que lá estava, naturalmente assustado com sua chegada. Em seu próprio fone, ele ouvia estática, respirações ofegantes e diálogos curtos, mas nenhum tiro. Graças a Deus, nenhum tiro até então.

Søren tomou o rádio (ou “terminal”, como o aparelho agora era chamado) das mãos do policial e por um segundo ficou imóvel, atrapalhado com os botões que não conhecia. Precisou resgatar as informações que ainda não havia introjetado para digitar a sequência que o colocaria em contato com a unidade de comando local.

Nesse momento, uma explosão retumbou, ouvida também através dos fones. Bastaram três rápidos passos para que ele alcançasse o parapeito do terraço e tivesse, pela primeira vez na dura e fria realidade daquela manhã, a mesma visão panorâmica que vira mais cedo num dos monitores da van: do alto, podia avistar a traseira escancarada do Scania e a nuvem de fumaça cinzenta que agora

pairava sobre o pátio ferroviário.

– Berndt? – chamou pelo microfone.

Vinte e oito segundos se passaram. Søren os contou. Em seguida, com aquela intimidade artificial dos fones, ele ouviu Berndt responder:

– Tudo bem. Entramos, estamos no controle.

~

Quando Søren enfim alcançou o caminhão, eles já haviam tirado as algemas do refém e jogado um cobertor sobre os ombros dele. Ao que parecia, coubera a Gitte a sofrida tarefa de remover o objeto preto colado ao peito do homem, que se retorceu numa careta de dor quando ela tentou puxar uma das tiras de fita adesiva.

– Por acaso temos álcool por aí? – perguntou Søren. – Fica mais fácil de tirar.

– Esqueça o álcool – retrucou o ex-refém. – Andem logo com isso.

Seu torso musculoso não dava muita credibilidade ao papel de chefe de Estado capturado e, embora flexionasse os dedos para recobrar a circulação do sangue nas mãos, não dava nenhum outro sinal de que havia passado mais de quatro horas imobilizado numa cadeira. Torben Wahl – vice-diretor do setor de Contraterrorismo do PET, o serviço secreto dinamarquês – não era homem de esmorecer por tão pouco.

– Então, como é que foi? – quis logo saber.

– Não muito bem – admitiu Søren. – O lado da inteligência até que deu certo. Berndt e a equipe SWAT também fizeram tudo direitinho. Mas a comunicação com o resto dos serviços de emergência foi um fiasco total. Alguém precisa dar um jeito nisso antes da conferência, porque se o que aconteceu aqui hoje tivesse sido para valer...

– É para isso que existem as simulações – replicou Torben, mas sem parecer satisfeito.

~

Apesar da chuva, das quatro horas de sono com as cortinas fechadas e da camisa finalmente trocada, os efeitos do exercício de treinamento ainda se faziam sentir no corpo de Søren enquanto ele estacionava o carro diante do quartel-general do PET em Søborg, um dos subúrbios mais arborizados de Copenhague, na tarde daquele mesmo dia. Ele subiu as escadas bocejando. Tinha direito a pelo menos mais duas horas de descanso, mas precisava verificar o que havia pipocado em sua mesa durante a brincadeira de polícia e ladrão nas imediações da Røvsingsgade. Seu humor não melhorou quando ele se viu obrigado a contornar um grupo de rapazes de camiseta amarela que pelejava com uma gigantesca engenhoca em forma de cubo e um tambor plástico de água, aparentemente destinados para o pequeno nicho diante dos banheiros, mais adiante no corredor.

Um bebedouro. Ele já vira os que tinham se materializado em outras partes do prédio. Mantinham a água gelada, mas emitiam um zumbido contínuo e irritante. Para ele, não havia nada de errado com a água de torneira dos banheiros, mas nos últimos anos a garotada, sobretudo as mulheres, vinha

insistindo naquelas geringonças consumidoras de energia, naquela água saturada de flutuosos. Ao que tudo indicava, eles agora teriam um idêntico no corredor. De todos os modismos inúteis e frívolos – e ele poderia listar dezenas sem grande esforço –, os bebedouros figuravam entre os piores, junto com os apanhadores de aranha que ele vira no supermercado, seguidos de perto pelos aquecedores externos e os ventiladores de teto. Mas era isso que a garotada andava querendo ultimamente. Søren suspirou. A *garotada*? Desde quando ele falava assim? Claro que grande parte das oitenta pessoas que trabalhavam no setor de Contraterrorismo do Serviço de Segurança e Inteligência dinamarquês era mais jovem que ele, mas... *garotada*? Teria que riscar essa palavra do vocabulário; ficava parecendo um ancião cansado de guerra. Sobretudo quando resmungava contra bebedouros modernos.

Søren entrou na pequena cozinha no fim do corredor e pegou uma caneca do armário. O café da máquina tinha cor e gosto de carvão; decerto estava ali desde a hora do almoço. Outras pessoas do grupo ainda estavam por lá, apesar de o turno delas já haver terminado. Risos discretos misturavam-se ao *tec-tec* de um teclado no amplo salão do escritório. Gitte Nymand se debruçava sobre o ombro de Mikael Nielsen e apontava para algo na tela diante de ambos. Ela tinha uma pequena ruga de concentração na testa, mas estava sorrindo e falando com entusiasmo. Søren permitiu-se ficar na cozinha mais que o estritamente necessário, admirando a visão. Gitte não era exatamente uma mulher bonita. Os cabelos muito curtos emolduravam um rosto tão distinto quanto os ombros e as pernas musculosas de nadadora olímpica. Maços do rosto proeminentes. Queixo forte. Sobrancelhas espessas e inusitadamente escuras diante do dourado dos cabelos e do verde dos olhos, típicos de uma escandinava. Mas, na opinião de Søren, o que fazia dela um dos melhores achados dos últimos tempos era a calma e a autoridade natural que irradiava, embora não tivesse nem 30 anos. Além disso, ela se dava bem com Mikael, que às vezes se revelava um tanto espinhoso como colega de trabalho. Søren lembrou que os dois haviam sido contemporâneos na academia de polícia. A parceria como cadetes aparentemente sedimentou a relação entre eles – os meses nas inúmeras tropas de choque que tentavam dar fim, sem sucesso, ao tráfico de maconha na Cidade Livre de Christiania.

– Olá, chefe.

Os dois o haviam notado. Gitte se endireitou e o fitou com uma interrogação no olhar. Isso deu a Søren uma passageira e irritante sensação de que estava atrapalhando, como se Gitte e Mikael educadamente esperassem que o chefe “coroa” se mancasse para que eles pudessem voltar aos detalhes do relatório que vinham redigindo sobre o exercício de treinamento. A intimidade entre eles ficava mais do que evidente na postura de ambos: Mikael displicentemente recostado na cadeira, Gitte ainda com a mão pousada no ombro dele. Søren sentiu uma ridícula pontada de ciúme. Quando fora a última vez que desfrutara de semelhante camaradagem com algum colega? Que trabalhara lado a lado com alguém que já o vira bêbado? Nenhum de seus supervisores havia se debruçado em seu ombro para ajudar no que quer que fosse, disso ele tinha certeza.

– Olá – resmungou Søren, e acenou sem grande entusiasmo.

Depois seguiu para a própria sala, deixou o café velho sobre a mesa e ligou o computador. Ficou observando o monitor escuro enquanto a máquina lentamente transitava pelo protocolo de segurança. Podia ver o próprio rosto refletido do outro lado das linhas cinzentas de texto, exibindo um ar bem

mais senil que o de costume. Pouco sono, diagnosticou ele com firmeza, como se tentasse afugentar o fantasma do envelhecimento apenas com a força da vontade. De modo geral, só o que ele via era o Søren de sempre: a testa ampla, as entradas nos cabelos, o nariz adunco que, juntamente com os cabelos muito pretos, lhe havia rendido o apelido de Kemosabe na academia de polícia. Até onde sabia, ninguém o chamava mais assim. Tudo bem, os cabelos já não eram mais tão pretos e a promoção a inspetor certamente havia jogado uma pá de cal naquele tipo de liberdade.

Pelo menos estava em boa forma. Malhava na academia do porão todas as segundas e quartas pela manhã, antes do trabalho, e corria pelo menos 10 quilômetros duas ou três vezes por semana; não marcava o tempo, mas sabia que ainda era razoavelmente rápido e passaria com louvor pelo exame médico que todo ano filtrava um sem-número de aspirantes a cadete por conta dos cigarros em demasia ou das gordurinhas juvenis. Não, não havia nada de errado com seu físico e ele não se sentia velho. Mas, aos olhos dos outros, sobretudo os da “garotada”, já tinha cruzado a linha que separava a maturidade da velhice. Nem mesmo a mais ambiciosa das séries de academia poderia dar um jeito nisso.

Ding.

O computador enfim concluiu o processo de inicialização e automaticamente abriu a última atualização do relatório diário. Inclinando-se um pouco para a frente, Søren correu os olhos pela tela. Ao que parecia, um equipamento de escuta havia sido plantado com sucesso na noite anterior, o que não chegava a surpreendê-lo. O tal homem sob vigilância tinha ido para sua fazenda nos cafundós da Suécia e por três dias não usara o celular, portanto o mais provável era que estivesse metido num rio qualquer com água até a cintura, tranquilamente pescando salmão enquanto os técnicos do PET grampeavam seu apartamento no centro de Copenhague. De qualquer modo, os homens haviam feito o que precisavam fazer. Fora isso, tudo parecia normal. Algumas mensagens da Hungria, da Bélgica e da Turquia. Todas haviam passado pela inspeção do pessoal de Comunicações. Nenhuma era urgente ou prioritária, mas a húngara recebera o adendo “At. Kirkegård”, logo deveria conter algo que demandava especial atenção.

Søren imprimiu o e-mail. Ainda preferia ler no papel e admitia a contragosto que isso talvez fosse mais um sinal de envelhecimento, mas, ao cabo de tantos anos examinando relatórios datilografados, havia adquirido o hábito de ler com um lápis na mão. Tarde demais para se corrigir.

Ele circulou rapidamente os pontos mais importantes da mensagem. Seus colegas no NBH, o serviço de inteligência da Hungria, vinham acompanhando alguns sites específicos, desconfiando que eram utilizados para tráfico de armas, munições e outros “produtos excedentes” de uso militar. Um gráfico bastante singelo mostrava que a movimentação de certos fóruns e sites relativamente legítimos vinha sendo direcionada para um número menor de sites mais especializados e mais barra-pesada, sendo que um deles havia despertado especial interesse: o aparentemente inócuo hospitalequip.org, que serviria de fachada para o encontro de vendedores e compradores de armas, produtos químicos e outras substâncias perigosas.

Ah, o admirável mundo novo da informação. Às vezes Søren acreditava piamente que existia mesmo algum capeta por aí, que vinha acompanhando com absoluto deleite os efeitos de seu mais novo ataque à humanidade. No passado, pessoas com interesses escusos ou bizarros tinham muito

mais dificuldade para localizar umas às outras, mas, no mundo atual, até mesmo os infratores mais hediondos podiam encontrar seus pares na internet, com facilidade e relativo anonimato. Havia de tudo na rede: antiguidades roubadas, animais em extinção, suvenires ilegais da Segunda Guerra, pornografia em todas as suas modalidades, drogas estranhas e, claro, por que não?, armas, explosivos e substâncias químicas.

– Mais um cafezinho, milorde? – ofereceu Gitte antes de ir para a cozinha.

Grato, Søren fez que sim com a cabeça ao mesmo tempo que digitava o endereço do tal site no mecanismo de busca do navegador. Ele deparou com uma página absolutamente normal, de layout descomplicado sobre um fundo verde-claro. A barra de menu era desprovida de firulas gráficas ou animações. No momento, havia cinco salas de chat em atividade. Numa delas, a discussão girava em torno dos “tratamentos agressivos para infecções”; noutra, o tópico se resumia a “equipamentos”. Em ambas, Søren podia ver o nome dos usuários on-line, ou pelo menos os diminutos *nicknames* sob os quais eles se escondiam. Nas outras três salas, não havia qualquer indicação do tópico da conversa ou do nome dos participantes. Ao tentar entrar numa delas, Søren foi instruído a escrever seu código PIN. Ele digitou quatro números aleatórios e, segundos depois, recebeu uma mensagem: “Acesso negado. Por favor, entre em contato com o moderador.”

Søren desistiu. Aquela bola era dos húngaros e ele não fora convidado a jogar. Além disso, não era difícil imaginar o que se passava do outro lado daquelas senhas de acesso: o hospitalequip.org não era o único site daquele tipo. Nos moldes de outros tantos, funcionava como uma espécie de praça pública em que vendedores e compradores podiam se localizar e fazer um primeiro contato. As pessoas informavam seus interesses – anonimamente, claro – e todo o resto ficava a cargo da equipe do site. Os húngaros acreditavam que eles roubavam e comercializavam bens, e ganhavam rios de dinheiro ao direcionar clientes para salas de chat específicas, disponibilizadas e retiradas do ar tão rapidamente que os operadores do NBH enfrentavam enormes dificuldades para acompanhar o que se passava nelas. O rastreamento do dinheiro também era quase impossível, pois o site fazia um uso bastante criativo das moedas virtuais com lastro em ouro, coisas como e-bullion e e-gold.

Do ponto de vista dinamarquês, o interesse nessa história residia no fato de que um grupo de cidadãos do país vinha transitando pelo site. Pelo menos um havia conseguido um contato e depois saído do chat para dar continuidade à transação via celular. As informações paravam aí, pois o tal telefone fora usado apenas por um breve período, decerto para que os interlocutores pudessem trocar números mais seguros que a Polícia Nacional não conseguisse rastrear.

A ponta húngara do contato era um endereço de IP associado a uma universidade em Budapeste. O colega que lhe enviara o e-mail, um homem chamado Károly Gábor, informava que o usuário húngaro tinha visitado outras páginas suspeitas além do hospitalequip.org, entre elas a islâmica hizbuttahrir.org. Assim sendo, o NBH, em conformidade com as instruções recebidas, notificava o PET sobre... etc., etc., etc.

Søren suspirou baixinho. As manifestações, os tumultos, a queima de bandeiras, tudo isso já dera uma trégua, mas as charges de Maomé e a participação da Dinamarca nas guerras do Iraque e do Afeganistão ainda faziam do país um alvo certo para os muçulmanos. Em outros tempos, e-mails como aquele sumiriam nos intestinos de um arquivo qualquer, a menos que surgissem novos fatos

relevantes. Agora, no entanto, era necessário averiguar cada murmúrio islâmico que fizesse menção à Dinamarca. Sobretudo com a proximidade da Conferência de Copenhague. Os pensamentos de Søren se voltaram para a malfadada simulação daquela manhã e ele precisou reprimir uma onda de irritação. A maldita conferência havia colocado a Dinamarca numa posição ainda mais elevada na lista de alvos atrativos, não só para os terroristas islâmicos, mas também para qualquer neonazista de suástica tatuada no braço ou fundamentalista com sede de atenção e acesso a um balde de tinta vermelha para jogar em alguém.

Tudo isso o deixava exausto. Os rios de ódio que corriam pela internet, negros e caudalosos, deitando sua fúria sobre dinamarqueses, muçulmanos, ciganos, gays, judeus, liberais, conservadores, mulheres... sobre toda e qualquer minoria, desde as mais inimagináveis até as mais conhecidas, tanto na Dinamarca quanto no resto do mundo. Não era apenas uma questão de estupidez. Aquilo só podia ser obra do mal. Søren não era religioso, em geral evitava simplificar as coisas assim, mas era isso que lhe ocorria sempre que entrava na internet e deparava com “piranhas sem neurônio”, “muçulmanos comedores de ovelhas” ou “viados promíscuos”, tribos que a voz do povo invariavelmente condenava à forca, à fogueira ou à cadeira elétrica.

– Gitte! – chamou.

A garota havia entrado de mansinho na sala, deixara o café sobre a mesa e já ia saindo para o corredor.

– Você pode encaminhar isto aqui para os técnicos agora mesmo?

Gitte pegou o e-mail impresso e rapidamente correu os olhos por ele.

– Estes três... – Ela apontou o dedo esguio para os três primeiros endereços de usuários dinamarqueses. – Acho que nem preciso da ajuda do pessoal de TI para saber o que são.

Søren percebeu, não sem uma ligeira pontada no estômago vazio, que ela agora recendia a maçã e limão.

– Sim – concordou ele às pressas. – Tudo indica que os nossos fascistzinhos idiotas estão aprontando de novo. Os outros, no entanto, só Deus sabe quem são. Este aqui provavelmente é o mais importante. – Ele circulou o endereço de IP que havia passado pelo falso site de equipamentos hospitalares, o “murmúrio islâmico” que os húngaros tinham identificado. – Mas precisamos averiguar todos eles. Peça que nos mandem uma lista o mais rápido possível.

Gitte saiu de imediato e Søren voltou à página insípida ainda aberta no navegador. Apesar das leis severas que regulamentavam o comércio de armas na Dinamarca, não era lá muito difícil obter uma pistola comum se alguém soubesse aonde ir. Comprar armas na Hungria era um tanto estranho, por causa das dificuldades de travessia da fronteira. Portanto, o mais provável era que o comprador estivesse à procura de algo exótico. Mais uma vez correndo os olhos pelo layout singelo da página, Søren disse:

– Compre agora! Mercadoria da boa, agulhas novas, da Rússia com amor...

Na minha próxima vida, pensou, quero fazer outra coisa. Algo que realmente tenha a ver com amor.

— MERDA! – XINGOU NINA, E SALTOU para trás.

Tarde demais. Na pia da cozinha, o bico da torneira se desprendera de repente e batera com força na panela que havia sido deixada de molho na cuba, fazendo jorrar uma cascata de água gordurosa sobre a parede, a bancada e o chão, bem como sobre sua camiseta e seus jeans. Ela fechou a torneira e fulminou com o olhar a pequena peça de metal enferrujada que já deveria ter sido trocada. Agora o piso da cozinha estava imundo, não só por conta da água derramada, mas também da poeira acumulada com o tempo. Na bancada, o arsenal de pratos, copos, xícaras, talheres e tigelas de salada ainda esperava por ordem, água e sabão. Seu humor, que já não andava muito bom, agora beirava a fúria. Não exatamente por causa da água no piso, tampouco das nojentas cascas de cebola e cenoura deixadas no fundo da pia, muito embora tudo isso piorasse a situação. O problema maior era Morten. Morten e suas malditas malas de pano.

Ele estava de partida.

Não era a primeira vez. Era geólogo e tinha anos de casa numa plataforma de petróleo no mar do Norte, onde trabalhava como “analista de lama”. Recentemente, fora promovido a gerente de projeto, mas ainda precisava visitar a plataforma com certa regularidade e, sempre que ele arrumava as malas, Nina sentia o estômago dar um nó. Dessa vez não fora diferente. Ela sentia falta de Morten e, tão logo o marido fechava a porta às suas costas, o silêncio hostil de Ida pairava sobre o apartamento feito uma maldição. Não que Nina tivesse problemas com a filha quando o marido viajava. Quase todas as noites Ida ia para a casa de alguma amiga, mas, durante o dia, cumpria rigorosamente com suas obrigações, ora buscando Anton na escola, ora fazendo as compras da semana. Quem não a conhecesse veria na garota de 14 anos um espantoso milagre de obediência juvenil. Mas Nina sabia muito bem que ela agia assim porque Morten havia solicitado e porque via nisso um bom pretexto para evitar conversar. Quando enfim dava o ar da graça à mesa do jantar, sentava-se com tamanha carranca no rosto que afugentava qualquer tentativa de papo. Dava a impressão de que mal tolerava a presença da mãe e, se Nina lhe pedia que passasse as batatas, era como se fosse um enorme favor. Às vezes Nina preferia que elas voltassem às brigas de antes.

Quanto a Anton, era comovente o seu esforço para melhorar a atmosfera à mesa. Remexendo-se na cadeira, contava alguma piada ou citava alguma passagem de seu programa preferido no Cartoon Network. Por vezes obtinha sucesso e de fato conseguia arrancar um sorriso da mãe e da irmã, mas não sem suar a camisa.

Nina buscou um pano e foi secando o chão da cozinha enquanto tentava se concentrar no noticiário das sete horas. A polícia não dispunha de contingente suficiente para a Conferência de Copenhague e a extrema direita mais uma vez se sublevara por conta de um novo centro cultural islâmico que vinha sendo construído, “quase uma mesquita”, segundo o indignado porta-voz do

partido. Nina parou de prestar atenção quando o homem começou a discorrer sobre a importância de se preservar “os valores dinamarqueses”. Ela secou as mãos, deu as costas para a bagunça e foi para o quarto.

As malas estavam quase prontas.

Meias, cuecas, camisetas e uma mixórdia de aparelhos eletrônicos estavam dispostos em pequenas pilhas sobre a cama de casal, à espera de serem guardadas. Morten já havia feito aquilo tantas vezes que agora não precisava mais do que meia hora para arrumar as malas tendo em vista uma ausência de duas semanas.

– Você viu meu iPod? – perguntou ele.

Nina fez que não com a cabeça. Morten puxou-a para um abraço de modo que os ombros dela agora se apertavam contra o peito dele. Era tão alto que o queixo se apoiava sobre a cabeça da mulher, por isso Nina tinha a impressão de que estava embrulhada num enorme e aconchegante casaco de pele. Morten se inclinou para dar um beijinho no pescoço dela, depois voltou à arrumação.

– Emprestei meu iPod para o Anton, então ele pode estar em qualquer lugar.

Nina assentiu. Anton tinha mesmo o hábito de espalhar as coisas. Em muitos aspectos, morar com ele era como conviver com um garoto de 8 anos acometido de Alzheimer. Ou com um garoto de 8 anos e ponto final, corrigiu-se Nina.

Morten deu início ao processo de transferir as pilhas para as malas, trabalhando com método e rapidez. Pouco depois já havia guardado tudo, pondo o telefone, o passe do trem e a carteira nos bolsos do paletó.

Nina já se remoía de saudades. A culpa era dela que Morten tivesse sido obrigado a aceitar aquele emprego tão inconveniente. Ele precisava começar a trabalhar logo e, à época, não tinha encontrado nada melhor. Levaria um bom tempo até que pudesse abandonar o trabalho na plataforma para assumir uma posição melhor na cidade, algo que se coadunasse mais com a vida familiar. Nina odiava aquilo tudo e provavelmente Morten também, mas era gentil o bastante para não reclamar na frente dela. Para ele, tratava-se apenas de mais uma cruz que deveria carregar, uma entre tantas outras que a vida e Nina tinham se encarregado de colocar sobre seus ombros. Sacudido, mas não mexido. Era assim que ele se sentia. Exatamente como o martíni de James Bond.

– Pai, a que horas você vai?

Ida surgiu à porta do quarto com um livro: *O Senhor dos Anéis*. Gostava de discutir a história com o pai e costumava expor suas ideias como se tivesse inventado o universo, ou pelo menos descoberto a saga de Tolkien. As versões para o cinema, claro, vinham sendo avidamente acompanhadas por todos os colegas de escola desde que tinham a idade de Anton.

Ida dizia coisas como “Não sei se posso concordar com a visão que Tolkien tem das mulheres” e Morten ouvia com absoluta paciência, sem jamais ceder à tentação de falar que a questão das mulheres era a mais surrada daquele livro, que talvez fosse o mais debatido em toda a galáxia. Esse era o método James Bond de ensinar literatura. Nina invejava profundamente as habilidades do marido.

– Daqui a um minuto – respondeu Morten, e olhou de relance para o relógio de pulso –, mas você pode ligar para me dar boa-noite quando eu estiver no trem.

Ida sorriu e adiantou-se para dar um beijo no rosto do pai. Nina percebeu então que ela estava usando perfume. Algo doce e forte demais.

– Cruze os dedos e torça por mim no jogo de hóquei – disse a filha, e foi para seu quarto sem ao menos olhar para a mãe.

O som abafado de música vazou para o corredor e para o quarto deles e Nina soube que ela não voltaria a dar as caras naquela noite.

Morten aparentemente não havia notado nada disso. Aproximando-se o bastante para que ela sentisse o calor de seu corpo, perguntou com delicadeza:

– Nosso acordo ainda está de pé, não está?

Nina aquiesceu. O famoso acordo entre os dois. Ela tinha prometido ficar longe de seu trabalho clandestino como enfermeira voluntária da Rede sempre que o marido estivesse viajando. Precisaria rezar para que nos próximos quinze dias ninguém quebrasse um braço ou uma perna, muito menos tivesse uma crise de apendicite, no rebanho sempre cambiante de imigrantes que Peter, o chefe da Rede, arrebanhava.

– Claro que está – respondeu ela.

– E não esqueça... – Morten puxou-a para um derradeiro beijo no nariz e Nina enlaçou seu pescoço. – Não esqueça que é *você* quem vai levar as meninas para o jogo de hóquei na próxima quarta-feira. É a nossa vez de dar carona.

Por mais que se incomodasse com a condescendência do lembrete, Nina concordou sem hesitar. O hóquei sobre patins era uma das poucas atividades que Ida lhe permitia acompanhar, talvez mais por necessidade do que por desejo. Mesmo assim, ela não podia reclamar. Morten se desvencilhou dos braços dela e saiu para se despedir de Anton.



Nina ainda ficou um tempo à porta do apartamento, ouvindo os passos firmes do marido, que descia para a rua. Em seguida, foi para a cozinha. Ida havia aumentado o volume da música e agora o pulsar do grave parecia atravessar as paredes, sacudindo-a enquanto ela dava um jeito no caos da mesa que ainda não fora tirada. Anton já tinha escovado os dentes e lia uma revista em quadrinhos na cama, à luz do abajur. Nina subitamente se sentiu péssima. Sozinha.

Duas semanas, pensou, olhando de relance para o calendário. Coragem, o mundo não vai desabar em duas semanas.

SÁNDOR HAVIA ABERTO SUA METADE da janela, mas não adiantara muito. Não vinha sequer uma brisa, apenas a poeira das construções e o barulho da rua. Ele tinha despido as calças e a camisa e agora, apenas de cuecas, seguia estudando sentado na cama. O suor escorria do peito e das axilas, e os dedos úmidos grudavam no papel quando Sándor virava as páginas do livro.

Ele também abrira a porta do quarto para que pelo menos o ar circulasse. Para Ferenc, claro, tratava-se de um convite para entrar.

– Quando é a sua prova tão importante? – ele foi logo perguntando.

– Quinta.

Sándor sentiu um frio na barriga só de pensar na tal prova. Mas disse a si mesmo que não precisava se preocupar, que tinha tudo sob controle. Sabia a matéria de trás para a frente. Precisava apenas dar mais uma olhada nos...

Seus pensamentos foram interrompidos quando Ferenc subitamente o agarrou pelo braço.

– Ótimo. Nós, do Comitê Pró-Libertação do Sándor, oficialmente nomeamos você o aluno mais bem-preparado da história desta universidade. Também decidimos que já é hora de uma drástica intervenção para evitar que a capacidade do seu corpo de metabolizar álcool se atrofie por completo. Vamos, camarada, veste uma roupa.

Sándor foi puxado para o meio do quarto, ainda apenas de cuecas, agarrando-se desesperadamente a seu volume de direito internacional de William Blackstone.

– Me solta, Ferenc. Não posso...

– Não creio que a decisão do comitê seja passível de apelo. Por favor, não nos obrigue a recorrer à violência.

Ferenc não estava sozinho. No corredor encontravam-se Mihály, colega de classe de Sándor, e Henk, um holandês intercambista que estudava música assim como Ferenc. E Lujza.

Ferenc recolheu as calças de Sándor e as arremessou contra o rosto do amigo.

– Anda, se liga ou você vai como está.

Sándor tinha o corpo todo retesado por causa da aflição. Relaxe, falou consigo mesmo, é apenas uma brincadeira. Mas não conseguiu relaxar o bastante para abrir um sorriso que dissesse “Vocês são todos uns malucos”, e a mudez prolongada aos poucos foi apagando o sorriso dos amigos também.

– Anda, Sándor! – insistiu Ferenc.

Sándor enfim “se ligou”, como Ferenc havia pedido. Saindo da paralisia em que se encontrava, deixou o livro sobre a mesa, depois se equilibrou desajeitadamente numa das pernas para enfiar a outra nas calças.

– Vocês são todos uns malucos – rosnou por fim, e com isso ressuscitou o sorriso dos demais.

Ferenc cumprimentou-o com tapinhas no ombro.

– *That's the spirit!* – exclamou com o sotaque britânico que andava cultivando ultimamente, certo de que se encaixava bem com seu jeitão de Hugh Grant.

Lujza sorriu para Sándor com a mesma candura e o mesmo afeto que costumava dedicar ao namorado nos velhos tempos, antes do batismo.

Tudo bem, pensou Sándor, amanhã eu me levanto mais cedo e tiro o atraso. Afinal, ele era *mesmo* o aluno mais bem-preparado da história daquela universidade.



Eles desceram as escadas e chegaram à calçada no mesmo instante em que dois policiais saltaram de um carro do outro lado da rua.

Sándor tentou fechar a porta defeituosa, sem sucesso. Os outros esperavam por ele mais adiante.

– Larga isso aí! – berrou Ferenc. – Daqui a cinco minutos alguém vai sair e deixar essa porcaria aberta de novo.

Sándor desistiu. Virando-se, viu os dois policiais a alguns metros de distância. O mais velho, um sujeito parrudo com manchas de suor nas mangas do uniforme azul-claro, conferiu mais uma vez a foto impressa que trazia consigo.

– Por acaso Sándor Horváth mora aqui? – perguntou ele.

O corpo de Sándor se tensionou. Os outros quatro também ficaram imóveis e mudos.

– Algum problema, sargento? – indagou Ferenc educadamente.

– É ele mesmo – afirmou o outro policial, apontando para Sándor.

– Vire-se – ordenou o primeiro, ríspido. – Mãos para o alto, espalmadas na parede. Agora!

Aturdido, Sándor não se mexeu. Imediatamente, os dois policiais o agarraram pelos braços, viraram-no à força, empurraram-no contra a parede e começaram a chutá-lo nos tornozelos até obrigá-lo a se inclinar para a frente e colar o rosto nos tijolos quentes do casarão. Se ele mexesse as mãos, cairia. Revistaram-no às pressas e sem muitas formalidades.

– O que vocês estão fazendo? – berrou Lujza. – Soltem o garoto! O que vocês pensam que ele fez?

– Não é da sua conta, princesa – respondeu o suarento.

– Vocês não podem simplesmente... Parem com isso!

Sándor não podia vê-la. Só o que ele via eram alguns metros quadrados de uma calçada podre e o suor que pingava do próprio nariz.

– Sándor – interveio Mihály de repente. – *Você* pergunta para eles, aí eles vão ser obrigados a responder. “Os detidos devem ser informados das acusações”, lembra?

Mas Sándor não conseguia dizer nada. Sua língua não passava de um naco de carne e a mandíbula parecia estar trancada. Os policiais o prenderam com algemas descartáveis e se dirigiram ao carro, empurrando-o como se ele fosse um simples fardo de feno. O garoto não oferecia a menor resistência.

– Sándor! – Era Lujza quem havia berrado, claro. – A gente vai dar queixa. Eles não podem fazer

isso com você. Deve ter alguém com quem a gente possa...

– Disque 1-475-7100 – disse placidamente o mais velho dos policiais. – A ligação é gratuita.



Certa vez, quando seu padrasto Elvis fora gravar um CD com uma banda chamada Chavale, Sándor tivera permissão para ir junto. Isso havia sido no tempo em que eles faziam um número suficiente de shows para ganhar alguns trocados e Elvis ainda acreditava no seu Grande Dia de Sorte, como ele costumava chamar. Tamás ainda não nascera, logo, por vezes, Elvis levava o enteado consigo para algum lugar sem se referir a ele como “o menino que Valeria teve antes de se casar comigo”. Sándor ainda se lembrava de ficar imóvel numa cadeira giratória, pois ela rangia quando girava. Recordava também a concentração e as risadas dos homens, a infinidade de botões do painel de mixagem, as vidraças que separavam o estúdio de gravação da ilha de edição.

A lembrança lhe viera à cabeça agora porque a sala em que o haviam enfiado lembrava-o do tal estúdio. As paredes cinzentas e isoladas acusticamente, as vidraças que davam para o corredor e, claro, o fato de que estavam gravando tudo o que ele dizia.

– Onde você nasceu, Sándor? – perguntou o homem que havia se apresentado apenas como Gábor.

– Em Galbeno. Fica perto de Miskolc.

– E os seus pais?

O policial queria saber quem eram eles ou onde eles haviam nascido? Seu cérebro parecia uma máquina emperrada.

– Meu pai nasceu em Miskolc.

– Nome?

– Gusztáv Horváth. Já morreu.

Seu pai havia estarecido 27 alunos ao cair duro diante deles enquanto ministrava sua aula de física numa tarde quente de setembro, três anos antes, na Escola Béla Uitz.

– E sua mãe?

As mandíbulas ficaram inoperantes novamente, como se os músculos mastigadores sucumbissem a espasmos. Seria difícil abrir a boca para responder qualquer coisa e a última gota de saliva já tinha evaporado. Sándor não ousaria mentir. Estava sendo interrogado no NBH. *Nemzetbiztonsági Hivatal*, o Serviço de Segurança Nacional da Hungria. Por mais que tivessem uma sofisticada página na internet, um assessor de imprensa e até mesmo diversos *ombudsmen* para dar voz aos direitos dos cidadãos, eles ainda eram o famigerado NBH.

– Ágnes Horváth.

O homem cujo nome talvez fosse Gábor permaneceu mudo e tranquilo enquanto esperava por algo e o silêncio prolongado levou Sándor a emendar:

– Bem, na verdade... ela é minha madrastra.

Gábor não dava o menor sinal de que ficara satisfeito ou insatisfeito com a resposta. Continuava esperando. Aparentemente, beirava os 50 anos. Tinha olhos claros, cor de âmbar, e cabelos muito

curtos, ficando grisalhos. Camisa de manga curta e gravata. Ombros fortes e arredondados, pescoço um tanto largo demais. O rosto amplo parecia pertencer a um homem calmo e gentil; não era a violência física que Sándor temia. Sem dúvida Gábor não era homem de sufocar interrogados com um saco plástico cheio d'água.

– O nome da minha mãe biológica é Valeria Rézmüves.

As palavras haviam saído uma a uma da boca de Sándor, estranhamente desconectadas umas das outras. A frase soava como de uma daquelas vozes computadorizadas dos serviços de atendimento telefônico: *Você. Discou. Zero. Quatro. Zero. Oito...*

– Cigana?

– Sim.

Rézmüves era um nome tipicamente romani, portanto não era preciso nenhum arquivo secreto ou poder sobrenatural para deduzir aquilo. Ainda assim, Sándor sentiu-se vulnerável, despojado de mais um segredo.

“As pessoas não precisam saber disso”, Ágnes sempre dizia. “Agora você é meu. Aquela outra coisa... a gente não fala dela, entendido?”

Ele nem havia completado 9 anos, mas àquela altura já sabia que o silêncio era a única resposta relativamente segura, então não dissera nada à madrastra, e ela havia apenas meneado a cabeça, como se aquilo fosse o que esperava. Uma criança que sabia ficar de boca fechada.

Gábor se levantou.

– Me dê licença um minuto – falou com polidez. – Continuamos daqui a pouco.

E retirou-se.

Sándor ficou sentado na cadeira de plástico cinza, os cotovelos apoiados na mesa. Estava quente na sala, mas não tanto quanto em seu quarto no Oitavo Distrito. A temperatura ali não era governada por variáveis como a incidência do sol ou do vento da rua, mas pelo botão de um condicionador de ar.

Sándor se sentia estranhamente desprovido de peso. Um astronauta solto no espaço, flutuando sobre a Terra. Podia ver a vida lá embaixo, sabia que havia pessoas rindo, conversando, trabalhando, fazendo amor, tomando banho, discutindo, tocando uma vida normal. Sabia que essas pessoas estavam ali, mas não podia tocá-las. Poucas horas antes ele acreditara que poderia ser uma delas, mas agora sabia que isso jamais aconteceria.

Ele ainda não havia perguntado por que estava ali. Não dissera uma única palavra que não fosse uma resposta aos questionamentos. Sabia que isso não era normal. Que, se Lujza, Ferenc e Mihály estivessem no seu lugar, teriam protestado, armado uma confusão, exigido advogados e explicações. Sabia também que, se quisesse *parecer* uma pessoa normal, teria que fazer o mesmo.

Mas não se sentia capaz.



Mais de meia hora se passara quando Gábor enfim voltou, trazendo consigo uma folha de papel que deixou sobre a mesa, diante de Sándor.

– Isto significa alguma coisa para você?

No papel, havia uma lista de URLs. Algumas eram húngaras, outras, não: unitednuclear.com, fegyver.net, attila.forum.hu, hospitalequip.org. Sándor não conhecia nenhuma delas.

– Não – respondeu.

– Estranho. Porque rastreamos o seu computador e descobrimos que você visitou todos estes sites, passando um tempo razoável em cada um.

Bastou um longo e gélido minuto para que Sándor tivesse um estalo, que soou como a explosão de uma bomba. Tamás. Com certeza fora ele quem visitara os sites, fingindo conversar com uma garota. Sándor examinou a lista outra vez. United Nuclear? Fegyver.net? Sem dúvida eram páginas especializadas em armas. Attila Forum parecia ser um daqueles sites de extrema direita que tiravam Lujza do sério. Mas hospitalequip.org? Por que diabos um site de equipamento hospitalar faria parte daquela lista? E por que Tamás teria se despencado de Galbeno para Budapeste para se meter com aquela gente?

– Eu... eu não me lembro – balbuciou Sándor, desesperado. – Tenho estudado muito para as provas da faculdade e sempre uso a internet quando estou estudando.

Uma resposta patética e evasiva, até mesmo para os próprios ouvidos.

– Entendo. E para que matéria da faculdade você precisou entrar em contato com o Hizb ut-Tahrir?

– O quê?

– Você também passou um bom tempo no hizbuttahrir.org.

– Ah... isso... – foi só o que ele conseguiu dizer.

Sándor sabia que o tal Hizb ut-Tahrir era uma organização islâmica. Mas o que isso teria a ver com Tamás? Eles nem pertenciam à mesma galáxia, ideologicamente falando. Tamás talvez *nem tivesse* uma ideologia, a não ser certo pendor para os prazeres da vida. Hedonismo, era esse o nome, correto?

Gábor se inclinou para a frente como se fosse confidenciar algo e Sándor, instintivamente, fez o mesmo.

– Sándor, preste atenção no que eu vou dizer. Não sou um desses idiotas que acreditam que os judeus e os ciganos tenham se juntado para destruir a Hungria. Por outro lado, não há como não ficar com a pulga atrás da orelha quando um universitário inteligente como você, estudante de direito e filho de mãe cigana, começa a pesquisar sites nacionalistas da extrema direita e sites islâmicos simultaneamente. Isso é muito estranho. E quando, de uma hora para outra, esse mesmo universitário inteligente começa a se interessar por armas e outros itens destrutivos... bem, o sinal de alerta começa a soar, se é que você me entende. Deve haver alguma explicação óbvia e natural. Portanto, você faria a gentileza de satisfazer a minha curiosidade?

Sinal de alerta? Sándor estava com dificuldade para entender que tipo de ameaça aquele homem do NBH enxergava em tantos grupos diferentes. Judeus, ciganos, extremistas de direita, muçulmanos... Só depois de um tempo foi que a ficha caiu: o que Gábor queria saber era se Sándor vinha planejando algum tipo de ataque aos Jobbik ou à Magyar Gárda, talvez como parte de uma conspiração sionista que também tivesse como alvo alguma organização islâmica. Uma defesa

armada ou até um ataque armado.

Só faltava o homem perguntar qual era a relação dele com os homenzinhos verdes de Marte.

– Foi uma pesquisa que precisei fazer – respondeu Sándor, impotente. – Para um trabalho da faculdade.

E assim prosseguiu o interrogatório, vez ou outra interrompido para uma visita ao banheiro, um sanduíche com café, um suposto “descanso” em que ele se deitava num colchãozinho fino sobre o piso de concreto do porão e ficava ali, olhando para o duto de ventilação que zumbia no alto. Ninguém o agredia fisicamente, tampouco o humilhava; portanto, talvez fosse uma grande sorte que ele estivesse no NBH, e não numa delegacia nos subúrbios de Budapeste. Mas os intervalos eram breves e as perguntas recomeçavam.

Ao se dar conta de que pretendiam fazê-lo passar a noite ali, Sándor mencionou a prova na faculdade numa tentativa de demovê-los.

– Por lei podemos mantê-lo detido por até 72 horas – foi só o que disse Gábor.

– Como? Apenas em circunstâncias especiais, quando a pessoa é detida no ato de uma ofensa...

– ... ou quando a identidade do detido não pode ser determinada com certeza – interrompeu Gábor. – Também já fui aluno de direito, tempos atrás.

– Identidade? Mas qual é o problema com a minha identidade?

– O problema é que o único registro de seu nascimento que conseguimos encontrar está com o nome de Sándor Rézműves. Até onde eu sei, você tem vivido sob um nome falso por mais de quinze anos e o passaporte que tirou sob o nome de Horváth... você nem sabe onde ele está.

– Ele foi... roubado.

– Quando seu passaporte é roubado, você deve dar queixa na polícia. Você não fez nada disso. Acredite, podemos levar *bem mais* do que 72 horas para estabelecer quem você é. Fácil, fácil.

Se você descobrir, por favor me avise.

Foi esse o pensamento que espocou automaticamente do subconsciente de Sándor, uma lembrança cristalina que por algum motivo sempre lhe vinha à cabeça em preto e branco. O gabinete do diretor do orfanato. Raios de sol atravessando as persianas. O cheiro poeirento que vinha dos livros e da papelada misturando-se ao perfume forte do produto que usavam para limpar o piso de linóleo.

– Seu pai veio buscá-lo, Sándor.

Porém, o homem que estava ali, listrado pelo sol da persiana, não era seu padrasto Elvis. Era um homem que ele nunca tinha visto antes.

Sándor ficou em silêncio. Ninguém contradizia o diretor, ele aprendera desde muito cedo. Mas aquilo só podia ser um mal-entendido.

– Olá, Sándor – cumprimentou o homem, estendendo o braço para um inusitado aperto de mãos. Só os adultos se cumprimentavam assim. – Vim levar você para casa.

Só então Sándor se deu conta de quem ele era. Ali estava seu pai húngaro, seu pai *gadjo*, o culpado por ele não ser filho de Elvis, mas apenas o “menino que Valeria teve antes de se casar comigo”. Sándor também compreendeu todo o resto: aquele homem tinha o direito de tirá-lo dali e ele não precisaria mais ficar no orfanato.

– Basta assinar aqui, Sr. Horváth – orientou o diretor.

– Mas e o Tamás e as meninas? – perguntou Sándor, aflito. – Eles não vêm também?

O Sr. Horváth se agachou diante de Sándor, que precisou baixar um pouco a cabeça para fitá-lo nos olhos.

– Não, Sándor – respondeu o homem no mesmo tom que vovó Éva costumava usar sempre que precisava explicar que isto ou aquilo não era possível porque a mãe dele estava doente. – Eles não são meus filhos, mas você é.

Então Sándor saiu com o Sr. Horváth, desceu com ele a ampla e escura escadaria e seguiu para o carro azul que esperava por eles no estacionamento. Acomodou-se no banco de trás, como fora instruído, e deixou que o homem prendesse o cinto de segurança. O Sr. Horváth foi para o banco da frente, deu a partida e o encarou pelo retrovisor, sorrindo.

– Aos poucos a gente vai se conhecendo melhor.

Sándor não disse nada. Seguiu calado enquanto o carro saía do estacionamento de cascalho para a rua asfaltada, deixando Tamás, Feliszia e Vanda para trás, abandonados nos prédios frios e cinzentos do outro lado da cerca.

~

Sándor foi interrogado pelo NBH em períodos de três ou quatro horas, três ou quatro vezes ao dia, por pouco mais de 48 horas. Não contou nada sobre Tamás. Como poderia?

— TEMOS UM PROBLEMA.

Christian, do TI, dera-se o trabalho de subir até a sala de Søren no segundo andar. Geralmente telefonava. Parara à soleira da porta e trazia consigo um pedaço de papel que parecia pequeno demais em suas manzorras.

— Tudo bem, entre – disse Søren, rolando a cadeira para trás e abanando a mão para incentivá-lo.
— Diga o que é.

Ele gostava de Christian, mas precisava ler pelo menos duzentas páginas antes da avaliação do exercício de treinamento que seria realizada mais tarde naquele mesmo dia, e dali a pouco receberia a visita de dois policiais americanos. Por que os problemas de TI nunca se resolviam em dez minutos?

Christian se adiantou sala adentro. Era um homem alto, com cerca de 45 anos, e tinha um peitoral largo e pulsos tão grossos quanto troncos de árvore. Trabalhava ali desde sempre e recentemente havia assumido o comando de quase todas as operações de vigilância na internet.

— Ontem começamos a rastrear os endereços de IP que você nos mandou – informou Christian, e deixou o papel diante de Søren. — Três pertencem a figurinhas conhecidas da extrema direita e aparentemente não foram muito longe. O mais provável era que estivessem apenas babando com as novas especificações de um M-79 ou algo assim. Fiz um relatório, depois mando para você.

Søren assentiu. Já havia previsto isso.

— Dois dos endereços que visitaram o falso site de equipamentos hospitalares provavelmente chegaram até lá por conta de um erro de busca. Isto é, o acessaram por acidente e saíram assim que viram o layout tosco da página inicial. O terceiro, o tal que você sublinhou... Bem, com esse o buraco é mais embaixo.

— Como assim? – Søren consultou o relógio. A delegação americana chegaria em dez minutos.

— Bem... – prosseguiu Christian, e pigarreou. — O endereço de IP pertence a uma escola técnica da zona noroeste da cidade e pode ter sido usado por um sem-número de alunos, professores, funcionários, etc. Por sorte, a busca foi realizada à noite, durante a semana de provas, por isso não havia muita gente no campus naquele momento. Para ser mais exato, dois professores e quatro alunos, identificados pelas câmeras de segurança. Pedimos permissão para copiar o conteúdo dos laptops de todos, mas um dos alunos negou acesso.

Søren rolou sua cadeira de volta para a mesa e examinou o papel deixado nela. Khalid Hosseini, 19 anos, morador de Mjølnerparken. Christian havia realçado o nome, o endereço e o número da identidade.

— O que você achou do garoto?

Christian deu de ombros.

– Me pareceu um sujeito normal. Cabelos curtos, calças bem largas, camiseta. Nenhuma pinta de fanático religioso, se é isso que você quer saber. Mas por pouco não borrou as calças quando pedimos para ver o computador dele. Falou que não ia entregar.

Søren ficou de pé e recolheu a papelada de que precisaria para sua reunião.

– Então providencie um mandado judicial. Precisamos ver o que tem nesse computador.

Christian aquiesceu, mas permaneceu junto da mesa como se esperasse por mais alguma coisa.

– Agora eu preciso ir – avisou Søren, procurando disfarçar a irritação que começava a brotar em seu peito.

Se o homem tinha algo mais a dizer, por que não dizia logo? Por acaso não via que ele estava de saída?

– Temos um problema de prazo – explicou Christian. – No momento, estamos no limite em termos de pessoal. Três dos nossos homens estão fazendo o curso sobre a RISE. Iben está no estaleiro por conta de uma virose. Martin ainda está de licença médica por causa do estresse. Além disso, tem a conferência chegando e...

Søren parou à porta. O problema era real, ele sabia disso. Ao longo do verão, os membros da defesa civil e dos serviços de emergência teriam que trocar seu sistema de comunicação por um novo, digital e coordenado, comum a todos. Rede de Informação Segura, ou apenas RISE. Dessa forma, esperava-se, ninguém precisaria se ver às voltas com os antiquados rádios analógicos durante a conferência. Essa mudança havia sido o principal motivo para o fracasso da equipe durante a simulação. Os técnicos de TI andavam sobrecarregados, trabalhando sob pressão. Uma infinidade de superiores, entre eles Søren, infernizava agora a vida de Christian e seus colegas.

– O que o garoto estava fazendo no tal site, você tem alguma ideia?

– Não. Quer dizer, ele ficou um tempo ali e a gente sabe que procurou por “radioterapia” e “tratamento de câncer”.

– Isso pode significar qualquer coisa, dada a natureza do site.

– É verdade. E os números de telefone que ele usou para os contatos subsequentes também não levaram a lugar nenhum. Provavelmente usou um desses aparelhos descartáveis e jogou fora logo depois. Também é possível que ele tenha roubado o celular. Seja como for, nenhum deles continua operante.

– Certo. – Søren tamborilou no umbral da porta e, num rompante, acrescentou: – Que tal este acordo? Você tira o computador do menino o mais rápido possível, antes que ele jogue a máquina fora ou faça algum tipo de troca. Depois... se você me mandar um relatório completo lá pela semana que vem, prometo deixá-lo em paz. Vou bater um papo com o garoto amanhã. Ouvir o que ele tem a dizer e aterrorizá-lo um pouco.

– Humm... que tal daqui a *duas* semanas? – Christian crispou o rosto num esgar de súplica que beirava o cômico.

– Tudo bem.

Por enquanto eles ainda estavam fazendo a investigação preliminar de um “murmúrio islâmico”. De nada adiantaria levar o homem a uma crise de estresse.

Era fato que os jovens – sim, entre eles alguns muçulmanos – frequentemente desenvolviam um

interesse nada salutar por receitas de explosivos e vídeos de suicídio. O Serviço vinha obtendo ótimos resultados ao tomar a iniciativa de cortar esse tipo de mal pela raiz: uma rápida conversa com o PET muitas vezes tinha o efeito de um balde de água fria sobre a cabeça quente daquela rapaziada obcecada por morte, destruição e coisas que fazem “bum!”. Havia um bom tempo Søren não conduzia uma dessas preleções corretivas, mas, naquele momento, essa era a solução mais simples. Boa parte de seu pessoal vinha fazendo hora extra desde meados de março, e não havia a menor chance de passar a batata quente para outro departamento. As equipes operacionais estavam tão sobrecarregadas quanto o TI e os colegas de Søren lutavam com unhas e dentes para defender os interesses dos próprios departamentos.

– Khalid Hosseini – Søren repetiu o nome do garoto para si mesmo enquanto seguia para a sala de reuniões no terceiro andar.

Era preciso ter colhões para dizer “não” a um agente do PET quando seu nome era Khalid. O que era um pouco preocupante.

SKOU-LARSEN HAVIA RETOMADO O HÁBITO de caminhar em torno do lago algumas vezes por semana. Uma boa caminhada que atualmente ele levava quase uma hora para completar. No passado, quando eles ainda possuíam um cachorro, fazia o mesmo percurso na metade do tempo, mas quinze anos já tinham se passado desde que Molly, a última de uma longa série de fox terriers batizadas com o mesmo nome, morrera.

Helle estava ajoelhada entre as plantas, tirando as ervas daninhas. Recentemente, havia adquirido um par de calças forradas de espuma na altura dos joelhos para que não precisasse mais zanzar pelo jardim com seu tapetinho de borracha. “Jardim” talvez fosse uma descrição generosa demais para o terreno de aproximadamente 800 metros quadrados que eles possuíam. O tecido rústico e o tom escuro do verde davam a Helle um traseiro bem maior do que ela de fato tinha.

– Já estou indo – avisou Skou-Larsen.

Helle não respondeu de imediato. Em vez disso, soltou uma exclamação de desgosto e ficou de pé com impressionante agilidade para seus 62 anos. Em seguida cuspiu:

– Elas estão aqui de novo!

– Elas quem?

– As lesmas espanholas!

Helle marchou para o barracão que fazia divisa com o terreno vizinho. Ilegais desde a época em que ele trabalhava no Departamento de Alvarás e Segurança da prefeitura, barracões semelhantes haviam sido pessoalmente embargados por Skou-Larsen. O deles, no entanto, já devia estar ali quando a casa fora construída, isto é, em 1948.

Armada de uma espátula, ela saiu do barracão e usou a ferramenta para atacar o gastrópode invasor, partindo-o ao meio.

– Preciso que você providencie mais iscas de lesma – disse ela. – Hoje mesmo, se possível.

– Para que tanta pressa? É só uma lesma.

Helle se endireitou e usou o punho para tirar os cabelos do rosto. As luvas de jardinagem estavam imundas de terra e seiva.

– É uma espécie invasora – retrucou ela, os olhos azuis faiscando de raiva. – Essas lesmas não têm nenhum predador por aqui e um indivíduo sexualmente maduro pode botar até quatrocentos ovos numa única estação. A gente *precisa* dar um jeito nelas.

– Tudo bem, já entendi. Compro as suas iscas na volta.

– Aonde você está indo?

– Caminhar no lago.

– Leve o celular.

Skou-Larsen resmungou. Não simpatizava nem um pouco com a engenhoca. Tinha dificuldade

para ler os números nos botões minúsculos e ainda não sabia muito bem como mexer na coisa. Mas Helle tinha razão, não seria prudente sair de casa sem levar um telefone. E se ele levasse um tombo e quebrasse o quadril? E se tivesse um infarto na beira do lago e caísse duro no meio dos juncos, onde ninguém pudesse encontrá-lo? Se teria condições de usar um telefone nessas situações, aí já eram outros quinhentos.

Ele entrou novamente, tirou o celular de uma gaveta e o guardou no bolso da jaqueta corta-vento cinza-escura.

– Ok, já estou indo! – berrou para a mulher no jardim.

– O jantar hoje é às cinco e meia, não vá esquecer, hein?

Puxa, já era quarta-feira outra vez? Só podia ser. Era nas noites de quarta que ela tinha seu ensaio de coral. Nas outras, eles sempre jantavam às seis.



Ventava forte à beira do lago. Ao fim de uma semana de muito calor, quando tudo havia florescido de uma vez só, o frio voltara novamente. A idade o deixara ainda mais sensível às baixas temperaturas e, por sorte, ele estava de jaqueta. O movimento era grande por ali: muita gente passeando com o cachorro, muita gente obcecada pela forma física. Não sem alguma inveja, ele via os corredores com as pernas musculosas de fora, sorrindo e conversando uns com os outros apenas para deixar claro que aquilo não passava de uma simples brincadeira à beira d'água. Eles que aguardem, pensou Skou-Larsen. Ainda chegaria o dia em que aquela gente também perderia o fôlego ao se levantar de manhã, receando não ter forças sequer para chegar ao banheiro.

Ele mal tinha chegado ao parque do lago quando os sintomas começaram. Não só a dor no quadril – essa ele já conhecia, talvez até se acostumasse a ela um dia –, mas também uma pontada no peito, algo parecido com um beliscão, porém pior. Um pé na cova, pensou, e mais uma vez foi tomado pela frustração porque não conseguira que aquele advogadozinho de merda que mal havia saído dos cueiros entendesse que Helle precisava de proteção.

Ela acabara de completar 22 anos quando eles se casaram; ele tinha 46. Haviam se conhecido na prefeitura, onde ela trabalhava como secretária do prefeito, função da qual se desincumbia com surpreendente desenvoltura, uma eficiência tranquila que lhe dava um ar mais maduro e profissional em comparação com a maioria das outras meninas da equipe de datilógrafas. Isso mesmo, era assim que elas eram chamadas à época: “as meninas”. Sem nenhum traço da correção política que agora se tornara obrigatória. Eram os anos 1970, quando as bolsas de franja e os shortinhos jeans começavam a ganhar terreno até mesmo nos rincões mais conservadores do serviço público. Apesar disso, Helle se mantinha firme nas saias-lápis, nos casaquinhos de tricô e nos colares de pérolas, uma elegância à la Chanel que, aos olhos dele, lhe dava um ar de Grace Kelly. No entanto, somente ao descobrir que o pai da moça vinha buscá-la todas as tardes porque ela não ousava voltar sozinha para casa... só então ele percebera a real extensão da vulnerabilidade que se escondia sob a fachada de profissional competente. Uma vulnerabilidade que o comoveu profundamente, o bastante para que ele sugerisse, com cautela, que ficaria feliz em oferecer uma carona sempre que o pai dela não pudesse

comparecer.

Uma diferença de 24 anos era bem grande mesmo naqueles tempos, mas ela mal se fazia sentir.

“Papai é dezessete anos mais velho que mamãe”, contara ela. “E eles me tiveram tarde. Estou acostumada a pessoas mais velhas.” Não havia nenhuma ironia em sua voz ou em seu olhar. Com o passar dos anos, ele pudera constatar que fora mesmo sincera, via que ela se sentia mais à vontade com as pessoas da geração dele do que com as da sua própria. Movimentos de protesto, queima de sutiãs, substâncias alucinógenas, nada disso pertencia a seu mundo. A juventude lhe metia medo.

Um homem na casa dos 40 pensa apenas tangencialmente no que poderá acontecer à sua parceira quando ele não estiver mais por perto, e Skou-Larsen não havia fugido à regra. Mas agora não conseguia pensar em outra coisa. A poupança, a casa, a pensão de viúva, tudo isso bastaria para que Helle tivesse uma velhice confortável desde que gastasse de forma consciente, e esse era o problema. Costa del Castle-in-Spain. O condomínio onde ela havia comprado um apartamento sem ao menos consultá-lo. Como pudera fazer uma coisa dessas? Mais de meio milhão de coroas enterrado naquilo. Teria sido mais fácil jogar o dinheiro na privada.

Ele parou e apertou o próprio peito. Mais um corredor o ultrapassou, não um daqueles jovens musculosos, falantes e bem treinados de antes, mas um cinquentão cuja pança balançava em descompasso com o resto do corpo. Skou-Larsen via o medo da morte reluzir de modo sobrenatural no semblante do homem, na expressão de tortura que ele trazia no rosto já bastante avermelhado pelo esforço.

Em seu aniversário de 50 anos, ninguém esperava que ele comprasse um moletom e saísse por aí, correndo em torno de um lago. Ele ainda se lembrava do sofisticado cortador de charutos Georg Jensen que recebera de presente dos funcionários.

A caminhada já estava de bom tamanho, decidiu. Fazia frio e ele queria voltar para casa.

Seguiu pela Lundedalsvej em vez de tomar a paralela Ellemosevej, o que talvez não fosse uma boa ideia, sobretudo agora que não se sentia tão bem. Além disso, ele seria obrigado a mentir caso Helle perguntasse, e ela perguntaria, disso tinha certeza.

A estradinha de acesso ainda não fora pavimentada. Eles haviam jogado um pouco de cascalho sobre a terra já bastante sulcada em razão do tráfego dos caminhões e das máquinas pesadas. A cerca em torno do canteiro de obras ziguezagueava de forma irregular, confinando pilhas e mais pilhas de tijolos de cimento. Um homem de capacete amarelo e colete neon acabava de fechar o portão após a saída do último caminhão. Skou-Larsen ergueu a mão em um aceno, gesto que educadamente costumava fazer quando não queria apertar a mão de alguém.

– E aí, como vão as coisas?

O homem agora passava uma corrente grossa pelas alças do portão. Virou-se um pouco com um olhar de suspeita, mas relaxou assim que viu Skou-Larsen às suas costas. Decerto não via nenhuma ameaça num vovô de jaqueta corta-vento e chapeuzinho de tweed.

– Que coisas? – questionou ele com alguma rispidez.

– A obra. Está progredindo bem?

Já fiscalizei centenas de prédios na minha vida, pensou Skou-Larsen, e empertigou o tronco numa postura de autoridade.

O homem franziu a testa, sem saber ao certo o que fazer com o recém-chegado. Afinal, ainda havia a possibilidade de que o velhote não fosse apenas um gagá enxerido e realmente tivesse algum tipo de influência sobre os chefões da empresa.

– A obra está indo bem – respondeu ele enfim. – Com os atrasos de sempre, claro. E apesar do cão de guarda que arrumamos, também tivemos alguns problemas de vandalismo. Nem todo mundo está de acordo com isso aí.

Ele apontou com o polegar para a placa grande às suas costas, na qual se viam algumas linhas de texto em árabe e, abaixo delas, em corpo menor, CENTRO CULTURAL ISLÂMICO AL-KABIR.

– Suponho que não estejam – disse Skou-Larsen em tom neutro. – Mas você acha que a obra termina ainda neste verão?

– Na verdade, não temos muita escolha – respondeu o homem, com um sorriso irônico. – Um imame vem de Londres para abençoar o prédio na grande festa da inauguração e, claro, ninguém é besta de atrapalhar a agenda do homem.

– Ah, sim. Bem, nesse caso... boa sorte para vocês.

O homem assentiu, fechou um pesado cadeado nos elos da corrente e saltou para dentro de uma *station wagon* vermelha de placas amarelas.

Por que diabos as pessoas não se despediam mais antes de ir embora?, perguntou-se Skou-Larsen.

Ele ainda ficou alguns minutos por ali, espiando através da cerca. Em princípio, a tal obra era uma reforma, mas, fora os alicerces, pouco havia sobrado da antiga fábrica. Paredes brancas com janelas arqueadas tinham suplantado o concreto arranhado de outrora e, agora, telhas verdes de cerâmica esmaltada tomavam o lugar do velho telhado de cimento-amianto ondulado. Mais ao fundo da construção, logo depois do pórtico de entrada, duas torres compridas ladeavam um domo, ainda escondidas sob uma pesada lona vermelha. Segundo a placa, o que estava ali era um centro cultural, mas a arquitetura dizia outra coisa: ali estava uma mesquita, sem tirar nem pôr.

Um chuveiro começara a cair. Skou-Larsen precisava chegar em casa antes que a chuva apertasse. Uma gripe poderia ter consequências fatais àquela altura. Søndergaard, seu ex-parceiro de bridge, havia morrido assim: um escorrimento no nariz, alguns espirros e, de repente... gripe, pneumonia, atestado de óbito e cremação. Nada de tão raro ou exótico como a doença dos legionários, mas apenas a boa e velha gripe. E ainda por cima o finado era três anos mais novo do que ele.

Desanimado, Skou-Larsen lançou um derradeiro olhar na direção dos pseudominaretes. Vinte e cinco anos antes, talvez coubesse a ele aprovar ou embargar o alvará daquela construção. Mas o mais provável era que naquela época nada daquilo sequer chegasse a ser proposto.

Se pelo menos aqueles malditos minaretes fossem um pouco menores... Mas eram grandes o bastante para serem vistos do quintal dele na Elmhøjvej.

Entrou em casa às 17h15. Da cozinha, vinha o cheirinho bom de um jantar em preparação e o som da margarina que crepitava na frigideira. Ele pendurou a jaqueta e o chapeuzinho nos ganchos ao lado da porta, retirou os sapatos e calçou os chinelos forrados de lã que Helle lhe dera no Natal.

– O que temos para hoje? – perguntou com falso entusiasmo.

– Rissole.

Helle exibia na testa uma ruga de preocupação; estava visivelmente tensa. Talvez receasse se atrasar para o ensaio do coral, pois até mesmo os compromissos mais banais a deixavam aflita. Ela passou a espátula sob um dos rissoles e rapidamente o virou de lado.

– Você passou por lá?

– Não – mentiu ele. – Por que passaria?

– Você prometeu comprar minhas iscas de lesma, não vá esquecer, hein?

– Depois do jantar eu compro. A loja fica aberta até as sete. Mas se pudesse ficar para amanhã...

– Não, não pode – interrompeu ela, virando o rissole seguinte. – A gente tem que dar cabo daquelas danadas antes que elas tenham a oportunidade de se reproduzir.

RINA HAVIA DESAPARECIDO.

Os professores sabiam disso desde o início da manhã, mas Nina só foi descobrir na hora do almoço, quando chegou para ficar com a menina, hábito que havia adquirido desde o julgamento.

– Ela tomou seu café e pegou a mochilinha, como todas as outras crianças – disse Rikke, uma das cuidadoras, na defensiva. – Mas não apareceu na sala de aula. Todo mundo está à procura dela.

Nina consultou o relógio. Eram 13h45 e um vento frio assolava o acampamento de Furesø. Era preciso uma boa dose de determinação para que uma menina de 7 anos ficasse sozinha na rua por tanto tempo, mas por enquanto essa era a hipótese mais palatável – que Rina tivesse deixado o centro por iniciativa própria. Não era de todo impensável que Michael Anders Vestergaard, o ex-noivo de Natasha, a tivesse levado consigo, mas Nina achava difícil. A imagem do homem no tribunal lhe veio à cabeça: camisa recém-passada, perfume caro, sorriso largo e presunçoso. Era um sádico filho da puta, quanto a isso não havia dúvida, mas sua onda eram os crimes menos arriscados. Mulheres marginalizadas pela sociedade e, possivelmente, suas filhas também; vítimas que ele pudesse controlar sem correr o risco de ir parar atrás das grades com um bando de motoqueiros criminosos mal-encarados. Rina ainda representava um risco muito grande para ele.

– Avisamos a polícia – informou Rikke. – Eles perguntaram se ela tinha algum parente com quem pudesse estar.

– Eles sabem muito bem que a mãe dela está presa – replicou Nina, pegando do bolso as chaves do carro. – Rina não tem ninguém mais por aqui.

– Bem, sabe como é... Os recursos da polícia não são ilimitados.

Nina sabia disso muito bem. Crianças fugiam de creches a toda hora e muitas realmente eram encontradas com algum parente em meio à população errante que vagava no território europeu. Mas Rina não era esse tipo de criança.

– É bem provável que ela acabe voltando por conta própria – falou Rikke, fazendo o possível para sorrir.

Nina nem conseguiu esboçar uma resposta. Fazia quase seis horas que Rina estava sumida; àquela altura, procurar a polícia seria um passo tardio e inútil. O mundo era um lugar perigoso para crianças como Rina. Aquilo não era algo que pudesse esperar até que algum delegado tomasse a iniciativa de correr atrás de recursos.

Ao que parecia, essa também era a opinião de Magnus, pois, ao voltar para a clínica, Nina deparou com o chefe já pronto para sair: paletó vestido, telefone na mão.

– Vou dar uma olhada nos arbustos atrás da escola. Você vai levar o carro?

Nina assentiu enquanto rapidamente digitava uma mensagem para sua filha: *Atrasada. Pega 300 coroas no envelope da cozinha e chama um táxi. Chego lá o mais rápido possível.* Era quarta-feira,

dia do jogo de hóquei.

– Semana passada levei a menina para ver a mãe – disse Nina. – Acho que ela prestou atenção no caminho. Vou pegar o carro e refazer o percurso.

– É um longo caminho para uma criança de 7 anos – argumentou Magnus.

O presídio em que Natasha cumpria pena ficava do outro lado da cidade, a uns 30 quilômetros de distância.

– Eu sei. Mas, no lugar de Rina, para onde mais você iria?



Meia hora de jogo já havia transcorrido quando Nina enfim chegou ao ringue de asfalto nos subúrbios ao sul da cidade. As meninas jogavam a céu aberto naquele dia, com a colaboração do tempo. O ringue estava seco e limpo, a tarde seguia fresca. Nina se acomodou ao lado da técnica nas arquibancadas rabiscadas pelos grafiteiros, depois procurou pela filha. Não demorou para localizar o capacete dela, preto com caveiras cor-de-rosa. Fazia quase dois anos que Ida integrava a equipe das Pink Ladies; miúda e rápida como um raio, era uma atração à parte na confusão da partida. As meninas de sua idade eram quase todas mais altas e pesadas, mas aparentemente ela não se deixava intimidar, ainda que à custa de muitos hematomas e arranhões.

Ela estava jogando no ataque. Cruzou diante de uma adversária, roubou a bola com alguns golpes rápidos do taco, depois disparou, fazendo o gol com uma única e explosiva tacada. Mal conseguiu desviar das traves metálicas antes de se esborrachar com um baque surdo nos anteparos atrás do gol.

Nina já vira esse tipo de lance antes, sabia que aquilo era parte do jogo, mas ainda assim teve a impressão de que a filha estava mais agressiva que de costume na sua posição de atacante. Olhou de relance para a treinadora, que apenas meneou a cabeça para ela antes de voltar sua atenção para o ringue.

Ida patinou de volta para sua metade do campo com o taco erguido num gesto breve de vitória. Os cabelos suados brilhavam sob a borda do capacete; o rosto se crispava numa careta de concentração. Nina a seguia com os olhos, aliviada ao vê-la novamente ao lado das companheiras de equipe.

A partida continuou.

Ida aguardava de prontidão no meio do campo quando a bola voltou ao jogo e ela se atracou com as atacantes adversárias, os tacos batendo e raspando contra o asfalto. Por fim, conseguiu se desvencilhar com a bola e saiu em disparada rumo ao gol adversário, praticamente sozinha em campo. As demais jogadoras partiram no encalço dela, mas sem grande ímpeto, já antevendo o gol que ela de fato marcou. Dessa vez não conseguiu controlar a própria velocidade: tropeçou, sapateou alguns passos com os patins e caiu estatelada de bruços no asfalto, num tombo horroroso. Ficou estirada ali, imóvel e muda.

– Merda! Ela nem estava sendo marcada! – exclamou a técnica, e correu para socorrer Ida, atropelando os demais na arquibancada.

Nina foi atrás da mulher. Na qualidade de enfermeira, tentou aplacar a emoção de socorrer a

própria filha. Claro que nada de grave havia acontecido. Claro que não. Agachada diante de Ida, pensou: o mais provável é que tenha perdido o ar dos pulmões, só isso. As articulações e as mãos estavam protegidas pelo equipamento. Cautelosamente, tocou o ombro da filha.

– Tente se alongar um pouco. Vai ajudar.

Ida a fulminou com o olhar.

– Fica fora disso. – Rolando para o lado com um grunhido de dor, disparou: – O que você está fazendo aqui, afinal?

As demais Pink Ladies já haviam se aproximado também. Anna e a novata, Josefine. Olhando torto para Nina, elas ajudaram Ida a se erguer.

– Achei que você não ia poder vir – disse Anna, num tom que Nina não soube ao certo como interpretar. – A gente demorou séculos para achar um táxi. Ainda mais com essa tralha toda...

– Olha, eu sinto muito, mas...

Bruscamente, Ida virou as costas e saiu patinando para seu lado do campo. Abandonada ali, Nina completou suas desculpas para Anna e para o espaço vazio onde antes estava a filha.



Rina só fora encontrada às 15h45. O proprietário de uma horta coletiva em Gladsaxe ligara depois de ver a menina ficar por mais de vinte minutos junto ao alambrado da autoestrada, encolhida, a mochilinha ainda nas costas. Perdera-se naquelas imediações, concluíra Nina. Decerto não tivera coragem para prosseguir ao deparar com o viaduto do metrô de superfície. Rina tinha chorado ao ver Nina chegar, mas, a não ser pela exaustão generalizada de um dia inteiro passado sem comida e água, não havia nada de errado com ela. Nada além do habitual, observou Magnus objetivamente. Ele se oferecera para cuidar da menina pelo resto da tarde e Nina seguira para o ringue de hóquei como se sua vida dependesse disso, ou pelo menos tão rápido quanto permitira o trânsito congestionado da cidade. Merda, merda, merda.

As garotas tinham vencido de lavada, mas Ida agora fazia o possível para evitar o olhar da mãe enquanto se aliviava do equipamento junto às arquibancadas. Não permitiu nem que ela a ajudasse a guardar a tralha na bolsa.

– Minha mãe já deve estar chegando – disse Anna, falando com Ida. – Não vai dar pra gente tomar uma ducha.

Ida ainda pelejava com as caneleiras, mas Nina já tinha entendido: a filha arrumara uma carona de volta para casa.

– Mas seria mais fácil se você voltasse comigo, já que estou aqui – arriscou Nina.

– Não, obrigada – recusou Ida.

De início, ela tentou um olhar de frieza e arrogância, mas de repente os cantos da boca começaram a tremer e ela rapidamente virou o rosto.

– Nós chegamos atrasadas para o jogo. Dá para imaginar o mico que foi? Para *nós três*? Quase não deixaram a gente jogar.

Nina olhou de relance para Anna na esperança de que ela as deixasse a sós, mas a menina não

arredou pé. Estava desconfortável, mas não se mexeu.

– Vem, vamos embora. – Nina pegou a bolsa do equipamento e a jaqueta de Ida. – Quero dar uma olhada nesses arranhões assim que a gente chegar em casa.

– Não. – Ida arrancou a jaqueta das mãos dela. – Você como mãe não vale nada. Vou dormir na casa da Anna.



Aborrecida, Nina viu-as partir.

Ida curvava o tronco ligeiramente enquanto caminhava, como se ainda sentisse dores. Anna e Josefine a assistiam feito duas escudeiras desajeitadas e mudas. A mãe de Anna se virou para um rápido aceno antes de entrar no carro e deixar o estacionamento com as garotas.

Nina jogou a bolsa do equipamento no banco traseiro do carro. Outras mães mais falantes e otimistas já lhe haviam dito que existia vida após a adolescência. Em outras palavras, ela sobreviveria a tudo aquilo. E Ida também.

— QUER BEBER ALGUMA COISA?

Søren olhou com surpresa para o garoto que esperava por ele no café. O próprio Khalid havia sugerido que se encontrassem ali, no Café Offside, um desses lugares em que as pessoas se reúnem para beber, falar muito alto e ver jogos de futebol, o último santuário dos tabagistas a julgar pelo fedor de cigarro que empestava o ambiente. Ficava perto da estação de metrô de Nørrebro e parecia ser de certa forma o território de Khalid, pois tomara a iniciativa de pedir os drinques. Søren ignorou aquela pequena provocação e assentiu de forma breve.

— Sim. Um club soda, por favor.

Khalid agilmente saiu do canto mais escondido do reservado, ziguezagueou através da multidão de clientes em pé, deixou uma nota no balcão do bar e voltou dali a pouco com a bebida em punho. Retomou seu lugar e sorriu para Søren com as sobancelhas arqueadas. Um anjinho, ironizou Søren com seus botões, e por um instante pensou se não teria sido melhor aparecer de surpresa na casa do rapaz, apenas para desestabilizá-lo. Esses garotos em geral baixavam a crista quando um pai carrancudo estava por perto no sofá. Por outro lado, as famílias eram um elemento de dispersão, dificultavam a conversa, e Khalid tinha três irmãos mais novos, além da mãe que sem dúvida ficaria se lamentando envergonhada ou não pararia quieta, oferecendo chá e bolo doces demais. Søren se recostou e tentou manter contato visual com seu jovem anfitrião.

O garoto tinha 19 anos, membros compridos e nenhum pelo no rosto, apenas costeletas perfeitamente desenhadas. Estava usando tênis brancos, camisa laranja justa e calças jeans escuras que pareciam um tanto caros.

Depois de certo tempo, Khalid enfim ergueu os olhos para seu interlocutor.

— Sobre o que você queria falar?

Søren permaneceu em silêncio. Lentamente, foi derramando o club soda no copo enquanto, de rabo de olho, via a máscara do garoto começar a cair. Os jovens não estavam acostumados a momentos de calma na conversa, quanto mais a hiatos silenciosos. Khalid voltou a baixar os olhos para o refrigerante que vinha bebendo e deu um gole nele. De repente, teve a ideia de pegar o maço de cigarros na mochila preta que deixara sob a mesa. Com os dedos um pouco trêmulos, tirou um cigarro para si e já ia estendendo o maço na direção de Søren quando, a meio caminho do gesto, decidiu deixá-lo sobre a mesa.

— Fique à vontade para...

Søren não fez mais do que encará-lo, impassível.

— Quer dizer, se você estiver a fim de fumar...

Khalid apelou uma última vez para seus modos de anfitrião, mas o sorriso logo murchou. Restou-lhe então acender o cigarro, com os olhos voltados para a porta, como se começasse a avaliar suas

opções de fuga.

Para Søren, tudo corria bem.

Ele respirou fundo e se inclinou ainda mais sobre a mesa.

– Precisamos do seu computador, Khalid. Nossos técnicos não entenderam muito bem a explicação que você deu para não entregá-lo. Por isso quis falar com você. Para ouvir sua explicação mais uma vez.

– Não dei explicação nenhuma. O computador é meu e pronto.

Khalid agora encarava Søren com o queixo projetado numa postura de desafio. O garoto até que era inteligente, avaliou Søren. Não por conta do que dissera até então, mas pelo que se via nos olhos dele, a desenvoltura dos movimentos, o comportamento razoavelmente civilizado que vinha tendo naquelas circunstâncias. Tudo isso demandava autocontrole, além de certa capacidade mental.

– Você é muçulmano, Khalid?

– Que diferença isso faz?

Søren aquiesceu com um sorriso.

– Quero saber um pouco mais sobre você, só isso. Fiz uma pergunta direta.

Khalid soltou fumaça pelo nariz e, pela primeira vez, se virou para olhar diretamente nos olhos de Søren sem nenhuma indicação de hostilidade.

– Olha para mim, cara. O que é que você acha?

– Praticante?

Khalid deu de ombros, recostou-se no sofá e tragou mais uma vez.

– Então é esse o problema? Religião? Vocês acham que eu sou um terrorista ou qualquer merda do gênero? – Ele murchou os ombros um pouco e abriu um sorriso irônico, espalmando as mãos para Søren. – Pô, cara, eu adoro os dinamarqueses. Adoro a Dinamarca. Sou completamente inofensivo. Khalid muçulmano bonzinho – arrematou com frieza, carregando no sotaque, encarando-o com um olhar de escárnio.

Naquele momento, era um garoto indignado, muito mais do que inseguro, e Søren não sabia ao certo como interpretar aquilo. Se Khalid estivesse arquitetando algo perigoso, não deveria demonstrar um mínimo de medo?

Inquieto no sofá, olhando para Søren com um misto de desprezo e desconforto físico, Khalid disse:

– Não vou deixar vocês olharem meu computador porque vocês são uns racistas filhos da puta. Estou cagando para o que estão tentando descobrir. Sei muito bem como são essas coisas. Tinha um monte de gente naquela noite na escola. Mas vocês me escolheram porque sou árabe. – A voz de Khalid falhou algumas vezes devido à raiva. – Conheço bem essas merdas todas que vocês aprontam com a CIA. Os inocentes que vocês mandam para serem torturados no Egito ou sei lá onde...

Søren lentamente balançou a cabeça.

– Só queremos saber o que você estava fazendo naquela noite, por que estava visitando aqueles sites de tráfico de armas... Talvez estivesse apenas procurando uma bela arma para deixar debaixo do travesseiro. Somos do PET. Não estamos nem aí para essas bobagens. Se você tiver uma boa explicação para dar, então fale.

– De que diabos você está falando?

Khalid ficou de pé, tropeçou ligeiramente na mochila a seus pés, pegou-a do chão e foi se espremendo para sair da mesa. Søren viu o controle que pensava ter sobre a conversa ir por água abaixo.

– Khalid! – Calmamente, mas com firmeza, ele pousou a mão sobre o ombro do garoto. – Um pouco mais de cooperação seria um passo inteligente neste momento. Pense bem.

Khalid parou e lançou um olhar furioso para Søren.

– Me deixa em paz. Não vou entregar computador nenhum.

Søren tirou o celular do bolso e clicou nas mensagens. Lá estava ela, o SMS de Christian, enviado cerca de dez minutos antes.

– Pegamos seu computador assim que você saiu de casa. Sua mãe até ofereceu um chá para os meus colegas enquanto eles davam uma olhada no seu quarto.

Khalid ficou parado, balançando ao vento como uma árvore na tempestade.

– Como assim? O computador é meu! Vocês não podem fazer isso! Ele é meu! Estou estudando para uma prova e...

Søren passou por ele e foi seguindo na direção da porta.

– Você terá notícias assim que terminarmos o serviço. Pode demorar.

Antes de sair, olhou para trás. Khalid permanecia imóvel, com uma das mãos sobre a mesa, como se precisasse de apoio para não cair. A mochila pendia imóvel e pesada da outra mão.



Na penumbra da calçada, Søren discou um número enquanto um trem de superfície retumbava no alto dos trilhos. Não sabia muito bem o que pensar de Khalid. O garoto podia discursar o quanto quisesse sobre racismo e violação de direitos, pois isso não mudava o fato de que ele estava escondendo alguma coisa.

– Alô? – atendeu Christian, parecendo mal-humorado e afogueado.

Pelos ruídos de fundo, era bem provável que estivesse preso num congestionamento qualquer durante a volta para a base.

– Então, como foi? – quis saber Søren.

– Mãe assustada, pai puto, irmãos fofinhos e um laptop que pelo menos se parece com o das imagens de segurança. Tudo correu como esperado.

– Vasculhe essa máquina o quanto antes.

Søren correu os olhos à sua volta antes de entrar no carro, hábito que havia adquirido nos velhos tempos em que integrava o serviço de vigilância.

– Pegue a senha e entre na fila.

Christian não costumava ser rabugento assim, mas já passava das nove e meia da noite e ele tinha dois filhos pequenos em casa. Søren lembrava-se das fotos de família que vira na sala do técnico no térreo.

– Só mais uma coisa, Christian, depois largo do seu pé. Khalid. Você grampeou o celular dele,

certo? Quero saber com quem ele vai conversar hoje à noite.

SÁNDOR FOI SOLTO QUATRO HORAS ANTES de sua prova. Ele agora se achava sob o sol matutino na rua Falk Miksa, diante da enorme colmeia de concreto que era o prédio do NBH, e tinha a impressão de que a calçada ondulava sob seus pés. Estava com as mesmas roupas havia quase três dias, sabia que fedia. Homens e mulheres seguiam bem-vestidos e apressados para o trabalho, contornando os turistas com habilidade e irritação. Os antiquários estavam para abrir. Os carros passavam na rua, envoltos em uma nuvem de monóxido de carbono.

Sándor era uma ilha perdida naquele mar de normalidade cotidiana. Uma ilha, não. Ilhas eram grandes e sólidas. Ele não passava de um corpo estranho, nem húngaro, nem turista. Um cigano imundo que ainda recendia ao suor de uma sala de interrogatório.

Bola pra frente, disse a si mesmo, mas sem nenhuma convicção.

Tomou um bonde para casa. Seria mais rápido do que tomar um táxi, apesar da distância que teria de atravessar a pé com suas pernas de borracha. Mas esse não era o motivo real. Ele não se incomodaria com o tempo extra, tampouco com o custo maior, se achasse que podia ser tratado como um ser humano normal dentro de um táxi, se pudesse simplesmente se acomodar no banco de trás e se regalar com o ar condicionado. Um cliente pagante, um membro da sociedade.

Por sorte, não topou com nenhum conhecido ao chegar à rua Szigony. Até mesmo o banheiro estava vazio e, por quase meia hora, ele se lavou na água quente e amarelada do chuveiro. A espuma ia desenhando figuras brancas e irregulares em torno de seus pés. Ele se ensaboava por inteiro, depois enxaguava. Ensaboava e enxaguava, ensaboava e enxaguava. Até que a espuma começou a entupir o ralo e ele se viu obrigado a fechar a água para não alagar o banheiro.

Em seguida, barbeou-se com esmero e jogou punhados de loção nas faces, no queixo e no pescoço. A parte inferior do rosto ardia como se estivesse em carne viva, mas isso não tinha a menor importância. Olhando-se no espelho, de repente achou que o matagal de pelos grossos nas axilas e no peito era bestial. Rapidamente se cobriu de espuma e atacou-os com a navalha, abrindo clareiras no peito, ora de um lado, ora do outro, até restar apenas uma camada sombreada. Em razão da rapidez e do vigor da operação, abriu dois pequenos talhos latejantes na pele, mas isso também não tinha importância. Ele não queria parecer um bicho, nem mesmo sob a camisa.

Por fim se vestiu: o mesmo terno do batismo, uma camisa branca, gravata, meias e sapatos pretos, apesar do calor. Emplastou os cabelos com o gel caro que raramente usava e mais uma vez se olhou no espelho.

“Você nem parece cigano”, Lujza dissera uma vez. Mas ele tampouco parecia húngaro. Parecia o que de fato era: um mestiço. Naquele momento em particular, mais parecia um homem fantasiado com um terno.

Ele pensou em Tamás, na segurança que o garoto irradiava desde as botas de bico fino até os

cabelos compridos e negros. Nem isso ele tinha. Nem mesmo isso.

Sobre a mesa estava um bilhete. *ME LIGA*, Lujza escrevera em letras garrafais. Também havia mais de vinte ligações não atendidas na memória do telefone, mas tudo isso poderia ficar para depois. Seria possível que Lujza já soubesse de sua soltura? Caso contrário, era bem provável que a garota estivesse a caminho do gabinete do promotor público com uma pistola de paintball em punho ou pelo menos um abaixo-assinado com milhares de assinaturas.

Tudo isso teria que esperar, ele decidiu. O mais importante agora era fazer uma boa prova.

~

A sala de pé-direito alto fedia a charuto. Os compêndios e livros nas estantes de mogno, as pesadas cortinas verde-escuras, o carpete igualmente verde, tudo isso estava impregnado do cheiro dos charutos. O professor fumava com absoluto desdém pelas normas antitabagistas da universidade. A sala era sua fazia vinte anos; de nada adiantaria reclamarem que se tratava de propriedade pública.

Algumas mesas e cadeiras dobráveis haviam sido colocadas ali para que os alunos pudessem fazer seus últimos preparativos antes da apresentação oral. A fragilidade do plástico e do latão das estruturas contrastava bastante com a solidez do mogno dos móveis originais, e nenhuma das três vítimas parecia se sentir bem-vinda naquele lugar.

– Sándor Horváth.

Sándor recolheu suas anotações, levantou-se e foi para o centro da sala. Não havia cadeira para os candidatos no momento do exame. Eles se colocavam diante da mesa do professor, munidos apenas de algumas anotações manchadas de suor, compiladas de última hora. Mihály dissera certa vez que se imaginava defendendo um caso no tribunal sempre que era submetido a esse tipo de situação. Achava que isso lhe conferia uma postura diferente, um ar de autoridade que facilitava a retórica e de algum modo aplacava o desnível de poder entre professor e aluno. Sándor tentou se valer do mesmo artifício, sem grande sucesso.

Teve a impressão de que o professor Lőrincz o fitava com certa hostilidade. Nunca tivera muito contato com ele; era apenas um dos 150 alunos que haviam passado por suas aulas. Com 50 e poucos anos, Lőrincz era um homem muito magro e tinha dedos muito compridos, além de uma cabeleira castanha que, penteada para trás com gel, deixava-o tão parecido com Hugh Grant quanto Ferenc – desconsiderando-se, claro, as mechas desde muito grisalhas. Ele costumava segurar o charuto entre o mindinho e o anular da mão esquerda, tal como atestava o encardido da pele naqueles dedos. Era um bom professor, mas intelectualmente arrogante, implacável com os ignorantes e os despreparados.

Mas você não é uma coisa nem outra, afirmou Sándor a si mesmo. “O aluno mais bem-preparado da história desta universidade”, não fora assim que Ferenc o havia chamado?

– Diga o que tem a dizer.

A ordem foi curta e súbita. Nenhum boa-tarde, nenhuma amenidade, nenhuma pergunta. Sándor ficou completamente desconcertado. Como assim, “diga o que tem a dizer”? Em comparação com as duas provas às quais ele havia assistido a título de preparação, a abordagem de Lőrincz mais parecia um contrainterrogatório.

Uma expressão de vaga condescendência perpassou o rosto do professor como se ele já esperasse por aquele silêncio. Lőrincz tomou a caneta-tinteiro e anotou algo no bloco amarelo que trazia à sua frente. Sándor teve a odiosa impressão de que seu caso era irremediável: nada do que fizesse ou dissesse bastaria para mudar o veredicto do homem.

Lőrincz ergueu apenas uma das sobrancelhas.

Uma pequena centelha de revolta e fúria se acendeu na alma de Sándor. Ele trabalhara muito para chegar até ali. Sabia que estava à altura do desafio. Ou pelo menos havia vezes em que pensava assim, quando não se permitia perder a fala e a clareza mental só porque o homem do outro lado de uma mesa o fitava com desprezo.

Nervoso, Sándor respirou fundo e se lançou numa explanação sobre as teorias do direito internacional. Seu discurso era conciso, bem estruturado e organizado em prioridades. Ele colocava o direito dos tratados acima do direito comum, questionava o caráter peremptório de certas normas, formulava hipóteses e argumentos, chegava a conclusões. Falava e falava, sem que o professor o interrompesse uma única vez. Vinha falando por tanto tempo que acabara perdendo a noção da hora; começava a perceber a inquietude dos colegas às suas costas. Haveria algo a acrescentar? Não sem correr o risco de resvalar para outro assunto. Então reiterou alguns dos pontos principais da argumentação, apenas a título de resumo, depois se calou. O alívio era tão grande que ele agora sentia até certa admiração pelo velho arrogante do outro lado da mesa. Em vez de guiá-lo com uma bateria de perguntas, Lőrincz havia usado de sua aparente indiferença para tirar dele uma apresentação livre e bastante sofisticada. Sua performance fora melhor por causa disso, admitiu Sándor. Mas, meu Deus, como tinha sido ruim no começo.

Lőrincz anotou mais alguma coisa no seu bloco amarelo. Sem levantar a cabeça, anunciou:

– Reprovado.

Sándor ouviu o baque leve do lápis que alguém deixou cair sobre uma das mesas atrás de si.

– Perdão? – perguntou, achando que tinha ouvido errado.

Lőrincz arrancou a folha do bloco, dobrou-a com cuidado e fez mais uma anotação sobre o formulário de avaliação ao seu lado. Guardou os dois papéis em um envelope pardo, que empurrou na direção de Sándor.

– Se tiver alguma pergunta a fazer, procure o orientador acadêmico. – Em seguida, chamou a vítima seguinte: – Dora Kocsis.

A garota ficou de pé, lívida, empapada de suor. Sándor via em seu rosto a mesma perplexidade que sentia. Se ele havia falhado, o que seria preciso fazer para garantir uma aprovação?

– Você já pode sair – disse o professor a Sándor. – Não se esqueça do envelope. Ele contém informações importantes para a sua situação.

Sándor pegou o envelope com os dedos dormentes.

– Não entendi direito o que... – começou a dizer, mas, vendo a intransigência estampada no rosto do professor, deu-se conta de que estava certo desde o início: nada do que fizesse seria suficiente. O resultado havia sido determinado de antemão.

Já estava à porta da sala quando enfim recebeu algo parecido com uma explicação:

– Horváth.

Sándor se virou.

– Um diploma em direito é uma arma. A lei é uma arma. – Vendo que Sándor não havia entendido, Lőrincz arrematou: – O que faz você pensar que interessa à Hungria armar alguém como você?



Discou para Lujza, mas então percebeu que não tinha forças para falar.

– Sándor? É você?

– Sim.

– Graças a Deus! Você já... Eles já soltaram você?

– Já.

– Você está bem?

Sándor ficou em silêncio. A distância era grande demais entre ele e aquelas palavras, entre “alguém como ele” e Lujza.

– Onde você está?

– No dormitório.

– Estou indo para aí.

– Não! Quero dizer... não venha.

– Sándor! Por que não?

– Porque... porque não vou estar aqui quando você chegar.

Então foi a vez de Lujza emudecer. Sándor sabia que ela estava confusa e magoada.

– Algum problema? – Lujza quis saber.

– Não, nenhum. É que estou indo para casa, passar um tempo por lá.

– *Agora?* Mas você não tinha uma prova?

– Não – respondeu Sándor, e desligou. Não suportaria dar uma explicação.

Lujza ligou de volta segundos depois, mas ele não atendeu. Desligou o telefone e sentou-se na cama, mais uma vez só de cuecas. Já havia pendurado o terno no cabide; mesmo naquelas circunstâncias, o hábito falara mais alto. Desdobrou de novo as três folhas do envelope pardo.

A primeira era uma cópia do formulário de avaliação oficial, no qual Lőrincz escrevera um sucinto “Reprovado”. A segunda eram as anotações que ele fizera durante o exame. No campo do nome, o professor tinha escrito “Sándor Rézmüves” em vez de “Sándor Horváth” e, abaixo, uma única frase: “Não tinha nada de relevante a dizer.”

A terceira folha era uma carta oficial da universidade, informando que, uma vez que não estava mais matriculado, Sándor tinha até o dia 15 de maio para deixar seu quarto no dormitório da rua Szigony. O nome Horváth fora riscado e substituído por Rézmüves. Sándor não sabia dizer quem havia feito a substituição: o setor administrativo da universidade ou o próprio professor.

Ele se levantou da cama e sentou-se à mesa. Todos os livros e cadernos tinham sido levados pela polícia, bem como o computador, mas o número do celular de Tamás ainda estava anotado no papelzinho espetado no quadro de cortiça. Sándor religou o celular, que por sorte não haviam

confiscado.

Tamás atendeu logo ao segundo toque.

– Alô?

Além da estática, havia um ruído de motor no fundo da linha e Sándor teve a impressão de que o irmão estava num carro ou num ônibus.

– O que foi que você aprontou?

– Sándor? Relaxa, *phrala*, foi só uma...

– Seu merda. Estou indo para Galbeno agora mesmo. E, quando encontrar você, vou torcer a porra do seu pescoço.

Tamás apenas riu e desligou.

– Estou falando sério – disse Sándor para o quarto vazio, que não era mais seu.

O ÔNIBUS AGORA NÃO PASSAVA DOS 20 quilômetros por hora em razão da estrada esburacada. A certa altura, Sándor teve a impressão de que nela havia mais buracos do que asfalto. Ele recostava a cabeça no vidro da janela, sentindo-o vibrar.

A fúria de antes já tinha evaporado. Talvez voltasse a senti-la ao reencontrar Tamás, mas naquele momento ele se remoía apenas com uma espessa e cinzenta sensação de fracasso. Que diabos faria ao chegar? Galbeno não era mais sua casa, ao contrário do que dissera a Lujza pelo telefone. Galbeno não era sua casa desde que... não, ele não saberia fixar uma data, nem mesmo um ano. Lembrava-se de quando fora levado de lá, mas não conseguia identificar o momento exato em que deixara de apontar para a casinha verde de Galbeno sempre que alguém lhe perguntava onde morava.

Vovô Viktor havia esperneado e rugido naquele dia e os policiais dos carros brancos precisaram imobilizar o velho e alguns tios também. Um dos homens por pouco não dera conta da vovó Éva. Sándor reagira com unhas, dentes e muitos chutes ao ser jogado no micro-ônibus com Vanda, Feliszia e o irmãozinho caçula, mas tudo fora em vão. A porta se fechou e não havia maçaneta no lado de dentro. Por fim, foram embora, seguindo pela mesma estrada por onde tinham levado sua mãe de ambulância, e pela janela de trás ele podia ver o avô correndo atrás das vans.

A viagem já durava um bom tempo e ninguém lhes dera nada para comer ou beber. Além dele e dos irmãos, havia mais duas crianças no veículo, um menino e uma menina desconhecidos; decerto eram de outra cidade. Davam-se as mãos e não falavam nada. Sándor também seguia mudo. O garoto mijara nas calças e o cheiro não era nada bom.

Lá pelas tantas, atravessaram o portão de uma cerca e pararam diante de dois prédios altos e cinzentos. A porta do micro-ônibus se abriu e um estranho, um *gadjo* velho e careca em roupas brancas, apontou para Sándor e o outro menino.

– Estes dois vão para a ala azul. As meninas, para a ala vermelha, e o pequenino precisa ser examinado na clínica.

Sándor levou alguns segundos para entender que os *gadje* queriam separá-los.

– Não. Sou *eu* quem vai cuidar deles.

– Nós cuidamos – retrucou o *gadjo* careca. – Agora vá para a ala azul com a Srta. Erzsébet. É lá que ficam os garotos maiores.

A tal Srta. Erzsébet tomou a mão dele. Era jovem e bonita, uma *gadji* também, mas ele não queria segurar a mão dela.

– Não! Sou o irmão deles!

Ninguém lhe deu ouvidos. Uma senhora *gadji*, também vestida de branco, havia recolhido Tamás e já ia se afastando com ele no colo. Outra tomara as meninas pela mão, uma de cada lado. Vanda estava com o rosto inchado porque chorara durante toda a viagem. Agora mostrava-se quieta, os

olhos escuros apavorados. Feliszia parecia apenas confusa, abraçada a seu coelhinho de pelúcia, por mais imundo que estivesse o bicho.

Ele se desvencilhou da Srta. Erzsébet, mas ela o agarrou a tempo, dessa vez com um forte puxão no braço. Foi então que ele mordeu o braço dela.

Ainda se lembrava de tudo o que sentira naquele momento: sua língua roçando os pelos do braço da moça; o gostinho salgado da pele dela, misturado a um amargor perfumado que mais tarde descobriria vir de um hidratante. Os dentes haviam perfurado a pele, o sangue se misturara à saliva.

Tantos anos passados e ele ainda se lembrava de tudo isso, talvez porque tivera naquele dia seu último ímpeto de rebeldia.

Cuide bem das meninas e do Tamás, está bem?

Mamãe, eu só tinha 8 anos.



O ônibus parou no ponto final e Sándor desceu. Galbeno ainda era Galbeno. A maioria das casas agora dispunha de luz elétrica, mas, fora isso, pouco havia acontecido nos últimos quinze anos. Um pequeno vale com um riacho no fundo, mato empoeirado e arbustos espinhentos, um ou outro pinheiro que sobrevivera à sanha dos lenhadores por causa do excesso de resina – seria burrice jogar tal madeira no fogo.

Na encosta oriental do vale, ficava o cemitério com suas lápides brancas e tortas, já com uma população bem maior que a daquele povoado que desde muito se reduzira a um punhado de casas ao longo de uma rua que não levava a lugar nenhum.

A chegada de Sándor foi imediatamente notada por pelo menos vinte pessoas. Uma senhora mais velha que varria a calçada de casa. Sete ou oito crianças no meio de uma guerra de água junto a um dos três poços comunitários do lugar. Dois homens que remexiam no motor de uma lata-velha enferrujada enquanto outros três palpitavam por perto. Sándor sabia que todos o reconheciam.

– *Szia* – disse um dos homens junto ao carro, acenando casualmente.

– *Szia* – cumprimentou Sándor, mas sem fazer ideia de quem seria aquele.

Poderia até ser Tibor. Ele não sabia ao certo se reconheceria o amigo de infância após tantos anos. Já havia esquecido tanta coisa... Apenas alguns nomes vagavam por sua mente.

Pendurou a bolsa no ombro e desceu a rua na direção da casa verde de Valeria. Não tinha trazido mala, tampouco as caixas de papelão em que colocara o resto das suas coisas, logo ninguém pensaria que ele estava de mudança. A bem da verdade, não fazia a mínima ideia de onde passaria a morar depois do dia 15 de maio, mas certamente não seria ali. Talvez se passassem algumas semanas até que encontrasse algum lugar. Ferenc havia sido generoso o bastante para guardar as caixas por um tempo, por mais que elas atulhassem seu quarto e o obrigassem a quase escalar os móveis para alcançar a porta.

Duas menininhas passaram correndo por ele, rindo, provavelmente indo anunciar sua chegada. Dali a pouco, Sándor ouviu os gritinhos delas:

– Valeria, Valeria, o Sándor voltou!

Sua mãe surgiu à porta, depois saiu à rua para recebê-lo de braços abertos.

– Sándorka, meu querido!

Ela o abraçou e precisou puxar a cabeça do filho para beijá-lo ardorosamente nas bochechas duas vezes.

– Mamãe.

Valeria era uma mulher franzina. Ao rever a mãe pela primeira vez depois de crescido, Sándor se assustara ao constatar que ela não passava do peito dele. Além de muito baixa, era magrinha e mais sulcada do que ele se lembrava e tinha o rosto mais duro também. Parecia tão leve quanto um passarinho; talvez houvesse ar nos ossos no lugar de tutano.

Em Budapeste, ele conhecia muitas quarentonas que pareciam adolescentes e outras tantas que se comportavam como tal, mas esse não era o caso de Valeria. Ela ainda tinha os cabelos pretos e era tão miúda que a camiseta e os jeans poderiam ser usados por uma menina de 12 anos. No entanto, quem visse aquele rosto jamais o tomaria pelo de uma adolescente. A vida deixara suas marcas ali. Viam-se nele uma determinação e uma vontade de sobreviver que não eram resultado de horas consumidas dentro de uma academia.

– Já comeu? – ela foi logo perguntando.

– Já, já.

– Quando?

Sándor não pôde deixar de sorrir, apesar de tudo o que havia acontecido.

– Mamãe, eu *já comi*. – Uma maçã e um sanduíche num dos quiosques da rodoviária, mas isso bastava. O estômago não aceitaria mais.

– Então venha, vamos tomar um café. Aí você me conta o que veio fazer aqui.

Naturalmente, haveria um bom motivo para que ele aparecesse assim, em pleno período de provas.

– Cadê o Tamás?

– Tamás? Não está aqui – respondeu Valeria, desviando rapidamente o olhar.

Sándor teve a impressão de que ela tentava esconder algo dele. Será que ela sabia o que o irmão andava aprontando?

– Mama, cadê o Tamás? Por acaso você sabe em que confusão ele se meteu?

– Sente aí. – Ela apontou para o banco junto da porta. – Vou passar um café.

– Mãe!

– Seu irmão foi embora, Sándorka. Ele também precisa ganhar dinheiro, não precisa?

– Com o quê?

– Com o violino, ora. Mais ninguém se dispõe a pagar por aqui. Sabe quantas pessoas ainda têm emprego neste povoado?

Sándor fez que não com a cabeça. Como poderia saber uma coisa dessas?

– Catorze. E oito só estão fazendo algum serviço temporário para a prefeitura.

Ele sabia que as coisas não iam bem, mas não tanto assim. Pelo que se lembrava da infância, quase todos tinham algum trabalho na maior parte do tempo.

– Antes não era assim.

– Eu sei. Quando os comunistas estavam no poder, os romanis não tinham nenhuma dificuldade para encontrar emprego. Agora são só os húngaros. E quase ninguém quer contratar um músico hoje em dia. Por isso Tamás foi para o estrangeiro.

– Para onde exatamente?

– Alemanha, eu acho. Não, espere aí... Algum lugar mais ao norte. Acho que Dinamarca.

Seria ótimo acreditar que Tamás havia surrupiado um passaporte só porque não tinha o seu e precisava ir à Dinamarca ganhar alguns trocados com o violino. Mas Sándor ainda se lembrava muito bem das intermináveis perguntas que o pacientíssimo Gábor lhe fizera na sala de interrogatório. “Você tem algum interesse por armas, Sándor?”, “Por que visitou o hizbuttahrir.org?, Você não é muçulmano, certo?”, “De onde exatamente vem o seu dinheiro, Sándor?”. Setenta e duas horas de interpelação.

O NBH não costumava perder tempo com músicos de rua.



O único cômodo habitável da casa era o que fazia as vezes de lar para seis pessoas. Elvis, o padrasto de Sándor, não morava mais ali; já fazia alguns anos que ele e Valeria haviam se separado. As irmãs de Sándor se casaram, mas nenhuma de fato saíra de casa. Vanda chegara a morar em um apartamento em Miskolc, mas, quando o prédio fora reformado e mesclaram alguns dos apartamentos num imóvel maior e mais “de acordo com os tempos” – tal como dissera o proprietário –, ela saíra com os demais inquilinos. Meses depois, tinha voltado e descoberto que, no apartamento recém-criado (novinho em folha, com banheiros azulejados, cozinha moderna e varanda com parapeito de ferro), não havia mais lugar para as três famílias ciganas que antes moravam ali. Por isso, Vanda retornara com os dois filhinhos para a casa da mãe enquanto o marido tentava ganhar algum dinheiro como pintor em Birmingham, na Inglaterra, para que conseguissem um cantinho só deles. Feliszia, que agora estava com 17 anos, havia se casado alguns meses antes com um garoto da mesma idade, também de Galbeno. Ele e o pai vinham consertando o telhado de uma casa abandonada nas cercanias do vilarejo “para que os jovens tenham um lugar para morar”. Valeria costumava dizer que, pela velocidade do conserto, os tais “jovens” já estariam de bengala quando fosse o momento de se mudar. Além do mais, não era isso que Feliszia queria. O que ela realmente desejava era ir para Budapeste ou pelo menos para Miskolc. Qualquer outro lugar sem ser Galbeno.

– Não faz mal sonhar – disse Valeria, arrumando uma cama para Sándor no lugar antes reservado a Tamás.

Notando o sarcasmo na observação da mãe, Feliszia retrucou:

– Tamás prometeu ajudar. Vai emprestar dinheiro para que eu faça aquele curso de hidroterapia. Depois vou trabalhar com deficientes físicos e juntar dinheiro até conseguir abrir minha própria clínica.

Não eram apenas sonhos, eram planos. Surpreso com a determinação da irmã subitamente crescida, Sándor se perguntou como era possível tamanha mudança. Um ano antes, ela era uma menina quieta e bem-comportada, a mais cautelosa de todos os irmãos.

– É muito fácil para o Tamás ficar prometendo coisas – interveio Vanda. – Além do mais, ele não tem dinheiro nenhum.

– Um dia vai ter. Quando voltar da Dinamarca.

– E quanto custa esse curso que você quer fazer? – perguntou Sándor.

– Dois mil e seiscentos euros.

Sándor rapidamente fez a conversão. Aquilo era mais de 700 mil florins. Onde, na face da Terra, Tamás achava que ia ganhar tanto dinheiro? Com certeza não nas esquinas da cidade. Nem mesmo se tivesse a felicidade de arrumar um emprego fixo num restaurante qualquer. Ele costumava tocar por gorjetas – e por comida quando dava sorte.

– E o que Bobo tem a dizer desse projeto? – indagou Vanda. Bobo era o marido de Feliszia. – O que ele pensa de uma esposa que pretende abrir uma clínica em Budapeste?

– Ele vai gostar da ideia – respondeu Feliszia. O tom de desafio deixava claro que ela não estava muito certa.

– O que faz Tamás pensar que vai ganhar tanto dinheiro assim na Dinamarca? – questionou Sándor.

Valeria buscou a última coberta disponível, desdobrou-a, sacudiu-a no ar e a esticou sobre a prateleira baixa de alvenaria (banco durante o dia, cama durante a noite) que corria por três das paredes do cômodo.

– Vocês não deviam falar de dinheiro a esta hora – disse com firmeza. – Já está na hora de dormir, e você, Sándor, pode sair. As meninas precisam se lavar.

Sándor ficou de pé. Não lhe ocorrera sair para que as irmãs pudessem se despir. Decerto estavam esperando desde cedo que ele saísse por conta própria.

Na escuridão da noite, era difícil encontrar o caminho para a fossa no quintal. O ar recendia a fumaça de lenha e ao esterco produzido pelo leitãozinho que Valeria vinha engordando para o inverno. O animal arfava e grunhia em algum lugar, talvez estivesse dormindo sob o abrigo improvisado junto da casa, feito de tábuas e plástico.

Sándor enfim encontrou o caminho e entrou na casinha da fossa, perguntando-se como saber a hora certa de voltar. Sentia-se um perfeito idiota. Quando isso havia acontecido? Seria porque Vanda e Feliszia agora eram mulheres casadas? E Tamás, também seria obrigado a sair para dar privacidade às mulheres? Ou para ele as regras seriam diferentes só porque os três tinham crescido juntos? Nada era simples e fácil de entender. Talvez fosse mais conveniente que ele dormisse na outra metade da casa, ainda que a cumeeira e parte do telhado tivessem parcialmente desabado. Afinal, era verão. Por outro lado, bastaria um vento forte para que as telhas soltas comesçassem a cair na cabeça dele durante a noite.

Tão logo entrou na casinha, Sándor foi assaltado por mais uma cristalina lembrança da infância. A escuridão, o cheiro, a tábua surrada com o buraco no meio, grande demais para seu tamanho à época. Ele morria de medo de cair ali. Às vezes, até ia para o outro lado do galinheiro e fazia suas necessidades agachado no chão, rezando para que ninguém o visse. Certa vez fora flagrado pelo padraço com as calças arriadas até os tornozelos, o que lhe custara alguns safanões.

– Você não é um animal, seu pivete! Bicho é que caga na rua!

– Mas não estou na rua...

O episódio logo se tornou a anedota predileta da família, contada e recontada com muitas gargalhadas, sobretudo entre os avós: “Lá estava o menino, agachado e com a bunda de fora, e ainda foi atrevido...”

Atrevido. Assim eram chamados os filhos que ousavam responder aos adultos, os impertinentes que quase sempre eram punidos de imediato. No entanto, sempre havia algo de ambíguo nessas punições. A vara corria solta, claro, mas no meio daquilo tudo havia uma aceitação velada que tangenciava a aprovação. Era esperado que os meninos fossem atrevidos. Chamar um menino de “doce” era o mesmo que insultá-lo, o mesmo que chamá-lo de “bicha” ou “filhinho de mamãe”. A desobediência podia lhe custar castigos, mas obediência em excesso era motivo de escárnio.

Sándor se acomodou no breu fétido da fossa, já sem medo de cair no buraco. Mas aí terminava seu atrevimento. Havia muito tempo perdera a capacidade de se atrever e se deixara consumir interiormente pelo medo. Não restava mais nenhuma postura de desafio. Fazia uma eternidade desde a última vez que ele tinha se rebelado contra algo ou alguém.

Não havia contado a Gábor sobre Tamás. Isso era uma rebeldia, certo? Ou obediência a uma lei mais antiga? Uma lei inculcada a ferro e fogo em seu espírito, repetida aos berros durante os primeiros anos de sua vida: irmãos defendem irmãos.

Era um grande alívio que ele não tivesse delatado Tamás. Ainda estava furioso com o caçula. Tamás havia agido feito um canalha e a confusão em que metera a ambos provocava em Sándor um pavor que ia muito além daqueles outros que o acometiam rotineiramente: o de fazer alguma besteira, o de não estar à altura de algo, o de quebrar alguma regra explícita ou tácita, o de ser flagrado com as calças arreadas. Mas em algum lugar de sua alma, num distante cantinho de teimosia, ele ainda se comprazia por não ter acusado o irmão.

Saiu da casinha para o ar relativamente mais fresco do quintal. Àquela altura, já se habituara à escuridão de maio, pontuada aqui e ali pela luz que emanava das pequenas janelas das casas, combinada aos lampejos azulados das televisões. Talvez não fosse tão ruim morar naquele fim de mundo sem calefação, sem água corrente e sem banheiros internos, pensou Sándor. Desde que também não houvesse televisões para mostrar como viviam as outras pessoas. No entanto, quase todas as casas tinham uma; as antenas se equilibravam no alto dos telhados decrepitos, as garras metálicas apontando para todas as direções na esperança de captar o melhor sinal possível.

Valeria saiu com uma bacia nas mãos e jogou a água suja sobre as urtigas espinhentas do quintal. Sándor deduziu que a barra estava limpa.

– Quer que eu aqueça um pouco de água para você também? – perguntou a mãe.

– Não precisa. – Sándor não queria que ela voltasse a acender o fogão a lenha; decerto a casa já estava quente o bastante. – Vou jogar uma água no corpo lá no poço.

– Não, faça isso aqui – insistiu Valeria, e lhe passou a bacia. – Ninguém toma banho no meio da rua.

Uma alfinetada sutil, percebeu Sándor, e viu o sorriso que se esboçou nos lábios da mãe. Aparentemente, havia mais de uma coisa que as pessoas não faziam na rua em Galbeno. Ele recebeu a bacia, mas ficou imóvel, assim como Valeria a seu lado. A luz que vazava para o quintal desenhava

sombras profundas sob os olhos e o queixo dela, deixando-a um tanto mais velha. Um bebê começou a chorar dentro de casa e Vanda murmurou algo para acalmá-lo.

– Mamãe, o que está acontecendo com o Tamás? – sussurrou Sándor. Talvez a mãe soltasse a língua agora que Vanda e Feliszia não estavam por perto para ouvir.

– Por que alguma coisa estaria acontecendo com seu irmão?

– Porque o NBH está atrás dele. Mamãe, eles me prenderam porque Tamás usou o meu computador para visitar uns sites estranhos na internet.

Ele hesitou, sem saber ao certo até onde ia a familiaridade de Valeria com a internet. Laptops não eram comuns em Galbeno. Será que alguém conseguiria uma conexão ali? Os celulares aparentemente pegavam, mas... e a internet?

Valeria ergueu o rosto e o luar rebrilhou em seus olhos.

– A polícia! – zombou ela, com a voz áspera e hostil. – Sempre atrás da gente!

– Não era apenas a polícia, mamãe. Era o NBH, o Serviço de Segurança.

– Não deixa de ser polícia. Fique longe deles, Sándor.

– Eu não pedi para ser preso – replicou Sándor, sem conseguir reprimir a irritação. – Mamãe, o que estou querendo dizer é o seguinte: acho que Tamás se meteu em algo perigoso.

Valeria tocou a bochecha dele com a mão ainda úmida e perfumada de sabão.

– Nesse caso, Sándorka – disse ela com voz maternal, que o comoveu profundamente –, você precisa tirá-lo dessa encrenca, não é?

— É VOLÁTIL POR NATUREZA – COMENTOU TORBEN.

Søren depôs o remo à sua frente no caiaque e olhou com certa impaciência para o chefe e amigo.

– Como assim?

– O islã. A gente nunca vai entender direito a ideia do islã, simplesmente porque não há ideia nenhuma. Não há uma única coisa que precise ser entendida. E é isso que dificulta o nosso trabalho.

Torben passou a mão sobre a cabeça raspada. Fazia quase duas horas que eles estavam remando em ritmo acelerado e no mais absoluto silêncio, a não ser pelo chiado dos remos que cortavam a água e deixavam redemoinhos negros. Após a última disputa em alta velocidade, eles ofegavam e Torben se achava, claro, a uma distância de meio barco. Era noite e o lago Furesø se espalhava plácido e escuro sob o casco dos caiaques. Os dedos de Søren estavam vermelhos e duros de frio; apesar disso, a primavera pairava no ar. As árvores em torno do lago já exibiam a penugem verde dos brotos.

Ele não queria falar de trabalho naquele momento, mas Torben, como sempre, estava inquieto. Pensando bem, quando eles falavam de outra coisa que não fosse trabalho? Eram amigos desde o início da carreira na polícia dinamarquesa. Sempre mais rápido e mais agressivo, Torben havia acabado de ser nomeado vice-diretor do setor de Contraterrorismo do PET quando Søren enfim foi promovido a inspetor. De modo geral, a ambiguidade da relação entre os dois não causava problemas, mas, por vezes, Søren não sabia ao certo se estava falando com o amigo ou com o chefe.

Torben não notou o desinteresse dele pela conversa ou, se notou, não deu importância. Sacou sua garrafa d’água, deu dois goles grandes e prosseguiu, indômito:

– Veja, por exemplo, esse imame que está vindo para a abertura daquele centro cultural em Emdrup. Um homem sofisticado, já recebeu não sei quantos títulos *honoris causa* de não sei quantas universidades europeias. Claro que nossos analistas já levantaram a ficha do sujeito e, ao que parece, ele é partidário do “euroislã”. Conhece? É um jeito de praticar o islã sem ferir os valores europeus. Alguns grupos acusam o homem de ser moderado demais, até mesmo relapso na sua fé...

Søren começava a sofrer com o frio da noite, apesar de estar vestindo um casaco de capuz. Não via a hora de sair dali; só queria saber de roupas secas e quentes, talvez até uma cervejinha. Mas Torben ainda não havia terminado:

– No entanto, quando os muçulmanos que se interessam pelo islã num nível mais intelectual leem os textos dele, o resultado é uma verdadeira confusão. Eles podem ser interpretados mais ou menos do jeito que cada um quer. Alguns dizem que ele advoga o *hijab*, a separação total dos gêneros, a charia, etc., etc. Outros afirmam justamente o contrário. Sabe o que *eu* acho?

Resignado, Søren fez que não com a cabeça.

– Acho que esses textos podem ser virados pelo avesso, mas ninguém jamais vai entender o que o

homem está dizendo, ninguém vai encontrar a verdade absoluta sobre o islã. Porque essa verdade não existe. É como uma massa de modelar: cada um lhe dá a forma que prefere.

Torben pegou seu remo e lentamente foi navegando na direção do píer.

Søren sabia que o chefe andava mais frustrado que o normal. Não sem motivo. Desde o 11 de Setembro os políticos, sobretudo os de direita, destinavam um volume razoável de recursos à luta contra o terrorismo, mas as cobranças sobre o PET também eram enormes e a iminente Conferência de Copenhague havia consumido boa parte do orçamento anual. A decisão do governo de investir pesado no evento com certeza não tinha diminuído o contingente de terroristas em potencial.

– O negócio de Emdrup está sob controle? – perguntou Søren, sem nenhuma inveja da equipe de cinco homens designados para servir de babás na inauguração do centro cultural.

– Humm – grunhiu Torben, dando de ombros. – Procuramos nos cercar em múltiplas frentes: os muçulmanos que acham o imame moderado demais, os dinamarqueses de extrema direita ou de qualquer outra tribo que possa querer celebrar a chegada do homem com uma estripulia qualquer. E agora o ministro enfiou na cabeça que quer comparecer à cerimônia também. É um hospício... Mas e você? Como vão os seus malucos?

Torben o encarava de forma inquisitiva e, mais uma vez, Søren teve a desconfortável impressão de que não estava remando com um amigo, mas trabalhando com o chefe.

– Ainda estamos com uns probleminhas na área técnica. Esse é o nosso gargalo no momento. Além disso, há um caso com os húngaros... – Søren deixou seu caiaque bater de leve contra o píer, permaneceu imóvel até recobrar o equilíbrio e só então saltou para o piso molhado do píer. – O NBH pôs as mãos num universitário que andava visitando sites que não devia e conversando com alguém daqui. A suspeita é de tráfico de armas, mas eles ainda não conseguiram tirar nada de concreto do garoto.

Torben já ia carregando seu caiaque para o carro, mas Søren podia ver que ele ainda escutava. O homem comandava as oitenta pessoas que trabalhavam no setor de Contraterrorismo e nos destacamentos de investigação que literalmente se multiplicavam a cada hora, mas ainda assim era capaz de se lembrar de todos os casos individuais e citar os pontos mais relevantes de cada um sempre que necessário. Era isso que fazia dele um oficial de inteligência especialmente talentoso.

Carreira brilhante, mulher carinhosa, três filhos saudáveis... Não fora isso que Søren havia imaginado para si quando chegasse aos 50? Ainda por cima, Torben era três anos mais novo que ele. Sentindo um peso no corpo todo, Søren içou seu caiaque e seguiu Torben, pisando descalço as tábuas duras do píer.

– E do nosso lado, o que é que temos? – perguntou o chefe.

– Um garoto chamado Khalid. Não colaborou muito, então precisei conversar com ele. Estamos de olho no menino e em todo mundo com quem ele mantém contato.

– Ah, é? – disse Torben, especialmente interessado. – E...?

– Nada de mais. Quase sempre ele conversa com um ex-colega da escola que agora é um militante de meia-tigela, ninguém que esteja na nossa lista negra. Conhece muita gente, mais imigrantes do que dinamarqueses. Tem um tio que é bastante respeitado na comunidade de muçulmanos moderados, além de um dos apoiadores do centro cultural de Emdrup. Confiscamos o

computador do garoto, mas ainda estamos esperando que o pessoal do TI ache um tempinho para dar uma olhada na máquina. Eles estão muito sobrecarregados. E por enquanto não encontramos nada que possa dar um caráter prioritário a esse caso...

– Mas...?

– Não tem “mas” nenhum.

Ambos os caiaques foram acomodados no rack do Audi de Torben. Como morava bem mais perto do lago, o chefe guardava o caiaque de Søren junto com o seu.

– Ora, vamos – insistiu Torben. – O que os seus instintos estão dizendo?

– Khalid está aprontando alguma coisa, só não sei o quê.

– Então descubra.

– Sim, é isso que eu vou fazer.

– Pressione, atormente o garoto. Afinal, ele já sabe que estamos de olho. Não faz sentido ficar na moita, certo?

Søren pensou ter notado algo parecido com uma bronca.

– Você acha que foi um equívoco procurá-lo tão cedo assim? – perguntou, já despiando a roupa térmica.

Torben costumava ser um defensor dos “interrogatórios preventivos”, que tinham por objetivo impedir os jovens de se tornarem fundamentalistas. Mas também era possível que novos ventos estivessem soprando na política. Afinal, os interrogatórios preventivos não levavam a julgamentos, condenações e deportações.

– Bem, isso agora não faz diferença, faz? – retrucou Torben. – Você fez o que achava certo e agora devemos seguir em frente. Mesmo que seja um caso de tráfico de armas, não necessariamente se trata de um ato grave de terrorismo. Aliás, não configura terrorismo e ponto final.

A essa altura, ele já havia vestido um jeans largo e uma camiseta vermelha em que se lia “Gostosão”. Decerto um presente de Annelise. Søren sempre achara que a mulher de Torben tinha um pé na vulgaridade.

– É verdade. Mas, se Khalid estava procurando apenas um spray de pimenta, escolheu um lugar bem suspeito para comprar – argumentou Søren. – Em todo caso, é melhor eu...

Por cautela, ele preferiu não completar a frase. Deu as costas para Torben, entrou no carro e se despediu com um aceno chocho. Cogitara sugerir aquela cervejinha de sábado. Ainda era relativamente cedo e sua casa em Hvidovre estaria esperando por ele do mesmo jeito que fora deixada às sete da manhã: xícara e tigela sujas, cascas de torrada, utensílios que ele não se dera o trabalho de guardar no lava-louça. Mas Torben talvez transformasse a cerveja num café em casa com Annelise, e Søren não estava nem um pouco a fim de encarar o idílio matrimonial do amigo e seus três filhos adolescentes, todos muito louros e quase ridiculamente musculosos. A bem da verdade, o mais velho nem era mais adolescente e sequer morava com os pais: já havia saído de casa para cursar medicina. Mesmo assim.

Torben murmurou algo de volta. Ainda se alongava com as mãos plantadas no teto do Audi quando Søren deu marcha a ré e deixou o estacionamento.

Paciência. Havia mais de uma maneira de se chegar aos pavorosos 50 anos. Reprimindo algo que

não era exatamente inveja, Søren ligou para o plantonista da noite e pediu a ele que fosse adiantando a operação de vigilância sobre Khalid Hosseini.

O BMW PRETO, RELUZENTE DE TÃO ENCERADO, achava-se estacionado diante da igreja de Galbeno quando Sándor e Valeria emergiram da missa de domingo. Uma pequena multidão de curiosos o cercava, mas a uma distância respeitável.

Dois homens desceram do carro. Ambos eram românicos, mas logo se percebia uma gritante diferença entre eles e os homens de Galbeno. Não apenas em razão do carro sofisticado ou dos ternos pretos que Sándor instintivamente taxara de “fora de moda”, mesmo sem saber por quê.

– Quem é esse aí? – perguntou à mãe.

– Alexis Bolgár – respondeu ela, os olhos fixos no mais velho e mais parrudo da dupla.

– Não é daqui, é?

– Não. – Os lábios de Valeria se crisparam. – Dá as caras duas vezes por mês. Quer ser o *rom baro*.

A expressão aprendida na infância já não constava mais do vocabulário ativo de Sándor, mas, ao ouvi-la novamente, ele logo se lembrou do significado: o figurão, o mandachuva. Com um misto de curiosidade e receio, ele contemplou o recém-chegado e ficou surpreso ao ver que seu interesse era correspondido.

– Sra. Rézmüves, soube que seu filho mais velho voltou para casa. Sándor, é esse o seu nome, não é?

Bolgár falava com uma formalidade que parecia ser uma extensão natural do terno ultrapassado. Sándor meneou a cabeça, cauteloso.

– Como vai?

Eles se apertaram as mãos, ainda formais. Bolgár tinha uma manzorra suarenta, desagradável de tocar. Não era exatamente gordo, mas tinha um porte avantajado. Tudo nele parecia em excesso: mãos grandes, ombros largos, orelhas grandes, mandíbulas largas. As sobrancelhas cabeludas e muito pretas faziam par com as costeletas e o bigode. As entradas já praticamente davam lugar à calvície.

– Precisamos conversar, Sándor. Venha me visitar amanhã.

Sándor hesitou. Não imaginava que motivo Bolgár poderia ter para querer vê-lo, mas achava indelicado perguntar. Além disso, aquilo soava mais como uma ordem do que como um convite, e isso o preocupava.

– Sr. Bolgár... – começou, consultando desesperadamente seu catálogo de desculpas aceitáveis: “Não vou me demorar por aqui”, “Preciso voltar para Budapeste”, “Prometi à minha mãe / à minha irmã / a um velho colega”...

– Claro que você não precisará pegar um ônibus! – emendou Bolgár com jovialidade, ao perceber a hesitação de Sándor. – Stefan virá buscá-lo amanhã ao meio-dia.

Com isso, ele deu a conversa por encerrada e foi na direção de um dos homens que observavam de longe. Sándor se sentia acuado, mas não sabia como reagir. Olhando de relance para o BMW, não se empolgou nem um pouco ao se imaginar naqueles bancos de couro luxuosos de cor creme. Talvez o mais prudente fosse voltar para Budapeste ainda naquela manhã, assim não estaria ali quando Stefan aparecesse para buscá-lo no dia seguinte. Tinha seu quarto de dormitório por mais uns dias e quem sabe Ferenc não se disporia a hospedá-lo depois disso? Subitamente, ele teve a impressão de que Galbeno se fechava à sua volta como se não quisesse deixá-lo partir, puxando-o para baixo e enterrando seus pés no chão de modo que ele nunca mais conseguisse fugir.

Valeria o tomou pela mão e conduziu-o de volta para casa.

– Bolgár – disse ela, num tom que denotava mais desânimo do que respeito. – Ah, esse cara...

– Ele é mesmo um *rom baro*? – perguntou Sándor.

– Falei que ele *quer ser*, não que ele é. – Valeria abanou a mão no ar e Sándor não soube dizer se ela estava espantando um inseto ou apenas desdenhando de Alexis Bolgár. – Aquele lá não é nenhum figurão. Tem muito dinheiro, só isso. Mas o que é que as pessoas podem fazer quando a casa está caindo, quando não há comida na mesa? Que escolha elas têm? Bolgár empresta dinheiro e de repente vira dono delas.

Sándor estacou. Valeria ainda deu alguns passos antes de se virar.

– Mamãe... – falou Sándor, com cautela. – Ele é seu dono também?

Os lábios de Valeria agora se resumiam a um traço fino. O rosto se transformara em pedra.

– Foi ele quem deu dinheiro para o Bobo consertar aquele telhado. E quem ajudou Tamás na viagem para a Dinamarca.

– O que isso significa então? Quanto é que a senhora está devendo a ele?

Mas ele já sabia o que aquilo significava. Entre outras coisas, que ele teria de entrar naquele BMW quando Stefan viesse buscá-lo.

NINA ACHOU ANTON ATRÁS DO GINÁSIO da escola. Ele já havia tirado o moletom e a camiseta. Com os cabelos empastados de suor, concentrava-se em chutar contra a parede uma pesada bola de plástico verde, que cantava no ar a cada pancada certa.

Nina não via o rosto do filho, que estava de costas, mas podia jurar que ele estava de bom humor. Deixou a bolsa cair no chão e o alcançou justo quando ele ia desferir mais um petardo contra a parede.

– Deixa comigo! – berrou, e ainda teve tempo de ver o sorriso do filho antes de isolar a bola com um chute desafortunado.

– Ei, mãe!

Arfando de cansaço e felicidade, Anton lançou um derradeiro olhar para a bola perdida, depois vestiu a camiseta amarela e correu a mão pelos cabelos úmidos. Ele está ficando tão grande..., pensou Nina, sentindo nas vísceras um prazeroso arrepio de ternura. Vez por outra, tinha a mesma sensação ao olhar para a filha, mas nos últimos tempos o fenômeno se repetia sobretudo quando Ida estava dormindo, o rosto relaxado com um semblante infantil no travesseiro. Durante o dia, as palavras se interpunham entre elas feito uma parede; isso quando se falavam. O fiasco do jogo de hóquei era o exemplo mais recente.

As coisas sempre haviam sido mais difíceis com Ida. Lembrou-se do rostinho crispado da filha, ainda um bebê na cadeirinha da cozinha, naquele fatídico dia em que Nina despejara tudo sobre os ombros de Morten, inclusive a menina, e se fora, ficando vários meses em outros países. Mesmo agora, tinha dificuldade para dar uma explicação ao que fizera, a não ser o pânico diante de uma criatura tão pequenina, tão frágil e indefesa, pois imaginara que poderia machucá-la com sua própria vida destrozada. Elas tinham começado mal e, embora houvessem tido alguns anos de paz e normalidade – mãe e filha fabricando colarzinhos de macarrão, indo às matinês do cinema, fazendo deveres de casa na mesa da cozinha –, Nina sempre tivera a impressão de que aquele período fora apenas a bonança antes da tempestade, como se Ida esperasse a oportunidade para relegá-la de uma vez por todas ao lugar de onde ela nunca deveria ter saído: o Inferno das Mães. O lugar reservado às mulheres mentalmente instáveis que não tinham nenhuma vocação para a maternidade, que só pensavam no trabalho, que bebiam. O lugar onde elas sofreriam por toda a eternidade devido à sua ousadia de procriar sem ter a menor qualificação para tanto.

Nina acompanhou Anton até a sala da creche escolar, esperou que ele mesmo riscasse seu nome da lista, como sempre fazia, depois guardou na mochila a tralha que ele havia deixado no guarda-volumes.

Foi então que seu celular tocou.

Imediatamente reconheceu o número no identificador de chamadas. Merda: era Peter, da Rede.

Já fazia algum tempo que eles não se falavam e, pela primeira vez, isso fora um alívio para Nina. Nos últimos meses, ela tivera muitas crises no acampamento da Cruz Vermelha. Além disso, depois de toda aquela história do menino da mala no ano anterior, Morten havia exigido que ela reduzisse seu envolvimento como voluntária. Ao cabo de uma longa e difícil conversa, o marido permitira que ela seguisse ajudando a Rede desde que promettesse ficar em casa sempre que ele estivesse em alto-mar. Qualquer coisa diferente disso seria “cagar para os filhos”, como ele poeticamente tinha colocado, e embora o casamento deles atravessasse um inusitado período de tranquilidade, Nina ainda suspeitava que estava sendo submetida a uma espécie de prova de recuperação no supletivo das Virtudes da Família Dinamarquesa. Preferia nem imaginar o que aconteceria caso não passasse.

– Precisamos de você em Valby. Se puder chegar antes das quatro, eu a encontro por lá.

Peter falou com autoridade, como se fosse Barack Obama fechando Guantánamo em pessoa. Mal dera a Nina a oportunidade de dizer alô.

– Não vai dar, Peter – retrucou ela, e automaticamente olhou para o relógio: 15h44. – Hoje não posso. Morten está trabalhando no mar do Norte e eu estou atolada até o pescoço com meu caçula. Você vai ter que chamar outra pessoa.

Houve um momento de silêncio.

– Não dá para deixar o garoto sozinho só um pouco? Em uma hora você está de volta.

Nina precisou conter a irritação. Embora nunca tivesse dito nada, achava que, àquela altura, Peter já deveria saber da dificuldade dela para dizer “não”. De repente, ficou ressentida por ele simplesmente não aceitar sua recusa de primeira.

– Não, Peter, não dá para deixar meu filho sozinho – disse ela com firmeza. – Ele tem só 8 anos, pelo amor de Deus. O que foi que aconteceu, afinal?

– Um moleque da Hungria – respondeu Peter de forma neutra. – Tem 16, 17 anos no máximo. Acabou de chegar e está com mais cinquenta pessoas numa oficina mecânica abandonada em Valby, passando mal à beça. Vômitos e diarreia. Suponho que seja uma intoxicação alimentar ou algo assim. Qualquer ajuda será muito bem-vinda.

Nina respirou um pouco mais aliviada. Peter havia descrito o caso com irritante clareza; era evidente que alguém deveria examinar o garoto para saber se o problema dele era mesmo uma intoxicação alimentar ou apenas uma dor de barriga comum. Por outro lado, avaliando bem a situação, nada indicava que seu envolvimento fosse imprescindível.

– A Hungria pertence à União Europeia – replicou ela. – Ninguém vai deportá-lo. Mande o garoto para o médico com uma amostra das fezes e lhe dê soro caseiro, refrigerante, muita água mineral. Em pouco tempo ele estará bom de novo.

– Você sabe muito bem que ele não vai querer ver um médico – rebateu Peter, elevando a voz. – Ele teria que pagar do próprio bolso, e esses garotos não exatamente nadam em dinheiro. São ciganos romanis, quase todos. Não falam uma palavra de inglês, alemão ou francês e são paranoicos com qualquer tipo de autoridade. Me obrigaram a pular na porra do fosso de inspeção só porque alguém bateu na porta. Foi duro me comunicar com eles. – Peter não tinha o hábito de falar palavrões, logo sua raiva chegava a ser cômica. Nina deduziu que a visita ao fosso da oficina havia ferido a dignidade do homem. – Você tem que ajudar. Não tenho a menor ideia do que fazer com aquela gente.

– Sinto muito, Peter.

Nina abriu um rápido sorriso para Anton, sentindo-se agora menos culpada. Até mesmo ela, a Sra. Salvadora do Mundo, como Morten costumava ironizar, tinha alguma dificuldade para gostar dos ciganos. Certa vez se vira no meio de um bando deles enquanto examinava um garoto com febre e um abscesso no dente do tamanho de uma bola de pingue-pongue. Aman, supostamente o pai do menino, alternava entre súplicas e ameaças e, no fim das contas, eles debandaram revoltados, xingando e gesticulando, arrastando consigo o garoto febril. Na ocasião, ela sentira um medo bem maior do que costumava sentir sempre que era chamada à noite, logo não se animara muito com a ideia de se ver às voltas com cinquenta ciganos acampados numa oficina em Valby. O mais provável era que tivessem vindo de ônibus para a Dinamarca na esperança de levantar algum dinheiro durante o verão com mendicância e ladinagem. Isso não aplacava em nada os problemas de saúde de cada um, mas...

– Ligo mais tarde – disse Peter com frieza. – No futuro, seria ótimo se você me mandasse a programação do Morten, só para eu saber quando posso contar com você.

E desligou.

Nina guardou o celular no bolso da jaqueta e pegou a mochila de Anton. Por que Peter tinha que ser assim, tão impositivo? No entanto, ela sabia que ultimamente não andava nada fácil angariar pessoas e recursos para a Rede. Eles contavam apenas com um número limitado de colaboradores e a crise financeira não vinha ajudando muito. Além disso, a enfermeira que Peter havia encontrado no outono mudara-se recentemente de Copenhague para se instalar na Costa Oeste com o marido, os filhos e um filhotinho de pastor-alemão. Cedo ou tarde ele se acalmaria. Não tinha escolha.

SÁNDOR EXAMINAVA O PAPEL QUE BOLGÁR havia colocado à sua frente na mesa. Não era exatamente um documento oficial, nada que pudesse ser apresentado a fiscais ou a qualquer outra autoridade, mas o mero fato de que aquilo estava escrito ali dava à coisa um peso incontestável.

Tratava-se de uma nota promissória. No valor absurdo de 2 milhões de florins.

Tamás!, pensou Sándor com seus botões. Em que raio de lugar o pirralho estava com a cabeça ao assinar aquilo? Pois lá se via a assinatura dele, Tamás Rézmüves, o T e o R com os típicos floreios de um adolescente.

– Meu irmão é menor de idade – disse Sándor num reflexo de bacharel.

No entanto, sabia muito bem que a menoridade de Tamás não era relevante. A nota promissória à sua frente nada tinha a ver com as leis da Hungria.

Bolgár foi se recostando na cadeira até fazer o vime ranger. Os dois estavam sentados no pátio interno de sua casa, num vilarejo não muito diferente de Galbeno, exceto pelos carros bem maiores e mais novos. Apenas a casa de Bolgár se destacava das demais na paisagem, e como: com um módulo principal de dois pavimentos e alas secundárias em torno do pátio, pelos cálculos de Sándor ela deveria ter entre 500 e 600 metros quadrados. Voltada para a rua, havia uma cerca alta de ferro fundido com tantas volutas e arabescos que ele ficara com a vista embaralhada ao tentar espiar através dela.

– Sándor, meu amigo – falou Bolgár devagar. – Seu irmão é um homem e isto aqui é a assinatura dele. Até aí estamos de acordo, certo?

Sándor pensou na mãe e nas irmãs, no dinheiro emprestado para o telhado novo.

– Estamos.

Bolgár sorriu.

– Ótimo. Então no resto nós damos um jeito. – Bastou que ele fizesse um rápido sinal com a mão para que uma adolescente emergisse da casa com garrafas e copos numa bandeja. – Está muito quente. Aposto que você gostaria de uma cerveja.

Com certo estrépito, a moça depôs a bandeja sobre a mesinha de ferro entre eles. A carranca deixava claro que ela não estava nem um pouco contente por estar ali servindo-os.

– Esta é minha filha – apresentou Bolgár com orgulho, totalmente alheio à rebeldia da garota. – Dá um beijinho no papai.

Sem qualquer mudança na expressão facial, ela deu um beijo rápido no rosto do pai e logo voltou para o interior da casa. Bolgár ergueu o copo e, por força do hábito e da educação, Sándor repetiu o gesto, muito embora não estivesse com a menor vontade de beber com aquele homem. A cerveja estava de tal modo gelada que ele pôde senti-la descendo por todo o esôfago; era algo quase doloroso.

– Por que Tamás tomou emprestado tanto dinheiro?

– Negócios – respondeu Bolgár. – Seu irmão tinha um item para vender, mas precisava de dinheiro para a viagem, fora transporte e alojamento. Essas coisas são muito caras, sabe.

– Mas... 2 milhões? – Com esse dinheiro dava para o garoto comprar dez passagens de avião, pensou Sándor.

– Digamos que havia... certo risco. Seu irmão não poderia simplesmente ir de ônibus.

Sándor sentiu um tremor que nada tinha a ver com a cerveja gelada.

– Que item era esse? – perguntou ele. – E onde foi que ele o conseguiu?

Bolgár balançou a cabeça.

– Seu irmão foi bastante econômico nos detalhes. Mesmo assim, confiei nele, por isso investi esse montante e o coloquei em contato com algumas pessoas na Dinamarca que poderiam ajudá-lo. Mas agora estou começando a me preocupar. Veja bem, ainda não recebi nenhuma notícia. Nem dele, nem dos dinamarqueses. Então fico me perguntando: quem irá me devolver os 2 milhões de florins?

O olhar de Bolgár sobre Sándor era tão penetrante que estava claro que não se tratava de uma pergunta.

~

– Feliszia, posso perguntar uma coisa?

A irmã caçula estava lavando roupa diante da casa, os antebraços submersos numa bacia de plástico laranja, a camiseta rosa manchada pelos respingos.

– O quê?

Sándor olhou à sua volta. Os filhos de Vanda brincavam de perseguir um ao outro com pistolas d'água, soltando gritos de deleite. A mãe deles e Valeria não estavam por perto. Tanto melhor.

– Esse dinheiro que o Tamás acha que vai ganhar na Dinamarca... Sei que ele tem uma coisa para vender. Você sabe o que é?

– Não. Tamás não me contou nada sobre isso.

– Feliszia, é importante. Acho que nosso irmão está metido numa encrenca, mas não vou poder ajudá-lo se não tiver pelo menos uma pista do que ele fez.

Feliszia o fitou com olhos calmos e muito escuros. Tinha se tornado uma mulher tão bonita, pensou Sándor, tão vivaz...

– Que tipo de encrenca?

– Bem, para início de conversa, tem o Bolgár. – Ele ainda não queria trazer à tona o NBH.

– Aquele homem... – disse Feliszia, exatamente no mesmo tom que Valeria havia usado. – Eu não queria que o Bobo pegasse aquele dinheiro, mas ele não me deu ouvidos.

– Tamás pegou 2 milhões de florins.

– *O quê, 2 milhões?* – repetiu ela, espantada. – Mas para quê?

– É isso que estou tentando descobrir.

– Aquele idiota... – sussurrou ela, já com os olhos marejados.

– Que foi? – perguntou Sándor, e pousou a mão no braço da irmã, um tanto constrangido. –

Feliszia, o que está acontecendo?

De repente, Feliszia enlaçou seu pescoço e o puxou para um forte abraço. Sándor ficou de tal modo assustado que, por alguns segundos, permaneceu imóvel, duro como um boneco de pau. Feliszia enfim se afastou e o encarou com aquela mesma perplexidade que ele já tinha visto antes, tanto nos olhos dela quanto nos de Vanda. Sándor era irmão das duas, mas ao mesmo tempo não era. A distância entre eles subitamente o incomodou; desejava de verdade pertencer àquela família.

– Eu *quero* ajudar. Só não sei como.

Dessa vez, ele falou com sinceridade, não com o intuito de conseguir informações da irmã.

– Ele estava com tanta raiva... – contou Feliszia. – Por causa daquela história com o apartamento da Vanda. E também daquilo que aconteceu em Tatárszentgyörgy.

Sándor mordeu o lábio inferior. Imediatamente se lembrou da própria revolta e do sentimento de impotência ao saber da tragédia ocorrida naquele pequeno vilarejo a 40 quilômetros de Budapeste. Alguém havia tocado fogo na casa de uma família de ciganos e, quando eles tentaram escapar das chamas, foram mortos a tiro. Um pai e seu filho de 5 anos.

– Você os conhecia? – Sándor quis saber.

– Não. Mas não faz diferença. Eles eram romanis.

– Você também está com raiva.

– É, estou. Por isso consigo entender o Tamás.

– Como assim?

– Ele dizia que a única coisa capaz de salvar a gente é o dinheiro. Muito dinheiro. Para que a gente possa dar o fora daqui. Para que ninguém nos machuque.

– Feliszia, o que Tamás está fazendo não vai salvar ninguém. O garoto está encrencado até o pescoço e nós também. E as coisas só vão piorar.

Feliszia o fuzilou com um olhar ofendido, perfurando-o até a alma. Uma menininha com um coelho de pano rosa no colo, confusa e apavorada, cercada de desconhecidos...

– A culpa não é minha! – defendeu-se Sándor. – Só estou tentando ajudar...

Ela voltou a submergir os braços na bacia tão abruptamente que jogou água para todos os lados. Começou a esfregar as roupas, agora com gestos rápidos e brutais. Dali a pouco, mais calma, limpou a espuma do rosto com o ombro e disse:

– Não sei o que ele está pretendendo vender. Também não sei onde foi que conseguiu. Mas você pode tentar ver com Pitkin.



O cachorro latia muito alto e insistentemente, a bocarra de tal modo arreganhada que todos os dentes ficavam à mostra, assim como boa parte da gengiva pintalgada de preto. Sándor permaneceu imóvel do outro lado da cerca decrépita que lhe dava certa segurança. A fera era maior que os demais cachorros do povoado e decerto tinha algum ancestral pastor-alemão.

– Alguém em casa? – chamou ele, hesitante. – Pitkin?

Pitkin morava na “cidade velha”, tal como diziam as pessoas em Galbeno, muito embora o lugar

não passasse de um ajuntamento de barracões de taipa mais ou menos habitáveis, um pouco mais acima na encosta do vale. Os telhados eram uma mixórdia de folhas metálicas, plástico e palha. Nada de eletricidade. Ficava mais perto da nascente, porém um pouco longe de todo o resto. Sem nenhuma estrada que lá chegasse, apenas um caminho sinuoso. Na verdade, Galbeno não era o fim do mundo, refletiu Sándor. Havia outro fim de mundo para além do fim do mundo.

Um homem saiu do casebre. Era tão corcunda que a cabeça se projetava dos ombros feito a de uma tartaruga com um boné de pano xadrez. As calças se prendiam a um par de suspensórios pretos; apenas um colete encardido cobria o torso nu.

– Quem é você? – perguntou ele.

– Sándor. Sou filho da Valeria Rézmüves.

– Filho da Valeria? Puxa, como você cresceu!

Sándor deu de ombros.

– O Pitkin está?

– Claro, entre – disse o velho, e acrescentou para o cachorro: – Brutus! *Quieto!*

Imediatamente, o pastor vira-lata parou de latir. Balançando o rabo, aproximou-se do velho, que o afagou com a mão calejada e macilenta. Sándor se aventurou para o outro lado da cerca e fechou o portão com um laço de corda verde.

Estava tão escuro no interior do casebre que ele demorou alguns segundos até conseguir discernir os detalhes. O arranjo era idêntico ao da casa verde de Valeria: um único cômodo, um banco de alvenaria ao longo de três paredes, um fogão a lenha, uma porta. Nenhuma televisão, claro, pois não contavam com eletricidade. Também não havia a limpeza e a ordem que Valeria costumava exigir em casa.

Uma motoneta se achava estacionada no meio do cômodo. Uma Kreidler Florett azul de três marchas, observou Sándor, resgatando especificações aprendidas na adolescência que nem imaginava ainda saber. O cheiro de gasolina se misturava ao fedor da sujeira doméstica e da falta de banho dos moradores. A motoneta era de longe o que havia de mais limpo por ali. Não exatamente nova, mas... recém-comprada? Algo naquela inusitada limpeza e também no fato de que a coisa estava no meio da sala dava a entender que a alegria da compra ainda não passara por completo.

– Pitkin, este aqui é o Sándor – anunciou o velho. – Filho da Valeria.

Uma pilha de cobertas se remexeu no canto e um vulto desengonçado e sonolento se sentou.

– O Tamás... ele já voltou?

– Não – respondeu Sándor. – Ainda não.

– Ele anda meio derrubado ultimamente – resmungou o velho, que devia ser o avô do garoto. – Deve ter comido alguma coisa que não desceu bem. Mas, se você for ficar com ele um tempo, vou aproveitar e dar um pulinho lá na prefeitura.

– Você vai sair, vô?

– Vou, Pitkin, mas o Sándor está aqui. Vou dar uma saída, só isso.

Quem visse o garoto lhe daria 8 anos em vez de 18. Seria por conta da doença? Mas então Sándor se deu conta de que não era apenas aquele mal-estar passageiro que dava ao garoto o aspecto de uma criança. Feliszia já havia comentado que ele era “um pouco imaturo” e, ao que parecia, não

tinha exagerado.

– Você vai ficar, certo? – perguntou o velho. Apesar do tom de voz casual, via-se nos olhos dele a intensidade de uma súplica. – Também preciso dar uma passada na loja para pegar umas coisinhas.

Santo Deus, pensou Sándor, havia quanto tempo Pitkin estava doente?

– Fico, claro – prometeu, e sentou-se no banco de alvenaria para demonstrar que não pretendia ir a lugar nenhum. – Não precisa ter pressa.

Pitkin foi seguindo o avô com os olhos enquanto o velho vestia um casaco sobre o colete, alheio ao calor, e ajeitava o boné.

– Logo, logo estou de volta, rapaz.

Sándor ficou sem saber quem era o tal rapaz: ele ou Pitkin.

– Quando é que o Tamás vai voltar? – perguntou Pitkin assim que o avô saiu. – Ele falou que não ia demorar.

– Não sei, Pitkin. O que Tamás ia fazer?

Só que o garoto não era bobo. Subitamente, seu rosto se tornou inexpressivo e ele piscou duas vezes antes de responder:

– Ia só descolar uma grana com o violino dele.

Sándor precisou reprimir um suspiro de desânimo. Pitkin era inteligente o bastante para mentir, mas não para inventar uma mentira que não fosse tão óbvia assim.

– Muito bacana essa moto – comentou Sándor. – Faz pouco tempo que vocês compraram?

O rosto de Pitkin se iluminou na mesma hora.

– Ela tem três marchas – disse. – Chega a uns 70 quilômetros por hora na reta.

– Muito bom. Quanto vocês pagaram nela?

– Foi o Tamás que comprou para mim. Falou que... – Pitkin se calou de repente.

– O que ele falou, Pitkin?

O garoto balançou a cabeça e disse:

– Queria muito que ele já tivesse voltado. Isto aqui fica muito chato sem ele.

– Vocês são bons amigos, não são?

Pitkin assentiu, fazendo os cabelos negros balançarem.

– Ele é meu melhor amigo.

– Então você ajudaria o Tamás caso fosse preciso, não ajudaria?

– Claro que sim! – exclamou Pitkin, indignado. – Ele é meu amigo.

– Sim, e é meu irmão. Por isso quero muito ajudá-lo.

– Ajudar com o quê?

Sándor hesitou. De repente, achou difícil mentir para aquele meninão tão vulnerável. Preferiu escolher algumas poucas palavras verdadeiras:

– Ajudá-lo a voltar para casa. Faz tanto tempo que ele foi embora...

– Faz mesmo.

O cachorro entrou no casebre. Como era mesmo o nome dele? Brutus? Muito apropriado. Ele olhou Sándor com desconfiança apenas para deixar claro que estava alerta. Em seguida, trotou para o lado de Pitkin e cutucou a mão dele com a cabeça, suplicando um carinho. Pitkin coçou-o atrás da

orelha e o cão fechou os olhos, grunhindo de prazer.

– Você sabe dizer para onde ele foi exatamente?

– Dinamarca. Foi isso que ele disse.

Disso Sándor já sabia.

– O que ele ia vender por lá?

– Um troço aí que a gente achou.

– Onde?

– No hospital de Szikla. – Pitkin mordeu o lábio. – Tamás pediu que eu não contasse para ninguém.

– Sou irmão dele, Pitkin. Pode falar.

A expressão no rosto do garoto mudou de um segundo para outro. Abruptamente, ele se levantou e disparou rumo à porta, por pouco não atropelando a motoneta. Mal havia pisado do lado de fora quando vomitou.

Sándor instintivamente se levantou, mas não sabia o que fazer. Segurar a testa de Pitkin? Limpar a sujeira? O cachorro choramingava e batia com o focinho no garoto; ao ver Sándor se aproximar, virou a cabeça e rosnou. Sándor sentou-se de novo.

Pitkin limpou a boca na manga da camisa.

– Toda hora é isso. – O tom de voz deixava claro que ele considerava aquilo uma grande injustiça. – Não comi nada o dia inteiro, mas não paro de vomitar.

Ele desabou no banco, sobre os panos que antes o cobriam. O cachorro farejava a pequena poça de vômito, mas bastou que Pitkin estalasse os dedos para que ele entrasse e se acomodasse ao lado do dono.

– Quer que eu pegue um copo d’água para você? – ofereceu Sándor, meio sem jeito.

Pitkin fez que não com a cabeça.

– Estou cansado. Acho que vou tirar uma soneca.

– O que vocês encontraram? – tentou Sándor mais uma vez.

– Agora não vou conseguir falar – resmungou Pitkin, e se deitou sob as cobertas.

– Nem se for para ajudar o Tamás?

A isca da amizade aparentemente já havia perdido o efeito, pois Pitkin fechou os olhos e disse:

– Ele falou que eu não podia contar para ninguém.

Sándor se empertigou. O cachorro acompanhava todos os movimentos dele.

– Pitkin...

O garoto fingiu roncar.

– Você não está dormindo de verdade... – arriscou Sándor, mas sem sucesso, pois o ronco só fez aumentar.

Ele não conseguiria mais nada com aquela conversa. Então, levantou-se lentamente para não assustar o cachorro.

Pitkin abriu os olhos.

– Você não está indo embora, né?

– Bem, se você for dormir...

– Mas você prometeu para o vovô que ia ficar.

Via-se nos olhos de Pitkin que ele estava com medo. Sándor não sabia se o garoto sempre temera ficar sozinho ou se aquilo viera com a doença. De qualquer modo, era difícil ficar imune ao pavor dele.

– Tudo bem, vou ficar mais um pouquinho.

Satisfeito, Pitkin murmurou algo e se acomodou sob as cobertas. Sándor esperou quieto até o velho voltar.



Na manhã seguinte, o BMW de Bolgár já esperava diante da casa de Valeria quando Sándor saiu ao quintal para mijar. Stefan se recostava à porta da frente com os braços cruzados. Tão logo avistou Sándor, endireitou-se e foi ter com ele.

– O Sr. Bolgár quer falar com você.

Isso Sándor já tinha adivinhado.

– Cedo assim? Não dá nem para esperar que eu vá ao banheiro?

Aparentemente não: Stefan bloqueava o caminho.

– Agora – ordenou.

Algumas horas depois, Sándor já estava dentro de um micro-ônibus, um velho Ford Transit azul. Todos os dezessete lugares estavam ocupados e malas, bolsas e sacolas plásticas atulhavam o corredor central. Sándor era o único passageiro de Galbeno; todos os demais vinham de vilarejos semelhantes ou do gueto cigano de Miskolc. Três mulheres tinham um canto reservado no fundo do veículo; lençóis faziam as vezes de cortinas para isolá-las durante a noite. Uma delas viajava com a filhinha de 4 anos. Além delas, só havia homens.

Sándor já sentia as coxas grudadas de suor no assento de imitação de couro surrado, os pés encaixados de mau jeito nos flancos da caixa de papelão com água e comida que Valeria lhe dera. Tudo parecia tão irreal que ele já considerava seriamente bater a cabeça na janela só para ter certeza de que iria doer. Do lado de fora, via-se o distrito industrial de Miskolc, uma cinzenta paisagem de alambrados, muros, contêineres amassados e chaminés muito altas, ainda do tempo em que chaminés significavam progresso, crescimento e empregos.

Dez dias antes, eu era um estudante de direito, pensou. Morava em Budapeste. Tinha um futuro pela frente.

À época, Sándor nutria a ilusão de que era dono do próprio nariz, que podia tocar sua vida na direção que bem entendesse. Com algumas limitações, claro, e desde que se comportasse bem, que cuidasse para não ferir nenhuma regra. Desde então, ele havia sido jogado de lá para cá, de início por Tamás, depois pelo NBH, pela universidade, pelo professor, a mãe, a família e, mais recentemente, Bolgár.

– Tivemos notícia da Dinamarca – informara Bólgar assim que Stefan deixara Sándor no mesmo pátio da outra vez. – Seu irmão está precisando de você.

– Tamás? Precisando de mim para quê?

– Quem pergunta “para quê?” quando é um irmão que pede ajuda? Ele disse que precisa falar com você, só isso. Fique tranquilo, Sándor, vamos cuidar de tudo, sem custo adicional. Você parte hoje mesmo, de tarde.

Novamente não se perguntava nada nem se pedia autorização. A obediência dele era dada como certa. Mas Bolgár não confiava inteiramente em Sándor: assim que foi colocado dentro do ônibus, ele teve a carteira confiscada por Stefan, que retirou o cartão Visa e o entregou ao motorista antes de lhe devolver o dinheiro vivo.

Era difícil digerir o fato de que estava indo para a Dinamarca. Aquilo não fazia nenhum sentido. Caso fosse o caubói de um dos livros amarfanhados de Morgan Kane que levava na sacola, àquela altura já teria uma missão bem clara a cumprir: alguém que ele precisaria encontrar, salvar ou vingar. Naturalmente, haveria bandidos, obstáculos e atribulações, bem como um diligente herói que levaria a história a bom termo.

Sándor não via à sua frente missão nenhuma, muito menos um herói vitorioso.

Bolgár queria que ele ajudasse o irmão. Mas com o quê? Provavelmente com a venda daquilo que Tamás e Pitkin haviam encontrado juntos, fosse lá o que fosse, algo que deveria ser comercializado no mais negro dos mercados, nas mãos de um criminoso ou coisa pior. Que belo começo para uma carreira de advogado.

Mas você não tem mais uma carreira de advogado, foi o que lhe disse uma vozinha sarcástica dentro da cabeça. E, se não conseguir pagar os malditos 2 milhões a Bolgár, é bem provável que não tenha mais família também. Pois era exatamente isso que estava em jogo ali. Nada fora dito às claras, apenas nas entrelinhas. Por isso ele não havia se recusado a embarcar naquele ônibus; por isso ele nem protestara ao ter seu cartão de crédito confiscado por Stefan. Valeria e as meninas. A vida delas, a possibilidade de sobreviverem naquele povoado. Ele nem queria imaginar as consequências caso decidisse enfrentar um homem como Bolgár.

Sándor esfregou a testa com o pulso e subitamente teve vontade de conversar com Lujza. Não para falar da viagem à Dinamarca ou dos últimos acontecimentos. Apenas para... para falar com ela e pronto. Lujza era sua vida real, a vida que ele tinha antes de se ver irremediavelmente preso naquela teia de família, passado e ameaças veladas.

Sacou o celular do bolso do casaco. Já que ia telefonar, melhor fazê-lo enquanto a chamada ainda era local. Mas, assim que ligou o telefone, viu que ele estava sem bateria.

Ainda ficou alguns minutos com o aparelho na mão, depois o guardou de novo.

Talvez fosse melhor assim. Afinal, ele nem saberia o que dizer.

RINA NÃO QUERIA MAIS FALAR com ninguém.

Eles haviam ligado da unidade infantil naquela manhã enquanto Nina ensinava as mães de primeira viagem, talvez a tarefa mais agradável do acampamento. Mulheres que haviam acabado de dar à luz tinham uma forte inclinação para se isolar do resto do mundo. Atentas ao que Nina dizia, cinco mulheres sentavam-se em círculo no chão da pequena sala de espera da clínica com seus bebês à frente, acomodados em cobertorzinhos de cores vivas.

– Sempre que possível, coloque o bebê de bruços – orientava Nina. – Depois de trocar a fralda, por exemplo.

Agachada, Nina cuidadosamente virou um menininho de 3 meses até que ele ficasse de barriga para baixo. Não conseguiu conter um sorriso. Por alguns segundos, o bebê ainda pelejou para manter a cabeça erguida, mas depois cansou, pousou a testa contra o cobertor e, bravo, abriu um berreiro estridente. As mulheres riram. A mãe do menino, uma mocinha muito jovem do Sudão, tentou apaziguá-lo afagando o cabelo encaracolado; em seguida, num gesto rápido e seguro, içou o filho para o colo e o aninhou contra o peito. Imediatamente, o menino parou de berrar, mas, injuriado com a afronta, ainda choramingava quando o telefone tocou. Era Rikke, da unidade infantil, que fez um rápido relatório: Rina não estava dormindo nem comendo direito e se recusava a falar com quem quer que fosse, até mesmo com as crianças que já conhecia da seção familiar da Unidade B.

Eles não queriam que Nina fosse para lá, pois, na opinião de Rikke, os efeitos positivos das visitas que ela fazia todos os dias à hora do almoço eram “claramente limitados”. O que Rikke queria era falar com Magnus, pedir a ele que providenciasse algum tipo de avaliação psiquiátrica para a menina.

– Merda – praguejou Nina.

Começou a ser invadida por um ódio pelo sistema. Imaginava Rina sentada numa sala qualquer da unidade infantil, timidamente se remexendo no banco enquanto era avaliada pelo psiquiatra do acampamento. Ele era um ótimo profissional, um cinquentão simpático e barrigudo com um minúsculo par de óculos equilibrado no nariz. Mas a menina não receberia mais do que uma hora de terapia por mês e isso era praticamente nada.

– Ela precisa é da mãe – prosseguiu Nina, fazendo o possível para esconder a frustração.

Afinal, Rikke não tinha culpa de nada. Ainda assim... Nina não sabia ao certo se havia gostado do modo como a outra falara. Não havia naquele tom algo de acusatório?

– Não estou discordando, Nina – disse Rikke –, mas nem eu nem você podemos dar à garota o que ela precisa. Você está perdendo seu tempo vindo aqui. Ela está totalmente desorientada. Preciso falar com o Magnus. Agora.

– Ele não está.

– Então peça a ele para me ligar assim que chegar.

Nina se despediu apressadamente e bateu o telefone no gancho.

As mães ainda esperavam na sala ao lado, umas rindo, outras falando em tatibitate com seus filhos, os bebês grunhindo de satisfação. Nina acenou para elas e seguiu adiante no corredor, rumo à saída. Precisava de um descanso. Parou à porta e ficou ali, observando a chuva que começara a cair, as gotas pesadas que despencavam do céu de maio para encharcar o gramado diante do prédio. A água corria em filetes sobre o caminho pavimentado, que estava sujo de guimbas e embalagens de chiclete. A primavera fazia bem ao lugar, mas não se podia negar que tanto o governo quanto a população eram indiferentes a ele. As dependências eram feias e malcuidadas. Arranhadas, lascadas, surradas. Por mais que pintassem as fachadas, por mais que colocassem móveis de qualidade aqui e ali, não havia quem não se deprimisse pelo menos um pouco ao entrar naquele acampamento.

Nina respirou fundo. Sentiu o cheiro de terra, grama e asfalto molhados, o cheiro do verão por vir. E tomou uma decisão: ainda naquele ano levaria Morten e as crianças para visitar sua mãe em Viborg. Ida e Anton precisavam passar mais tempo com a avó. Bastava enfrentar tudo com determinação.

Seus pensamentos foram interrompidos pela campainha estridente do celular. Por sorte, ela conseguiu pegar o aparelho do bolso antes que ele parasse de tocar.

– Nina?

Ela demorou alguns segundos para reconhecer a voz de Peter, que soava um tanto diferente.

– Nina, sei que o Morten ainda não voltou para casa, mas será que você não podia abrir uma pequena exceção, só desta vez? Eu... – Houve um demorado acesso de tosse e ele arfou com sufreguidão por um bom tempo. – Peguei uma coisa aí... Tenho quase certeza que é a mesma daquele ciganinho. Um troço chato mesmo. Estou tão...

Um segundo acesso de tosse, tão demorado quanto o primeiro, por pouco não fez Nina afastar o telefone do ouvido até que o pior tivesse passado.

– O que você queria pedir? – perguntou ela em voz mais baixa.

Peter deu uma risada seca do outro lado da linha.

– Nada de mais. Consegui umas coisas para levar ao garoto, lá na oficina mecânica de Valby. Líquidos, loperamida, remédio para enjoos, aquele pó de reidratação que você recomendou... Como é mesmo o nome? – Nina pôde ouvi-lo remexendo nos pacotes. – Ah, deixa pra lá. O problema é que agora não estou com a menor condição de ir até lá e entregar tudo isto. Estou vomitando sem parar – concluiu Peter, com uma voz aguda, quase infantil, e isso fez com que Nina pensasse duas vezes antes de recusar.

Ela consultou o relógio, ponderou suas opções. Anton dormiria na casa de Mathias, filho dos vizinhos. Fazia semanas eles planejavam isso, logo Morten não teria do que reclamar depois, e já era mais ou menos de praxe que Ida se trancasse no quarto assim que ouvia a mãe pisar em casa.

– Não vou me despencar para Valby, Peter – respondeu ela por fim. – Mas vou dar uma passada aí para ver você. Não dá para você ficar assim, doente e sozinho.

Nina avaliava que isso não constituiria uma quebra da promessa feita ao marido, mas precisou sufocar uma súbita sensação de alívio por não ter que passar o resto da noite tentando ignorar a

frieza da filha.

Seguiu-se um silêncio do outro lado da linha.

– Peter?

– Obrigado, Nina. É muita gentileza sua.

A voz de Peter estava mais gentil do que o normal. Ele não costumava agradecer, refletiu Nina. Peter solicitava serviços para a Rede e dava por certo que a resposta dela seria “sim”.

Nina franziu a testa e deixou o telefone escorregar de volta para o bolso. Só então a ficha caiu. Peter não queria que ela fosse até Valby naquela noite. Dessa vez, estava pedindo ajuda para si mesmo.



A casa de Peter ficava numa rua comprida e plana na divisa de dois dos subúrbios menos charmosos de Copenhague: Vanløse e Brønshøj. Nina nunca havia estado ali; precisara conferir mais de uma vez o endereço anotado no papelzinho amarelo que deixara no banco do passageiro. Além das cercas vivas de faia verde-clara que margeavam a rua, viam-se pedaços de jardins cuidados com diferentes graus de entusiasmo, alguns com um pomarzinho de árvores retorcidas, outros com castanheiras, bétulas ou arbustos de lilás. As casas pareciam datar da década de 1950, originalmente pequenas, mas já reformadas com anexos por todos os lados, em geral de gosto duvidoso.

A casa de Peter não era exceção. Um pequeno bangalô de tijolos vermelhos, cercado por um gramado, alguns arbustos e uma garagem estreita ao fim do acesso de carros. Nina já sabia que ele também estava conduzindo uma reforma: um anexo que uniria a garagem ao corpo principal da casa. Fazia anos ele comentava a respeito, dizendo que facilitaria seu trabalho descer do carro com algum imigrante ilegal e entrar na casa sem que ninguém os visse da rua. Porém, não se tratava de uma opção viável à época em que ele ainda era casado. Nenhuma mulher de respeito permitiria a construção daquela monstruosidade que Nina via ser acrescentada aos fundos da casa. Mesmo se fosse para salvar o mundo.

A fundação já estava pronta e um buraco fora aberto na fachada lateral. Isso era só o que ele ou os pedreiros haviam conseguido realizar até então. Uma lona tinha sido jogada displicentemente sobre o buraco e agora se agitava de leve com a brisa fresca de maio. Pequenas poças de água se acumulavam no piso daquilo que um dia seria o anexo de Peter.

O divórcio havia sido difícil para ele, avaliava Nina. O assunto nunca vinha à tona quando eles conversavam. Peter raramente falava de si mesmo, apenas dos “casos” e “clientes” da Rede. Mas Nina tinha a impressão de que via naquela obra calamitosa algumas sequelas do divórcio: os sacos de entulho largados pelos cantos, as janelas nuas que davam para o jardim. Era bem provável que a ex-mulher tivesse levado as cortinas consigo após a separação, ela pensou com desgosto. Era o tipo de coisa que mulheres faziam com ex-maridos, sabendo muito bem que os pobres coitados jamais se dariam o trabalho de colocar novas. Além disso, estava claro que Peter agora não tinha por perto ninguém que pudesse chamar nos momentos de doença.

Ele demorou um tempo para abrir a porta.

Estava vestido com o devido decoro, mas visivelmente combalido. Os olhos estavam vermelhos e mortiços, os cabelos eram uma bagunça úmida de suor e a barba ainda não havia sido feita. Nina logo reconheceu o cheiro de suor e vômito quando ele deu um passo para trás e, à maneira de um comissário de bordo, sinalizou para que ela entrasse.

– Bem-vinda à minha humilde residência.

Peter abriu um sorriso murcho e Nina sorriu antes de depositar no chão do hall a sacola cheia de provisões: pão, refrigerante, aveia.

– E aí, como você está? – perguntou ela.

Peter suspirou.

– Bem, acho que agora estou um pouco melhor – respondeu ele, evasivo. – Faz mais de uma hora que não vomito, mas estou um caco.

Nina meneou a cabeça.

– Vamos por partes. Você comeu ou bebeu alguma coisa lá na casa dos ciganos?

– Não é bem uma casa. É uma oficina abandonada. Mas não, acho que não comi nada. No máximo tomei um chá.

– Ótimo. Então não é uma intoxicação alimentar. O mais provável é que seja um vírus estomacal. Eles podem ser terrivelmente contagiosos.

Devagar, Peter atravessou a sala de poucos móveis e desabou num sofá desbotado. Um balde e um esfregão aguardavam de prontidão a seu lado e, na mesinha de centro, viam-se uma pilha de toalhas de rosto, um rolo de toalhas de papel e um jarro de água.

– Sinto muito ter chamado você assim, mas chegou uma hora que eu fiquei... com medo. Quase desmaiei quando tentei ficar de pé, então achei que a coisa podia ser ainda pior do que eu tinha imaginado. E agora... você também está correndo o risco de ser infectada.

Nina balançou a cabeça.

– Você ajuda tanta gente, Peter... Se uma vez na vida você precisa que alguém amenize sua febre, nada mais justo.

Rapidamente, ela recolheu as toalhas usadas e colocou-as na máquina de lavar dentro do banheiro. Não havia muito o que dizer de bom sobre os vírus estomacais, a não ser que eles iam embora por conta própria.

– Você teve diarreia?

– Ainda não.

– Febre?

Nina baixou a tampa da máquina e selecionou o ciclo de água quente. Peter respondeu algo, mas ela precisou voltar à sala para ouvi-lo melhor. Deitado de costas no sofá, ele pousava a mão sobre a testa

– Não, nada de febre – repetiu Peter. – Mas tinha um pouquinho de sangue no vômito.

Nina ficou intrigada. Não necessariamente sangue significava alguma coisa grave. Poderia resultar de uma pequena lesão no esôfago ou na laringe, sobretudo quando os vômitos eram muito intensos. E uma vez que ele estava melhorando...

– Há quanto tempo você está passando mal?

Nina correu os olhos à sua volta. Sobre a televisão, viu duas garrafas de 1,5 litro de Coca-Cola, ambas vazias. A correspondência se acumulava numa pilha ao lado da porta, dando a entender que Peter não havia encontrado forças para examiná-la.

– Desde ontem à noite – respondeu ele com um suspiro desconfortável, forçado. – Hoje eu deveria ter ido lá para Valby entregar os mantimentos. – Sem muito ânimo, indicou com o queixo as sacolas grandes que tinha deixado num canto da sala.

– Não é muita coisa para uma pessoa só? – indagou Nina, sentindo um frio na barriga.

– Eu sei, mesmo que eu tenha bebido todo o refrigerante – disse Peter com a voz um tanto embargada. – Eles ligaram de novo depois daquele dia que a gente se falou. Mais pessoas adoeceram. Eles estavam preocupados com as crianças. Então comprei tudo isso aí que você está vendo. Ligaram mais uma vez quando eu já estava passando mal, mas eu não quis atender – admitiu, quase constrangido. – Estava vomitando sem parar.

A preocupação de Nina se intensificou. E se ela estivesse enganada? Crianças adoeciam muito rapidamente e um grupo de romanis em Valby não teria a menor ideia do que fazer na Dinamarca caso a situação ficasse mais séria. Peter devia ser o único contato deles no país, sem falar, claro, nos sanguessugas que decerto os estariam extorquindo por conta de algum “aluguel” ou “extra” de natureza duvidosa.

Ela olhou de relance para o relógio. Ainda eram apenas 19h32.



A velha oficina ficava num lote comprido e estreito, espremida entre um galpão de aço corrugado vermelho, que mais parecia um celeiro, e um prédio baixo, com uma fachada branca quase inteiramente coberta por uma placa que descascava de alto a baixo: BÆKGAARD TECNOLOGIA INDUSTRIAL. Nenhum sinal de vida nas construções vizinhas, o que não era de estranhar, uma vez que o horário comercial já havia terminado. Para ser mais preciso, eram 19h57.

Nina desceu do carro. O vento agora soprava bem mais forte. Lufadas pareciam vir de todas as direções a um só tempo, fustigando-a com cascatas de chuva. Ao longe, era possível ouvir o chiado molhado dos carros na velha rodovia que serpenteava rumo ao sul. Um solitário melro cantava baixinho e melodiosamente no alto de um arbusto teimoso que havia conseguido crescer no meio de tanto concreto. Fora isso, o silêncio em torno da oficina era completo.

Nina pegou as sacolas de compras e o kit de primeiros socorros que sempre levava consigo no carro, depois atravessou às pressas o pequeno estacionamento diante da oficina.

Sem dúvida eles a tinham visto chegar, pois a porta já estava entreaberta. Do outro lado, um rapazote de suéter turquesa a examinava com desconfiança.

Da escuridão da oficina vinha o som de vozes abafadas, crianças chorando, mulheres sussurrando para acalmar os filhos.

– Sou enfermeira – apresentou-se Nina num inglês pausado e bem articulado, apontando para a cruz vermelha do kit. – Foi o Peter que me mandou aqui.

O jovem ainda a fitava desconfiado; a ele se juntou um homem ligeiramente mais velho com

barba por fazer que vestia calças muito largas de moletom e um par de sapatos furados na ponta. Ele falou alguma coisa que fez o de turquesa dar de ombros. Nina contemplava o céu cinzento e nublado enquanto esperava que os dois chegassem a algum tipo de consenso. Não havia como ter certeza de que eles a compreenderam, muito menos que tivessem reconhecido o nome de Peter. Uma criança ainda choramingava no breu da oficina. Aflita, Nina olhou sério para a dupla.

– Por favor, se tem uma criança doente aí...

O mais velho perguntou algo para alguém às suas costas e duas vozes responderam. Após uma última espiada em Nina, ele e o rapazote recuaram para que a recém-chegada pudesse entrar.

De início, ela não conseguiu ver muita coisa. A única fonte de iluminação por ali era uma lâmpada fluorescente que, bem lá no fundo, projetava uma aura azulada à sua volta. Os demais pontos de luz pendiam sem lâmpadas abaixo das vigas.

O mais velho dos dois homens falou o que devia ser uma advertência e deu um pequeno empurrão em Nina quando ela ia entrando. Por muito pouco a enfermeira não enterrara o pé num dos muitos buracos das pranchas de compensado podres que serviam de tampa ao fosso da oficina, que ia da entrada ao fundo. Colchonetes e sacos de dormir se espalhavam em ambos os lados e o cheiro original de óleo e ferrugem se misturava à catinga dos cigarros, bem como ao fedor natural de um espaço superpovoado.

Havia gente por todo lado. Pelo menos foi o que pareceu a Nina quando seus olhos enfim se habituaram à pouca luz. Alguns se enroscavam nos colchões, aparentemente dormindo. Outros sentavam-se no chão em pequenos grupos, conversando e fumando. Os cigarros em brasa pontilhavam o ambiente feito vagalumes. O bando era composto quase todo de homens. Pelos cálculos de Nina, uns vinte, de todas as idades. Havia um punhado de mulheres e, ela imaginava, poucas crianças. Era difícil ver quantos dormiam em meio aos colchões, sacos de dormir e mochilas. Peter dissera haver mais ou menos cinquenta pessoas acampadas naquela oficina. Os demais talvez ainda estivessem na cidade, mendigando, catando latas, vendendo flores ou administrando barraquinhas de jogo nas ruas.

– *Ápolónö*.

O homem foi até uma moça magrinha que apertava uma criança entre os braços e apontou para Nina.

– *Ápolónö* – repetiu ele.

A mulher encarou Nina. Parecia cansada. Seu menino choramingava e se retorcia, por mais que fosse embalado.

Ao se aproximar, Nina sentiu cheiro de vômito. Com todo o cuidado, tomou a criança e a acomodou num dos colchonetes finos que ladeavam o fosso. Seu rosto era o de um menino de 3 anos, mas o corpo era franzino, leve como uma pluma. Sem dúvida o pobrezinho havia comido pouco, e mal, durante a maior parte da vida. Ele se contraiu um pouco quando Nina ergueu a camiseta para apalpar-lhe a barriga. Não estava com febre, mas a pele estava quente e ressecada. Nina o beliscou de leve no braço; a marca na pele permaneceu por um tempo maior do que o normal.

– Quantos dias? – perguntou à mãe, que, embora aparentasse não ter mais que 25 anos, não tinha dois dentes na arcada superior.

A moça meneou a cabeça, sinalizando que havia compreendido a pergunta, depois ergueu três dedos como resposta.

– E você? – indagou Nina.

Subitamente envergonhada, a moça fez um gesto à frente da boca para sinalizar algo que Nina logo compreendeu:

– Vômito.

Um dos rapazes que bisbilhotavam a conversa interveio para contribuir com seus poucos conhecimentos de inglês. Ele explicou que a moça estava com a mesma doença do filho, mas não tão mal quanto o menino. As crianças eram as que mais sofriam; haviam adoecido alguns dias antes. Vomitando, com sangramento no nariz, apontando para o estômago e o rosto.

– Ontem... – Seus olhos se iluminaram quando ele abriu um histriônico sorriso. – Ontem, todo mundo bom, todo mundo feliz, comendo. Hoje, todo mundo doente de novo. – Dando de ombros, indicou o menino no colchonete. – Meu filho. Pois é. Muito doente de novo.

O menino gemia baixinho, mas sempre seguindo Nina com os olhinhos arregalados de apreensão.

Nina ficou de pé e examinou melhor o lugar. Duas lonas amarelas pesadas faziam as vezes de cortina no meio do ambiente, talvez numa tentativa de criar áreas separadas para homens e mulheres. Naquele momento, porém, elas estavam recolhidas para o lado para que a pouca luz disponível pudesse alcançar tudo.

No fundo da oficina, havia duas portas. Uma delas talvez fosse um banheiro, pensou Nina, talvez até com chuveiros. Não era de todo improvável que numa oficina mecânica houvesse algo do tipo. Ela seguiu caminhando rente ao fosso na direção das portas.

Os homens subitamente ficaram mudos e ela agora podia sentir o olhar hostil de todos enquanto atravessava o salão. O rapaz que lhe abrira a porta antes logo surgiu ao seu lado, tão perto que seus ombros roçavam os dela a cada passo dado.

– Preciso lavar as mãos – explicou Nina, erguendo as mãos para deixar mais claro.

Irritada, afastou-se um pouco e apertou o passo. Estranhava aquela repentina demonstração de mafeza, mas, por outro lado, não era a primeira vez que se via obrigada a enfrentar gestos de ameaça e peitos estufados antes de obter permissão para fazer seu trabalho. Por vezes havia todo um ritual a ser cumprido, discussões exaltadas em que uns davam peitadas e outros empinavam o queixo antes de deixar que ela fosse acudir um filho deles, uma irmã, um irmãozinho, a mãe. Àquela altura, Nina já sabia que o problema não era exatamente com ela, tampouco com o que fazia: para certos homens, Nina lhes dava uma bela oportunidade para demonstrar sua gloriosa virilidade, sua admirável capacidade de defender a família. Por mais primitivo que isso fosse.

Mesmo assim, Nina começara a suar um pouco.

À exceção daquela jovem mãe, ninguém parecia especialmente feliz com sua chegada e ela não gostava nem um pouco do fato de muitos estarem se juntando às suas costas. Nina tinha a impressão de que estava sendo acuada, mas não queria virar o rosto para verificar.

Por fim, ela alcançou o banheiro. As paredes eram de cerâmica branca. O vaso sanitário não tinha tampa e a pia contava com um espelho rachado e uma pequena saboneteira. Também havia um chuveiro no canto, enferrujado e bambo. Fora isso, o cômodo frio não continha mais nada. Bastou

uma discreta espiada para que ela notasse que o vaso estava limpo, muito embora aquele fosse o único banheiro disponível para todas aquelas pessoas acampadas na oficina. Alguém se desdobrava com uma escova e sabão.

Nina lavou as mãos lenta e acintosamente sob o olhar do pai do menino, que a observava da porta. Feito um cão de guarda do outro lado da cerca, ela pensou, e voltou a ficar nervosa. Alguma coisa não estava certa ali. Eles mesmos haviam entrado em contato com Peter, mas agora queriam se ver livres dela o mais rápido possível. Não restava dúvida de que o menino estava doente, mas até então tudo levava a crer que se tratava apenas de um vírus estomacal relativamente inofensivo.

– Por favor – disse o rapaz à porta, agora com um sorriso e um gesto de pressa. – Mais crianças doentes. Vai ver, por favor.

Ele permaneceu onde estava e Nina precisou se espremer para passar pela porta de volta à oficina. De repente ela se lembrou: onde estaria o tal rapaz doente que Peter havia mencionado? Afinal, fora ele quem tinha desencadeado tudo aquilo. Lentamente, perguntou em inglês:

– E o outro rapaz? O que estava doente... Onde ele está?

O jovem pai sorriu, revelando a dentição encardida.

– Bom. Ele está bom.

Ele desviou a vista, fixando o olhar por um segundo a mais do que o normal na porta à direita do banheiro.

– Onde ele está? – insistiu Nina. – Aí dentro?

– Não, ele já bom. Foi embora.

De novo o rapaz abriu um sorriso largo e Nina teve certeza de que ele estava mentindo. O mais provável era que do outro lado daquela porta fechada estivesse todo um carregamento de televisões roubadas, o que explicaria as atitudes agressivas, a tensão que pairava no ar. Com certeza o garoto doente ainda estava por ali, escondido em algum lugar, mas ninguém queria vê-la conversando com ele. Deixariam que ela examinasse as crianças, e só. Pensando bem, isso era o que realmente importava. Fora nas crianças que ela tinha pensado quando enfim decidira ceder ao pedido de Peter.

Nina assentiu.

– As crianças... Onde é que elas estão?

~

Nina tomou o caminho de volta para casa às 20h52.

Quase não havia trânsito na Jagtvej, mas chovia forte o bastante para embaçar os vidros do carro. Já fazia algum tempo que o desembaçador não funcionava em seu velho Fiat e volta e meia ela precisava se inclinar para limpar o para-brisa com a manga da blusa.

Uma leve culpa fermentava nos confins de sua consciência, não muito diferente da de um alcoólatra em tratamento que resolve beber após o trabalho. Quase não havia nenhum mal naquilo que ela fizera. Tecnicamente falando, visitar Peter não fazia parte de seu trabalho na Rede. Já sua ida a Valby era difícil de justificar. E agora ela se sentia estranhamente ludibriada. As crianças examinadas já haviam parado de vomitar. As maiores, que tinham mais ou menos a idade de Anton,

dormiam em paz nos colchonetes e ela nem precisara acordá-las para saber que já estavam melhorando. A coloração da pele estava boa; a respiração, regular. Nenhum sinal de desidratação. Os menores – o menino de 3 anos e duas gêmeas um pouco mais velhas – apenas gemeram ao terem a barriga apalpada. Ela instruíra as mães a misturar sal e açúcar na água mineral e insistira para que os filhos se hidratassem o mais frequentemente possível. Também tinha deixado alguns envelopes de antiemético para aliviar o enjoo. De modo geral, não havia nada com que se preocupar, nem agora e talvez nem antes. Ela fora levada até ali por conta daquela mesma ansiedade irracional que a acometia nesse tipo de situação, ciente de que Morten não gostaria nada de saber que ela quebrara sua promessa por causa de algumas crianças que, no fim das contas, nem doentes estavam de verdade. O marido talvez não desse nenhuma importância à condição daquelas crianças, mas Nina dava.

Tão logo entrou na Fejøgade, ela ergueu os olhos para as janelas do segundo andar de seu prédio. As luzes da sala estavam acesas: Ida devia ter saído de sua toca para se esparramar no sofá e aproveitar sozinha a televisão de plasma que eles tinham comprado havia pouco. Nina lhe mandara uma mensagem de texto dizendo que chegaria tarde do trabalho. Não dera nenhuma explicação e Ida também não perguntara nada, apenas respondera “Ok” – sem um *smiley* do lado, claro. *Emoticons* eram coisa de criança, ela pensava, e se por acaso fazia uso deles, jamais os incluiria num torpedo para a própria mãe.

Nina deixou o kit de primeiros socorros no banco traseiro e bateu a porta do carro. Não estava com a menor vontade de entrar. Droga, como as coisas haviam chegado àquele ponto?

Abandonando a pergunta sem resposta em algum escaninho da consciência, cautelosamente abriu a porta do apartamento. O televisor ou o aparelho de som estava ligado na sala. “Quero apodrecer em paz”, era o que berrava o vocalista do Alive with Worms, uma icônica banda gótica de Copenhague. Voltando à própria juventude ao reconhecer o estilo da música e a voz do cantor, Nina ficou um pouco irritada: por que diabos os adolescentes tinham que repetir tantos clichês? De um lado, a patricinha que fedia a gloss de framboesa, via reality shows idiotas e colecionava revistas de moda; de outro, a minigótica autocomiserativa que pintava de preto o interior da cabeça, romantizava a anarquia, matava aula de educação física, revirava lojinhas obscuras à procura de roupas rasgadas e ouvia um monte de músicas bestas que serviam apenas para deixá-la ainda mais deprimida. Eram essas as únicas opções dos pais? A segunda talvez fosse um pouco melhor que a primeira, mas nem de longe era uma alternativa original; difícil levá-la a sério.

– Oi.

Nina entrou na sala e estacou, estupefata com o que encontrou.

Ida de fato estava no sofá como ela havia imaginado. Mas, a seu lado, se encontrava um garoto com uma enorme xícara de chá nas mãos. Ele acabara de dizer algo a Ida, mas, naquele momento, ambos viraram o rosto para encará-la. O garoto sorriu timidamente, deixou a xícara sobre a mesa com pressa e correu a mão sobre a cabeça raspada.

Quantos anos teria ele: 16, 17?

Ida sustentou o olhar da mãe com um misto de constrangimento e afronta. De repente, decidiu que o ataque era a melhor defesa. Com voz firme, e num tom quase profissional, ela disse:

– Você falou que ia chegar tarde.

– É... falei – balbuciou Nina, e logo se deu conta da facilidade com que os pais, a exemplo dos filhos adolescentes, também podiam resvalar para o clichê. – São quase nove horas.

O garoto rapidamente ficou de pé e secou as mãos nas calças, que pendiam muito baixas na cintura, quase caindo.

– Boa noite – cumprimentou ele com polidez. – Meu nome é Ulf.

Nina lhe estendeu a mão, sopesando as opções. Percebeu então que, no fim das contas, só lhe restava uma:

– Olá, Ulf. Muito prazer.

OFORD TRANSIT COMEÇOU A DAR problemas nas imediações de Dresden, ao norte da cidade, próximo a um lugar chamado Schwartzheide. O motorista ainda conseguiu que o micro-ônibus capengasse até a saída mais próxima da autoestrada antes de estrebuchar por completo lá pela metade da rampa.

O homem instou aos passageiros que permanecessem a bordo, mas em cinco minutos Sándor era o único que ainda permanecia quieto em seu lugar. Os demais já se espalhavam feito um lençol multicolorido sobre o gramado da encosta, conversando, discutindo, mijando ou esticando as pernas. Outros tantos já se dirigiam para a lanchonete de beira de estrada algumas centenas de metros adiante. As discussões giravam em torno do motorista, que ora berrava em vão para os passageiros, ora examinava o motor, ora tentava falar com alguém ao celular.

Sándor enfim se levantou também. Os joelhos doíam após mais de 24 horas espremidos na mesma posição. Sentia-se melado de suor sob as roupas amarfanhadas e cada célula de seu corpo parecia clamar por um gole de café. O celular também precisava ser recarregado. A lanchonete era uma opção tentadora, mas ele estava quase certo de que não podia usar seu cartão em euros. Por outro lado... que mal haveria em tentar? Viu que a jaqueta do motorista pendia de um gancho atrás do banco dele.

Embora estivesse procurando algo que lhe pertencia, sentiu-se um delinquente ao enterrar a mão no bolso de outra pessoa. Olhou pelo para-brisa e viu que não era observado por ninguém. Seu cartão era um dos muitos que o motorista havia guardado num envelope plástico. Ao que tudo indicava, Sándor não era a única pessoa cujas finanças estavam sendo “controladas” pelo homem.

Por fim, devolveu o envelope ao seu lugar, tirou da mochila o carregador do celular e desceu do ônibus. Do lado de fora, parte do trânsito da manhã passava pelo acostamento para ultrapassar o veículo quebrado, e a neblina, de tão espessa, parecia chuva. A placa de neon da lanchonete – uma enorme xícara de café amarela com espirais de fumaça branca desenhadas de forma artística – reluzia feito um farol através da cerração.

Sándor pegou da prateleira um croissant embrulhado em papel celofane, colocou-o na bandeja de plástico com a xícara de café que tanto queria e foi seguindo na fila até alcançar o caixa. Tarde demais, deu-se conta de que não teria nenhum documento de identidade para apresentar caso seu Visa húngaro fosse inicialmente recusado como pagamento. Por sorte, a moça do caixa não lhe pediu nada. Eles estavam nas imediações da E55 e era bem provável que vissem um pouco de tudo por ali; além disso, o custo de um croissant com café era uma ninharia mesmo entre os altos preços de uma lanchonete de *Autobahn* alemã.

Sándor avistou uma mesa livre com – aleluia! – uma tomada próxima e acomodou-se no assento de vinil vermelho. O café cheirava maravilhosamente bem. O croissant tinha gosto de algodão.

Imaginava sentir a cafeína correndo nas veias para abastecer as células quando uma mensagem de texto surgiu com um bipe no monitor de seu celular ressuscitado. De início, ele não identificou o remetente: não havia nenhum nome e o número não era o que Tamás lhe passara naquela noite no dormitório da rua Szigony. “PQ VC AINDA NAO CHEGOU?” era o que estava escrito em aflitas maiúsculas. “Vc nao viu o e-mail q mandei? Me ajuda. *Te merav!*”

A última frase estava escrita em romani e foi isso que levou Sándor a concluir que a mensagem era do irmão. Ficou olhando por um tempo para a minúscula tela azulada do celular. Já tinha ouvido aquilo um milhão de vezes, tanto em Galbeno quanto na comunidade cigana do Oitavo Distrito. *Te merav. Te merav*. “Que calor, estou morrendo”; “Estou tão cansado... Estou morrendo”; “Me dá um café aí, estou morrendo”. Uma hipérbole que sua madrastra húngara certamente teria reprovado. Se pudesse entender, claro. Mas seria aquilo uma hipérbole ou Tamás estaria mesmo morrendo? O tom aflito do resto da mensagem dava a entender que não se tratava apenas de uma expressão vazia.

Sándor tentou ligar de volta para o número, mas ninguém atendeu.

Fazia quase uma semana que ele não via seus e-mails, pois o NBH havia confiscado seu computador. Precisaria encontrar algum cybercafé se quisesse ler o e-mail que Tamás dizia ter mandado.

Te merav. Com sorte o irmão estava apenas sendo melodramático.

NO JARDIM, SKOU-LARSEN FITAVA OS malditos minaretes, mal acreditando que tivessem autorizado a construção de torres assim tão altas num bairro residencial. Alguém na sua velha repartição havia pisado na bola. As leis de zoneamento urbano permitiam apenas edifícios baixos e áreas recreativas públicas. Nenhuma brecha para torres de cunho religioso.

Talvez ainda fosse possível fazer uma reclamação. Afinal, ele ainda tinha conhecidos no setor de planejamento.

– Jørgen? – chamou Helle.

– Sim?

– Café.

Obedientemente, ele atravessou as portas de vidro de correr – notou que o umbral precisava de uma nova pintura – e tomou seu lugar à mesa. Havia também um bolo mesclado, mas com toda a cara de ter sido comprado. Helle parecia um tanto distraída enquanto servia o café nas suas xícaras usuais.

– Estive com o advogado – comentou ele. – Aquele garoto, o Ahleggaard. Falou que conhece um bom escritório de advocacia em Marbella caso a gente queira abrir um processo.

– Processo para quê?

– Para pegar nosso dinheiro de volta – respondeu ele com paciência.

– Mas estou feliz com o apartamento.

Skou-Larsen desistiu. Não conseguia fazer a mulher entender que não havia apartamento nenhum, que jamais haveria, pelo menos não no endereço especificado no sofisticado panfleto distribuído pela incorporadora. Ele colocou um pouco de creme no café, tomou um gole e estranhou o gosto.

– O que tem neste café?

– Nada.

– Está com um gosto diferente.

– Porque é descafeinado. E isso aí não é creme, é leite semidesnatado.

Ele se sentiu estranhamente ludibriado.

– Descafeinado?

– É. Não causa tanta acidez.

Nos últimos tempos, ele vinha sentindo uma queimação no peito, logo atrás do esterno; segundo o médico, tratava-se de algo chamado refluxo. Para ele, refluxo era coisa de bebês recém-nascidos, mas na realidade era o ácido do seu estômago que subia para irritar o esôfago. Ele fora instruído a reduzir o consumo de café, chá, álcool, chocolate, suco de laranja... e o que mais? Ah, sim, hortelã. Ele nunca comia hortelã. Quem comeria tanta hortelã assim, a ponto de passar mal? Além disso, haviam posto blocos de madeira sob os pés da cama, no lado da cabeceira, e ele agora tinha sempre

a sensação de que estava escorregando.

– Nem parece café de verdade – falou, e pousou a xícara.

Helle se levantou bruscamente.

– Então não bebe – disparou, e desapareceu na cozinha.

Skou-Larsen ficou ali por um momento, olhando para a mesa: as fatias de bolo meticulosamente cortadas, os biscoitos de groselha, a jarriinha de leite semidesnatado, os guardanapos, os pratos. Arrependeu-se de ter reclamado do café. Helle preocupava-se com a saúde dele, só isso.

Então vá lá e peça desculpas, disse a si mesmo. Mas não conseguiu. O problema não eram apenas Helle e o café descafeinado. Também havia os malditos minaretes no jardim, os panfletos da incorporadora que ainda estavam na mesinha de cabeceira, a maldita cama elevada que o fazia levantar com dores nas costas e, claro, a maior injustiça de todas: a morte.

Em que ponto exatamente ele tinha perdido as rédeas da própria vida?

Talvez nunca as houvesse tido. Talvez o livre-arbítrio não fosse mais que uma grande ilusão, o maior engodo de todos os tempos.

Levantou-se e foi para o corredor.

– Vou dar uma caminhada no lago! – berrou na direção da cozinha.

Esperou por uma resposta, mas ela não veio.



No fim das contas, ele não foi para lago nenhum. Não teria paciência para tanta gente correndo à sua volta. Em vez disso, seguiu na direção da obra, de onde já vinham retirando as lonas que cobriam o domo. O portão estava aberto e não havia ninguém no trailer parado à entrada, uma guarita improvisada que, a bem da verdade, não fazia lá muita diferença: dois buracos já tinham sido abertos a alicate no alambrado que dava para a Lundedalsvej. Apesar da placa que dizia ENTRADA PROIBIDA, Skou-Larsen tinha plena convicção de que não estava invadindo a propriedade de ninguém. Aquela obra lhe dizia respeito diretamente: atrapalhava a vista que tinha de casa, aborrecia sua mulher.

– Ora, ora, olhe quem está aqui! É o Sr. Skou-Larsen, não é?

Skou-Larsen se virou, sentindo-se um tanto culpado apesar de todos os argumentos que lhe passavam pela mente. Às suas costas, se achava um extraterrestre com um capacete cilíndrico em torno da cabeça e um macacão de astronauta que escondia todo o corpo.

– Ah, desculpe – disse o extraterrestre, e retirou o capacete. – Não é fácil reconhecer uma pessoa com estas roupas. É que estamos retirando os painéis de amianto dos tetos antigos.

Skou-Larsen contemplou o rosto que se revelou. As faces eram avermelhadas e os cabelos dourados já rareavam. Feições rechonchudas davam-lhe o aspecto daqueles porquinhos que decoravam os caminhões de frigorífico de outrora, sempre radiantes e sorridentes, como se não houvesse nada mais divertido do que ter a garganta cortada ou os lombos retalhados à faca.

– Ah, sim, como vai? – perguntou ele com certa hesitação. – Puxa, quanto tempo.

– Bota tempo nisso. Você ainda está lá, no planejamento?

– Não. Faz anos que me aposentei.

– Como o tempo voa! Agora estou no setor privado. Tenho meu próprio negócio, uma empresa especializada na remoção de amianto.

O homem indicou um dos carros displicentemente estacionados diante do futuro centro cultural. Grupo Jansen, dizia um logotipo, reavivando a memória de Skou-Larsen. O extraterrestre era Preben Jansen, que trabalhava no setor de manutenção e engenharia da prefeitura. Pelo menos era essa sua ocupação nas poucas vezes em que os caminhos de ambos haviam se cruzado no passado.

– Parabéns – congratulou Skou-Larsen.

– Obrigado. Mas a que devemos essa honra?

Tratava-se, claro, de uma maneira gentil de perguntar “Que diabos você está fazendo aqui?”. Mas Skou-Larsen não tinha nada contra a gentileza.

– Ahn... moro aqui perto. – Ele apontou na direção da Elmebjergvej. – Então fico curioso para ver como a obra está indo. Sabe como é... Vício de quem trabalhou a vida toda no ramo de construções e alvarás.

Uma ideia lhe ocorreu de repente: e se afinal eles não tivessem permissão para construir tão alto? Já havia acontecido antes. Certas pessoas achavam mais fácil pagar uma multa do que obter uma permissão da prefeitura. Ou talvez tivessem cometido outra infração, algo na legislação contra incêndios, por exemplo. Qualquer coisa que lhe desse ensejo para registrar uma queixa... Talvez ainda fosse possível encontrar algum pretexto para embargar a obra ou pelo menos atrasá-la.

– Você acha que posso dar uma olhada lá dentro? Ouvi dizer que o projeto é extraordinário. Uma pequena joia multicultural.

Skou-Larsen receou ter exagerado, mas respirou aliviado quando Jansen assentiu.

– O arquiteto é brilhante. Já fez várias mesquitas na Europa. – Suas feições de “porquinho radiante com o abate” ainda traíam certa hesitação, mas ele tomou uma decisão. – Claro, claro, vamos lá. Afinal, já está quase na hora de encerrar o expediente. Venha comigo, Sr. Skou-Larsen. Vamos fazer um pequeno tour.



O antigo prédio da fábrica formava a recepção de teto reto, significativamente modificado com janelas de arco, marcenaria de pinho e cerâmicas ornamentais. A chapalaria e os banheiros estavam sendo instalados numa das extremidades do espaço; na outra, uma sala de reuniões bastante comum com uma pequena cozinha. Skou-Larsen inspecionava tudo à sua volta, fazendo anotações mentais. O teto ainda não estava pronto e o piso de cerâmica se achava coberto parcialmente com pedaços de pano e plástico.

– Estamos um pouco atrasados com o teto – informou Jansen. – Demoraram para descobrir os velhos painéis de amianto que já existiam aí. Acho que não constava nada na documentação original. Por isso chamaram a gente.

– Por acaso fizeram uma avaliação ampla em termos de segurança do trabalho? – perguntou Skou-Larsen automaticamente.

Avaliações semelhantes eram obrigatórias sempre que havia amianto nas construções.

– Ué, achei que você tivesse se aposentado – brincou Jansen, sorrindo.

– Velhos hábitos – replicou Skou-Larsen às pressas, também abrindo um sorriso. – Claro que nada disso é da minha conta.

Mas agora a questão do amianto fervilhava em sua cabeça; havia tantos possíveis deslizos e pequenas infrações... Se um aprendiz de 17 anos simplesmente pisasse ali, por exemplo...

– Entendi. Mas você pode dormir tranquilo. O mestre de obras sabe o que está fazendo e... bem, eu também não sou nenhum amador.

– Não, claro que não...

Atravessando uma passagem escura, onde as janelas ainda estavam cobertas por plástico preto, eles alcançaram a área do domo propriamente dito.

Skou-Larsen adorava construções. Embora seu trabalho consistisse em avaliar plantas e fiscalizar normas, ele tinha um especial interesse por tijolos e argamassa, pela distribuição dos espaços, pela ciência da engenharia e da arquitetura. Talvez por isso se impressionasse tanto com o que agora via a seu redor.

Ele se imobilizou por uma pequena eternidade.

O domo era o firmamento, assomando nas alturas como se pedra e cobre não tivessem massa nenhuma. Os mosaicos nas paredes rebrilhavam com as cores exuberantes da própria Criação. Ele se obrigou a pensar em saídas de emergência, tubulações sanitárias e alvarás, mas sem sucesso. A luz do ambiente parecia envolvê-lo completamente, fazendo inchar seu veterano coração e apagando qualquer vestígio da consciência da morte iminente.

Skou-Larsen suspirou. Eles haviam construído uma catedral.

– Sr. Skou-Larsen? Algum problema?

– Problema nenhum. É que...

– É muito bonito, não é? Dá até um pouco de inveja desses muçulmanos, não dá?

Jansen sorriu com autoridade e visível admiração, e Skou-Larsen ficou surpreso ao constatar que o homem era capaz de admirar outras coisas que não fossem carros caros e jogadas de futebol. Até então ele não dera nenhum indício de que também se deixava abalar pela beleza da construção.

– O que vocês estão fazendo aqui? – perguntou alguém atrás deles. O tom irritado e tenso talvez escondesse um pouco de medo.

Virando-se, Skou-Larsen deparou com um senhor mais velho – bom, pelo menos vinte anos mais novo que eu, pensou –, bem-vestido, empunhando um cano de cobre na mão direita e um celular na esquerda.

– Está tudo sob controle, Sr. Hosseini – respondeu Jansen de pronto. – Minha empresa é responsável pelo teto do salão de entrada. Preben Jansen. Já fomos apresentados.

– E ele? – questionou o homem. Ainda parecia desconfiado, mas já não apertava com tanta tensão o cano de cobre.

– Este é o Sr. Skou-Larsen, da prefeitura – apresentou Jansen, convenientemente se esquecendo de mencionar que a passagem de Skou-Larsen pelo serviço público já tinha se encerrado havia muito tempo. – Só estamos dando uma olhada por aí.

O homem enfim largou o cano e estendeu a mão.

– Desculpem – falou em tom formal. – É que a obra está fechada. Já tivemos muitos problemas de vandalismo por aqui, então ficamos na defensiva, os senhores devem compreender.

– Claro – disse Skou-Larsen, e apertou a mão oferecida.

– Mahmoud Hosseini. Presidente do comitê de organização.

– Jørgen Skou-Larsen – apresentou-se, e emendou: – O senhor está construindo um belo lugar, Sr. Hosseini.

~

O café permanecia intocado na mesa, enquanto uma mosca inebriada de açúcar rodopiava sobre o bolo. Helle não estava em casa e ele não sabia ao certo como interpretar aquilo. Ela raramente saía sozinha, mesmo durante o dia, quando conseguia manter a ansiedade sob controle. Talvez ainda estivesse magoada com todo o episódio do café. Ele tratou de limpar a mesa e já ia enxaguando as xícaras para colocá-las no lava-louça – exigência de Helle, como se fosse preciso evitar sujeira dentro do aparelho – quando viu a mulher surgir no jardim, lentamente pedalando sua Raleigh pelo caminho de cascalho. Parecia trazer um saco plástico no cesto da bicicleta.

– Onde você estava? – perguntou ele assim que ela atravessou a porta da frente.

– Saí para comprar as iscas de lesma – resmungou ela, deixando um pacote de 5 quilos de Ferramol sobre a bancada da cozinha. – Você promete, promete, mas não cumpre nunca, não é?

— HORVÁTH CAIU NA ESTRADA — informou Károly Gábor ao telefone.

Gábor falava um inglês excelente, porém vagaroso, dando tempo ao cérebro de Søren para sair do estado vegetativo. Horváth. Esse era o nome do universitário húngaro que o NBH levava para ser interrogado. Puxou sua bolsa e foi vasculhando as pastas que trouxera para casa até encontrar as anotações que havia feito sobre o caso. Isso mesmo. Sándor Horváth.

— Onde é que ele está? — perguntou.

— Na Alemanha. Ativou o celular ontem, nas imediações de Dresden, e outra vez hoje de manhã, na região de Potsdam.

Søren sabia que o NBH tinha deixado Horváth ficar com o celular para que pudessem localizá-lo caso ele voltasse a usar o aparelho. O que ele certamente havia feito. O moleque estava longe de ser um agente calejado.

Dresden, depois Potsdam.

— Você acha que ele está a caminho da Dinamarca?

— Pode ser.

Søren olhou na direção da planta que definhava no vaso na janela da cozinha, mas sem vê-la de verdade. O telefonema de Gábor o havia encontrado com uma tigela de *müsli* nas mãos, um pé devidamente calçado e o outro apenas de meia. Após onze dias de trabalho ininterrupto, ele se dera de presente uma manhã inteira de paz e tranquilidade. Já tinha planejado bater ponto lá pelo meio-dia, mas agora era bem possível que precisasse mudar de ideia.

Ele agradeceu a Gábor pelo aviso e ligou imediatamente para Mikael Nielsen, que acompanhava a operação de vigilância sobre Khalid Hosseini.

— Onde ele está neste exato momento? — perguntou.

Mikael não precisou de mais que um segundo para responder:

— Ahn... Na delegacia de polícia de Bellahøj.

— Na *delegacia*? Fazendo o quê?

— Foi detido uma hora atrás. Por agredir e ameaçar um oficial em serviço.

— O que aconteceu?

— Aparentemente, ele se meteu numa discussão com um dos nossos agentes de vigilância. Eu já ia mesmo ligar para você. O delegado quer saber o que fazer com o garoto.



Khalid Hosseini estava esparramado na cadeira com as pernas espichadas à frente e as mãos enterradas nos bolsos da jaqueta de couro preta que usava com os jeans rasgados. Ao ver Søren,

saltou como se tivesse molas nos pés e exclamou:

– Eu sabia que você e sua gente estavam metidos nesta história! Isso é abuso de poder, sabia? Aposto que não é legal.

– Até onde fui informado, você agrediu um policial que agora está sendo atendido num pronto-socorro.

– Não! – A negativa foi imediata, proferida com convicção. – Isso é uma puta mentira, cara. Não encostei um dedo naquele sujeito. Ele é que devia estar aqui agora, explicando por que jogou a porra do carro em cima do meu irmão mais novo!

O quê? Nos relatórios que Søren recebera dos policiais do distrito de Bellahøj, nada constava sobre um incidente dessa natureza. Segundo os registros, eles haviam seguido para Mjølnerparken em resposta a um pedido de socorro por parte do agente que vinha seguindo Hosseini e se achava acuado dentro da própria viatura, sangrando de uma laceração sobre a orelha enquanto uma multidão de moradores enfurecidos sacudia o veículo, esmurrando o teto e gritando insultos numa mistura de dinamarquês, árabe e urdu. Em estado de choque, o agente fora levado para o pronto-socorro do Hospital Bispebjerg para ter o corte suturado e receber os devidos cuidados para uma possível concussão. Nada fora dito sobre um irmão mais novo.

Søren procurou exibir uma expressão neutra, torcendo para que sua surpresa não transparecesse.

– O que eu quero agora – começou ele, e se acomodou numa cadeira – é ouvir o *seu* lado da história. O que aconteceu?

Sua neutralidade aparentemente acalmou um pouco Khalid, que voltou a sentar-se e o encarou com a fúria refreada.

– Até parece que você se importa comigo. Tudo isto é uma armação. Acha que eu já não saquei ? Agora vocês enfim conseguiram pegar o árabe que tanto queriam, né? Vão em frente, podem me prender, não estou nem aí. Nenhum policial tem o direito de atropelar meu irmão.

Søren não disse nada. Apenas esperou. Evitando o olhar fulminante de Khalid, examinou a tralha que atulhava a mesa tomada de empréstimo: a pilha de pastas e papéis avulsos, o mouse com o escudo do time de futebol AGF e o slogan “Para sempre fiéis!” (o real proprietário da mesa sem dúvida era de Aarhus), a foto de uma lourinha muito linda, sorrindo ao abraçar um golden retriever.

– Eu não encostei um dedo nele – repetiu Khalid afinal, mas num tom diferente, mais agudo e infantil. Um tom de lamúria. – Tudo bem, confesso que dei um empurrão. Mas o que você faria no meu lugar? Kasim estava sentado no meio-fio, chorando. Só queria me entregar o celular, porra. Correu atrás de mim porque eu tinha esquecido o telefone em casa, daí a porra do imbecil jogou o carro em cima dele.

À medida que a raiva se intensificava, sua coragem se solidificava. Mas Søren podia ver que, sob a agressividade, havia um garoto assustado. Khalid tinha apenas 19 anos, nunca fora preso antes.

– Depois disso, o que aconteceu? – perguntou, ainda completamente neutro.

– Depois a polícia apareceu e me arrastou para cá.

Algo naquela história não estava batendo, pensou Søren. Agora ele precisava falar com o policial agredido e ouvir o que ele tinha a dizer. Até lá, Khalid não iria a lugar nenhum.

– Eu não atropelai o garoto! – insistiu o policial.

Tinha 26 anos e era novo na unidade de vigilância. Chamava-se Markus Eberhart. Estava com a lateral da cabeça em parte raspada, tornando assimétrico o corte de cabelo originalmente estiloso. O couro cabeludo fora remendado sem pontos, apenas com cola cirúrgica e bandagens adesivas. Segundo os relatórios médicos, Markus estava com as pupilas normais e não tivera nenhuma dificuldade para se reorientar no tempo e no espaço, tampouco para lembrar detalhes de sua vida pessoal. Em outras palavras, a situação não era tão grave assim.

– O que aconteceu? – perguntou Søren, mais ou menos com a mesma neutralidade que havia usado com Khalid.

– O menino saiu correndo para a rua sem nem olhar para os lados. Pisei fundo no freio. Não atropelai ninguém!

– E depois, o que aconteceu?

– Ele caiu de bunda no chão e desandou a chorar. Deve ter levado um susto e tanto.

– E depois?

– O suspeito e o primo dele saíram do carro em que estavam e vieram correndo. Desci para consolar o garoto, mas eles me empurraram contra o capô e começaram a fazer ameaças. Depois, os vizinhos vieram também e... de repente fui atingido por um objeto.

O policial se esforçava para fazer seu relatório da maneira mais profissional possível, mas Søren não pôde deixar de notar a súbita mudança para a voz passiva: de início havia sido “desci”, “vieram correndo”, “*eles* me empurraram”, mas depois... “fui atingido”.

– Você viu quem foi?

Markus hesitou um instante antes de responder.

– Não, não posso afirmar nada. Primeiro achei que tivesse sido o suspeito, mas... acho que alguém pode ter arremessado alguma coisa. Khalid estava bem do meu lado.

– E depois?

– Depois... Bem, assim que consegui entrar de volta no carro, tranquei as portas e pedi socorro pelo rádio.

Søren podia muito bem imaginar a cena. O menino chorando, os homens revoltados, os vizinhos e parentes cercando o carro. E, no meio de toda aquela confusão, um jovem policial prestes a borrar as calças, não sem motivo.

– A que distância você estava da porta da casa? – perguntou Søren.

– Estava estacionado quase em frente. A 10 ou 12 metros, no máximo. Tinha acabado de dar partida no carro para seguir o suspeito quando o acidente aconteceu. Isto é, *quase* aconteceu. Meti o pé no freio imediatamente. E não era possível que eu estivesse a mais de 10 quilômetros por hora.

– Por que você estava tão perto assim?

– Nós tínhamos sido instruídos para... – O policial voltou a hesitar; parecia pensar que estava sendo testado de alguma forma e temia dar a resposta errada. – Bem, era uma operação de vigilância cerrada, não era? Disseram que não tinha importância se nós fôssemos notados, que o importante

mesmo era não perder o alvo de vista.

– Há quanto tempo você está trabalhando com vigilância?

– Pouco mais de um mês.

Søren sofreu para reprimir um suspiro. A orientação havia sido para pressionar Khalid com uma vigilância que por vezes fosse razoavelmente óbvia. Talvez por isso a unidade de vigilância tivesse decidido aproveitar a oportunidade para treinar alguns novatos. Assim, um policial inexperiente e inseguro acabara criando uma situação de perigo para todos os envolvidos. Ele poderia ter atropelado o menino. E poderia ter se machucado gravemente também.

– Mas o menino não se machucou?

– Não. Começou a chorar só porque estava assustado.

– E Khalid Hosseini não agrediu você?

– Não... Não posso dizer que ele me agrediu.

– Ótimo. Então acho que devemos deixar que todo esse incidente seja esquecido, certo?

Markus Eberhart assentiu. O gesto fez com que ele crispasse o rosto numa careta de dor e tocasse a cabeça com cautela.



Ainda no estacionamento diante do pronto-socorro, Søren ligou para a delegacia de Bellahøj.

– Podem soltar o garoto – avisou ao delegado, depois contou tudo que ouvira de Markus. – Não temos nenhum motivo concreto para mantê-lo detido.

– O pai e o tio já estão aqui. Estão horrorizados com tudo que aconteceu. Falaram que Khalid é um bom menino e que o estamos intimidando sem motivo.

– É, imagino que tenham falado.

Naquele exato momento, Sándor Horváth já deveria estar em algum lugar ao norte de Potsdam, rumo à Dinamarca. Søren mal podia esperar para descobrir como seria o encontro do húngaro com Khalid Hosseini.

Portanto, quando dali a meia hora Khalid deixou a delegacia de Bellahøj com o pai e o tio, nenhum policial novato o seguia. Mas isso não significava que ele não estivesse sendo observado.

NINA PAROU NO ESTACIONAMENTO DA oficina às 13h37. Recebera o telefonema urgente de Peter quando ainda cumpria o horário de pronto atendimento na clínica. Corrimentos nasais, vacinas infantis, coisas desse tipo. Com a rabugice de sempre, Peter lhe dera um rápido apanhado da situação em Valby. Ao que parecia, o rapazote havia desaparecido, mas as crianças tinham adoecido de novo. Todas elas. Ele estava precisando de um profissional *in loco* e a Magnus só restara se resignar quando Nina pedira sua autorização para se ausentar durante algumas horas.

Dessa vez ela teve certeza de que era bem-vinda ali. A porta foi aberta antes mesmo que ela tivesse a oportunidade de bater, sinal de que a esperavam. A jovem mãe banguela estava agachada logo na entrada; rapidamente se levantou para tomar Nina pelo braço e puxá-la para o interior do galpão. As outras mulheres e um grupo pequeno de homens seguiram-nas com os olhos. Nina percebia entre eles uma tensão diferente, que nada tinha a ver com sua presença. Doenças que não iam embora por conta própria costumavam ser o pior dos pesadelos para os pobres.

– *Ápolónö. Jöjjön be, jöjjön be!*

Nina não entendeu o que foi dito, mas pôde muito bem intuir o significado das palavras. A mulher a puxava com tamanha rapidez que ela precisava redobrar a atenção para não tropeçar em colchões, bolsas de lona e sacos plásticos transbordantes.

O menino se encontrava imóvel sobre um colchão de espuma imundo rente à parede, e Nina já ia se agachando para examiná-lo quando o viu estremecer e expelir um vômito amarelado. Ele ergueu as pálpebras pesadas, olhou vagamente à sua volta, depois retornou ao seu torpor. A jovem mãe emitiu um ruído entre o suspiro e o choro e correu para buscar panos limpos. Sem dúvida já havia feito aquilo inúmeras vezes. Voltou dali a pouco para limpar o suor e o vômito do rosto do filho e Nina pôde ver o cansaço e a preocupação nos olhos da moça. Já tinha desistido de tomar alguma providência quanto ao colchão; não fez mais do que colocar uma toalha limpa sob a cabeça do menino.

– *A fiam rosszul. A fiam rosszul van.*

Ela fitou Nina com um olhar interrogativo e Nina cautelosamente deu início ao exame. O menino tinha piorado um tanto desde a última vez. Ainda não apresentava febre, mas estava exausto de tanto vomitar e, por mais que Nina tentasse fazê-lo ficar sentado por alguns minutos, ele caía adormecido sobre o ombro da mãe. Não havia inchaço na barriga; o maior problema era mesmo a desidratação. A pele estava seca feito uma folha de papel e o mais provável era que ele precisasse receber uma dose intravenosa de soro, ali mesmo ou, melhor ainda, num hospital.

Nina pegou seu telefone, encontrou o número de Allan e segurou o aparelho entre o ombro e a cabeça enquanto esquadrihava a oficina. O pai do menino, que falava inglês, havia se refugiado entre um grupo de homens junto à entrada do galpão. Nina acenou para que ele se aproximasse, os

toques da ligação ainda soando.

– As outras crianças – perguntou ao rapaz –, onde estão?

Ele a conduziu até o fundo da oficina, onde, para alívio de Nina, as demais crianças repousavam tranquilamente em sacos de dormir. Estavam fracas e pálidas, mas numa condição melhor que a do menino no colchão.

Allan enfim atendeu:

– Oi, Nina.

Pelo tom de voz, ele estava relativamente bem-humorado, o que era ótimo. Nina não falava com ele desde agosto. Allan era um médico com consultório no elegante distrito de Vedbær. Por muito tempo, tinha dedicado suas horas vagas ao trabalho clandestino comandado por Peter, ora fornecendo receitas para remédios controlados, ora fazendo visitas de emergência. Agora ele não fazia mais parte da Rede e, da última vez que falara com Nina, não medira as palavras ao botá-la para correr e pedir que ela nunca mais voltasse a procurá-lo.

– Preciso de uma opinião – disse Nina, buscando imitar o tom profissional de Peter. – Estou numa velha oficina em Valby com um bando de crianças doentes. Uma delas está particularmente desidratada, mas não sei direito avaliar a gravidade da situação. Acho que é um vírus estomacal, mas já faz alguns dias que tudo começou e, pelo que vejo, a incidência é muito maior entre as crianças.

Allan suspirou.

– O que mais? Vômito, diarreia, febre, sangue...

Nina fez um resumo da situação e esperou pacientemente enquanto o médico mascava sua caneta do outro lado da linha.

– Humm. Essa incidência múltipla é um pouco estranha. Pode ser algum tipo de intoxicação. Lixo industrial, metais pesados, vapor de gasolina... tudo isso pode provocar sintomas semelhantes caso as pessoas sejam expostas por um tempo suficientemente longo. Talvez explique o padrão das recorrências. Você perguntou onde essas crianças andaram brincando?

– Obrigada – agradeceu Nina rapidamente. – O que mais?

– Vírus, bactéria, pode ser qualquer coisa. Procure lavar bem as mãos, depois providencie um par de luvas e uma máscara. Você já conhece o procedimento. O garoto vai precisar de soro, claro. No mais... acho que seria bom se todos saíssem daí, caso seja possível. Se cuida, Nina.

Clique.

Allan desligou antes mesmo que ela pudesse se despedir. Não estava lá muito interessado naquilo, sem dúvida não queria dar oportunidade para que Nina solicitasse uma visita aos doentes. E com razão. Era bem possível que ela tivesse feito o pedido caso ele não tivesse interrompido a ligação tão rapidamente.

Intoxicação. Nina não tinha muita experiência nesse tipo de coisa, mas aquilo era uma oficina mecânica e devia haver gasolina ou solvente por ali. Talvez as crianças tivessem acidentalmente bebido ou inalado alguma substância tóxica.

Olhou para o pai do menino, que a encarava com ansiedade, a testa suada.

– O que as crianças fizeram ontem? Onde elas estavam?

– Criança grande, trabalho. Meu filho aqui. Descansar. Ficar forte.

Nina começou sua sondagem pelo cômodo que decerto fora o escritório do gerente. Nas paredes, nada além de buracos na alvenaria e manchas claras onde no passado ficavam as estantes. Ali também havia um colchão e um saco de dormir; talvez algum casal tivesse conseguido conquistar para si um pouco de privacidade. Mais nada. O mesmo poderia ser dito sobre a oficina como um todo se não fossem levados em conta os pneus velhos que se empilhavam num canto, os dois ou três tubos enferrujados de spray que se enfileiravam no chão e o latão de óleo que se empoleirava numa prateleira bamba nos fundos do galpão. Nina fez o que pôde para abri-lo; poeira e teias de aranha caíram, mas a tampa não se moveu mais que alguns milímetros. Fazia tempo que ninguém abria aquilo, e as latinhas de spray também se revelaram inofensivas, pois as válvulas se achavam emperradas pelo acúmulo de ferrugem. Seguindo com sua inspeção, Nina foi para a porta que havia ao lado da sala do gerente e da pequena quitinete, fechada como antes, mas dessa vez ninguém a impediu de entrar. Entrou no cômodo pequeno e escuro e acendeu as lâmpadas fluorescentes. A janela estava escancarada e os panos de uma surrada cortina tremulavam ao sabor da brisa. Um catre sem colchão e uma mesinha de fórmica bastante arranhada eram os únicos móveis presentes. O linóleo do piso já tinha se reduzido a um farrapo, mas estava limpo. O ambiente recendia a sabão em pó e cloro. Não havia nada para se ver ali.

Nina voltou para o menino doente e a mãe. Queria tirá-los daquele antro. Não precisava ser uma especialista em intoxicação para saber que Allan estava certo: os riscos à saúde eram enormes naquele lugar.

– Produtos químicos – explicou. – Veneno. Perigoso para as crianças. – Olhou para o pai do menino e acenou para o interior da oficina. – Vocês precisam sair daqui.

O rapaz fez que não com a cabeça.

– Veneno não. A gente fica.

Não era um homem alto, observou Nina. Tinha um dos ombros mais caído que o outro e, como a mulher, dentes cariados. Mas havia uma inegável dignidade na sua recusa. Decerto tinha plena consciência de que aquela oficina não era o lugar mais salubre do mundo para uma criança. Talvez até já suspeitasse que ela tivesse algo a ver com o estado das crianças, mas não tinha para onde ir. Não sem colocar em risco tudo aquilo que ele investira ao decidir trazer a família para a Dinamarca naquele verão: o dinheiro para a viagem, o aluguel já pago por aquele buraco... e só Deus saberia dizer que outras dívidas ele teria contraído com credores sem muita boa vontade. Precisaria esperar que a doença fosse embora sozinha. Não havia outra opção.

Nina respirou fundo e avaliou o menino. Teria que fazer ali mesmo o que fosse possível e esperar que ele melhorasse nas horas seguintes. Caso contrário, seria necessário chamar uma ambulância, por mais que os pais protestassem. Mas não compraria essa briga antes que ela fosse absolutamente necessária.

Tirou da mochila uma bolsa de soro e se ajoelhou diante do menino doente. A iluminação não era boa, mas por sorte a mãe estava ali para ajudar, erguendo o filho e virando-o para facilitar o acesso. Nina encontrou uma veia na dobra do cotovelo dele e conseguiu espetar a agulha logo na primeira tentativa.

Uma porta de carro bateu no estacionamento da oficina.

A mãe do menino se agachou e lançou um olhar de súplica para o marido, que marchava a passos largos na direção deles. Em silêncio, o rapaz tomou nos braços o filho com a bolsa de soro e se afastou apressadamente, com a mulher em sua esteira. Sem que pudesse reagir, Nina foi empurrada nas costas com força. Um cigano atrás dela apontou para o centro do galpão, onde os homens puxavam para o lado os tapumes que cobriam o fosso da oficina. O rapaz ainda ajudava a mulher a descer com o menino para o buraco quando outro do grupo correu para a porta e saiu para o estacionamento. Nina agora podia ouvi-lo conversando com alguém do lado de fora. Identificava uma ou outra palavra em inglês, mas não podia imaginar o assunto. O homem a seu lado voltou a apontar para o fosso e a puxou pelo braço com impaciência. Nina se desvencilhou, irritada. Já havia entendido. Por um motivo qualquer, ela e as crianças precisavam se esconder, provavelmente do mesmo modo que Peter precisara também. As vozes no estacionamento agora pareciam mais próximas. Nina se adiantou às pressas e pulou sozinha para dentro do fosso.

Pisando em algo macio, olhou para baixo e deparou com a mãe do menino doente, já sentada com o filho no colo. Por um instante, a moça massageou a mão que Nina havia pisoteado, depois se arrastou para abrir espaço. Num gesto automático, Nina se prontificou a receber as demais crianças que os adultos trouxeram, depositando-as uma a uma no chão do fosso.

Os tapumes foram recolocados no lugar com um ruído pesado e áspero. A escuridão era absoluta. As crianças respiravam baixinho e rapidamente. Todos permaneciam sentados, apenas ouvindo as vozes e os passos pesados que vinham de cima.

Nina procurou se acalmar. As coisas haviam acontecido tão depressa que ela nem tivera tempo para sentir medo, mas agora seu coração retumbava com violência no peito. O fosso tinha 1,5 metro de profundidade e não era muito largo, apenas o bastante para que ela se recostasse na parede com as pernas flexionadas. O breu era espesso e sufocante e o cheiro de óleo fazia suas narinas arderem. Um corpo miúdo e quente a roçou no braço e ela pulou, assustada. Apesar da escuridão pulsante, as crianças permaneciam mudas e imóveis. Nina teve a nítida impressão de que elas já haviam feito aquilo antes.

O menino e o soro. Ela tinha que verificar se a mãe sabia que a bolsa precisava ser erguida o suficiente para permitir o fluxo do líquido. Passando ao largo das crianças sentadas e procurando fazer o mínimo de barulho possível, ela engatinhou rumo à parte de trás do fosso. O deslocamento era difícil, pois, ao que parecia, fazia tempo que os diferentes inquilinos daquele espaço usavam o local como depósito de lixo; o chão estava atulhado principalmente de garrafas plásticas e sacos de papel. A luz que vazava de uma fresta nos tapumes foi o que bastou para que Nina localizasse a mãe do menino lá pela metade do fosso, muda e imóvel com o filho nos braços.

O menino estava dormindo. Respirava com irregularidade e nem se mexeu quando Nina o apalpou até encontrar o acesso do soro no braço direito. Apesar da fuga atabalhoada para o fosso, a cânula estava posicionada corretamente. Ainda tateando, Nina localizou a bolsa no colo da mãe, ou seja, baixa demais. Então rastejou para o outro lado e depositou a bolsa no ombro da moça, acima do menino.

Aparentemente, a mãe húngara percebeu o que Nina estava tentando fazer, pois pegou a bolsa do ombro, esticou o braço para o alto e o manteve assim, alheia a qualquer desconforto. Tudo ainda era

feito no mais absoluto silêncio, mas os tapumes troavam cada vez que alguém caminhava sobre eles. Nina ouviu no alto o que parecia ser uma discussão, muito embora não fosse possível compreender o que diziam as vozes abafadas e distantes.

– *Ápolónö*.

Nina se virou na direção da mãe do menino. O homem que a havia recebido na oficina se referira a ela com a mesma palavra. *Ápolónö*, enfermeira. Embora não estivesse a mais que uns dois palmos de distância, a mulher falou tão baixinho e com a voz tão trêmula que mal se fez ouvir.

– *Rosszul*. Doente. Por quê?

A mulher se aproximou. Parecia mais uma sombra do que um humano.

– Eu não sei – confessou Nina, mas procurou falar com tranquilidade para não alarmá-la.

Queria que ela se calasse. Não sabia o que aconteceria caso eles fossem descobertos no interior daquele fosso, mas sua intuição dizia que boa coisa não deveria ser.

– *Ápolónö!* – sussurrou a mulher novamente, já tão próxima que Nina podia sentir no rosto o hálito dela, e agarrou seu braço com a mão esquelética. – Por favor, *ápolónö*. Ele morre. Por favor. Ele morre.

Na cabeça de Nina, surgiu a imagem de um dos cubículos claustrofóbicos que abrigavam famílias inteiras no acampamento da Cruz Vermelha. Para aplacar o desespero, paracetamol, ela pensou. Paracetamol e uma bolsa de soro fisiológico.

– Ele vai ficar bom. Não é nada grave.

Procurando demonstrar calma e otimismo, ela pousou a mão suavemente na barriguinha do menino. Havia uma infinidade de motivos para que aqueles ciganos temessem a morte no mundo cruel e escuro em que viviam. Nada mais natural e compreensível. Apesar disso, ela já começava a se sentir um tanto acuada pelo pavor daquela moça, pela escuridão daquele fosso, pela exiguidade daquele espaço. A moça agora fechava os dedos macilentos sobre a mão dela, apertando-a com vigor exagerado, por um tempo longo demais.

Nina se desvencilhou e procurou se afastar do aglomerado humano, atropelando pilhas de lixo, uma garrafa quebrada, jornais velhos, parafusos e porcas até encontrar uma espécie de clareira na extremidade do fosso. Sob seus pés, ouviu areia arranhando o piso de concreto e, ainda que os grãos miúdos pinicassem a palma de suas mãos, achou que estava num lugar melhor.

Àquela altura, o interior da oficina já estava novamente silencioso. De repente, uma porta bateu ao longe e, minutos depois, os tapumes foram enfim retirados, deixando que a luz da única lâmpada fluorescente caísse sobre o fosso. As crianças foram içadas uma a uma para fora. A mãe do menino doente lançou um derradeiro olhar para Nina antes de entregar o filho para o pai e ser erguida também. Os homens acenaram em direção à abertura.

– Vem, *ápolónö*. Chefões já foram. Tudo bem agora.



Nina ainda ficou na oficina por mais algumas horas.

O menino melhorou com o soro e permaneceu desperto por um tempo longo o bastante para

comer algumas bolachas e beber meia garrafa de suco. Ainda estava pálido feito um cadáver e as crianças mais velhas reclamavam de dores de cabeça. Mas, aos olhos de Nina, a situação parecia estar sob relativo controle. Ela até havia conseguido limpar o lixo do fosso, muito embora tivesse feito sozinha quase todo o trabalho. Já os inquilinos da oficina se incumbiram da faxina do terreno após sua insistência. Talvez eles não quisessem que perambulasse do lado de fora do galpão; certamente achavam melhor que ninguém soubesse da presença dela ali.

– Não deixem que as crianças fiquem brincando perto do lixo – alertou ela, gesticulando e apontando. – Não deixem que elas coloquem nada na boca. – Em seguida anotou o número de seu celular para a mãe do menino. – Me ligue se amanhã ele ainda estiver mal, ok? Agora preciso ir.

Tentou fazer com que a moça a fitasse nos olhos, mas viu que já havia perdido o vínculo, por menor que fosse, que pensava ter criado com ela nas últimas horas. A moça tivera com o marido um sonoro desentendimento sobre alguma coisa e dali em diante se afastara com o filho no colo, sussurrando junto à cabecinha dele o que parecia ser mais uma lamúria do que palavras de consolo.

Por alguns segundos, Nina ficou ali com o papel na mão, esperando que ela o pegasse. E novamente ficou irritada. Por que diabos era tão difícil ajudar aquela gente? Mais uma vez eles estavam agindo como se ela fosse uma desconhecida, alguém em quem não podiam confiar. No entanto, quando Nina já ia largar o papel no chão, a moça o tomou com um gesto rápido e o guardou no bolso do casaco.

NA BALSA PARA A DINAMARCA, havia uma espécie de cybercafé. Ou melhor: havia um computador espremido numa minúscula cabine de vidro que fazia as vezes de “sala VIP”. Sándor entrou ali com a sensação de que estava pisando em território proibido. Naquele momento, ele era tudo menos VIP. Levaram dois dias inteiros para desbravar o norte da Alemanha (com um radiador que respirava artificialmente por meio de um selador de bloco de cilindro Wanderweld e frequentes paradas a fim de completar a água), muito mais do que podiam suportar as roupas de viagem com as quais ele saíra de casa. Além de estar usando cuecas que fora obrigado a lavar no banheiro de um posto de gasolina perto de Teupitz, sentia coceiras terríveis sob a camisa, talvez porque os pelos estivessem crescendo de novo após terem sido raspados num arroubo de nervosismo causado pela proximidade das provas. Ou pelo menos ele esperava que fosse isso, e não coisa pior.

O cansaço era tamanho que, de início, ele nem conseguiu lembrar a senha do e-mail. Precisou desligar a mente e rezar para que os dedos encontrassem sozinhos as teclas certas.

Havia uma longa mensagem de Lujza. Embora não soubesse quanto tempo ainda teria até que aparecesse alguém para expulsá-lo, ou até que a balsa atracasse, ele não poderia deixar de ler aquela mensagem. *Querido Sándor, não faço a menor ideia do que está acontecendo na sua vida e você se recusa a me contar*, começava Lujza, e em seguida fazia uma detalhada descrição dos próprios sentimentos, da perplexidade e da impotência diante dos fatos, da raiva por não ter merecido a confiança dele. O pior de tudo era a sensação de ter sido traída, pois *você nem me deu a oportunidade de te conhecer*. A conclusão era naturalmente inevitável. Lujza não fazia o tipo “vamos continuar amigos”, tampouco tinha o hábito de recorrer a amenidades como “O problema não é com você, é comigo”. *Acho que não sou capaz de amar alguém que não tenha coragem de ser quem de fato é. E não posso continuar com alguém que não consigo amar. Gostaria muito de ter dito tudo isso pessoalmente, Sándor, mas você não me deu essa chance. Adeus*. Nem beijos nem abraços, nenhum voto de felicidade, nenhuma brecha naquele muro de rejeição.

Sándor agora tremia da cabeça aos pés. Não sabia dizer o motivo de tanto espanto, pois tinha plena consciência de que o responsável por tudo aquilo era ele próprio: *ele* havia cortado os laços com Lujza, não o contrário. De repente, foi acometido por uma terrível saudade do cheiro dela, de suas mãos, do calor do corpo, uma saudade de tal modo intensa que o deixava oco por dentro. Sentia falta inclusive do medo que costumava ter de ser enredado toda vez que ela se jogava com unhas e dentes numa causa qualquer, geralmente absurda. Mas como ele poderia voltar atrás? Mesmo que encontrasse Tamás, que conseguisse o dinheiro e pudesse voltar para Budapeste... ainda assim ele não poderia retomar a vida de antes.

Sándor foi examinando as mensagens da caixa de entrada até encontrar o remetente *tamas49* de um endereço Hotmail. A mensagem era bem mais longa que os torpedos que o irmão havia mandado

recentemente, mas o desespero era o mesmo:

Phrala, não sei se vc vai me ajudar. Talvez sim, talvez não. Mas vai ajudar mamãe e as meninas, não vai? Tudo isso é pra elas. Eu me viraria sozinho se pudesse, mas tô mais doente que cachorro velho. Não consigo me aguentar em pé. Mal consigo enxergar. Não é pra vc responder, só vem. Vou tentar esconder meu telefone depois que terminar de escrever, mas, se eles encontrarem o aparelho e vc tiver respondido, aí eles vão ler o que vc escreveu. Eu não confio neles. Anote as informações, depois apague o e-mail. O resto vc vai ficar sabendo quando chegar aqui.

Em seguida, vinham um endereço e duas colunas de números. A primeira coluna era de datas, disso ele tinha certeza, mas a segunda era uma incógnita. Seriam telefones? Pareciam curtos demais, apenas oito dígitos. No entanto, o mais provável era que fossem realmente telefones, pois Tamás escrevera embaixo: *Só torpedos, chamadas, não. Vem depressa.*

Por sorte, havia na mesa do computador uma caneta e um bloco de anotações com o logotipo da companhia de navegação. Ele anotou o endereço e os números, depois releu para ver se não tinha cometido algum engano. Por fim, tal como fora instruído, apagou a mensagem. *Não consigo me aguentar em pé. Mal consigo enxergar.* Tamás, o que há com você? E quem são “eles”? Em quem você não pode confiar?

Sándor ainda ficou alguns segundos diante da tela cinzenta do computador. Precisava encontrar Tamás o mais rápido possível.

A balsa atracará em alguns minutos. Senhores passageiros, por favor, retornem ao deque de veículos...

Sándor guardou no bolso a folha do bloco e se levantou.



No deque de veículos, o motorista esperava com um dos pés apoiado no degrau inferior do ônibus, obrigando Sándor a se espremer para entrar. Sem colocar o outro pé no piso imundo e escorregadio do deque, o homem subitamente se moveu para a frente e aciu Sándor contra a porta.

– Seu cartão.

Sándor levou um segundo para entender o que ele queria dizer. Tinha a impressão de que várias semanas haviam passado desde que, numa rampa de autoestrada em Schwartzheide, ele roubara seu próprio Visa do bolso de outro homem. Mas agora, ao que tudo indicava, o motorista tinha descoberto seu pequeno “furto”.

– Mas o cartão é meu.

– Você comprou alguma coisa na duty-free da balsa?

– Não... – respondeu Sándor, confuso.

O motorista vasculhou os bolsos dele, tanto os do casaco quanto os da calça, revistando-o como um rigoroso funcionário de alfândega.

– Que diabos você está fazendo? – protestou Sándor.

– O que você acha? Se alguém neste ônibus contrabandear um maço de cigarros que seja, eles vão deter o ônibus inteiro. E, acredite, depois vão virar todo mundo pelo avesso. É sempre assim, pelo menos com a nossa gente.

Não havia ocorrido a Sándor que o motivo para o confisco dos cartões fora uma simples medida de prevenção. Ele ficou imóvel enquanto o homem corria a mão pela cintura e pelas pernas de suas calças. Restava-lhe esperar que nenhum outro passageiro da balsa estivesse vendo e se divertindo com aquele espetáculo humilhante. Por fim, o motorista jogou de volta nos braços dele tudo aquilo que havia encontrado: o lenço, a carteira, o pente, o papel com os números de Tamás, o livro de Morgan Kane que ele estava relendo.

– Tudo bem – disse o homem. – Mas, na hora de voltar, vou ter que pegar seu cartão outra vez. Vai entrar?

Sándor assentiu, guardando sua tralha nos vários bolsos. Nesse exato momento, o portão da proa começou a se abrir e o motorista correu para o volante, já se preparando para dar partida em seu ônibus problemático.

– Falta muito para chegar a Copenhague? – perguntou Sándor.

– Uma hora e meia, se esta banheira enferrujada se comportar direito. Caso contrário, talvez seja mais rápido seguir a pé.

– Valby fica perto de Copenhague?

Esse era o nome que constava no endereço que Tamás lhe passara.

– Valby é *em* Copenhague, imbecil. É para lá que a gente está indo. Agora senta aí e cala a porra da boca.

P_{AAAF!}

Nina acertou um tapa rápido e preciso no mosquito infernal que a atormentava nos últimos trinta segundos. Primeiro, ele focara a nuca, depois mudara de tática e passara para os olhos, lábios e orelhas. O inseto agora se resumia a um pequenino e ensanguentado cadáver na vastidão de um ombro nu. Nina varreu-o com a mão, então correu os olhos pelo aglomerado de pessoas felizes que a cercava, cada vez mais convicta de que havia pousado em um planeta alienígena. Tratava-se da primeira excursão com pernoite da Turma 2A. Na infância, esse tipo de coisa ficava entre as crianças e a escola, mas a moda agora era que os pais também participassem a fim “de se conhecerem melhor”. E esse era apenas um dos horrores de uma longa lista de atividades sociais que envolviam fantasias criativas, sorrisos falsos e litros de café ruim. Felizmente, o ano letivo já chegava ao fim. Nina estava à beira de um ataque de nervos. Mas lá estavam eles, num último exercício de coletividade num velho chalé de escoteiros próximo à praia de Solrød. Tudo bem do jeito que ela havia imaginado. O chalé era escuro e úmido, fedia a madeira molhada e chulé; a cozinha, um poço de gordura. Bastara uma rápida visita às acomodações para constatar que seu receio se concretizara: todos passariam a noite juntos num mesmo cômodo que fazia as vezes de dormitório, o que para Nina significava conhecer os outros pais muito além dos limites do tolerável. O fato de ela estar com uma terrível enxaqueca desde que voltara de Valby na noite anterior não contribuía em nada para melhorar seu estado de espírito. Ela já havia tomado um coquetel de aspirina com codeína e paracetamol que geralmente funcionava com quase todos os tipos de dor, mas sem grande sucesso até então. Os raios do sol baixo do anoitecer machucavam seus olhos e facas invisíveis perfuravam as têmporas sempre que ela virava a cabeça na direção da luz.

Mas Anton estava adorando tudo.

Ele agora se encontrava junto à fogueira com Benjamin, espetando as brasas com uma vara comprida. Fazia muito tempo que eles haviam assado e comido o próprio pão; a mãe de Benjamin já tentara tirá-los de perto do fogo inúmeras vezes. Nina, por sua vez, tinha desistido antes mesmo de tentar. Desde a Pré-História meninos gostavam de brincar com fogo – aquilo certamente fazia parte de seu DNA. Eles agora empurravam mais galhos para dentro da fogueira e centelhas douradas subiam a intervalos regulares para o azul do céu.

Nina tinha plena consciência de que precisava fazer alguma coisa: limpar a mesa, preparar um café ou pelo menos bater papo com alguém. Mas, naquele momento, a enxaqueca parecia consumir todas as suas forças. Quanta falta fazia Morten naquelas ocasiões... O marido estaria completamente à vontade ali – rindo e conversando com os outros pais – e, sem dúvida alguma, teria tido ânimo para assar um bolo decente para o grupo em vez de comprá-lo na padaria, como ela havia feito. Teria atulhado o carro de tacos e bolas e improvisaria uma partida no gramado diante do chalé. Era bom

nesse tipo de coisa e, quando estava presente, dava a Nina um refúgio pacífico contra toda a socialização sempre que ela se cansava de sorrir.

Atrás do chalé, havia um bosque de faias em meio a um matagal de urtigas novas que chegava mais ou menos à altura dos joelhos. Vergando os arbustos com os pés à medida que avançava, Nina se embrenhou entre as árvores e se acomodou numa pedra grande com o telefone na mão.

Havia duas chamadas perdidas de um número internacional. Nina deduziu que fosse a mãe do menino doente na oficina de Valby, muito embora não houvesse nada na caixa postal além de ruídos e um murmúrio distante.

Ainda empunhando o telefone, ela ficou ouvindo a algazarra da criançada e dos adultos do outro lado da casa. A certa altura, uma mulher irrompeu numa risada estridente que intensificou sua enxaqueca, fazendo-a latejar nos olhos.

Ela havia prometido voltar à oficina caso precisassem dela. O chão do bosque oscilava ligeiramente enquanto ela se levantava e andava ao encontro de Anton. Torcia para que ele insistisse em ficar.

Os garotos ainda cutucavam o fogo e Nina decidiu explorar a relativa proximidade que tinha com a mãe de Benjamin, uma baixinha simpática que aparentava não mais que 30 anos. Aproximou-se dela e, arregimentando forças para abrir um sorriso, disse:

– Desculpe... – Nina se esforçou para dar um sorriso fraco. – Infelizmente, acho que vou ter que ir embora. De repente me veio uma enxaqueca terrível.

A mãe de Benjamin se afastou do grupinho de pais com que vinha conversando e fitou Nina com um olhar compassivo.

– Puxa, que pena... Os meninos estão se divertindo tanto... Quem sabe o Anton não quer ficar? Posso tomar conta dele numa boa.

Nina abriu um sorriso de gratidão e olhou de relance para o filho.

– Tem certeza? É realmente muito gentil da sua parte. Vou lá perguntar se ele quer ficar.

– Tudo bem, mas... – A mulher contemplou Nina, visivelmente preocupada. – Acha que está em condições de dirigir? Você não me parece nada bem.

Tão logo se acomodou no Fiat e se olhou no retrovisor, Nina entendeu o motivo da preocupação da mãe de Benjamin. Seu rosto estava lívido e molhado de suor, rebrilhando à luz que atravessava o para-brisa, pintando listras multicoloridas no painel do carro. Ela acenou para Anton enquanto dava ré no caminho estreito, certa de que os ossos do crânio estavam prestes a explodir. Anton retribuiu o aceno e sorriu, depois saiu galopando no encalço de Benjamin rumo às árvores. Nina já não o via mais quando parou no acostamento, desceu do carro e, sobre os dentes-de-leão que margeavam a vala de drenagem, vomitou as salsichas, o pão e o café ruim que trazia no estômago.



Ao estacionar diante da oficina, Nina viu um homem junto ao alambrado que cercava o terreno. Àquela altura, o sol estava ainda mais baixo no horizonte e pairava sobre a cabeça dele feito um halo, obscurecendo-lhe as feições. Apesar disso, ela teve a nítida impressão de que o sujeito a

observava enquanto ela pisava o asfalto rachado do chão.

Assim que entrou no galpão, ouviu as marteladas de uma música moderna, o grave de um ritmo techno. Eram poucos os homens presentes. Aparentemente, o tempo bom resultava numa jornada de trabalho mais longa na cidade. Os que haviam voltado mais cedo sentavam-se em cadeiras dobráveis já bem decrepitas junto à porta e estavam de tal modo entretidos num jogo de baralho que mal ergueram o rosto quando ela passou por eles. Nos fundos do galpão, uma adolescente gordinha de rabo de cavalo, vestindo um top amarelo-vivo e calças jeans claras apertadas demais, improvisava uma aula de dança para um grupo de meninas mais novas. Duas delas não estavam na oficina na noite anterior, observou Nina. Deveriam ter 7 ou 8 anos, calculou, e achou graça ao ver a seriedade com que imitavam os passos da professora, nem tão rudimentares assim. Alguns dos meninos, um pouco menores que as garotas, remexiam no aparelho de som que tocava a música, ligado na tomada junto à porta da quitinete. Um deles tentava sabotar a dança das meninas com um sorriso atrevido, balançando os quadris e segurando um biscoito de chocolate na mão direita. Os demais, no entanto, pareciam apáticos e murchos.

Nina não viu o menino doente em parte alguma.

Com as pernas meio bambas, seguiu oficina adentro. Tinha a impressão de que os objetos pulavam para o lado sempre que tentava focá-los. Sob a luz tremeluzente da lâmpada do teto, foi atropelando colchões, roupas de cama emboladas e sacos de dormir. Então, ela avistou a mãe do menino, encolhida contra a parede, um fiapo de gente. O menino estava deitado ao lado dela e, ao se aproximar, Nina viu que ele estava desperto. Os olhos pareciam grandes e escuros demais em meio à magreza pálida das faces, mas era um alívio que pelo menos estivesse consciente. A mãe dava a impressão de que não havia dormido durante dias, o que provavelmente era a pura verdade. Com o rosto lívido, vestia jeans surrados e um casaco rosa, talvez quente demais para o mês de maio. Apontando para o celular que trazia pendurado ao pescoço, exibiu os dentes cariados em algo que deveria ser um sorriso.

– *Ápolónö telefonál!*

Nina assentiu e se ajoelhou ao lado da moça. A náusea reprimida durante todo o caminho até Valby voltou com toda a força quando ela sentiu o cheiro azedo que emanava dos panos em torno do menino. De onde viria aquele maldito enjoo?, ela se perguntou, e sentiu a pergunta vagar sem resposta na sua dolorida cabeça. O pulso do menino estava um tanto acelerado, o que não chegava a ser grave. Nina poderia usar mais uma bolsa de soro, porém a mãe aparentemente havia conseguido que o filho ingerisse mais líquidos: garrafas de meio litro de água mineral jaziam vazias junto ao colchão. A situação não era crítica, pensou, mas o garoto ainda não estava completamente curado. Longe disso. Como se pudesse ler os pensamentos dela, a mãe disse:

– *Kórház? Hospital?*

Antes que Nina tivesse chance de responder, a moça se levantou devagar e meio cambaleante, demonstrando exaustão, e sinalizou para que ela a seguisse. Elas passaram pelos jogadores junto à porta e foram para o estacionamento; a noite já havia caído sobre o bairro industrial de Valby. Contornaram o galpão e seguiram pelo caminho de lajotas de concreto que levava ao barracão administrativo da oficina. A cerca viva dos vizinhos, bastante malcuidada, avançava sobre a trilha e

por pouco Nina não caiu quando precisou se curvar para passar por baixo das faias altas. As lajotas estavam bambas. O mundo estava bambo. A certa altura, a moça parou, ajoelhou-se e, vasculhando as folhagens da cerca viva, encontrou um balde velho de plástico que tinha escondido ali.

Nina nem precisou olhar para saber o que havia dentro dele. O cheiro era inegavelmente de vômito. Com os olhos embaçados de pavor, a moça disse:

– *Vér*. Muito doente.

Nina prendeu a respiração e só então baixou os olhos para o balde. O vômito era muito escuro e tinha uma textura granulada, como se contivesse grãos de café.

Hematêmese. Quem produzira aquele vômito certamente tinha uma úlcera hemorrágica no estômago. Não poderia ser o menino, pensou. Impossível. Caso contrário, ele não estaria lá naquela oficina, sentado, roendo seu biscoito. O garoto estava com uma aparência doentia, mas não dava a impressão de estar à beira da morte. Teria que ser outra pessoa, talvez o rapaz que desaparecera. Ou ele havia ingerido algo que corroera a membrana mucosa de seu estômago ou o estrago no órgão era mais um dos efeitos da doença. A hematêmese não cessava por conta própria. Era uma condição potencialmente letal.

– De onde veio isto aqui? Onde está ele?

A moça hesitou.

– *Mulo*, muito doente. Embora. Agora, meu filho a mesma coisa – disse ela, os lábios tremendo de medo.

Com a rapidez que lhe permitia o mal-estar, Nina voltou pelo caminho de lajotas. Sabia que o garoto doente de Peter estaria em maus lençóis caso aquele vômito realmente tivesse sido produzido por ele. Mas não fazia a menor ideia de quem ele era ou onde estaria; de qualquer modo, as crianças vinham em primeiro lugar naquele momento.

Irrompendo no galpão, ela seguiu direto para o menino deixado no colchão. Ainda estava longe de poder afirmar que ele tinha o mesmo problema do rapaz desaparecido, mas não poderia deixar que o garoto corresse esse risco. Precisava interná-lo em algum lugar.

– Hospital. Já.

Nina abriu um sorriso afável e fez o que pôde no sentido de aparentar alguma calma. Não tinha por que apavorar ainda mais aquela jovem mãe. Por outro lado, era importante que ela entendesse o que precisava ser feito. Não havia espaço para dúvidas.

A moça olhou aflita na direção dos homens junto à porta. Em seguida, começou a juntar algumas roupas do filho numa sacola plástica amassada, onde estava escrito “Ticket to Heaven” em letras grandes, bonitas e sinuosas: “Passagem para o Paraíso”. Abaixo vinha o desenho de bonecos de palito representando meninos e meninas que vestiam shorts e vestidos coloridos. As mãos da moça começaram a tremer.

Um dos homens se levantou e começou a se aproximar. Nina podia ouvir os passos dele sobre o piso de cimento, mas não se virou para olhar. Ajoelhou-se diante do menino e sorriu para ele.

– Que tal a gente fazer um passeio por aí? – Nina o tomou no colo e meneou a cabeça para a moça. – Vamos.

Saiu caminhando rumo à porta, seguida pela mulher. O menino era mais pesado do que ela se

lembrava ou talvez ela estivesse mais fraca. Tinha a impressão de que estava caminhando sobre travesseiros.

– *Abbahagy*. Pare – ordenou o homem, sem nem erguer a voz, mas Nina sentiu que a moça às suas costas retesou o corpo.

Rapidamente, os demais jogadores se aproximaram para bloquear o caminho delas, cruzando os braços e estreitando os olhos.

O pai do menino se adiantou e agarrou o braço da mulher.

– *Örült éu vagy?*

Uma avalanche de palavras em húngaro desabou sobre elas. O marido gesticulava na direção de Nina e a moça respondia baixinho, porém com firmeza. A certa altura, ela se desvencilhou, foi para junto de Nina e tentou abrir caminho para ambas através da barreira masculina.

– *Né!* – berrou o marido, e a agarrou novamente, agora forte o bastante para machucá-la. Olhando para Nina, acrescentou: – Menino fica.

A moça protestou, tentando explicar algo ao marido, mas sem sucesso. Os homens começaram a cercar Nina, que permaneceu imóvel com o menino no colo.

– Ele está muito doente – disse Nina, calma. – Precisa ser levado para um hospital. Por favor, me deixem passar.

Vendo a expressão de súplica no rosto dela, um rapaz muito jovem, com um rabo de cavalo e uma barbicha que se resumia a uma penugem clara sob o queixo, deslocou-se o bastante para que ela pudesse avançar na direção da porta. Se ela conseguisse sair com o menino, o mais provável era que deixassem a moça sair também. Caso contrário, teria que voltar mais tarde para buscá-la.

Porém, Nina foi puxada bruscamente por alguém e se viu cara a cara com o pai do menino, que parecia disposto a lutar até a morte. Estava furioso, mas também parecia demonstrar algum pânico. Como se tivesse medo dela.

O homem tentou tirar o filho dos braços de Nina com vigorosos puxões e o menino deu gritos de furar os tímpanos. Nina deixou-o ir. Eles não poderiam ficar ali, disputando a criança feito dois cachorros diante de um pedaço de carne. Mas já era tarde demais. O desespero do menino fez com que o pai berrasse algo, primeiro para Nina, depois para a esposa, que já vinha chorando antes disso. Correndo os olhos pelos homens, Nina recuou na direção da porta, abriu-a e saiu. Eles não se opuseram.

Assim que pisou no estacionamento, ela respirou fundo, sorvendo com sofreguidão o ar frio da noite. A enxaqueca, que havia cedido um pouco durante a altercação, voltou subitamente com suas duras marteladas.

Ela não estava em condições físicas de levar o menino consigo e agora teria que notificar as autoridades. Imediatamente pensou em Magnus, que possuía uma abrangente lista de contatos em diversas entidades de assistência social e na polícia também. Não havia outro jeito. Quem quer que fosse cuidar daquele caso precisaria de ajuda da polícia para tirar o menino dali.

Ela já ia discando o número de Magnus quando algo golpeou sua mão, forte o bastante para fazer o telefone cair no asfalto com um estrépito nada animador. Virando-se, Nina deparou com o rapaz de rabo de cavalo, que brandia uma vassoura. Depois de pisotear o celular para inutilizá-lo, o rapaz

ergueu a vassoura novamente e berrou alguma coisa, não sabia se para ela ou para os homens que haviam ficado no interior da oficina.

Nina correu os últimos metros até o Fiat, jogou-se ao volante e enfiou a chave na ignição. Alguém tentava a porta do carona. Ela nem procurou ver quem era: caiu para o lado e tentou puxar a porta de volta. Não conseguiu. Quem quer que estivesse ali era bem mais forte que ela. Olhando pelo retrovisor, viu que os outros homens já se aproximavam. Uma pedra atingiu o vidro traseiro com um baque surdo e ela deixou a mão escorregar da maçaneta. Um homem se jogou no banco do carona e disse:

– Vai embora, por favor...

Só então percebeu que ele não era um perseguidor, mas dava a impressão de estar sendo perseguido também. O sujeito tinha o rosto vermelho e inchado, com um ferimento na sobrancelha, um corte escurecido pelo sangue coagulado, como se tivesse acabado de sair de uma briga de bar.

Uma nova saraivada de pedras atingiu o Fiat.

Nina girou a chave na ignição e, por milagre, o carro pegou logo. Deu a ré tão rápido que os homens atrás tiveram que pular para o lado, então chispou para a rua deserta com a porta do carona ainda escancarada, o desconhecido se agarrando como podia ao banco e ao painel do carro.

Ele conseguiu fechar a porta e, dali a pouco, eles já enfrentavam o trânsito pesado da Gammel Køge Landevej.



Os pneus dianteiros do carro bateram no meio-fio da Fejøgade e Nina ouviu o chassi raspar o concreto da calçada. Novamente se sentindo tonta, viu pequenos pontos pretos dançando diante dos olhos quando girou a cabeça para fitar o intruso. Ele pressionava um lenço já empapado de sangue contra o corte na testa e, ao ver gotas grandes pingarem do tecido para o braço, tratou de dobrá-lo para evitar uma sujeira maior. Nina se comoveu com aquilo, sobretudo ao constatar o estado lastimável em que já se achava o estofamento do Fiat, seu veículo de trabalho. Ela tirou um maço de toalhas de papel do porta-luvas e entregou ao desconhecido.

– Obrigado – agradeceu ele com polidez.

Eles não haviam trocado uma única palavra durante todo o trajeto. Nina mal tivera fôlego para dirigir em meio ao trânsito e conduzi-los até ali ainda inteiros apesar da enxaqueca. O carona permanecera imóvel o tempo todo, talvez receando que qualquer movimento seu fosse interpretado como uma ameaça.

Ele colocou uma das toalhas de papel sobre o corte e continuou a segurar o lenço ensanguentado com a outra mão, como se não soubesse ao certo o que fazer com ele. Só então Nina teve a oportunidade de avaliá-lo melhor. Viu que era jovem, tinha 20 e poucos anos e decerto estava bem longe de casa. De início pensara que ele também fosse cigano, mas agora estava na dúvida. Algo no rapaz o diferenciava dos demais na oficina: as roupas, a educação, o modo reservado... e, claro, também havia o fato de que ele fora agredido pelos outros. Respirava com dificuldade e apertava o cotovelo de um jeito estranho contra as costelas. O talho na sobrancelha não parecia ser seu único

problema.

– O que aconteceu? – perguntou Nina, aliviada por ele falar pelo menos um pouco de inglês. – Onde é que está doendo?

– Do lado. Levei um chute...

Pelo menos não o tinham esfaqueado ou golpeado com um taco de beisebol. Nina examinou a boca dele, constatou que não havia bolhas de sangue; todo o sangue aparente vinha do corte na testa. Um chute podia facilmente quebrar uma costela e perfurar um pulmão. O ferimento junto à sobancelha teria que esperar, pois não constituía algo letal. Mas dores torácicas... Isso era outra história.

– Tire o casaco. Não, espere, eu vou ajudar.

Nina não queria que ele movesse o tronco exageradamente antes de ela ter uma ideia melhor do que havia acontecido às costelas. Mais uma vez, a urgência da situação fazia com que ela esquecesse o próprio mal-estar, e isso era uma bênção. Acendeu a luz do teto para enxergar melhor e afastou a camisa do rapaz, já também ensanguentada, para examinar o torso. Na altura da terceira costela esquerda, havia uma mancha vermelha arredondada e o rapaz inspirou fundo quando ela a tocou. Mas o osso parecia intacto. No máximo estaria trincado, o que não deixava de ser um grande desconforto: por alguns dias o coitado sofreria um pouco para respirar. Mas era tudo.

– Você é médica? – perguntou ele.

– Enfermeira.

Uma centelha de esperança despontou no olho que o sangue não havia grudado.

– Meu irmão... Você esteve com ele? Está doente...

– Quantos anos ele tem?

– Dezesseis.

– Então não. Não estive com ninguém dessa idade.

O irmão dele seria o tal rapaz que tinha desaparecido da oficina? Ela deveria perguntar? Mas não teria muito a dizer: apenas que o garoto havia sumido e talvez estivesse não só doente, mas em estado bastante crítico.

O rapaz derreou os ombros, desanimado. Com cautela, Nina afastou a mão com a qual ele vinha cobrindo a testa. Viu que o corte não era grande, embora sangrasse muito, e ela poderia facilmente fechá-lo com a cola cirúrgica do kit de primeiros socorros se tivesse tido a oportunidade de pegar suas coisas antes de sair de Valby. Agora precisaria se virar com o kit do carro, que não era o ideal, mas ainda assim melhor que nada.

– Você conhece aquelas pessoas na oficina? – ela quis saber.

– Não.

O rapaz não mexeu um músculo sequer enquanto ela trabalhava. Era como se não estivesse presente, como se tivesse fugido para algum lugar da alma em que as dores não podiam alcançá-lo. Isso deixou Nina um tanto desconfortável, pois se tratava de uma reação comum a crianças refugiadas molestadas ou emocionalmente exaustas. Pelo menos era um paciente fácil de lidar. Ela limpou o talho com uma borrifada de iodo e o fechou com pequenas tiras de esparadrapo cirúrgico. Por fim, virou o retrovisor para que ele pudesse ver o resultado. Um pouco mais alerta do que antes, o garoto

lhe agradeceu de novo, tão educadamente quanto da primeira vez.

– Não foi nada – disse Nina.

Obrigou-se a abrir um sorriso, sentindo o enjoo nas profundezas do estômago. Foi o torpor do rapaz que lhe deu forças para prosseguir:

– Você está em apuros? Tem alguma coisa que eu possa...

Ela não conseguiu terminar. De repente, teve a impressão de que o carro estava navegando no asfalto, um navio balançando em águas revoltas. Abriu a porta, mas só conseguiu passar uma das pernas para fora antes de vomitar; os respingos quentes sujaram-lhe o pé, a sandália e o tornozelo nu. Depois que os espasmos cessaram, ela ainda ficou alguns minutos de olhos fechados com a testa pousada no volante, sorvendo o ar fresco da noite.

Então, sentiu no ombro a mão de alguém. Era o rapaz, que havia descido do carro para ajudá-la a sair. Parecia amedrontado e preocupado, de um modo que não batia muito bem com a pouca idade que tinha. De maneira geral, os jovens viviam tranquilos na certeza da própria imortalidade.

Amparada por ele, e ligeiramente constrangida, Nina saltou a poça de vômito. Havia manchinhas vermelhas no líquido amarelo-acinzentado. Sangue. Agora não havia mais dúvida: ela estava sofrendo da mesma enfermidade que as crianças na oficina.

Instintivamente, ela se afastou do rapaz. Aquilo talvez fosse contagioso e, se ela fosse uma portadora, então já teria passado tempo demais com ele no carro, sem falar em Anton e em todas as outras crianças da excursão. Não estava tão preocupada consigo mesma nem com o filho. Qualquer hospital bem equipado poderia dar um jeito naquilo, fosse o que fosse. Mas a realidade era bem outra tanto para os ciganos da oficina quanto para o rapaz machucado a seu lado. Ela não fazia ideia para onde ele iria em seguida, tampouco se teria acesso a um hospital caso adoecesse também.

– Isso aí foi só um paliativo – explicou Nina. – Entre no carro. Vou levar você para um pronto-socorro. Só preciso de alguns minutos para...

– Não. – Ele balançou a cabeça com veemência.

Nina o encarou, sentindo arder no peito uma intensa exasperação. Qual era o problema daquela gente? Por que eles nunca faziam o que ela pedia?

– Você precisa de mais cuidados. E aquelas crianças... Elas precisam de um hospital. Por que vocês não conseguem enxergar isso? – falou, tentando manter a voz regular, sem demonstrar raiva, mas não teve êxito.

– Estou indo – disse ele, e deu um passo para trás como se recuasse de um cachorro bravo. – Obrigado pela ajuda.

Nina queria que ele esperasse. Que pelo menos anotasse o telefone dela caso tivesse problemas. Caso adoecesse. Ou caso encontrasse o irmão doente. Mas, àquela altura, ele já lhe dera as costas para tomar seu rumo. Ela sentiu os músculos das pernas estremecerem quando tentou dar alguns passos no encalço do húngaro. Não encontrou forças nem para chamá-lo. Receava vomitar novamente se flexionasse um músculo que fosse na região do pescoço. Mas, antes de dobrar a esquina, o rapaz se virou por iniciativa própria. Permaneceu mudo por um instante e Nina chegou a pensar que ele havia mudado de ideia.

– As crianças... – falou ele, afinal. – Na Hungria, muitas vezes as crianças ciganas são tiradas de

casa. Quando alguém da família está muito doente, por exemplo. É por isso que eles têm medo. Por isso não ousam procurar um médico aqui. Porque nem sempre as crianças voltam para casa.

Ele pareceu que ainda queria dizer mais alguma coisa, mas de repente deu meia-volta, apertou o passo e sumiu na Jagtvej. Nina permaneceu imóvel por mais um tempo, esperando o enjoo passar.

ACABEÇA DOÍA TERRIVELMENTE. SÁNDOR correu o dedo pela sobrancelha, sentindo as bordas do corte sob o curativo, mas não era daí que vinha a dor. Ao ser golpeado, ele havia jogado a cabeça para trás e batido a nuca em algum lugar. Algo se deslocara no pescoço nesse momento ou pelo menos era essa a sensação que ele tinha. As costelas do lado esquerdo latejavam regularmente a cada respiração.

Na rua, carros passavam em ambos os lados de uma aleia central. A noite não estava muito escura, embora já passasse das dez. Por mais que ele quisesse se sentar no chão e se recostar num muro qualquer, achava imprudente chamar atenção com um comportamento estranho, sobretudo ali onde qualquer um podia vê-lo.

Não fazia mais calor. Por vezes ele estremecia ao respirar, em parte por causa do frio, em parte devido ao choque. Alguém o havia golpeado. Alguém o havia chutado enquanto ele estava caído. Alguém o havia atacado com pedras. Sentia dentro de si uma humilhação dolorosa. Todo o lado húngaro de sua criação se sentia ofendido, ultrajado – “Você não pode bater em alguém sem motivo!” –, mas, ao mesmo tempo, ainda se lembrava da zombaria do padrasto quando o procurara para reclamar que alguém o agredira na escola: “Seu frouxo! Bate de volta!”

Ele não havia encontrado Tamás.

A oficina ficava mesmo no endereço que o irmão lhe passara, mas o garoto não estava lá. Ninguém admitia tê-lo visto. Ninguém se dispunha a dizer onde ele se encontrava. Sándor ainda tentava arrancar alguma informação quando, de repente, tudo aconteceu. Nenhum preâmbulo, nenhuma provocação. Eles simplesmente... partiram para cima. Três ou quatro socos o derrubaram no chão, depois vieram os chutes, um nos rins, outro no flanco esquerdo. Ele nem sabia dizer quem havia feito o quê após ter a sobrancelha rasgada pelo primeiro dos agressores, o bigodudo atarracado que, a julgar pelo sotaque, era de Szeged.

Encolhido no chão áspero e imundo da oficina, ouviu o espatifar de um vidro. Foi içado pelos homens, empurrado contra uma parede e acuado pelo sujeito de Szeged, que brandiu algo rente ao rosto dele, tão perto que ele precisou estreitar os olhos para ver que se tratava de uma garrafa quebrada.

Vão cortar minha garganta.

Ainda teve tempo de formular esse pensamento estranhamente objetivo antes de deixar escapar um guincho de dor e medo. Nesse mesmo instante, ele ouviu um *pling!* no celular, um ruído absurdamente prosaico para quem estava à beira da morte. Mas o som não desviou a atenção do homem com a garrafa.

– Dá o fora. Se a gente te pegar aqui de novo...

Não precisava dizer mais nada. Sándor sentia no rosto o espetar da garrafa quebrada e, alguns

centímetros mais abaixo, na própria carótida, sentia o desgoverno dos batimentos cardíacos.

– Você e aquele *mulo* do seu irmão... – sussurrou um dos outros homens. – Some daqui, *mamioro*.

E Sándor havia saído dali com o rabo entre as pernas, a garganta estorvada pela bÍlis. Mas, ao sair, dera-se conta de que não sabia para onde ir. Afinal, ainda precisava encontrar Tamás.

Mulo. Ele ainda se lembrava dessa palavra porque fantasmas e maus espÍritos eram presenças constantes nas histórias que a avó lhe contava na hora de dormir. *Mamioro*? Não havia uma história sobre...? De repente a lembrança escapou de sua mente feito um peixe que escorrega das mãos do pescador. Paciência. *Mulo* já bastava como sinal de que havia algo de muito errado em tudo aquilo. Por que diabos chamariam Tamás de “mau espÍrito”?

Sándor estremeceu e subitamente viu que estava em mangas de camisa, recostado numa fachada de pedras frias que pareciam sugar o calor de seu corpo a cada segundo. Seu casaco. O que teria acontecido a ele?

Merda. A enfermeira o ajudara a tirá-lo no carro.

Praguejando baixinho, seguiu pelo mesmo caminho até a rua em que ela o tinha deixado. Não era longe; não podia ser. Uma ruazinha tranquila que cortava o barulhento bulevar em que ele agora se achava, com três ou quatro prédios residenciais de quatro andares em ambos os lados e algumas árvores aqui e ali, ainda frágeis nos vasos em que foram recém-plantadas...

Seria ali? FEJØGADE, dizia a placa, um amontoado de letras que se recusava a fazer qualquer sentido em sua cabeça. E as pessoas falavam que o húngaro era uma língua difícil...

O Fiatzinho vermelho permanecia estacionado no mesmo lugar de antes, a rachadura no vidro traseiro lembrando uma teia de aranha. Apoiando-se no teto, Sándor espiou através da janela. Sim, lá estava seu casaco, jogado no banco de trás com o kit de primeiros socorros da enfermeira. Ele tentou abrir a porta, mas, naturalmente, ela estava trancada. Ao que parecia, o instinto de trancar portas era de tal modo enraizado na cidade grande que era preciso bem mais que uma simples náusea para eliminá-lo.

Sándor ficou imaginando qual dos prédios seria o da mulher. O mais lógico era que ela tivesse estacionado o carro o mais perto possível, mas também não havia tantas vagas livres assim na rua. Hesitante, ele se dirigiu à portaria mais próxima. Seria ali mesmo? Não tinha como saber. E o andar, qual era? Correu os olhos pelos sobrenomes caprichosamente impressos sob uma proteção de acrílico: HANSEN, KRONBORG, H. SKOVGAARD, MALENE HVIDT & RASMUSBJERG POULSEN... A enfermeira não dissera seu nome, então ele arriscou uma campanha qualquer: Hansen. Ninguém respondeu. Kronborg era um homem e, claro, falava dinamarquês. Ou pelo menos assim pensou Sándor. Ele não havia compreendido uma palavra sequer.

É só um casaco, disse a si mesmo. Mas se sentiu ainda mais arrasado. Primeiro ele tinha um quarto de dormitório cheio de posses, depois elas se reduziram ao conteúdo de uma sacola de lona, apenas os itens mais essenciais. A sacola também se fora – não pudera tirá-la de Valby. E agora o casaco Studio Coletti, que com um pouco de generosidade podia ser confundido com algo mais caro. O que viria a seguir? Por um tenebroso segundo, Sándor imaginou-se vagando inteiramente nu pela ruas daquela cidade desconhecida. Mas, nos bolsos das calças, ele ainda tinha a carteira, o celular e

as chaves do quarto de dormitório que já não era mais seu.

O celular. Ele havia recebido uma mensagem enquanto era espremido contra a parede com uma garrafa quebrada espetada no pescoço.

O campo da mensagem estava vazio, mas o número era o de Tamás.

Febrilmente, ele apertou o botão para ligar. Quanto tempo teria passado desde a chegada daquela mensagem? Meia hora? Mais? Menos? Ele não fazia a menor ideia. Restava-lhe rezar fervorosamente para que o irmão ainda tivesse aquele telefone consigo.

– Alô?

– Tamás? Cadê você?

– Quem fala?

Só quando a pessoa do outro lado da linha começou a falar em inglês foi que Sándor percebeu não estar falando com o irmão.

– Poderia falar com o Tamás?

– Quem gostaria? – perguntou o homem, de forma bem articulada, mas com um sotaque que Sándor não soube identificar. Talvez fosse assim que os dinamarqueses falavam inglês.

– O irmão dele.

– Ah, ótimo. Ele tem perguntado por você. Tamás não pode atender agora, mas quer muito falar com você. Onde você está?

O alarme começou a uivar na cabeça de Sándor. *Eu não confio neles*, escrevera o irmão.

– Em Copenhague – respondeu vagamente. – E o Tamás, onde ele está agora?

– Conosco. Está dormindo. Tem andado muito doente. Mas sei que vai ficar muito contente se você estiver aqui quando ele acordar. Onde você está? Podemos buscá-lo onde quer que seja, não será nenhum incômodo.

Também não confio em vocês, pensou Sándor. Mas não tenho escolha.

– A placa diz FEJØGADE – disse ele, e soletrou a palavra.

NINA LEVOU UM BOM TEMPO para subir as escadas. As pernas estavam doloridas, lentas, e ao fim de cada lance ela se obrigava a parar um instante para recuperar o fôlego. Quando enfim entrou no apartamento, ficou à porta alguns segundos, equilibrando-se nas pernas bambas e cogitando qual seria seu próximo passo.

Deixar que o menino e as outras crianças permanecessem na oficina já não era mais uma opção. Ela queria levá-los todos para um exame no Hospital Bispebjerg, mas seu poder de persuasão havia se revelado insuficiente e agora ela tinha um belo hematoma na mão como lembrete. Seria preciso uma ação conjunta das autoridades de assistência social e da polícia para tirar aquelas crianças de lá. As consequências para os pais não poderiam mais ser uma variável naquela equação.

Nina ligou para o celular de Magnus; os dedos eram gigantescas balas de goma de tão moles. O chefe atendeu com sua calma habitual, apesar da sobrecarga de trabalho. Já passava das dez da noite e ele ainda estava no acampamento da Cruz Vermelha, esperando pela ambulância que havia chamado para um dos residentes mais idosos. Dificilmente se deixaria abalar pela situação em Valby.

– Você pode ligar para um dos pediatras do Rigshospitalet – sugeriu. – Eles têm todas as informações sobre as agências de que você precisa. São eles que juntam os cacos quando o filhinho é espancado por papai e mamãe. Sabem o que fazer nessas horas.

Nina suspirou. Poxa, não era a mesma coisa. Magnus permanecia calado do outro lado da linha. De repente, perguntou:

– Você está bem?

Magnus tinha uma espécie de sexto sentido quando o assunto eram doenças. Como se pudesse ouvi-las, mesmo ao telefone, mesmo se as chamadas eram roteadas por satélites.

– Não estou cem por cento, não – admitiu Nina, e sentou-se na beirada do sofá.

Nesse momento, alguém chamou Magnus ao fundo. Os socorristas finalmente haviam chegado e ela foi obrigada a esperar, apoiando-se na mesinha lateral enquanto o médico dava suas instruções no corredor.

– Muito bem – disse ele ao voltar. – Vamos fazer o seguinte: você toma um táxi e vem para cá. Quero dar uma olhada em você também.

Nina abriu um sorriso fraco.

– Antes eu preciso levar esse menino para o hospital.

Magnus deu um risinho.

– Vou lhe fazer uma proposta: prometo cuidar das crianças de Valby, mas só se você vier para cá. Agora. Além do mais... – o chefe ofegava vigorosamente ao telefone e Nina teve a impressão de que ele estava a caminho da clínica – ... quanto mais cedo você fizer alguns exames, mais cedo

vamos descobrir o problema daquelas crianças. Às vezes é difícil fazer o pessoal da assistência social tirar a bunda da cadeira; eles podem demorar horas e horas antes de tomar alguma providência. Você está doente. Vamos começar por você. Aposto que está com a mesma coisa que eles.

– Você só está dizendo isso para eu fazer o que você quer, não é? Assim eu paro de encher o saco.

Magnus deu uma de suas rústicas risadas de sueco.

– Talvez. Mas estou certo, não estou?



Nina não quis pegar um táxi. Não estava de todo incapacitada, ainda que tivesse uma dificuldade absurda para girar a chave na ignição.

Seus dedos tremiam e, para aumentar sua irritação, após duas tentativas malsucedidas, ela precisou pousar as mãos nas coxas e respirar fundo antes de tentar uma terceira. Dessa vez o motor pegou. Que inferno, pensou, aliviada e frustrada ao mesmo tempo. Ficou imóvel por alguns minutos, tentando controlar o corpo antes de engatar a marcha e sair de ré para a rua. Até ali, tudo bem. Pouco antes de entrar na Jagtvej, ela olhou de relance para o retrovisor e avistou a silhueta magricela de uma ciclista em uma velha bicicleta feminina, dessas com cestinho na frente. Dali a pouco a moça sumiu de vista. Seria Ida? Nina tentou virar o rosto para dar mais uma olhadela, mas a cabeça latejou com o movimento e ela desistiu. Claro que não era Ida. Sua filha estava na casa da amiga Anna.

De repente ela se sentiu terrivelmente sozinha. Os pensamentos alçaram voo na escuridão à sua volta. Ela imaginou os quatro da família – Anton, Ida, Morten e ela própria – como pequenos pirilampos iluminados, cada um vagando para um lado diferente no amplo e negro vácuo que os cercava.

O CARRO QUE VIERA BUSCAR SÁNDOR era um Volkswagen Touareg azul-escuro. Um labrador cor de chocolate seguia no porta-malas, arfando sobre a nuca dele e encostando seu focinho úmido durante todo o caminho. No banco traseiro, ao lado de Sándor, havia uma cadeirinha infantil que de cara ele tinha interpretado como um bom sinal. Um dos dois homens parecia comum, nem um pouco ameaçador e razoavelmente confiável: cerca de 45 anos, cabelos claros, sapatos dockside, calças chinos e um suéter azul de malha fina com o cavalo da Ralph Lauren bordado no peito.

– Frederik – apresentou-se com a mão estendida.

– Sándor Horváth.

– Então você é o irmão do Tamás.

Sándor assentiu. O motorista não o havia cumprimentado. Era um sujeito muito magro, mas não particularmente alto, cujo rosto se escondia em parte na sombra de um chapéu de caubói que faria inveja a John Wayne. Até então ele o tinha ignorado por completo.

– Que bom que você veio – disse Frederik. – Por acaso Tamás o colocou a par de toda a situação?

– Não exatamente – respondeu Sándor, evasivo. – Falou apenas que estava muito doente e precisava de ajuda.

– Sim, infelizmente isso é verdade. Não sabemos ao certo o que ele tem. Seria ótimo que ele se consultasse com um médico.

Sándor pensou no que o irmão havia escrito: *Não consigo me aguentar em pé. Mal consigo enxergar.*

– Não seria o caso de interná-lo?

O homem se virou e Sándor pôde ver por inteiro o rosto dele, sereno e barbeado.

– Vamos deixar de conversa fiada. Você sabe muito bem que seu irmão não pode ir para um hospital normal. Mas conhecemos um médico que teria o maior prazer em examiná-lo. Discretamente, por assim dizer.

– Então o chamem.

– Essa é a nossa vontade, mas não é barato. Além disso, o patrocinador do seu irmão resolveu guardar a carteira no bolso.

Patrocinador? Que diabos significava aquilo?

– É de Bolgár que você está falando?

Frederik sorriu, comedido.

– Não precisamos mencionar nomes, certo? Mas, sim. Ele pagou pela viagem e pela hospedagem, mas uma clínica particular... Essas coisas custam uma fortuna.

– Quanto? – quis saber Sándor, já sentindo a fúria arder no peito.

Tamás estava doente, muito doente, e agora vinha aquele sujeito dizendo que queria ajudá-lo desde que fosse reembolsado depois.

– Um montante considerável. Alguns milhares de euros.

– Não tenho esse dinheiro – replicou Sándor, desanimado.

– Eu já imaginava. Mas por sorte seu irmão possui um item valioso que ele pode vender. Como você bem sabe.

Sándor ficou em silêncio. Não queria dizer que sim, mas também não fazia muito sentido dizer que não.

– Então por que vocês não vendem? – questionou ele, ríspido. E pensou: de preferência sem me envolver...

– O que nos falta são as informações de contato do comprador. Seu irmão disse que lhe confiou um código. Então pensamos: se ajudarmos Tamás com os cuidados médicos de que ele precisa, um favor pode pagar o outro, se é que você me entende. A clínica é excelente, particular e tudo o mais, muito melhor do que qualquer hospital público da cidade.

– Antes de qualquer coisa eu quero falar com ele – insistiu Sándor.

Seguiu-se um breve silêncio. À medida que o carro avançava, a luz dos postes ia se alternando com o breu da noite num ritmo que lembrava as intermitências de uma mensagem em código Morse: claro-escuro, claro-escuro, claro-claro-escuro. Cautelosamente, Sándor apoiou a cabeça no descanso de couro às suas costas, exausto de ser chantageado no interior de carrões alemães.

O motorista tirou algo do bolso de sua jaqueta de franjas e entregou a Frederik. Um celular, ao que parecia, desses que parecem um pequeno computador, com teclado retrátil e um monitor bem maior que o normal.

– Temos aqui um vídeo que você precisa ver – disse Frederik, e virou o monitor do aparelho na direção de Sándor.

Era Tamás, óbvio. Um close do rosto, granulado e superexposto, mas ainda assim assustadoramente nítido. Os olhos estavam fechados; não, mais que isso: estavam grudados por uma infecção medonha, uma gosma amarelada que se acumulava nos cílios em pequenas bolotas. Uma lágrima de sangue e pus corria junto ao nariz. Pequenas manchas acastanhadas cobriam a pele em torno dos olhos, feito sardas. Os lábios estavam rachados e sujos de sangue. Sándor ouvia um ruído, misto de chiado e gorgolejo, que devia ser a respiração de Tamás; pelo visto, o irmão não estava consciente de nada do que se passava à sua volta.

Foi nesse instante que Sándor se lembrou do significado da palavra *mamioro*: um espírito que traz doenças mortíferas.

Frederick fechou o vídeo e devolveu o aparelho ao motorista.

– Não creio que tenhamos muito tempo para um médico – comentou, tão afável e calmo quanto antes.

Um *tum-tum-tum* veio do porta-malas onde estava o cachorro, que começara a balançar o rabo ao ouvir a voz do dono.

– Não tenho código nenhum – retrucou Sándor, desesperado.

– Bem, seria ótimo que tivesse. Trata-se de uma pequena lista, se não me engano. Com números

de telefone e datas.

Sándor fechou os olhos. Ah, sim, esse código ele tinha. No bolso do casaco que esquecera no carro da enfermeira.

MAGNUS PRAGUEJOU ASSIM QUE A VIU.

Nina havia levado mais de meia hora para chegar ao acampamento da Cruz Vermelha porque fora obrigada a parar o carro nas imediações da saída de Gladsaxe para vomitar. Depois disso, ainda ficara sete minutos com a testa apoiada no volante até reunir energia suficiente para continuar dirigindo. Magnus a recebera no estacionamento e praticamente a içara para fora do carro com suas manzorras de urso.

Ela agora jazia numa das macas de exame da clínica enquanto Magnus, ainda xingando, a socorria.

– Sua febre está bem alta... 39,1... e o pulso está nas alturas. Nem sei como você conseguiu chegar até aqui. Falei para você tomar um táxi, não falei? Você está agindo como uma maldita idiota, mas suponho que isso não seja nenhuma novidade. Porra. Caralho.

Nina não disse nada. Magnus xingava sempre que estava preocupado, em geral no seu sueco natal. Ela já estava acostumada e, mesmo que não estivesse, não havia nada que pudesse fazer naquelas circunstâncias: gastara toda a sua energia na viagem até o acampamento. De repente, sentiu um novo surto de enjoo envolvê-la feito um manto pesado, então procurou ficar absolutamente imóvel.

– Eu poderia fazer alguns dos exames aqui mesmo – prosseguiu Magnus –, mas você precisa ir para o hospital o mais rápido possível. Tenho uma conhecida na ala de doenças infecciosas do Rigshospitalet. Tenho certeza que não vai se recusar a arrumar um quarto para você se eu pedir. É dessas que sempre dá um jeitinho nas coisas. E, se descobrir o que você tem, provavelmente vai poder fazer alguma coisa por aquelas crianças lá de Valby, e rápido.

Nina meneou a cabeça e rolou para o lado. O enjoo cedeu um pouco com a nova posição, mas dali a pouco voltou com renovado vigor. Ela se ergueu e vomitou na cuba que Magnus colocara a seu lado. Enrugando o nariz e caprichando nos palavrões, o médico retirou a cuba suja.

– O mais rápido possível, Magnus.

Nina ficou esperando com os olhos fechados enquanto Magnus ligava para o hospital. Ele falou baixinho por um bom tempo, em tom firme, persuasivo. A certa altura, Nina parou de ouvir a conversa. Ela apagou, mas foi acordada por Magnus, que deu início ao execrável processo de colocá-la de pé e levá-la para o seu Volvo.

Nina deduziu que o sueco havia esquecido algo, pois ele lhe entregou a bolsa e o casaco, abandonou-a frouxa no banco do carona e saiu correndo de volta para a clínica. Só então percebeu que, com seu corta-vento, também estava um casaco que sem dúvida não era seu. O garoto devia tê-lo esquecido no Fiat.

Magnus enfim voltou, trazendo consigo uma braçada de sacos de vômito, que depositou em seu

colo.

– Errr... desculpa. Mas você entende, né? É um Volvo.

Nina não se conteve e deixou escapar uma risada que mais parecia um acesso de tosse seca.

– Meu príncipe valente – falou com voz fraca, sentindo mais uma vez com toda a força a falta que Morten lhe fazia. – O que eu faria sem você?

O FIAT NÃO ESTAVA MAIS LÁ QUANDO eles voltaram à Fejøgade. Apontando para o espaço vazio onde a enfermeira havia estacionado uma hora antes, Sándor disse:

– Ela foi embora.

Imediatamente se arrependeu de não ter quebrado antes a porcaria da janela para recuperar seu casaco. Mas a ideia nem lhe ocorrera. Isso teria sido “contra as regras”. Claro, naquele momento ele não poderia ter imaginado que a vida de Tamás talvez dependesse daquele casaco.

– Então vamos ter que esperar até que ela volte – falou Frederik. – Porque é aqui que ela mora, não é?

– Não sei. Deve ser. Ela entrou naquele prédio ali – respondeu Sándor, e indicou a portaria que achava ser a dela. Preferiu omitir que não tinha certeza de nada.

– Encontre outro lugar para estacionar, Tommi – ordenou Frederik ao motorista. – Para que a vaga ainda esteja livre quando ela voltar.

Tommi assentiu e estacionou o Touareg mais adiante na mesma rua, entre um Kia e um Škoda Felicia. Em seguida, colocou um CD no som do carro e Johnny Cash começou a cantar: “Saint Quentin, you’ve been living hell to me...”

Os três permaneceram em silêncio. Sándor já tinha desistido de perguntar sobre Tamás e não havia outro assunto para conversar com os dinamarqueses. O motorista acendeu um cigarro.

– Abra a janela – disse Frederik, irritado.

Meia hora depois, quando Johnny Cash já havia cantado “Folsom Prison Blues”, “The Man in Black”, “Ring of Fire” e diversos outros clássicos, Tommi subitamente abriu a porta.

– Está vendo o Fiat? – perguntou Frederik, ainda em inglês, o que de repente deixou Sándor intrigado. Por que diabos eles não falavam dinamarquês entre si?

– É óbvio que ela não saiu só para comprar cigarros – comentou o motorista. – E a gente não tem a noite inteira.

Frederik refletiu um instante.

– Tudo bem. Vamos lá dar uma olhada. – E acrescentou para Sándor: – Vem.

– Mas eu nem sei o nome dela!

– Você disse que ela é enfermeira, certo? – interveio Tommi. – O resto a gente dá um jeito e descobre. Agora levanta essa bunda daí.

O motorista jogou o chapéu de caubói sobre o banco e despiu a jaqueta de franjas. Em seguida, pegou no porta-malas dois moletons pretos, entregou um deles a Frederik, vestiu o outro e enfiou no bolso duas chaves de fenda. O labrador choramingou, querendo sair também, mas Frederik berrou um “Deita!” ao mesmo tempo que abria uma fresta na janela para que o cachorro não morresse sufocado.

Frederik apertou as campainhas uma a uma e disse algumas palavras totalmente incompreensíveis

para Sándor até que alguém se dispôs a abrir a porta pelo interfone. Eles entraram. Havia dez ou doze caixas postais idênticas na parede logo ao lado da porta. Tommi sacou uma das chaves de fenda, facilmente arrombou a primeira das caixas e entregou o conteúdo a Frederik, que foi examinando os envelopes enquanto o outro arrombava a caixa seguinte.

– Bingo – disse Frederik, abanando um dos envelopes encontrados na quinta caixa. – Nina Borg, Enfermeira Registrada. Segundo andar à direita.

Tommi se deu o trabalho de devolver toda a correspondência para suas devidas caixas, muito embora as portinholas estivessem escancaradas e não pudessem mais ser fechadas.

Frederik tocou a campainha do apartamento do segundo andar, mas ninguém atendeu. De dentro, vinha uma música alta, pesada e apocalíptica, e pelas frestas da porta se viam as luzes acesas. Frederik e Tommi se entreolharam. O primeiro assentiu e o segundo lhe entregou a meia de náilon, já bastante amarfanhada, que havia tirado do bolso. Frederik cheirou-a e fez uma careta de nojo.

– Porra, Tommi, só tinha esta usada?

Tommi apenas deu de ombros. Já havia enterrado outra meia na cabeça e suas feições estavam grotescamente deformadas e irreconhecíveis.

– Não – disse Sándor, apavorado. – Vocês não podem...

Tarde demais. O batente cedeu sob a pressão das duas chaves de fenda usadas simultaneamente e a porta se abriu.

Sándor permaneceu imóvel no corredor até que Tommi o puxou para dentro e fechou a porta. As batidas cavernosas da música pareciam vir de dentro do apartamento para recebê-los.

– Mas...

– Cala a boca. Você quer levar seu irmão para o médico, não quer?

Sándor obedeceu.

– É um desses aí? – perguntou Frederik baixinho, apontando para os inúmeros casacos pendurados nos ganchos da parede.

Tommi já havia começado a entreabrir as portas do apartamento, rápida e silenciosamente, pelo menos o bastante para que os ruídos se perdessem em meio à barulheira do *death metal*. Sándor examinou as capas de chuva, os casacos e paletós, mas não encontrou nada parecido com seu Studio Coletti.

De repente, eles ouviram um estridente gritinho feminino, seguido de um berro tão estridente quanto, mas masculino. Sándor estremeceu da cabeça aos pés e instintivamente deu alguns passos para trás.

Tommi parara à porta do que só podia ser um quarto de adolescente. Na cama que ocupava quase todo o espaço do cômodo, estava um jovem casal: uma garota de cabelos curtos e muito pretos e um rapaz de ombros tatuados e cabeça raspada. Ambos estavam seminus e a moça tentava esconder os seios com as cobertas.

Sándor logo tratou de desviar o olhar. Tommi, não.

– Continuem – disse ele ao casal assustado, já filmando a cena com seu sofisticado telefone. – Eles adoram esse tipo de coisa na internet...

BIP. BIP. BIP.

Nina captou o barulho com o fiapo de consciência que ainda lhe restava. Quis fugir dele. Tentou voltar para a penumbra cinzenta de seu torpor, mas notou que alguém perambulava pelo quarto novamente, então abriu os olhos a contragosto. Junto da cama, uma enfermeira remexia no aparelho que bipava. Vestia um jaleco e uma máscara num tom de amarelo agressivo, do tipo que gritava “doença contagiosa”, mas, quando virou, parecia sorrir com os olhos, confortando-a. Amanhecia lá fora. Uma luz branda entrava pelas frestas da volumosa cortina de estampas coloridas.

– Alarme falso – disse a mulher. – Seu pulso ficou acelerado demais e demorou um pouquinho para voltar ao normal. Anda meio desgovernado, só isso.

Nina meneou a cabeça e virou o rosto. Sentia o estômago embrulhar com o amarelo das roupas da enfermeira ou talvez estivesse apenas voltando a se lembrar do enjoo após uma rápida soneca. Com alguma dificuldade, reacomodou-se na cama, virando-se ligeiramente de lado na esperança de escapar à ânsia de vômito. Não pôde fazer mais que isso, pois o soro intravenoso e a cânula na mão esquerda lhe restringiam os movimentos. Seria uma bênção caso pudesse descansar pelo menos um pouco até a rodada seguinte de vômitos. Sentia-se absurdamente esgotada, receava não ter forças sequer para erguer o tronco. Tinha a impressão de que não dormira mais que um átimo, o que talvez nem fosse um exagero. Desde que fora internada, vomitara duas vezes a cada hora. Pelo menos. Abandonara a contagem às duas da madrugada. Novos exames de sangue haviam sido feitos e dois médicos tinham passado no quarto para fazer as mesmas perguntas. Também pediram que ela virasse para lá e para cá, que se sentasse na cama, que ficasse de pé, que levantasse a camisola hospitalar para palparem seu abdômen e examinarem sua pele. Os bipes estridentes do aparelho a seu lado também dificultaram seu sono. Os batimentos cardíacos estavam sendo monitorados e, a cada vez que passavam dos cem, soava um apito. Ela pedira que desligassem aquela porcaria, mas recebera um retumbante “não” como resposta e, às 2h24, havia desistido de brigar.

Agora eram 5h32. Nina ia acompanhando o ponteiro dos minutos à medida que ele avançava ruidosamente no relógio de parede. Proibira a si mesma de sair do quarto, mesmo sabendo que aquilo não passava de uma grande bobagem, pois não tinha forças nem para sair da cama.

Magnus surgiu à porta com a barba por fazer. Não parecia nada bem, pensou Nina, mais uma vez reacomodando o corpo. Ele estava usando as mesmas roupas da noite anterior, uma surrada camisa de flanela xadrez e uma bermuda, além de uma máscara idêntica à da enfermeira, tão amarela quanto. Nina cogitou provocá-lo com alguma piada, mas desistiu, receando vomitar. Além disso, o sueco parecia não estar para brincadeiras. Apresentava um aspecto cansado e preocupado, provavelmente não só por causa dela. Trabalhava muito mais do que devia, tanto em casa quanto na clínica da Cruz Vermelha.

– Primeiro, a boa notícia – começou ele, sentando-se na beira da cama. Nina podia ver que ele sorria sob a máscara, mas, se sua boca estivesse visível, ela se sentiria bem mais reconfortada. – Seu amigo Peter me ligou algumas horas atrás, justo quando eu ia despachar a cavalaria pesada. A mãe do menino doente conseguiu fugir enquanto o marido dormia. Ela ligou para o Peter, que buscou os dois em algum lugar na Roskildevej. Consegui um leito para o garoto no Hospital Bispebjerg. Ele está passando relativamente bem. Melhor do que você. Não estou preocupado.

– Não é o que parece – disse Nina, e fez o que pôde para abrir um sorriso irônico.

Magnus não sorriu de volta.

– Nina, sinto muito ter que lhe dar uma notícia dessas com você assim, tão doente. Não precisa ficar assustada, mas... – Ele se aproximou e pousou a mão no ombro dela. – Morten ligou. Invadiram o seu apartamento e a Ida estava em casa na hora.

Nina levou alguns segundos para processar a informação. De repente se endireitou na cama, mas com um movimento tão brusco que fez o suporte do soro balançar. Que história era aquela? Não fazia o menor sentido. Tinham invadido o apartamento, mas... Ida ia passar a noite com a amiga Anna, não havia como ela estar em casa. Magnus só podia estar enganado.

– Nada aconteceu a ela e Morten já está voltando para casa.

Nina emudeceu por um tempo, ainda tentando digerir as informações recebidas. Então, lembrou-se da ciclista que vira na rua logo depois de deixar a Fejøgade. Talvez fosse mesmo Ida. Ela fitou Magnus com uma interrogação no olhar. O sueco não tinha o hábito de medir as palavras. Jamais dourava a pílula, e ela o admirava por isso, sobretudo quando os dois trabalhavam juntos no acampamento. Mas agora que ela estava reduzida a uma inválida entevada na cama, seria possível que ele estivesse escondendo algo? O que teria acontecido a Ida? E onde estaria ela agora?

– A irmã de Morten foi buscá-la e o Morten deve chegar daqui a algumas horas. Você não precisa se preocupar.

Foi como se Magnus adivinhasse seus pensamentos e já tivesse uma resposta na ponta da língua. Nina percebeu que havia começado a arfar e, como previsto, o aparelho a seu lado pôs-se a apitar. Os batimentos tinham subido novamente.

– Posso ligar para ela?

Magnus desviou o olhar, talvez um tanto rápido demais, e balançou a cabeça.

– Ela não quer falar com você. Está esperando pelo pai. Mas mandou um beijo e falou que deseja melhoras.

Essa última parte era mentira, removeu Nina.

– Não posso nem ligar para o Morten?

Mais uma vez os olhos do sueco se mostraram inusitadamente evasivos.

– Nina, o mais provável é que seu marido esteja empoleirado numa plataforma de petróleo, esperando o próximo helicóptero disponível. Esse tipo de coisa requer atenção total. Deixe esse assunto de lado por agora e procure se concentrar na sua recuperação, ok?

Nina estranhou o tom cordial com que ele havia falado, a ausência de palavrões, mas estava exausta demais para tentar furar a bolha daquela suposta encenação. Por enquanto teria que se resignar e deixar que Morten cuidasse de tudo.

– E os meus exames? Alguma notícia do laboratório?

Magnus aquiesceu, visivelmente aliviado com a mudança de assunto.

– Alguns resultados já chegaram e os médicos estão dando uma olhada. Daqui a pouco devem falar com você. Aliás, parece que um pessoal da radiologia também está a caminho. Acho que não gostam muito da ideia de ver você circulando por aí.

Claro que não, não queriam que uma bactéria potencialmente maligna contaminasse todo o hospital. Nina conhecia os procedimentos hospitalares. Decerto bateriam uma chapa para avaliar o estado de seus pulmões, sobretudo se encontrassem algum sinal de infecção nos exames que já haviam realizado.

– Você viu os meus números?

Nina tentou se recompor tanto quanto possível e fitou Magnus com um olhar imperativo. Não gostava nem um pouco da ideia de esconderem informações dela.

– Os indicadores de infecção estão meio esquisitos – respondeu Magnus, sentando-se junto à cama. – Fizeram uma contagem diferencial e o número de linfócitos está meio elevado. Virão lhe fazer algumas perguntas de novo daqui a meia hora. Vou esperar até que cheguem.

Nina afundou na cama. Meia hora era pouco tempo para pegar no sono e muito para permanecer acordada. O enjoo ainda rondava e pontinhos pretos piscantes dançavam rente ao teto. Mas, lá pelas tantas, felizmente conseguiu dormir; a última coisa de que teve consciência foi da pata de urso de Magnus afagando seus cabelos.



Ela despertou porque alguém estava gritando. Uma mulher, claramente alarmada. Nina abriu os olhos e, com a cabeça ainda latejando, olhou para o relógio junto da porta: 6h24. Tudo estava um pouco embaçado e havia um grupo de jalecos amarelo-fluorescente que começava a cercá-la.

– Nina... – A voz de Magnus parecia vir do outro lado do quarto, muito embora ele estivesse juntinho da cama, já se inclinando para falar mais perto. – Nina, querida, você vai ter que acordar.

Ela se sentou rapidamente e logo sentiu o vômito irromper garganta acima. Por sorte, ainda houve tempo para que alguém erguesse uma cuba à sua frente. Assim que terminou, ela ergueu os olhos para Magnus, que pacientemente esperava a seu lado.

– O dosímetro da enfermeira da radiologia apitou, Nina – informou ele.

Ela balançou a cabeça. Foi como se Magnus estivesse saindo de foco. O que ele estava dizendo não fazia o menor sentido.

– Você foi exposta a radiação. Intoxicação radioativa, é isso que você tem.

O QUARTO DE NINA ERA UM FORMIGUEIRO. Pelo menos três médicos, cada qual com seu séquito de residentes, já haviam passado por lá durante a manhã, e todos tinham feito suas perguntas com um misto de preocupação e entusiasmo profissional. Em particular, os técnicos do Instituto Nacional de Proteção contra Radiação mal conseguiram disfarçar a felicidade ao preencher toda a papelada, ao fazer suas perguntas e distribuir instruções a torto e a direito para os funcionários do hospital. Nina via tudo aquilo, mas não tinha forças para reclamar. Além disso, compreendia a reação daquelas pessoas. Profissionais ficavam fascinados sempre que encontravam na vida real alguma coisa que conheciam apenas dos livros. Provavelmente Nina era uma das poucas pacientes com intoxicação radioativa, senão a única, que eles já tinham visto na vida e ela podia ouvir as conversas sussurradas com empolgação no corredor. Caso não estivesse tão combatida, e se não tivesse outras coisas com as quais se preocupar, o mais provável era que ela também estivesse curiosa.

Era um alívio poder ver o rosto das pessoas outra vez. As máscaras não eram mais necessárias, pois a intoxicação radioativa não era transmitida pela respiração.

Um investigador da Agência Dinamarquesa de Gestão de Emergências havia passado por lá às 7h40. Baixo, semicalvo e de meia-idade, sorria educadamente ao tirar da pasta um bloco de anotações e uma caneta. Então, sem nenhuma advertência, irrompera numa interminável avalanche de perguntas.

Por onde ela andara, com quem falara, o que vira.

Nina respondera com toda a boa vontade. Já contara sobre a oficina de Valby para os médicos do hospital e era bem provável que a equipe da Agência já estivesse revirando o lugar. Ela tinha todos os motivos para cooperar. O menino já estava sendo tratado, mas os demais inquilinos da oficina com certeza haviam sido expostos a quantidades de radiação talvez tão grandes quanto a dela e precisariam ser examinados também. Fora isso, havia outros motivos bastante óbvios para que o representante da Agência desse as caras no hospital menos de meia hora depois que o dosímetro da equipe de radiologia começara a apitar. Uma fonte de radiação no centro de Copenhague certamente era o pior dos pesadelos, não só para a Agência de Gestão de Emergências, mas também para a polícia e para o serviço secreto dinamarquês.

O homem fazia suas anotações freneticamente enquanto Nina respondia às perguntas. Ele havia pedido tanto o endereço dela quanto o de Peter e o do acampamento da Cruz Vermelha.

– Até onde sei – dissera Nina –, todas as pessoas que adoeceram estiveram dentro daquele fosso por no mínimo alguns minutos, alguns talvez até por uma hora. Você acha que ali estava a origem do problema?

– Acho. Foi isso que nosso pessoal informou. O nível de radiação dentro do fosso está bastante

alto e eles encontraram pequenas quantidades de areia radioativa.

Nina imediatamente se lembrou de ter sentido os grãos ásperos dessa areia; num reflexo, esfregou as mãos no lençol como se quisesse limpá-las. Sua caça à possível fonte de intoxicação, a faxina que fizera com tanta determinação... tudo tinha sido inútil. Radioatividade. Enquanto ela recolhia sacos plásticos, pedaços mofados de papelão, latas de óleo enferrujadas, nunca iria imaginar que o inimigo estava bem ali à sua volta, invisível.

– De onde veio essa radioatividade? – ela quis saber.

– A fonte principal já havia sido removida quando chegamos. Podemos apenas especular.

O homem começou a interpelá-la sobre os habitantes da oficina. Com toda a paciência do mundo, Nina descreveu as poucas pessoas com as quais falara. Não havia perguntado o nome de ninguém, tampouco tinha alguma informação mais concreta para dar a respeito de quem quer que fosse.

O inspetor abriu um sorriso de desdém.

– Muita coisa poderia ter sido evitada se você tivesse informado imediatamente as autoridades sobre um surto de enfermidade suspeita. – Ele guardou suas coisas e emendou: – Às vezes é melhor pensarmos com a cabeça em vez de com o coração.

Nina apenas afundou na cama, fervendo de raiva. Não vira nada de particularmente suspeito naquela oficina até ela própria cair doente e, quanto às autoridades dinamarquesas, não teria sido necessário pensar muito, com cabeça ou coração, para saber qual teria sido a reação delas a um grupo de ciganos em Valby: num reflexo pavloviano, teriam enxotado o bando inteiro para o outro lado da fronteira, nem um pouco preocupadas com a possibilidade de que eles e sua bagagem radioativa se espalhassem pelos quatro cantos da Europa. Ainda assim, o representante da Agência tocara na ferida. A que quantidade de radiação aqueles ciganos teriam sido expostos? E ela?

Nina vomitou mais uma vez. Não havia o menor sinal de melhora. Ela recebera uma dose de ferrocianeto férrico, popularmente conhecido como azul da Prússia, cuja função era “sequestrar” qualquer material radioativo não absorvido pelo organismo. Até aí, tudo bem. O problema era que, “para evitar uma possível irritação da mucosa do estômago”, o composto precisava ser administrado por meio de uma cânula muito fina que era inserida numa das narinas e empurrada até o duodeno. A última coisa de que ela precisava naquelas circunstâncias era algo que viesse acirrar ainda mais a sua predisposição para o vômito.

Os médicos recomendavam paciência. Achavam “pouco provável” que ela tivesse sido exposta a uma quantidade letal de radiação, mas diziam que “o curso da doença pode ser extremamente imprevisível”. Era possível tanto que melhorasse de repente quanto que ficasse doente ainda por vários dias. Passada essa primeira fase, ela teria uma recuperação muito rápida, eles previam, mas a fertilidade se tornaria “problemática” e o sistema imunológico permaneceria seriamente comprometido por um bom tempo.

Nina acreditava em tudo isso, sobretudo no que dizia respeito à imunidade.

O cansaço era tamanho que ela nem sentia o próprio corpo. Precisava urgentemente de algumas horas de sono, mas os vômitos frequentes não a deixavam dormir e o trânsito de pessoas no quarto só fazia aumentar. Desconhecidos passavam de lá para cá perto da cama. Cutucando-a, tirando-lhe a pressão, levantando sua curtíssima camisola e correndo os dedos ao longo das costelas. Afastando

suas pernas à procura de alguma erupção na virilha, nas nádegas e nas costas, como se ela não passasse de um pedaço de carne numa mesa de autópsia. Como se já estivesse morta.

E, no meio daquilo tudo, sentia tanta falta de Morten que nem conseguia raciocinar direito. Na sua imaginação, o marido irromperia naquele quarto a qualquer instante e botaria para correr todos aqueles jalecos amarelos. A um pedido dela, deitaria a seu lado para que ela pudesse enterrar o nariz na camiseta dele e sentir um cheirinho de Morten misturado ao da maresia do mar do Norte, e não o fedor de sabão desinfetante e vômito. Quem sabe assim o estômago não se acalmava um pouco?

O quarto dispunha de um telefone, mas até então ele não havia tocado. Morten não ligara, tampouco atendera o celular nas vezes em que ela tentara falar com ele. Na caixa postal de Ida, ouviu a voz animada e suave da filha pedindo que deixasse uma mensagem. Era doloroso escutar aquela gravação e ela não se sentiu à vontade para deixar um recado casual: “Oi, é a sua mãe. Me liga” ou “Oi, meu anjo, só liguei para saber como você está”.

Desistiu e colocou o telefone de volta na mesinha. Não se sentia na obrigação de gravar uma mensagem. Sua família sabia exatamente onde ela estava e uma enfermeira mais simpática se dispusera a mandar um torpedo para Morten com o número direto do quarto.

Nina tentou respirar lenta e calmamente. O sol corria de um vermelho pulsante a escuridão que se fazia quando ela fechava os olhos, mas isso não a incomodava. Ela agora iria descansar, só um pouco. Quando voltasse a acordar, Morten já estaria lá para buscá-la e enfim eles poderiam esclarecer com Ida toda aquela história da véspera.

SKOU-LARSEN FOI ACORDANDO AOS POUCOS, meio desorientado. A televisão estava ligada e as cortinas da sala estavam cerradas. Ele se achava deitado no sofá com a manta de crochê sobre o corpo, mas não se lembrava de ter se coberto. A boca e a garganta estavam secas e ele tinha a impressão de que havia roncado.

Ergueu os olhos para o teto. Alguns anos antes, Helle cismara de mandar caiar o forro de madeira, dizendo que assim o cômodo ficaria muito mais claro. Para ele, no entanto, o teto agora parecia estranhamente semiacabado, como se alguém o tivesse pintado sem se dar o trabalho de passar uma segunda demão.

– Helle?

Ninguém respondeu. Talvez ela estivesse no jardim. Não, provavelmente não àquela hora, já devia estar escuro lá fora. Ou será que não? Estreitou os olhos para focalizar o relógio Tissot de que tanto gostava, de corrente metálica larga, presente de aposentadoria da prefeitura. Vendo que faltavam poucos minutos para as oito horas, ficou genuinamente confuso, sem saber ao certo se eram oito da manhã ou da noite.

Mas o que se via na TV era o noticiário local, não era? Então só podia ser noite. Quanto tempo ele teria passado ali, deitado naquele sofá?

– Helle?

Lentamente, afastou a manta de crochê, passou as pernas pela beirada do sofá e sentou-se. Por que estava tão fraco e zozno? E Helle não respondera a seu chamado. Será que estava brava com ele outra vez? Não, não era isso. A casa parecia vazia e silenciosa, a não ser pelos ruídos que ela própria fazia: a porta lá de cima que ficava batendo sempre que a janela do banheiro era esquecida aberta, o sutil gorgolejar que vez por outra se ouvia na tubulação hidráulica, os galhos do lilás que arranhavam as vidraças do escritório.

Skou-Larsen subitamente se sentiu abandonado. Por um momento, ocorreu-lhe a ideia absurda de que Helle o largara. Nunca havia cogitado essa possibilidade, apesar da diferença de idade entre eles. Afinal, era ela que precisava dele, e não o contrário.

Mas... precisava mesmo? Com o passar dos anos, tinha ocorrido um ligeiro deslocamento na relação de poder do casal, tão gradual que por pouco ele não notara. Recentemente, ela havia começado a sair sozinha, deixando para trás a casa e seu adorado jardim, algo que sempre achara difícil. Além disso, aprendera a usar o computador que Claus lhes dera de presente, logo podia enviar e-mails e manter contato com outras pessoas. À época, ele vira isso como um bom sinal, mas agora já não tinha tanta certeza.

Era bem possível que, devido ao computador, ela tivesse comprado aquele estúpido apartamento na Espanha.

Foi com um frio no estômago que Skou-Larsen teve um súbito estalo. Só podia ser isso. Helle alegara que queria lhe fazer uma surpresa. Porém, na verdade, jamais havia sido intenção dela passar os invernos com ele por lá, para que o clima mais ameno ajudasse na artrite. Helle nunca teria lhe contado se ele não tivesse visto o registro bancário. Talvez fosse uma grande sorte que o negócio não passasse de uma fraude. Caso o tal condomínio existisse, era bem possível que ela já estivesse lá, numa daquelas varandas de frente para o mar que os panfletos mostravam, saboreando uma sangria enquanto o maiô secava no parapeito. Provavelmente com...

Com quem? Era nesse ponto que sua nebulosa imaginação falhava. Para ele, era difícil, senão impossível, imaginar Helle com outro homem. Não que ela tivesse deixado de ser uma mulher atraente. A esposa ainda tinha aquela beleza clássica das nórdicas, de maçãs do rosto salientes e mechas prateadas nos cabelos dourados. Sempre tivera o cuidado de não abusar do sol: em geral usava um chapéu quando trabalhava no jardim, portanto sua pele não estava tão desgastada quanto a da maioria das mulheres de sua geração. No entanto, nunca fora uma parceira empolgada quando o assunto era sexo e, nos últimos anos...

Quem sabe o problema não seria *ele*? Sempre havia sido um homem paciente na cama, carinhoso, atento às reações da mulher para então poder agir. Teria sido um erro?

Skou-Larsen se levantou do sofá. Mesmo sabendo que seria um ato paranoico, foi direto para o quarto e escancarou o armário. Não que esperasse encontrar ali um jovem amante escondido, mas queria ver se as roupas de Helle ainda estavam lá. Estavam. Assim como as malas, no mesmo lugar de sempre, nos nichos superiores. Até onde ele sabia, nada estava faltando.

Em seguida, foi até o banheiro, tirou as escovas de dente do copo onde ficavam e bebeu a água que se acumulara ali, que tinha um leve gosto de pasta. Sua boca estava tão seca que um cacto poderia crescer dentro dela. Encheu o copo novamente e voltou com ele para a sala.

Um tipo machão, de peito cabeludo e costeletas, alguém que tomava a iniciativa na cama. Seria esse o tipo de homem por quem ela se deixara seduzir?

Não. Helle, não. Ele sorriu, apesar do desânimo generalizado. Helle era a última mulher no mundo que faria uma coisa dessas.



Faltava pouco para as nove da noite quando Helle enfim chegou. Ele estava esperando pelo noticiário da DBC na televisão. Ela pendurou o casaco de algodão no gancho do hall de entrada e entrou na sala como se nada tivesse acontecido.

– Ah, você já acordou – disse ela.

– Onde foi que você se meteu?

– Estava na casa do Holger e da Lise, é claro. Não deu para jogar bridge sem você, mas até que a gente se divertiu bastante. Lise fez um bife à *cordón bleu*. Você perdeu.

Holger e Lise. Bridge. Agora ele lembrava.

– Por que você não me acordou?

– Meu querido, eu tentei... Juro. Mas você estava completamente apagado. Andou misturando os

remédios de novo?

– Remédios?

– Sim. Você sabe que o Imovane é para dormir e o Fortzaar é para sua pressão, não sabe?

– Claro que sei. Faz anos que tomo essas porcarias. Pelo menos o da pressão.

Os comprimidos para dormir eram relativamente recentes, receitados depois que ele começara a reclamar de insônia e síndrome das pernas inquietas. Apenas meia cápsula, o médico dissera, e ele obedecia à risca.

– Talvez fosse melhor você deixar que *eu* organize a sua caixinha de comprimidos – sugeriu Helle.

– Sou perfeitamente capaz de organizar minhas coisas – rebateu ele, visualizando a caixinha de comprimidos marcada no topo com MANHÃ, MEIO-DIA, TARDE e NOITE e, embaixo, com os dias da semana. – Não sou nenhum velho gagá!

Mas Helle não estava mais ouvindo. Com os olhos voltados para a TV, ela pegou o controle remoto e aumentou o volume: “... segundo as estimativas, cerca de cinquenta pessoas foram contaminadas com radioatividade. As autoridades pedem àqueles que nas últimas semanas estiveram nas imediações desse endereço que procurem o Instituto Nacional de Proteção contra Radiação para um exame inicial. Mais informações podem ser encontradas no nosso site.”

Contaminação radioativa?

Skou-Larsen apagou da mente as caixinhas de comprimidos, costeletas e partidas de bridge.

– No jornal das seis também falaram disso – observou Helle. – Mas eles ainda não sabem de onde saiu essa radioatividade. Você ainda não sabia?

– Não – resmungou ele, vendo um físico nuclear que mais parecia um jogador de futebol americano explicar o que eram radiação natural e radônio, “a principal fonte de contaminação radioativa na construção civil”.

Ao fundo, dois homens em macacões protetores amarelos andavam em torno de duas bombas de gasolina do outro lado de uma cerca, ambos empunhando um aparelho que ele julgou ser um contador Geiger. Pouco depois, como era de se esperar, vieram as imagens de Chernobyl. Skou-Larsen não conseguia entender o que Chernobyl tinha a ver com tudo aquilo. Havia um mundo de diferença entre uma explosão numa usina nuclear e uma contaminação por radônio, mas bastava alguém pronunciar a palavra “radioatividade” para que a mídia logo entrasse em polvorosa.

– Aposto que é só uma contaminação do lençol freático ou alguma emissão de materiais de construção – falou ele, irritado porque as câmeras focalizavam apenas os homens de macacão em vez dos prédios ao redor, bem mais relevantes.

– Contaminação do lençol?

– Isso. Pode ser um desastre quando o prédio é construído sobre um solo de morena. O nível de contaminação pode chegar a 600 becqueréis por metro cúbico, o suficiente para mandar muita gente para o hospital.

Na televisão, o físico deu lugar a outro especialista, um técnico do Laboratório Risø de Energia Sustentável, menos fotogênico que o primeiro.

– Então por que começaram a falar de cézio de uma hora para outra? – perguntou Helle. – Césio

não é a mesma coisa que radônio, é?

– Não.

– Césio também brota de baixo da terra?

Skou-Larsen balançou a cabeça. Ainda sentia a boca terrivelmente seca, pastosa.

– Não brota, não.

NINA ACORDOU COM O ESTRÉPITO de bandejas metálicas e o ruído rítmico dos passos das enfermeiras no corredor. Que horas seriam? Ela devia ter adormecido, mas por quanto tempo? Todos os seus pertences se achavam embrulhados num saco plástico amarelo, inclusive o relógio de pulso, e ela levou alguns segundos para focalizar o relógio de parede acima da porta. Nove e dez da noite. Sua cabeça estava bem melhor. Na verdade, estava ótima. Nada doía em lugar nenhum e agora ela podia esticar o corpo inteiro sem o receio de vomitar. A cânula nasal enfim fora retirada. O enjoo ainda espreitava de algum lugar, mas ao longe. Decidiu fingir que ele já havia ido embora.

Sentou-se na beira da cama e, com alguma hesitação, pousou os pés no chão. Sentiu o coração disparar quando lentamente transferiu o peso do corpo para as pernas fracas e avançou alguns passos no quarto. As coisas estavam indo bem, pensou, aliviada ao constatar que voltara a ser uma pessoa funcional. Ela olhou irritada para a bolsa do soro e o suporte aos quais estava presa. Em seguida, fechou o fluxo e retirou da mão esquerda a agulha que haviam espetado nela. Não encontrou um band-aid por perto, então precisou se contentar com um guardanapo para estancar o sangue que ainda vazava do ponto de acesso. Pelo menos ela estava livre para se locomover.

Caminhou até o banheiro com passos vacilantes e urinou com a porta aberta. Filetes de suor escorriam das têmporas para o rosto e o pescoço. O coração ainda batia a mil por hora e ela ficou sentada ali por mais alguns minutos, procurando afugentar o enjoo. Mas tudo vinha correndo bem até então. Ela havia conquistado o banheiro, pensou sarcasticamente, e imaginou ouvir trombetas soando em comemoração. Agora bastava conquistar o resto do mundo.

Por fim, ficou de pé, lavou as mãos e o rosto na água fria da pia e foi se arrastando de volta para o quarto com a impressão de que pisava em algodão.

De repente tropeçou.

Um dos pés simplesmente cedeu quando ela já dava o último passo para a cama. Bateu forte com o quadril no piso cinzento do quarto e trincou os dentes com a dor súbita. Conseguiu se sentar no chão e olhou furiosamente para o pé direito, xingando a si mesma pela falta de jeito. Ela já vira inúmeros pacientes fazerem o mesmo: levantarem da cama antes de estarem fortes o bastante e caírem, ficando ainda piores do que estavam ao dar entrada no hospital. Por sorte não havia quebrado nada e a dor já dava lugar a um simples latejar. Daquele tombo ficaria apenas um hematoma. Com o coração retumbando sob a camisola hospitalar, agarrou-se à cama e de novo ficou de pé. No entanto, antes que pudesse deitar, ouviu às suas costas algo que parecia ser um suspiro. Virou o rosto e deparou com Morten.

Ele estava parado à porta com os braços caídos de um modo estranho, como se estivessem mortos. Nina nem tinha ouvido a porta abrir. Há quanto tempo ele estaria ali? Teria visto o tombo? Percebendo a expressão do marido, Nina perdeu as últimas forças nas pernas, caiu sentada na beira

da cama e abraçou o próprio corpo.

– Deixe que eu ajudo – disse Morten.

Aproximando-se, ele ergueu as pernas dela para a cama, acomodou-a no travesseiro e puxou as cobertas.

– Tentei falar com você – falou Nina, brava. – Um monte de vezes.

Ela observava os movimentos de Morten, mas ele não a encarava, apenas alisava as cobertas como se tentasse tirar delas algum vinco imaginário. Estava tentando sorrir, mas sem grande sucesso. De repente Nina ficou apreensiva. O que teria acontecido? Seria possível que Magnus realmente tivesse escondido alguma coisa dela?

– É a Ida?

Morten ergueu o rosto por um breve instante.

– Ela está chateada, mas... – Ele refreou as palavras. – Você está bem?

Nina ficou ao mesmo tempo aliviada e confusa. Por que diabos ele estaria falando com ela assim, tão formalmente? Como se fosse um colega de trabalho ou um parente distante. Ela estendeu as mãos e tentou puxá-lo para perto, mas Morten resistiu, de início apenas com uma pressão no sentido contrário, uma tensão nos músculos do pescoço. De repente, ele se desvencilhou e recuou. Pela primeira vez, olhou diretamente nos olhos dela. Parecia cansado, abatido. Como se tivesse chorado. Mas Morten nunca chorava. Ficava puto, xingava, mas nunca chorava.

– Desculpe.

Nesse instante, uma funcionária do hospital entrou no quarto com um largo sorriso estampado no rosto. Fechou as cortinas, depois ficou por ali alguns segundos, junto à janela, alternando o peso do corpo de um pé para o outro, até decidir encher o copo da mesinha lateral. Pegou-o e foi para o pequeno banheiro e Nina pôde ouvi-la abrir a torneira. Morten não dizia nada, apenas olhava com impaciência e irritação para a porta aberta do banheiro.

– Eles não costumam encher o copo com água da pia – disse Nina, mais para si mesma do que para o marido, que permaneceu mudo.

Eles ainda esperaram um bom tempo enquanto a moça fazia algo no banheiro, provocando bastante barulho, até que Morten decidiu retomar a conversa:

– Vou dizer uma coisa agora – falou com determinação –, depois vou embora para que você possa ter um pouco de sossego e... descansar.

Nina meneou a cabeça lentamente, tentou sorrir, mas, a essa altura, já sentia no peito um medo frio. Ao que parecia, a conversa não seria apenas uma descompostura a mais, igual a outras tantas que ele costumava passar nela quando se aborrecia. Algo diferente estava por vir.

– Ida estava sozinha em casa na noite de sábado – informou Morten com certo tremor na voz. – Sozinha num apartamento em Østerbro porque a mãe estava hospitalizada.

Nina chegou a erguer a mão para protestar. Não era bem assim. Ida não havia ficado sozinha porque a mãe adoecera. Ainda que não tivesse ido para o acampamento da Cruz Vermelha, Nina teria passado a noite fora naquele chalé fedorento com Anton. Ida falara que passaria a noite na casa da amiga Anna. Era esse o acordo.

Morten fez um gesto cansado, como se descartasse sua intervenção.

– A mãe de Ida não estava em casa porque se contaminou com radioatividade. Por mais de uma vez, segundo fui informado, ela visitou um bando de estrangeiros doentes em Valby, muito embora já tivesse prometido que não voltaria a fazer esse tipo de trabalho quando o marido estivesse no mar do Norte. – Os olhos de Morten, vermelhos de tanto chorar, fitaram os da mulher. – Quer dizer... Não foi a mãe de Ida que prometeu alguma coisa, Nina. Foi *você*.

Nina se contorcia interiormente. O enjoo ameaçava voltar e um ruído distante ressoava em seus ouvidos.

– Enquanto você estava aqui neste hospital, três homens invadiram o apartamento onde Ida estava sozinha com um namorado do qual eu nunca ouvi falar. Bateram nele. E Ida, que estava seminua...

Nina baixou os olhos para as próprias mãos. Será que ele não iria parar nunca? Ela conseguiria suportar aquilo por mais quanto tempo?

– Tiraram fotos dela. Humilharam nossa filhinha, Nina. – Mais do que exaustos, os olhos de Morten agora pareciam mortos. – Não faço a mínima ideia se essa invasão tem alguma coisa a ver com essa sua história em Valby. Mas... quer saber de uma coisa? Não estou nem aí. Isso agora não faz a menor diferença. Nosso apartamento foi lacrado por causa de uma possível contaminação radioativa. Nosso carro também.

Morten jogou os braços para o alto, como num gesto de impotência. Nina sentiu um nó doloroso na garganta. Ele recuou mais um passo.

– Se fosse apenas a gente... eu e você... mas não é. E eu simplesmente não consigo... simplesmente não posso deixar que você arraste o Anton e a Ida para essa... para essa permanente zona de guerra na qual você insiste em viver. Fomos para a casa da minha irmã e é lá que a gente vai ficar por enquanto. Era isso que eu tinha para dizer.

“Por enquanto”, observou Nina. Talvez ele pudesse, sim, conviver com tudo aquilo. Quem sabe as coisas ainda podiam voltar ao normal.

Mas, a essa altura, Morten já abria a porta do quarto. Antes de sair, no entanto, ele se virou e a fitou com uma firmeza que não deixava o menor espaço para ilusões. Quase sussurrando, disse:

– Estou fazendo isso por mim, Nina. Acabou.



Nina teria chamado por ele, mas não saberia o que dizer para demovê-lo. Morten ainda ficou à porta por um microssegundo, de costas, como se quisesse deixar a ela uma última imagem para guardar num álbum de recordações emocionais. Nina conhecia pelo avesso aquela silhueta esguia e ligeiramente arqueada, aqueles ombros que sob a camiseta larga formavam um V perfeito com a cintura fina. De repente lhe vieram à cabeça imagens isoladas dos dezesseis anos que eles haviam passado juntos. As inúmeras vezes em que ele tinha parado ao pé da cama e despira a camiseta, cansado. A marca de nascença que ele trazia sob a escápula direita. As axilas macias. As pernas compridas e musculosas. A penugem escura que cobria peito, braços, pernas e virilha. O sorriso que ele abria quando se virava para fitá-la.

Mas dessa vez ele não virou. Nem olhou para trás antes de sair para o corredor.

Nina sentiu o diafragma se contrair dolorosamente. Era como se Anton a tivesse acertado com uma bolada no estômago. Em um único e brutal golpe, a constatação de que Morten estava indo embora, já *havia* ido embora.

No banheiro, a morosa assistente hospitalar voltou a dar sinal de vida, produzindo ruídos indecifráveis e pigarreando antes de voltar ao quarto e enfim entregar a Nina o copo d'água.

– Nunca vi servirem água de torneira num hospital – disse Nina mecanicamente, e ergueu os olhos preguiçosos para o rosto sardento da moça.

Pensou ter visto nele uma centelha de culpa, como se a assistente soubesse estar fazendo algo que não devia. Seu jaleco não era amarelo, mas branco. Uma pequena suspeita cruzou a mente de Nina. Afinal, por que aquela moça estava ali? Não havia razão para fechar as cortinas. E Nina não pedira água.

Mais uma vez, a assistente pigarreou e abriu uma espécie de sorriso que ficava a meio caminho entre o entusiasmo e a comiseração.

– Desculpe, meu nome é Lone Walter. Sou repórter do *Ekstra Bladet*. Você se incomodaria de responder a algumas perguntas?

Uma faísca de raiva percorreu todo o corpo de Nina. Uma repórter, claro! Uma assistente hospitalar nunca desperdiçaria tanto tempo daquele jeito. Nina olhou para a porta que Morten atravessara havia pouco.

– Você ouviu tudo? – perguntou, tentando não alterar a voz, enquanto encarava a moça.

– Não sei do que você está falando.

O sorriso falso da tal Lone Walter perdurava e Nina sentiu a náusea se intensificar. Rapidamente pegou a cuba a seu lado e vomitou dentro dela jatos longos e rosados. Suco de groselha, pensou, e ergueu os olhos para a jornalista perturbada.

– Suma daqui. Não quero falar com você. Não quero falar com ninguém.

SÁNDOR NÃO COMPREENDIA UMA SÓ palavra do que dizia o nervoso comentarista na televisão, mas seus dois sequestradores certamente sim.

– Puta merda – rosnou Frederik, e bateu a lata de cerveja contra o tampo de vidro da mesa à sua frente. – Merda, merda, merda.

Num rompante, pegou a latinha de novo, arremessou-a contra o plástico que cobria uma das janelas, onde ricocheteou, caindo por fim no chão. O cômodo agora recendia a cerveja de alta fermentação.

Tommi não disse nada. Apenas desferiu contra o console da TV um chute forte o suficiente para fazer o aparelho cair para trás e atingir o chão com um preocupante estrépito. Apesar da queda, a TV de tela plana seguiu mostrando imagens da oficina de Valby cercada por fitas de isolamento e homens embrulhados em roupas amarelas de astronauta.

Numa poltrona de couro preto, Sándor permanecia quieto, imóvel. Não queria chamar atenção para si, muito menos provocar ninguém.

Eles já não estavam na cidade, mas em algum lugar da periferia que ele não saberia identificar. Não muito longe se ouvia o ronco de aviões decolando e aterrissando a intervalos mais ou menos regulares, mas, ao chegar ali no meio da manhã, após uma noite longa e frustrante, ele tinha visto cavalos no pasto e um bando de gansos selvagens. Do lado de fora, havia uma casa de fazenda razoavelmente comum, com fachada de tijolos aparentes, e um celeiro e uma garagem decrepitos por perto. Sándor não sabia o que eles estavam fazendo ali, ninguém lhe dizia nada. Tamás não estava lá. “Você não vai ver seu irmão enquanto não entregar a porcaria desse casaco”, falara Frederik.

O interior da casa era bizarro. No que outrora deveria ter sido uma sala de estar, o papel de parede havia recebido uma camada de tinta num tom desbotado de berinjela e se viam diversos pôsteres apagados em molduras descartáveis. Eles não eram apenas objetos de decoração, mas uma espécie de cardápio da casa. As fotos das moças (umas estufando os peitos com ambas as mãos, outras esfregando a virilha) vinham acompanhadas de textos em alemão, inglês e uma terceira língua que Sándor supunha ser dinamarquês. “Katarina, russa, 23 anos, adora oral, anal e dominação sem violência”; “Anna, de Riga, apenas 15 anos. Quem quer ser o primeiro dela?”. No entanto, nem Anna, nem Katarina, nem qualquer uma de suas companheiras estavam por perto e alguns dos pôsteres já haviam sido retirados para dar lugar a uma malfadada tentativa de normalização do cômodo que envolvia muita tinta branca, painéis de madeira e diversos rolos de isolante térmico, ainda embrulhados em plástico.

No meio disso tudo, ficava um conjunto de móveis que incluía um sofá de três lugares, outro de dois e uma poltrona, além de uma mesa de centro com tampo de vidro e um console de televisão: uma pequena ilha de caretice burguesa nas dependências de um bordel. Frederik havia dormido por

algumas horas no sofá maior, Tommi no menor, e a Sándor restara se encolher na poltrona.

Nas 24 horas decorridas desde a invasão do apartamento na Fejøgade, a irritação de Tommi e Frederik se intensificara. Não tinham conseguido localizar nem a enfermeira nem o carro dela, apesar de todas as informações que, à base de ameaças e truculência, eles haviam arrancado do casal de adolescentes. Sándor ainda sentia uma pontada de culpa ao se lembrar do pavor de ambos, da pretensa coragem do garoto ao tentar defender a namorada, do baque que ouvira quando Tommi casualmente bateu a cabeça do infeliz contra o batente da porta. Ao se recordar da garota deixando o lençol cair para chutar Tommi com os pés descalços, da histeria com que ela berrava, xingava e batia, embora estivesse só de calcinha. Ao se lembrar de Tommi a imobilizando por trás enquanto Frederik a fotografava com a câmera do celular, ora com a calcinha, ora sem.

“Bocetinha gostosa”, sussurrara Tommi no ouvido dela, alto o bastante para que todos pudessem ouvir. “Quando cansar do frangote ali e quiser um homem de verdade, é só chamar que a gente vem.”

Foi então que ela ficou com medo, percebeu Sándor. Até ali, o que se via nela era um misto de susto, revolta e fúria, mas foi naquele momento que o medo realmente se instalou. Ela retorcia o corpo na tentativa de protegê-lo da violação da câmera.

Não desista, Sándor teve vontade de falar. *Não abandone a raiva, continue desafiando-os*. Mas aos olhos da garota ele não passava de um comparsa dos agressores, o único cujo rosto poderia ser descrito depois. Santo Deus... Quantos anos teria a menina? Quinze? Dezesseis? Talvez fosse ainda mais jovem. Levando-se em conta o que vira na mochila da garota, revirada por Tommi, ela ainda não tinha acabado o ensino fundamental.

E você não fez nada, repreendeu-se Sándor. Ficou ali, de braços cruzados. Sua passividade fora um crime e ele não conseguia pensar em nenhuma forma de se redimir.

Frederik repôs a televisão sobre o console. A imagem piscou um pouco, depois sumiu, junto com o som, numa chuva de pixels multicoloridos.

– Você acha que podem chegar até a gente através da oficina de Valby? – perguntou Tommi, ainda em inglês, naquele sotaque arrastado que, aos ouvidos de Sándor, parecia tão errado.

– Não imediatamente – respondeu Frederik. – Vai depender da Malee, de até quando ela consegue ficar de bico fechado.

– Ela não vai falar nada.

– Cedo ou tarde todo mundo acaba falando.

– Não a Malee. É uma das mais fortes. Só cedeu depois de eu colocá-la três vezes no tanque.

– E você acha que só por isso ela morre de amores por você?

– Não. Mas ela se lembra de mim. E, depois de tudo por que ela passou, não vai dar com a língua nos dentes só porque um policial fez uma ou duas perguntas educadas.

Frederik grunhiu, depois questionou:

– O que a gente vai fazer agora? Não dá para deixar aquele troço lá fora para sempre. E o carro? Será que está com radiação também?

Tommi deu de ombros, indicando que não fazia ideia.

De repente Frederik se levantou de um salto e andou na direção da porta.

– Aonde você vai? – quis saber Tommi.

– Buscar o Tyson. Ele não devia estar lá fora.

Rolando sua latinha de cerveja entre as mãos, Tommi disse a Sándor:

– Esse cara mima demais aquele vira-lata. Tem mulher e filhos em Søllerød, mas às vezes acho que gosta mais do cachorro.

Pare de me falar coisas desse tipo, suplicou Sándor mentalmente. Eu não quero saber que o dinamarquês é casado ou onde ele mora. Não quero saber nada sobre vocês dois. Quero apenas levar meu irmão de volta para casa.

No entanto... Como saber se Tamás já não estava morto? Ele havia pedido para ver o garoto, para falar com ele, ainda que por telefone. Mas, a não ser por aquele vídeo repugnante, eles não haviam apresentado nenhuma prova concreta de que Tamás estava mesmo vivo.

– Você é da Hungria, não é? – perguntou Tommi de repente, inclinando-se para a frente.

Sándor enrijeceu. Ficou ainda mais imóvel que antes, se é que isso era possível.

– Sou – respondeu, mas sem olhar para Tommi. Sem correr nenhum tipo de risco.

– Como é que se diz “casa” em húngaro? – perguntou Tommi, e a título de ilustração apontou vagamente para a espelunca à volta deles.

– *Haz.*

Tommi ficou decepcionado.

– Ah – foi só o que disse.

Frederik voltou dali a pouco com o labrador, que latia entusiasmado em torno das pernas do dono.

– Quietos! Sem pular! Sem pular! – berrava o homem, mas os comandos não tinham lá muito efeito. – Tyson, deita! – Ele apontou imperativamente para o tapete de retalhos sob a mesa de centro, mas o cachorro preferiu saltar para o sofá de Tommi e se aninhar ao lado dele. Tommi olhou para o animal com ar de poucos amigos, depois disse:

– Certo. Aquela porcaria está lá fora, no barracão da garagem. E, ao que parece, está vazando loucamente. O que a gente vai fazer?

– Avisar as autoridades e dar o fora daqui – respondeu Frederick. – Na ordem inversa, é claro.

– Porra, que plano brilhante – ironizou Tommi. – Aí eles vão ficar sabendo que a gente é dono não só da oficina de Valby, mas deste lugar também. E a grana?

– Tudo bem, então. A gente desova esse troço em algum lugar.

Tommi ergueu as mãos mais ou menos na altura da virilha, num gesto defensivo.

– De jeito nenhum. Não vou fritar meus ovos por causa dessa porcaria. Não vou encostar um dedo nela. De novo, não. – De repente, empalideceu. – Você acha que a gente já foi contaminado? Caralho. Aquele merdinha. Eu enforcaria o filho da puta se ele já não estivesse morto.

Com a mão, Frederik fez um gesto brusco na horizontal, como se para cortar a torrente de palavras. Tarde demais. Sándor já tinha ouvido e compreendido. “Se ele já não estivesse morto”...

Algo começou a ferver dentro dele. Quente, fluido, desconhecido. No mais absoluto silêncio, ele se dava conta daquela sensação que só fazia crescer em seu peito, aquele fumegante fluxo de lava que invadia cada recanto de seu corpo. Diante dele, estavam os dois homens que haviam deixado seu irmão morrer. Que apenas observaram o garoto ficar cada vez mais fraco e doente, enquanto aos

poucos perdia a visão, o movimento dos braços e das pernas, a capacidade de respirar e de fazer o coração bater.

Sándor se dividiu em dois. O primeiro ainda se achava sentado na poltrona, olhando tudo, passivo e neutro. Ele jamais havia passado pela experiência paranormal de abandonar o próprio corpo, mas era exatamente isso que estava acontecendo naquele momento. Sua raiva *era* seu corpo e, quando ele arremeteu para o outro lado da mesa e desferiu uma cotovelada no rosto daquele psicopata fantasiado de caubói, foi como se sentisse na boca o gosto de sangue, saliva e hidratante da mulher *gadji* que no passado havia tentado tirar dele a guarda dos irmãos.

Os gritos que ele agora ouvia lhe pareciam distantes. Na verdade, nem sentia as porradas que estava recebendo. A certa altura, mordeu algo cartilaginoso que parecia um lóbulo de orelha, depois martelou um pescoço com a base da mão e desferiu uma segunda cotovelada, dessa vez numa barriga flácida. Alguém o golpeou na nuca e grunhiu como se estivesse a quilômetros de distância, mas nem por isso ele interrompeu sua saraivada de socos e chutes. Nem mesmo ao ser içado do chão e arremessado para longe, tampouco quando começou a ter dificuldade para respirar porque alguém havia sentado em cima de sua machucada caixa torácica.

A primeira coisa a penetrar a neblina de sua consciência foi a dor cortante que de repente sentiu numa das mãos. Num reflexo, tentou recolhê-la, mas isso só fez piorar as coisas. Ele estava preso ao chão. E subitamente se viu de volta à dolorida carcaça do próprio corpo, ciente de cada pontada e cada latejar nas costelas, nos rins, na cabeça e sobretudo na mão esquerda, insuportável, excruciante.

– Seu merda! – disse Tommi, furioso. – Olha só o que você fez!

Sangue escorria da metade inferior do rosto do pseudocaubói, mas, para Sándor, aquilo não tinha a menor importância. Ele olhou para a mão esquerda e só então viu os dois pregos que o prendiam ao chão, disparados de uma pistola pneumática. Obra de Frederik, que ainda empunhava a ferramenta.

– Me dá isso aí – ordenou Tommi, e arrancou a pistola das mãos do dinamarquês.

Apoiou um dos joelhos sobre o peito de Sándor e fincou o cano frio da pistola na testa dele, logo acima da ponte do nariz.

Instintivamente, Sándor ficou vesgo, tentando focalizar a ferramenta verde.

– *Nem...* – disse em húngaro. Pouco importava se o caubói de araque compreenderia seu “não”.

A inevitabilidade do que estava para acontecer se fazia sentir na ponta do prego que o espetava na testa, no joelho que lhe comprimia os pulmões.

– Pare com isso – interveio Frederik.

– Parar por quê? Ele quebrou o meu nariz!

– Eu sei. Mas você disse que não quer fritar os ovos, não disse?

– Do que você está falando?

– Alguém vai ter que carregar aquele troço lá fora. Você vai se voluntariar?

Imediatamente, a pistola sumiu do campo de visão de Sándor e suas costelas se livraram do peso.

– Porra – praguejou Tommi. – Merda, caralho!

– Vá buscar um alicate, uma serra, qualquer merda dessas, e tira esse garoto daí. Vou pegar o kit de primeiros socorros no carro; não quero que ele nos deixe na mão por causa de uma hemorragia.

Sándor ficou esperando ali feito um pecador semicrucificado no chão, o alívio lutando contra a

náusea. Mas talvez não houvesse nenhum motivo para alívio. Se o caubói tivesse disparado aquela pistola, tudo teria terminado. Nada de dores, nada de culpa. Porque ele já estaria morto.

Como Tamás.

“PELE BRANCA FEITO NEVE, LÁBIOS vermelhos feito sangue...”

Por algum motivo, foram essas palavras de conto de fadas que vieram à cabeça de Søren quando puxou o lençol e viu o rosto do garoto. Mesmo através da máscara, ele pôde sentir a fetidez adocicada que vinha do cadáver.

“Cabelos negros feito ébano.”

Uma Branca de Neve dos infernos, pensou, fitando as mechas compridas e ensebadas que se grudavam à testa do garoto. O rosto estreito cintilava de tão branco sob a luz forte dos holofotes que a Agência de Gestão de Emergências havia instalado na cena do crime, e o queixo estava estriado com um sangue castanho, já seco, que parecia ter escorrido tanto da boca quanto do nariz. Na altura de uma das têmporas, a cratera de uma ferida reluzia em tons de verde e branco; na face, outra mais recente parecia ser a fonte das listras avermelhadas que atravessavam a bochecha à maneira de uma pintura de guerra. Intrigado, Søren ficou se perguntando se aquilo fora feito antes ou depois da morte do garoto. Ao baixar os olhos para o tanque metálico subterrâneo do qual o corpo acabara de ser retirado, estremeceu.

– Já dá para saber mais ou menos qual foi a *causa mortis*? – perguntou ao perito forense que havia acomodado o cadáver numa maca.

O homem deu de ombros. Estava usando um respirador preto que lhe cobria o nariz e a boca, além de um visor que refletia a luz dos holofotes, escondendo-lhe os olhos. Os braços caídos indicavam cansaço. Søren sabia que ele e os demais da equipe vinham trabalhando havia quase 24 horas, muito embora já passasse das três da madrugada quando enfim eles ergueram a tampa do velho tanque de combustível da oficina.

– Ainda é cedo para dizer, mas, à primeira vista, nada indica que ele tenha sido estrangulado, levado uma surra ou um tiro. Então, suponho que tenha morrido ou por intoxicação radioativa ou por sufocamento. Eu apostaria na radiação.

Søren ergueu as sobrancelhas sob a máscara protetora que também estava usando.

Debruçando-se sobre a maca, o perito abriu a camisa do morto com cuidado para mostrar a parte superior do torso e Søren instintivamente recuou um passo ao ver os hematomas que pintalgavam a área em tons de preto e castanho. Como enormes bolhas de sangue, pensou, e precisou refrear uma súbita ânsia de vômito. Em diversos pontos, os hematomas já haviam se transformado em feridas abertas que grudavam no tecido xadrez da camisa.

– Não sou médico – disse o perito. – Mas boa coisa isso aí não deve ser. O legista já está a caminho.

Søren olhou mais uma vez para as listras de sangue no rosto do cadáver e sentiu se revirar no estômago a rosca semicongelada que havia devorado no carro enquanto ia para Valby. Espichado na

maca sob os holofotes, o garoto dava a impressão de que chorara lágrimas de sangue e depois espalhara as lágrimas pelo rosto como um menino de 5 anos. Søren tinha mais de 25 anos de polícia nas costas, mas de vez em quando via coisas que desejava “desver”. De repente, pegou-se esperando que pelo menos o garoto já estivesse morto antes de ser encovado naquele maldito tanque. Pensar o contrário seria insuportável.

Até onde o haviam informado, tudo começara na manhã anterior como um caso comum para a polícia e para a Agência de Gestão de Emergências, mas a investigação ficara parada porque acharam que a contaminação do cigano húngaro tivesse sido acidental, talvez por conta de algum tipo de lixo atômico abandonado no Leste Europeu. No entanto, a hipótese caíra por terra quando os contadores Geiger começaram a uivar histericamente no interior do fosso de inspeção. Não encontraram a fonte original, mas uma pequena quantidade de areia radioativa ainda estava no local onde supostamente o material tinha sido guardado. Ao encontrarem o corpo no tanque, os alarmes dispararam para valer. Sobretudo em razão do passaporte encontrado num dos sapatos do garoto. A polícia fizera uma consulta rotineira à sua base de dados e depois acionara o PET.

Søren passou a mão pelos cabelos como se quisesse varrer deles o que ainda restava de sono. Lutava contra o torpor matinal ao mesmo tempo que era despertado pelos sinais que o instinto de caçador já começava a enviar para o cérebro e os músculos, aguçando os sentidos, a atenção e a ansiedade. Pois o nome no passaporte húngaro era Sándor Horváth, o que estabelecia um vínculo particularmente sinistro entre a diligência em Valby e a investigação a respeito de Khalid Hosseini e o comércio ilegal de armas.

Foi andando na direção da barricada que haviam montado a uns 200 metros da oficina. O macacão amarelo era incômodo, dificultava a caminhada, mas só depois de passar pelas viaturas foi que teve permissão para tirar as fitas adesivas que prendiam os punhos e as barras do macacão aos pulsos e tornozelos. Após entregar a roupa, as luvas e a máscara a outro homem embrulhado em roupas de astronauta, supostamente mais um perito da Agência de Gestão de Emergências ou do Instituto Nacional de Proteção contra Radiação, Søren deixou-se ser conduzido às pressas para um trailer próximo, equipado com chuveiros.

Já de banho tomado e com os cabelos molhados expostos ao frio da manhã, foi levado para a minivan verde estacionada um pouco mais adiante na mesma rua. Do lado de fora do veículo, cercado por um grupo de policiais que discutiam acaloradamente, um homem baixo de traços angulosos falava ao celular com uma prancheta abarrotada de papéis sob o braço.

– É claro que ele não pode! – rugiu o homem ao telefone. – Vai ter que deixar isso para depois. Preciso dele já! – Ergueu a vista assim que Søren se aproximou. – É um absurdo total. Metade das pessoas de que preciso está fazendo um curso sobre Rede de Informação Segura. Você é de onde? Proteção contra Radiação?

– Não. Søren Kirkegård, PET – apresentou-se, estendendo a mão.

O homem fitou desconfiado a mão estendida à sua frente, talvez por receio de ser contaminado, mas por fim apertou-a e fez um meneio com a cabeça.

– Birger Johansen. Até posso imaginar qual é o seu interesse nesta história. O que você quer saber?

– Antes de qualquer coisa, essa substância com a qual estamos lidando... o que ela é exatamente e que usos pode ter?

– Cloreto de cézio. Achei que vocês já soubessem disso.

– Claro que sim – replicou Søren pacientemente. – Mas o que isso significa? Por exemplo, dá para fazer uma bomba com esse troço?

Johansen deixou escapar um risinho irônico, perplexo com a abissal ignorância de seu interlocutor.

– Uma bomba atômica, não. Isso está completamente fora de questão.

Søren assentiu. Até então suas conjecturas estavam se revelando corretas.

– Mas poderia ser usado como ingrediente de uma bomba suja?

Foi como se, pela primeira vez, alguém tivesse empurrado Birger Johansen do pedestal de sua arrogância de sabe-tudo.

– Bem, em última análise, qualquer tipo de material radioativo pode ser usado numa bomba suja. A força explosiva vem de uma detonação convencional. A radioatividade não passa de... de um meio para aumentar e prolongar os efeitos maléficos da bomba.

– E o cloreto de cézio seria uma boa opção nesse caso?

– Infelizmente, é uma das substâncias disponíveis que mais se presta a esse tipo de coisa. Sobretudo se o objetivo for uma contaminação generalizada. O cézio se infiltra no ambiente com muita facilidade porque é um pó, não um metal, e reage com quase todo tipo de umidade.

Søren sentiu um aperto no peito e se lembrou das lágrimas de sangue choradas pelo Branca de Neve. Preferiria mil vezes se desintegrar em mil pedaços numa explosão comum a terminar seus dias daquele jeito.

– Mas vocês ainda não conseguiram localizar a fonte principal?

– Ainda não. Pressupomos que essa fonte, seja lá qual for, ficou guardada por uns dias no fosso dessa oficina. Encontramos uma pequena quantidade de areia radioativa lá dentro e, de modo geral, o nível de radiação está extremamente alto.

– O que foi preciso para tirar esse troço lá de dentro?

– Como assim?

– Que tipo de equipamento? Que tipo de veículo? O que a gente está procurando? Um psicopata solitário com um carrinho de mão ou um grupo organizado com empilhadeiras e caminhões?

Johansen ergueu suas sobrancelhas finas, quase transparentes. O sol refletido nas janelas da minivan dava um brilho estranho aos cabelos que rareavam.

– Impossível dizer.

– Por quê?

– Porque depende do tipo de barreira de contenção que eles usaram. Pode ter sido qualquer coisa entre 70 ou 80 quilos de chumbo e meia dúzia de sacos de areia. A fonte em si não é lá muito grande.

Søren precisou fazer um esforço para conter a irritação. Não que o homem se recusasse deliberadamente a ajudar, mas era essa a impressão que se tinha em razão da condescendência com que falava.

– Essa areia radioativa que vocês encontraram... Acha que pode ser da barreira de contenção?

– É possível. Chumbo e concreto são bem mais eficazes, mas... a contaminação não teria sido tão grande se estivéssemos lidando com um grupo de profissionais, certo? Quem está por trás desta história não fazia a menor ideia de como se manuseia esse tipo de material.

A julgar pelo que Søren já tinha visto até então, nem Sándor Horváth nem Khalid Hosseini pareciam profissionais. Nem precisariam ser, infelizmente, para montar uma bomba suja. Além disso, ele tinha o pressentimento de que, no caso, ainda havia outras pessoas envolvidas. Caso Horváth fosse o rapaz que eles tinham acabado de pescar do tanque, então, era óbvio, o cézio não estava com ele. Já Khalid vinha sendo vigiado de perto e jamais colocara os pés naquela oficina de Valby.

– Das pessoas que estavam morando aqui, quantas vocês encontraram? – perguntou Søren.

Johansen olhou para ele com uma expressão de cansaço, depois se virou para os dois policiais mais próximos com uma interrogação no olhar. Os homens não estavam uniformizados, portanto deviam ser investigadores locais destacados para a operação.

– Dez ou doze adultos, mais algumas crianças – respondeu um deles. – Mas não foi possível interrogá-los. Ninguém fala alemão ou inglês; ainda estamos procurando intérpretes.

– E quantos estavam acampados aqui?

Johansen colocou os óculos de leitura e folheou a papelada que trazia consigo.

– Levando-se em conta o número de leitos improvisados, ainda precisamos encontrar mais uns trinta inquilinos, se é que eles podem ser chamados assim. Não sei como eles souberam, mas nenhum dos ciganos estava presente quando chegamos para dar busca na oficina e, desde então, ninguém voltou. É bem provável que tenham sido alertados por alguém. Esse pessoal não é muito chegado em polícia, você sabe como é. – Frustrado, Johansen rolou uma caneta entre os dedos, apontou-a na direção dos dois investigadores e disse: – A polícia foi orientada a localizar todos os ciganos da cidade e até agora cerca de sessenta pessoas foram recolhidas de lugares como a Estação Ferroviária Central, Vertebro e Strøget. Mais ou menos o dobro do que estamos procurando, e não há como saber se são as pessoas certas. Acho até que nem todos são húngaros. Alguns estão na delegacia do centro neste exato momento, mas é claro que não dão um pio numa língua que possamos entender. É mais ou menos como se tentássemos acuar um bando de gatos de rua.

Søren assentiu.

– Então é melhor começarmos pelas testemunhas dinamarquesas. Pelo que sei, foi uma mulher que avisou a polícia sobre o material radioativo.

– “Avisar” não é bem a palavra – retrucou Johansen, ríspido. – Na noite de sábado ela foi internada num hospital com intoxicação radioativa e só então fez a gentileza de contar por onde tinha andado. Uma enfermeira. Ao que parece, cuidava de algumas das crianças. Meio que por debaixo dos panos, se é que você me entende. No seu lugar, eu começaria pelo “colega” dela. – Johansen fez aspas com os dedos, sorrindo ironicamente, o que, por algum motivo, deixou Søren ainda mais irritado.

– E qual é o nome dele? – perguntou, ignorando o sarcasmo.

– Peter Alguma Coisa. Está tudo aqui. – Johansen tirou algumas folhas da prancheta e, a contragosto, entregou-as a Søren. Em seguida, sacou o telefone e discou um número. – Se você tiver alguma pergunta, pode me ligar mais tarde.

Søren dobrou os papéis ao meio e andou em direção ao carro.

– Duvido que você arranque alguma coisa de útil daqueles dois – disse Johansen ainda às costas dele, as pernas um pouco afastadas numa postura de empáfia, o telefone meio esquecido. – Ambos são liberais de carteirinha. Desses que acham que podem salvar o mundo.

Søren sorriu o mais gentilmente que pôde. Vendo que os caminhões do corpo de bombeiros e os carros de polícia com as luzes ligadas ainda formavam uma barricada rua abaixo, voltou a se lembrar do garoto do tanque, das feridas que mais pareciam crateras transbordantes, do fluido amarelado que empapava a camisa dele, das lágrimas de sangue. O cinismo do comentário de Johansen dificilmente encontraria aprovação por parte de Søren naquela manhã. Se no mundo ainda houvesse quem se oferecesse para salvá-lo, ótimo. O mundo andava mesmo precisando de salvação.

~

Ele ligou para Gitte, acordando-a.

– Sim? – disse ela naquela voz cavernosa de quem é arrancado das profundezas do sono.

– Mande buscar aquele garoto, Khalid Hosseini, e chame um dos feras para interrogá-lo. O HC ou alguém tão bom quanto ele. E fale para o Christian que eu preciso *agora* de tudo que ele puder tirar daquele computador.

– O HC está no meio de um treinamento para a conferência.

– Então mande ele voltar. Neste momento, não há nada mais importante do que isso. Não, espere aí. Antes você vai ter que pegar a autorização do Torben. Diga que depois eu ligo para explicar. Mas traga Khalid imediatamente. Quero um novo relatório, um resumo de tudo que a gente sabe a respeito dele: número de telefone, contatos, vigilância, o escambau. Além disso, quero um levantamento completo sobre este endereço em Valby: Gasbetonvej, 35. Quem é o proprietário, quem aluga e para quê.

– Sim, senhor. Só isso?

Gitte não estava sendo irônica: era o jeito dela.

– Não. Tem mais. A Agência de Gestão de Emergências removeu uns ciganos húngaros desse imóvel em Valby. Tente descobrir onde eles estão agora e veja se consegue tirar alguma coisa das mulheres. Você é ótima em línguas estrangeiras.

– Humm... não em húngaro.

– O mais importante é que você é ótima para conquistar a confiança das pessoas. Levante o maior número possível de informações sobre essa gente. E pergunte se por acaso eles não viram a porcaria do césio. Birger Johansen, da Agência de Gestão de Emergências, vai poder explicar melhor como é esse troço. Pressione o homem até ele dar uma resposta concreta.

Søren passou a ela o número de Johansen.

– Ok. Mais alguma coisa?

– Precisamos falar com a Hungria, pedir ao NBH que nos dê mais informações sobre o passado de Sándor Horváth. Mas talvez seja melhor que Torben faça isso. Então... para você é só isso mesmo. Ah, desculpe ter acordado você a esta hora.

– *No hay problema* – disse ela num espanhol sem sotaque. – Ahn, mas, chefe... o que exatamente está acontecendo? Quero dizer, qual é o quadro geral?

– A gordura já está no fogo, Gitte. A gente se vê no briefing de meio-dia. Antes disso ainda tenho duas testemunhas para fritar.

— MORTO?

O homem alto e esquelético de camisola hospitalar amarela olhava para Søren, descrente. Tinha um aspecto meio atrapalhado. Na opinião de Søren, os cabelos ralos e muito claros já deveriam ter sido cortados semanas antes; eles se espetavam em tufo enebados que deixavam à mostra partes do couro cabeludo róseo, tornando-o estranhamente parecido com um pintinho recém-chocado. Peter Erhardsen já vinha suando de aflição mesmo antes de Søren chegar, e agora, tendo recebido a notícia sobre o garoto morto, dava a impressão de que havia levado um murro na cara.

— Tem certeza? — perguntou, balançando a cabeça. — Quer dizer... do que foi que ele morreu?

— Ainda não sabemos, mas o corpo estava tão radioativo que um contador Geiger o encontrou.

Peter emitiu um ruído estranho, algo parecido com um soluço, depois ficou olhando fixamente para as próprias mãos como se esperasse encontrar nelas algum tipo de explicação.

— A primeira vez que você esteve naquela oficina foi no dia 11 de maio. É isso mesmo?

Peter aquiesceu e pousou uma das mãos aparentemente inúteis sobre a mesinha que os separava. Para dar à situação um ar de normalidade, ele havia se acomodado no sofá junto à janela do quarto, em vez de na cama, e oferecera um café que depois não fora capaz de conseguir no hospital. Estava quase bom e permanecia internado apenas para que fosse feito um acompanhamento, mas não tinha permissão de deixar o quarto. No momento, dava a impressão de que precisava desesperadamente de uma xícara de café para ocupar as mãos.

— Recebi o telefonema de um amigo que tinha encontrado uns ciganos em Strøget — explicou. — Esse amigo é uma dessas pessoas que... Bem, o que ele realmente queria era ajudá-los. Perguntou se eles estavam precisando de roupas, remédios, esse tipo de coisa. Todo mundo sabe que esse pessoal come o pão que o diabo amassou quando vem para a Dinamarca. Quer dizer, por isso é que estão sempre mendigando por aí.

Peter encarou Søren como se esperasse algum tipo de protesto por parte do policial. Seus olhos eram de um azul muito claro e Søren imaginava que, sob aquela aparência atrapalhada, havia uma obstinação que beirava a agressividade. Também intuía que o sujeito não seria lá uma companhia muito agradável numa mesa de bar.

— Mas esses romanis... De início eles mal quiseram ouvir o que meu amigo tinha a dizer. Quase se enfureceram, muito embora a intenção dele fosse apenas ajudar. Mas, de uma hora para outra, poucos dias depois, ligaram apavorados por causa de um rapaz que havia adoecido. Queriam que alguém fosse lá dar uma olhada nele. Foi assim que fui parar naquela oficina e liguei para uma enfermeira que eu conheço da...

Peter se interrompeu e seu olhar se tornou novamente vazio.

— Esse rapaz que estava doente... por acaso é este aqui? — Søren tirou do bolso e entregou a Peter

uma ampliação da foto do passaporte que eles haviam encontrado no sapato do morto.

Peter balançou a cabeça, fitando a imagem com a testa franzida.

– Não sei. Em nenhum momento tive permissão para entrar no lugar onde ele estava. Meu amigo ligou de manhã, eu estava trabalhando e só pude ir para a oficina no fim da tarde. A essa altura, os ciganos já estavam desconfiados de novo. Ou por algum outro motivo não queriam que eu visse o garoto, que estava trancado numa espécie de escritório no fundo da oficina. Só me deixaram dar uma espiada da porta, mais nada, e estava muito escuro, uma fedentina dos diabos. Vômito e bosta, para ser mais claro. Liguei para Nina, a enfermeira de que falei.

– Então você nem viu o garoto direito...

– Bem, dava para ver que tinha alguém deitado num colchão dentro daquele quartinho. Como eu disse, estava muito escuro por causa das janelas fechadas com tapumes. Mas eu podia ver um vulto em posição fetal. Também podia ouvi-lo, claro. O garoto gemia muito e de vez em quando berrava umas coisas que não dava para entender. Os outros diziam que ele só estava mal do estômago, então achei que não era nada muito sério. E Nina também disse que... – Peter ficou subitamente desconcertado. – Talvez ele já estivesse morrendo quando estive lá.

Peter enfiou o rosto nas mãos e ficou mudo por um tempo. Depois se endireitou e, erguendo os olhos para Søren, disse:

– Desculpe. É que esta semana não tem sido nada fácil para mim.

Søren meneou a cabeça, mas não ofereceu nenhuma palavra de consolo. Não tinha a menor intenção de aplacar a consciência pesada do sujeito.

– Quer dizer que você não sabe se este é o morto...

– Exato. – Peter espalmou a mão num gesto cansado, como se pedisse desculpas, e se levantou com as pernas bambas. – Tenho uma reunião com o pessoal do departamento de engenharia às onze horas. – Ele apontou para o relógio com o indicador magricela. – Então, se você não tiver mais nada para perguntar...

Ficou parado onde estava com uma expressão de súplica no olhar, um sorriso ligeiramente nervoso nos lábios, e passou a mão pelos cabelos muito finos e desalinhados. Søren calculou que o homem tinha quase 2 metros de altura. Alto e desengonçado, sem nenhum traquejo social, feito um pré-adolescente. Tinha estado na oficina quando a fonte de radiação supostamente ainda se encontrava no interior do fosso. Vira as pessoas que estavam presentes no momento. E agora queria escapular para uma reunião.

– Sente-se – ordenou Søren, ciente de que não conseguira disfarçar a irritação. – Preciso saber quem é esse seu amigo.

Peter imediatamente apagou do rosto o sorriso nervoso e voltou a se sentar.

– Eu preferiria não...

– Quem é o seu amigo, quem são as pessoas que estavam na oficina naquele dia, quais são os números de telefone que lhe deram... Preciso saber de tudo. Também preciso que você autorize uma busca na sua residência.

Agora os olhos de Peter demonstravam algo semelhante a pânico.

– A situação é muito séria – prosseguiu Søren. – Para você também. Tudo aponta para uma

possível atividade terrorista em solo dinamarquês. Portanto, no seu lugar eu estaria me desdobrando em dois para provar, sem sombra de dúvida, que a sua intenção, sua e de Nina Borg, era mesmo ajudar um bando de ciganos em Valby.



A enfermeira-chefe havia disponibilizado uma das saletas de sua ala para Søren, assim como uma caneca de café estampada com a foto amadora de um gato persa cinzento com cara de poucos amigos. Agradecido, Søren entornara o café sem dar a menor importância ao fato de que ele estava velho, desde muito esquecido numa garrafa térmica qualquer. O que importava não era o sabor, mas a cafeína. Ele agora examinava as anotações dos dados que conseguira arrancar de Peter Erhardsen, descrições quase sempre vagas. Talvez o homem tivesse dado o melhor de si, mas ainda estava longe de ser satisfatório: “Homem romani, mais ou menos 50 anos, talvez sem um dos dentes de cima, camisa vinho suja, fala apenas algumas palavras de inglês”; “Mulher romani, 20 ou 30 anos, um ou mais filhos, altura mediana, muito magra...”

Eram oito pessoas e dois números de telefone, os quais ele imediatamente havia pedido a Mikael Nielsen para investigar. O primeiro era um celular pré-pago que estava desligado; o segundo aparentemente fora cancelado uma semana antes. De nada serviriam. Quanto às descrições, prestariam apenas para uma triagem preliminar dos setenta ciganos recolhidos das ruas e confinados no centro da cidade. A guarda da fronteira também recolhera outros tantos que tentavam atravessar para a Suécia pela ponte de Øresund, logo havia muitas opções. Na melhor das hipóteses, a triagem seria feita em algumas horas, porém o mais provável é que levassem dias para identificar os que tinham passado pela oficina. E, mesmo que a polícia conseguisse juntar a maioria deles, não havia garantia nenhuma de que isso levasse à localização da fonte radioativa.

O relatório inicial de Gitte também não foi nada animador. Os ciganos que eles tinham levado da oficina negavam ter visto o que quer que fosse, a despeito da língua escolhida para as perguntas. A polícia precisara recorrer à força bruta para que as crianças fossem examinadas no Hospital Bispebjerg e, segundo Gitte, os acompanhantes adultos ficavam apavorados sempre que perdiam os filhos de vista.

“Eles se fecharam como se a vida deles dependesse disso”, foram as palavras de Gitte. Søren se recostou na cadeira, imaginando se a reação dos ciganos teria algo a ver com a fonte radioativa ou com o pavor que eles naturalmente tinham da polícia. A segunda hipótese era tão provável quanto a primeira. Em alguns lugares do Leste Europeu, as mulheres romanis que davam à luz num hospital corriam o risco de sair dele com as trompas ligadas à sua revelia. E também não era comum na Suécia, lá pelos idos dos anos 1970, que as crianças romanis fossem tiradas dos pais para serem criadas num orfanato qualquer? Ele lera algo a esse respeito alguns anos antes, quando a polícia tentava compreender melhor os problemas de integração em Elsinore. E, por fim, havia o próprio Peter, que se recusara terminantemente a revelar a identidade do amigo que o colocara em contato com os ciganos de Valby. Søren estava cada vez mais convencido de que o tal “amigo” era ninguém menos que o próprio Peter, mas tinha apenas uma vaga ideia do que levaria o homem a tentar tão

desastradamente se esquivar da responsabilidade daquele contato inicial. Sem dúvida isso era algo que precisava ser investigado mais de perto e Søren já havia obtido um mandado judicial para vasculhar a casa do sujeito.

Peter Erhardsen não parecia terrorista, mas nesses casos nunca era possível saber direito. Segundo a base de dados da polícia, ele fora preso uns dois anos antes após uma manifestação no campo de refugiados de Sandholm em que centenas de ativistas tinham cortado a cerca para invadir as dependências do lugar. Provavelmente para exigir melhores condições de vida para os desterrados que ali buscavam asilo, o que não significava que Peter fosse mais ameaçador do que um humanista de coração mole. Mas nem por isso deixava de ser um ativista, e Søren ficara com um pé atrás ao perceber sob aquela palidez nervosa um fervor quase religioso.

Era nisso que ele pensava quando ouviu o alarme do telefone soar. Permitira-se apenas quinze minutos de pausa para fazer a barba com objetos emprestados, tomar um café e organizar as ideias. Pausa encerrada. Era chegada a hora de conhecer a parceira de ativismo de Peter, a enfermeira Nina Borg.

PARA SURPRESA DE NINA, o agente do PET lhe pareceu uma pessoa absolutamente comum. Nina não sabia muito bem o que esperara encontrar, mas sem dúvida havia imaginado alguém mais misterioso e furtivo. Talvez um terno preto, cabelos cortados à escovinha, óculos escuros. Mas o homem que viera ao hospital para interrogá-la não era nada disso. Era um cinquentão de aspecto simpático, esguio e forte sob a camiseta preta, cabelos escuros já ficando grisalhos, um miúdo par de óculos que volta e meia escorregava do nariz adunco. Ela não guardara o nome dele, mas isso não tinha a menor importância. Era ele quem estava ali para saber coisas dela, não o contrário. E agora ele ocupava uma das cadeiras junto à mesinha de canto do quarto. Alguém trouxera café, uma caneca de plástico e um pote de creme e ele já havia servido sua primeira dose antes de dar início aos trabalhos.

– Você se incomoda?

Sem ao menos esperar pela resposta, ele tirou do bolso um pequenino gravador digital, apertou o botão de gravar e pôs o aparelho sobre a mesa. Em seguida, pigarreou e fixou em Nina os olhos incrivelmente azuis de Paul Newman.

– Valby... Você disse ao pessoal da Agência de Gestão de Emergências que a fonte radioativa provavelmente passou pelo fosso da oficina. O que levou você a supor isso? Chegou a ver alguma coisa?

Nina sentia uma secura terrível na boca, mas já não tinha tanta certeza de que aquilo era fruto da intoxicação. Havia passado boa parte da manhã sentada na cama, encarando o telefone do hospital, mesmo sabendo no fundo da alma que Morten não ligaria. Ainda sentia nos cantos da boca o gosto das próprias lágrimas. Obrigando-se a fitar o agente secreto, disse:

– Antes de começarmos, eu só queria saber como estão as crianças.

Søren foi pego de surpresa. Tirou da maleta uma pasta de arquivo e folheou a papelada que havia dentro.

– Ontem, domingo, 17 de maio, a Agência de Gestão de Emergências evacuou uma oficina abandonada no número 35 da Gasbetonvej, em Valby. De lá, foram retirados vinte homens e cinco mulheres, além de sete crianças entre 3 e 18 anos. Todas as sete foram levadas para a ala de doenças infecciosas do Hospital Bispebjerg. Quatro apresentavam sintomas leves ou moderados de intoxicação radioativa, mas, ao cabo de alguns exames, foram dispensadas de qualquer tipo de tratamento. Uma delas estava especialmente desidratada em razão dos muitos dias de enjoo e vômito: um menino, que já está sendo reidratado com soro. Logo, logo todos estarão completamente restabelecidos.

Nina foi tomada pelo alívio. Desde que fora diagnosticada com intoxicação radioativa, não havia conseguido descobrir nada a respeito das crianças húngaras. As enfermeiras não sabiam de nada e os

médicos do Instituto Nacional de Proteção contra Radiação tinham se comportado como se o assunto fosse segredo de Estado, algo da mais absoluta confidencialidade. Nem mesmo Magnus conseguira arrancar algo de seus colegas no Bispebjerg.

Fitando-a placidamente, o homem do PET prosseguiu:

– Em outras palavras, nada indica que aquelas crianças tenham sido acometidas de algo mais grave. Portanto, se pudermos voltar nossa atenção para a pergunta que fiz agora há pouco... Por acaso você chegou a ver a fonte radioativa?

– Não. Estava um breu dentro daquele lugar. Além do mais, eu não faço a menor ideia de como seja uma fonte radioativa.

– Suponho que você tenha pensado que ela estava no fosso porque você e as crianças doentes passaram por ele...

Nina assentiu e se remexeu na cadeira. Estava quente no quarto e ela sentia as coxas molhadas de suor contra o plástico do estofamento. Não estava nem um pouco à vontade com aquela camisola hospitalar desleixada, a calcinha de vovó, as pernas nuas. Suas roupas tinham sido inutilizadas e não havia como mandar buscar outras em casa. O apartamento fora lacrado, como Morten informara. De repente, ela se viu pensando no marido ali, parado à porta do quarto. Então, respirou fundo para afugentar a imagem e voltou sua atenção para a conversa. O fosso da oficina.

– Exatamente. Quando estive lá na noite de sexta, eu e as crianças fomos obrigadas a nos esconder dentro daquele fosso. E acho que elas já haviam estado ali diversas vezes.

– Obrigadas? Por quem?

– Pelo pessoal da oficina.

– E por quê? Você sabe?

Nina deu de ombros.

– Chegaram uns homens. Os romanis os chamaram de “chefões”.

– Mais de um, então.

– Isso. Eu os ouvi discutindo lá fora, mas não dava para entender direito o que diziam. Acho que era alguma coisa relativa a dinheiro. Aluguel, talvez. Suponho que não era para haver crianças nem pessoas como eu dentro daquela oficina. O Peter... Quer dizer, Peter Erhardsen... Ele também passou por uma situação semelhante.

– Você chegou a ver os tais “chefões”?

– Não.

Apesar do gravador, Søren fez questão de anotar as novas informações. Em seguida, tirou da maleta uma pasta plástica e deixou sobre a mesa, diante de Nina. Dentro, havia uma impressão em tamanho médio do que parecia ser uma foto de passaporte.

– Conhece?

Via-se muito pouco em termos de personalidade naquele rosto duro e superexposto. Mas, sim, Nina podia jurar que já o tinha visto antes. Seria um dos rapazes da oficina? Ela tentou se lembrar dos rostos que vira sob a luz fria e chapada da lâmpada fluorescente, mas eles acabaram se mesclando num só. Um semblante rígido com olhos hostis.

De repente a ficha caiu. O corte na sobancelha. Ela tinha visto aquele rosto semicoberto de

sangue sob a luz fraca e amarelada do Fiat. Não sabia o nome do garoto, o que ele fizera, muito menos onde estava agora. Sabia apenas que ele ainda deveria estar sofrendo bastante com as dores nas costelas do lado esquerdo.

– Ele... ele estava lá – disse Nina. – Quem é?

– Minha esperança era que você soubesse.

– Não. Ele se meteu numa briga e eu fiz um curativo no talho que abriram na testa dele. Só isso. Era muito educado, falava inglês muito bem.

Só então lhe ocorreu: o garoto havia estado no carro dela. Nina o levara para a Fejøgade e o deixara por lá. E algumas horas mais tarde...

– Meu Deus!

Søren não perguntou nada; apenas esperou com sua inabalável serenidade.

– Minha filha – disse Nina por fim. – Minha filha foi atacada. Invadiram o nosso apartamento. Esse menino... ele estava metido nisso?

O rosto de falcão de Søren permaneceu indecifrável. Porra, custava ser um pouco mais humano?

– Quando foi essa invasão? – perguntou Søren.

– Pelo amor de Deus, você devia saber melhor do que eu. Meu marido chamou a polícia e eles foram lá, falaram com a minha filha... Então, foi esse garoto ou não?

Nina percebeu imediatamente que tinha falado com a voz um tanto alterada, mas não havia como se conter diante da expressão férrea daquele Robocop que simplesmente a encarava, decerto fazendo suas anotações mentais.

– Nem sempre somos informados logo – rebateu Søren. – Então, quando aconteceu essa invasão? E onde?

– Noite de sábado, no nosso apartamento na Fejøgade. Eu já falei!

– Obrigado – foi só o que disse Søren, e prosseguiu como se nada tivesse acontecido: – Me fale um pouco mais sobre os motivos que levaram você até aquela oficina em Valby.

Nina procurou respirar calmamente, receando que os vômitos voltassem caso não conseguisse relaxar.

– Fui ver um amigo doente. Ele contou que havia umas crianças doentes lá em Valby, vivendo em condições sub-humanas, então fui lá para dar uma olhada nelas.

– Esse amigo... por acaso era Peter Erhardsen?

– Sim.

– Vocês dois já tinham feito esse tipo de coisa antes? Cuidar dos doentes e dos necessitados?

Nina praguejou mentalmente. O Homem da Máscara de Ferro agora queria escavar seu passado e ela não sabia muito bem o que fazer para se esquivar das investidas dele. Por sorte os ciganos húngaros eram cidadãos da União Europeia, portanto menos ilegais do que a grande maioria dos outros “clientes” da Rede. Ajudá-los com alguns remédios de venda livre não era algo tão grave. No entanto, Peter volta e meia abrigava refugiados ilegais em sua casa. Se houvesse uma investigação policial mais profunda, não seria muito difícil indiciá-lo criminalmente. Todas aquelas listas e orçamentos que ele costumava guardar em casa... Quantos pobres coitados a polícia não encontraria baseada naquela mina de ouro? Merda. E se já tivessem vasculhado a casa dele em Vanløse?

– A gente acha que todo mundo merece um tratamento decente, só isso – respondeu Nina, vaga. – Desculpe, não estou me sentindo muito bem.

Não foi difícil fingir que estava mal. Fazia meia hora que estava fora da cama e, àquela altura, já suava frio, exaurida pelo esforço. Quando havia ingerido pela última vez algo que não viesse numa bolsa de soro? Lembrava-se da rosca e da salsicha grelhada que tinha beliscado no acampamento dos escoteiros na noite de sábado. Quando, apesar de todas as imperfeições, ela ainda era uma mulher casada e mãe de família com um apartamento em Østerbro. Agora era segunda-feira e Morten a abandonara. O enjoo voltou por iniciativa própria e, mais uma vez, ela começou a enxergar pontinhos pretos à sua volta.

O agente do PET permaneceu imóvel diante dela. Os óculos no nariz adunco refletiam a luz que vinha da janela.

– Não tenho tempo nem paciência para seus joguinhos. Se for vomitar, vomite logo, mas não tente me fazer de bobo. Alguém entrou na Dinamarca com material radioativo e, no momento, temos todos os motivos para acreditar que as intenções de quem fez isso são as piores possíveis. Muitas pessoas podem se machucar se não intervirmos a tempo. É por isso que estamos dispostos a ir além do que normalmente vai a polícia quando se vê diante de uma testemunha que não quer colaborar. Posso conseguir um mandado de prisão preventiva e deixar você mofando seis meses numa cela se necessário.

Nina mal acreditou no que ouviu. O homem não iria usar luvas de pelica, apenas uma luva de ferro envolta em um punho de ferro.

– O que eu e Peter Erhardsen fizemos ou deixamos de fazer no passado não tem absolutamente nada a ver com aquela oficina em Valby. Já contei tudo o que você precisa saber.

Pela primeira vez, Søren deixou transparecer sua irritação. Os gestos permaneceram calmos e controlados, mas os olhos escureceram quando ele falou:

– Em casos como este não são as testemunhas que decidem o que preciso saber ou não. *Eu* decido. Faço as perguntas e você responde da melhor maneira possível. Essas são as regras. E se você não concordar com elas, como eu disse antes, posso mandar prendê-la.

Nina sentiu um azedume se espalhar pela boca. A camisola que vestia era tão curta que mal cobria a calçola de tecido transparente e cintura alta sobre a qual tinham carimbado em verde SECRETARIA DE SAÚDE DE COPENHAGUE. Havia dois dias ela não parava de vomitar, seu apartamento estava lacrado e ela não fazia ideia para onde iria caso um dia ficasse boa o bastante para sair daquele quarto cinzento insípido com cortinas de cores berrantes. E agora estava diante daquele sujeito que cheirava a loção pós-barba e realidade cotidiana, ameaçando-a de prisão. Como se ela fosse uma criminosa.

O homem do PET aparentemente não notou a expressão pétrea dela e prosseguiu, impassível:

– Peter Erhardsen trabalha como engenheiro para a prefeitura de Copenhague. Não é um lugar para topiar com um cigano húngaro. Suspeitamos que Peter Erhardsen esteja sistematicamente trabalhando com imigrantes ilegais. Por acaso você sabe alguma coisa a esse respeito?

Seria aquilo um blefe? Bastou uma rápida olhada no rosto sereno e resoluto do homem para ver que ele falava sério. Ela estava prestes a chorar pela segunda vez naquele mesmo dia. A primeira

havia sido logo depois de acordar, ao lembrar que Morten, Anton e Ida estavam na casa da sua cunhada em Greve. Ela vomitara no chão e as enfermeiras tinham limpado a lambança com os sacos amarelos destinados à coleta de lixo potencialmente perigoso. Tão logo se viu sozinha, chorara no enorme travesseiro do hospital. Mas ter uma crise de histeria em frente àquele imperturbável agente do PET que a encarava por sobre as lentes dos óculos com um olhar que se pretendia paciente... Nina decidiu reprimir as lágrimas e foi com algum alívio que sentiu se acender no peito uma centelha de fúria.

– Quem você pensa que é? – sibilou, e lentamente foi levantando da cadeira. Os joelhos bambearam quando tentou se endireitar e ela precisou se apoiar na parede para recuperar o equilíbrio. Mas não se deixou intimidar. – Não fiz nada contra você nem contra ninguém. Só comprei comprimidos de diarreia, sal, açúcar e água mineral para meia dúzia de crianças ciganas que estavam precisando de cuidados. – Precisou fazer uma pausa para recuperar o fôlego. O esforço físico e a raiva faziam latejar as têmporas. – Espero sinceramente que você encontre o que foi procurar em Valby, mas o resto da minha vida não lhe diz nenhum respeito. Não me sinto na obrigação de escancarar minha vida pessoal só para você inspecionar, então dê o fora daqui e me deixe em paz. Se quiser me arrastar para a prisão, fique à vontade. Nem tenho onde morar mesmo.

Procurando não pensar na camisola, na calcinha de vovó e nas pernas muito brancas, ela apontou um dedo trêmulo na direção da porta. Mesmo que o homem quisesse cumprir sua ameaça, não devia ser autorizado a arrancá-la de um leito hospitalar. Por sorte, ele parecia ter chegado à mesma conclusão.

– Fique com isto – falou, e exibiu um cartão de visita branco com uma fonte preta de muito bom gosto no qual se lia: *Søren Kirkegård. Inspetor.* – Caso mude de ideia.

Ele ficou com o braço estendido para Nina, mas acabou deixando-o na mesinha à sua frente, junto da xícara de café pela metade. Depois, guardou suas coisas na mala, calma e metodicamente, despediu-se com um aceno de cabeça e saiu para o corredor. A porta fechou às suas costas com um clique sutil e Nina permaneceu onde estava por alguns segundos, fulminando-a com os resquícios de fúria. Cambaleou de volta para a cama, sentou-se nela e tentou recuperar o controle da respiração.

– Tudo vai ficar bem. Isso vai acabar se resolvendo sozinho.

Mas logo percebeu que não sabia exatamente a que estava se referindo. Ao problema com o PET? Ao apartamento lacrado? À náusea? À crise com Morten?

Tudo isso junto, concluiu, e rezou para que aquilo tudo terminasse bem. O mais rápido possível.

AMÃO ESQUERDA DE SÁNDOR ERA a única coisa que o ligava à realidade. Sua vontade era sumir no nevoeiro escuro que lhe cobria a consciência, mas a dor pulsante na mão era uma âncora que não se deixava içar. Ele estava encalhado, embora fizesse horas – ele não saberia dizer quantas – desde que Tommi arrancara sua mão do chão. Os pregos continuavam lá, fincados na madeira do piso. Nada de alicate ou serra, apenas um puxão que infelizmente não bastara para fazê-lo desmaiar.

Ele agora se achava no cômodo vizinho ao de paredes cor de berinjela, espichado num tapete que exalava um cheiro forte de cachorro. Dali podia ouvir a conversa de Tommi e Frederik, que discutiam enquanto tomavam o café da manhã. Pouco antes, ele havia descoberto por que os dois falavam apenas inglês entre si: Tommi não era dinamarquês. Frederik dissera: *Será que você não consegue meter nesse seu cérebro finlandês de ervilha que...*

Frederik havia voltado uma hora antes com roscas, café, suco e jornais, depois de ter passado a noite com a mulher e os filhos em Søllerød.

– Ok, vamos planejar! – exclamara, como se estivesse ali para organizar alguma atividade filantrópica em prol do clube de escoteiros local.

Mas o clima entusiasmado não demorou a dar lugar a uma acalorada discussão.

– ... é claro que eu quero a grana – vociferou Frederik para Tommi. – Tenho contas a pagar, aquela oficina em Valby já não vale mais nada e esta espelunca aqui é inútil enquanto aquela porcaria estiver lá na garagem. E, caso você ainda não tenha notado, estamos no meio de uma crise econômica.

– Mas e daí, qual é o problema? Ou a gente desova essa porcaria num riacho qualquer e sai desta história sem um puto no bolso ou a gente desova com o comprador e embolsa uma bolada de meio milhão. E, se você fizer questão de dar uma de cidadão exemplar, a gente pode até avisar a polícia depois.

– O problema, sua anta, é que a gente *não tem* um comprador. Passei na frente do prédio da tal enfermeira, tem carro de polícia para todo lado, cordões de isolamento... Ela é a única que sabe onde está a porra do casaco do cigano.

– Mas será que a gente não pode vender para outra pessoa?

– Por acaso você sabe de alguém que esteja querendo comprar uma lata de césio radioativo? Se sabe, fala logo, está esperando o quê?

Seguiu-se um momento de silêncio.

– Por que você não trouxe leite? – reclamou Tommi do nada. – Você sabe que eu não gosto de café puro.

– Cala a boca. Você deveria estar feliz por eu ter trazido comida.

Mais silêncio. Depois, o farfalhar de um jornal.

– Caralho... – disse Frederik.

– Que foi?

– É ela. Só pode ser!

– Ela quem?

Frederik não respondeu.

Sándor ouviu o arrastar de uma cadeira e, segundos depois, o dinamarquês se debruçava a seu lado, esfregando um jornal na sua cara.

– Olha isso! É ela?

Sándor abriu os olhos a contragosto. A primeira página do jornal informava algo em dramáticas e garrafais letras em vermelho, mas era para a imagem ao lado da manchete que Frederik apontava freneticamente.

Tratava-se de uma foto oficial de uma mulher muito séria, cabelos escuros e curtos emoldurando olhos verdes e intensos. Sim, era ela. A enfermeira que havia colado com esparadrapo o corte em sua testa. A enfermeira que havia ficado com o seu casaco.

– E então?

Frederik agora fincava o dedo insistentemente no ombro dele, desencadeando uma corrente de dor que descia para a ponta dos dedos e voltava pelo mesmo caminho.

– Ahn, talvez. Acho que sim – disse Sándor, só para se livrar do homem.

Frederik retornou para a sala e jogou o jornal diante de Tommi.

– Bem, pelo menos agora sabemos onde ela está.

SØREN ENTROU NA SALA DE REUNIÕES pisando duro, morrendo de raiva mas sem um alvo específico em que descontar. Era um erro quase imperdoável que ele tivesse ficado sabendo do ataque à filha de Nina Borg só ao conversar com a enfermeira, mas a explicação era tão simples que não seria possível crucificar ninguém por conta dele.

– A invasão ao apartamento na Fejøgade foi reportada por um tal Morten Sindahl Christensen – explicara a jovem investigadora para a qual ele havia telefonado enquanto voltava do Rigshospitalet. – Nenhuma Nina Borg foi mencionada no depoimento dele. – Søren podia ouvir a moça teclando. – Posso lhe enviar os arquivos do caso agora mesmo.

Ele imprimira a papelada imediatamente ao pisar no seu gabinete em Søborg, a tempo de passar os olhos por ela antes da reunião. Não se tratava de uma leitura agradável. Os três homens que haviam invadido o apartamento de Nina Borg na noite de sábado não tinham assaltado o imóvel nem estuprado ninguém, mas chegaram muito perto disso. E a menina tinha apenas 14 anos. Além da violência e da questão sexual do episódio, era evidente que não se tratava de um ataque comum. Nada fora roubado além da mochila escolar da menina e alguns papéis pessoais, e um dos três homens anglófonos perguntara repetidamente por Nina, o que tornava ainda mais irritante o fato de os investigadores não terem botado a boca no trombone imediatamente. No mesmo depoimento, o tal Morten dissera que a mulher estava hospitalizada e não voltaria a morar no apartamento da Fejøgade, pois eles haviam decidido se separar, e que nem podia imaginar por que três estrangeiros furiosos estavam à procura dela. Ah, se pelo menos esses policiais tivessem se dado o trabalho de cavar um pouco mais fundo... Ele deixou um recado pedindo a Mikael que procurasse a menina e verificasse se ela era capaz de reconhecer Sándor Horváth com base na foto do passaporte, depois que avisasse à equipe criminal para dar prioridade ao caso. Não havia mais nada a ser feito, como também não havia motivo para gastar mais tempo à procura de culpados. Nem por isso sua revolta era menor.

Søren correu os olhos pela sala de reuniões, circunspecto. Além das pessoas do próprio departamento, estavam presentes os outros quatro investigadores que tinham sido convocados para o caso logo no início da manhã, mais o analista que Torben enviara para “colocar todo mundo a par do quadro geral”.

– Vamos lá, Gert – pediu. – Podemos começar.

Gert Sørensen era um homem de 40 e poucos anos de modos reservados e cabelos encaracolados que, de tão flamejantes, pareciam não se encaixar com o jeitão pacato, o semblante cinzento. Não era egresso da academia de polícia, mas se formara em ciências políticas e encabeçava o Departamento de Análise de Operações Terroristas, um dos braços mais acadêmicos do PET. Ele se adiantou até o projetor e exibiu o primeiro slide de uma apresentação.

– Novembro de 1995. Separatistas chechenos enterram uma fonte de césio-137 num parque em

Moscou. A fonte estava equipada com um detonador, mas ele nunca foi disparado. Nenhuma vítima registrada nesse evento.

Clique.

– Dezembro de 1998. Em Argun, subúrbio de Grozny, o Serviço de Segurança da Chechênia encontra um cilindro com uma mistura de materiais radioativos acoplada a uma mina explosiva. Nenhuma vítima.

Clique.

– Junho de 2003. A polícia tailandesa prende um grupo de homens de posse de uma grande quantidade de césio-137 destinada, até onde de possível saber, à fabricação de uma bomba suja.

Gert desligou o projetor para não precisar competir com o barulho da ventoinha. Søren acendeu algumas das luzes da sala.

– Também sabemos que pelo menos numa ocasião a Al-Qaeda tentou fazer uma bomba com essa mesma substância nos Estados Unidos. Hoje as bombas sujas são peças comuns do arsenal terrorista, precisamos estar preparados para lidar com elas. Felizmente, o mundo foi poupado até agora de um ataque generalizado dessa natureza, mas num caso como o nosso, no qual sabemos que uma fonte radioativa esteve e decerto ainda está em Copenhague, temos todos os motivos para agir com a mais absoluta seriedade. O Instituto Nacional de Proteção contra Radiação afirma ter encontrado amostras de cloreto de césio. Segundo eles, esse é um dos materiais radioativos que podem ser conseguidos mais facilmente nos dias de hoje, sobretudo nos países do antigo bloco soviético. No entanto, apenas com base nessas amostras não é possível determinar a quantidade exata de césio que passou por aquele endereço em Valby, pois o alcance da contaminação depende em grande medida do tipo e da qualidade da barreira de contenção utilizada.

– E o que uma bomba suja pode fazer que uma bomba comum não pode? – perguntou Gitte Nymand, os olhos escuros brilhando com um misto de curiosidade profissional e medo.

– Bem, além de explodirem, podendo causar um grande estrago dependendo da intensidade, o objetivo é espalhar material radioativo nas imediações. Nesse caso, o estrago não é medido apenas pelo número de mortos e feridos, mas pela extensão e pela *natureza* dos danos causados pela radioatividade: não só os efeitos de longo prazo, mas também o impacto psicológico que um evento desses pode ter sobre a população em geral.

A essa altura, Søren ficou de pé para dizer:

– Acho que não preciso dar minha aula sobre terrorismo de novo, certo? – Houve alguns resmungos contidos. – O terrorismo tem esse nome porque...?

– Porque o objetivo é o medo – responderam alguns deles.

– Muito bem. E é por isso que as bombas sujas são tão eficazes como armas de terror. São excepcionalmente adequadas à disseminação do medo.

– Na Idade Média era a mesma coisa – interveio Mikael de repente. – Na Antióquia, os cruzados decapitavam os inimigos e catapultavam as cabeças cortadas para o outro lado das muralhas da cidade. Não é novidade nenhuma.

Às vezes aquele cara vinha com coisas bizarras, pensou Søren. A Mikael coubera a honra duvidosa de acompanhar o corpo do garoto do tanque de combustível até o necrotério para observar

a autópsia, o que talvez explicasse a morbidez de seus pensamentos naquela manhã.

– Vamos direto ao que interessa, Mikael – disse Søren. – O relatório do legista.

Mikael se levantou; parecia cansado. Nada mais natural para quem estava de pé desde as quatro da manhã.

– Segundo os exames preliminares, o garoto morreu de intoxicação radioativa na quinta-feira ou, no mais tardar, na madrugada de sexta.

– “No mais tardar”? – perguntou Søren. – Não é possível que ele tenha morrido na noite de sábado ou no domingo?

– Não. – Mikael pigarreou e bebeu da água à sua frente. Decerto havia perdido por completo o apetite, pois nem olhou para os sanduíches que Jytte, da cafeteria, também deixara sobre a mesa. – Tanto os patologistas quanto os peritos do Instituto Nacional de Proteção contra Radiação afirmam que o garoto foi exposto a uma radiação poderosa há duas ou três semanas. Com base no que se sabe de acidentes radioativos em outras partes do mundo, o quadro geralmente começa com enjoos, vômitos, febre e, nos casos mais graves, diarreia. Depois disso, a maioria das pessoas fica boa, mas, se a exposição for muito grande, isto é, algo em torno de 4 ou 6 grays, o sistema imunológico fica tão comprometido que, após alguns dias, o paciente começa a apresentar infecções, mais febre, hemorragias, feridas... – Mikael encarou Søren. – Você não viu o garoto? Quando abriram a boca dele, as gengivas já tinham quase desaparecido. Uma visão dos infernos.

Esse último comentário ficou suspenso no ar por tempo suficiente para se tornar desconfortável. Mais uma vez Søren se viu obrigado a afugentar da cabeça as imagens assombrosas que havia trazido de Valby. Em seguida, perguntou:

– Eles já têm algum indício de como o garoto se contaminou?

– Sim. Aparentemente, a maior parte da radiação foi absorvida pelas mãos. Os patologistas encontraram nelas algumas lesões que lembravam queimaduras. Também há outros sinais de que ele manipulou a fonte radioativa.

– E quanto à identificação?

– Um passaporte foi encontrado com ele, não foi? – interveio Gitte. – Sándor Horváth... não é esse o nome dele? Não foi por isso que acordaram você no meio da noite?

– Acho que não é ele – respondeu Søren. – A enfermeira reconheceu a foto do passaporte. O rapaz da foto ainda estava vivo na noite de sábado, quando ela fez um curativo na testa dele. Vivo e na Dinamarca. Além disso, Sándor Horváth tem 20 e poucos anos. Acho que o garoto morto é um pouco mais novo. Um garoto espichado, só isso.

– Nosso defunto anônimo estava sem um dos caninos superiores – acrescentou Mikael. – Os patologistas acham que ele nunca pôs os pés no consultório de um dentista. Seja como for, não tinha nenhuma obturação. O que é bastante comum entre os ciganos mais pobres do Leste Europeu.

– Então não vamos ter nenhum histórico odontológico – completou Søren. – Mas deve haver algum vínculo entre ele e Sándor Horváth. Se isto ainda não foi feito, Gitte, por favor, mande uma foto do corpo para o NBH.

– Já mandei, chefe. E eles foram bastante prestativos. Um agente já está a caminho para nos ajudar na busca de Sándor Horváth e outros dois foram designados para investigar um pouco mais a

família e os amigos do garoto em Budapeste. Vão nos manter informados.

– E com nosso amigo Khalid, como vão as coisas?

– Não muito bem.

Quem respondeu foi Bjørn Steffensen, copenhaguense oriundo dos subúrbios menos acolhedores de Amager, um homem de idade relativamente avançada e barba em geral por fazer. Integrante da Central do Crime Organizado, era um dos profissionais que Torben conseguira tomar emprestados para fortalecer a equipe e não parecia muito feliz de, logo numa primeira colaboração, ser o portador de más notícias.

– Essa linha de raciocínio de vocês não vai levar a porra nenhuma – disse ele, aparentemente convicto de que o ataque era a melhor defesa. – Desde as cinco da manhã, os técnicos estão trabalhando no computador do garoto e até agora não encontraram nada. Para início de conversa, não usaram o computador dele para contatar Sándor Hórvath. Ou pelo menos não esse computador que confiscamos. Suponho que ele tenha outra máquina escondida por aí.

Nesse momento, a parte do cérebro de Søren que tentava dar uma lógica a todos os fatos pertinentes ao caso pareceu entrar em pane.

– Como assim? Pensei que pelo menos isso já estivesse estabelecido.

– O endereço MAC não bate. Se quiserem mais detalhes, vocês vão ter que falar com o pessoal de TI – respondeu Bjørn. – Mandamos um dos nossos técnicos para dar uma olhada na rede da escola e o cara disse que o sistema de segurança deles tem mais buracos que um queijo suíço. Aparentemente, o chefe de TI da escola tem coisas mais importantes com as quais se preocupar. Também é professor de dinamarquês e inglês – concluiu, dando um sorrisinho, como se não houvesse nada mais risível do que um professor de literatura ser o responsável pela segurança da internet de uma escola.

Mikael acrescentou:

– Christian não teve a menor dificuldade para acessar a rede sem fio da escola com o laptop dele. A segurança é tão fajuta que não foi preciso nem um nome de usuário nem uma senha, e isso significa que, num raio de 30 metros da escola, qualquer um pode ter usado o IP da própria escola para navegar naqueles sites sinistros.

– Então corri para lá e peguei as imagens registradas pelas câmeras de vigilância que cobrem os arredores da escola – prosseguiu Bjørn.

Søren ouvia tudo com a crescente convicção de que sua investigação estava desmoronando.

– Mas, se Khalid não tem culpa, por que não queria que a gente examinasse o computador dele?

Bjørn deu mais um de seus sorrisinhos irônicos.

– Como eu disse, é possível que ele tenha outro computador e que precisasse ganhar um pouco de tempo para trocar as duas máquinas. Pessoalmente, acho que a preocupação do garoto era com um pequeno negócio que ele tem por debaixo dos panos. Nunca vi tantos arquivos de música pirateados num lugar só. O bastante para colocá-lo em maus lençóis com a polícia e motivo suficiente para que ele quisesse esconder o computador.

A vontade de Søren naquele momento era chutar alguma coisa à sua frente, de preferência Bjørn. Não mate o mensageiro, repreendeu-se. Mas ele bem que poderia parar de tripudiar um pouco, não

é?

– E o que mostraram as câmeras de vigilância?

– Sabemos que nosso suposto comprador ficou on-line no sábado, 2 de maio, às 20h52, e se manteve logado por aproximadamente quarenta minutos. Nas imagens das câmeras, dá para ver que apenas um carro ficou estacionado diante da escola durante esse intervalo, indo embora logo em seguida. É impossível ler a placa, mas por sorte se trata de uma lata-velha, um Opel Rekord provavelmente dos anos 1980. Não há muitos como ele registrados no Departamento de Trânsito: mais ou menos duzentos no país inteiro, sendo 180 na região metropolitana de Copenhague.

Ufa, pensou Søren. Pelo menos isso. Um começo.

– Examinem isso – ordenou ele. – Mas também quero uma equipe vasculhando toda a área em torno da escola. Tentem descobrir outros locais, fora o carro, em que o suspeito possa ter ficado. E os imóveis vizinhos? É possível acessar a rede da escola a partir deles? Conversem com os residentes. Perguntem se eles viram o Rekord ou qualquer outro carro se demorar por perto naquela noite de sábado. Câmeras de segurança sempre têm pontos cegos.

Pessoas também, pensou. Tudo bem, Khalid fora um suspeito óbvio com seu nervosismo e seu pequeno arroubo de desobediência. Mas não havia espaço para um segundo erro como aquele.

– O HC ficou puto – comentou Gitte. – Não gostou nem um pouco de ter sido arrancado do treinamento para interrogar um adolescente desbocado, pirateador de arquivos de música.

– O humor do HC não é o nosso maior problema neste momento – rebateu Søren. – Mas tudo bem. Posso pedir desculpas a ele. Suponho então que Khalid já tenha sido liberado, é isso?

Gitte assentiu.

– Às 11h23. O tio dele ameaçou processar a gente por detenção indevida, mas o próprio Khalid o dissuadiu. Provavelmente porque não era do interesse dele falar de arquivos pirateados com um promotor de justiça.

Khalid agora era um elemento descartado, pensou Søren, e se lembrou do moleque audacioso que no primeiro encontro entre eles lhe havia oferecido bebida e cigarro como se estivesse recebendo um amigo em casa. Com sorte HC não teria destruído por completo a autoconfiança do garoto antes de receber as novas informações do pessoal de TI e interromper seu interrogatório.

– Quanto à oficina de Valby, alguma novidade?

– Acabaram de ligar da recepção – respondeu Gitte. – Uma tal Birgitte Johnsen, do NEC, está subindo para falar com você.

– Do NEC? – indagou Søren, olhando por sobre os óculos de leitura. O NEC era o Centro Nacional de Investigações Policiais, uma espécie de FBI da Dinamarca. – Que diabos eles têm a ver com este caso?

Gitte encolheu os ombros largos de nadadora.

– Sei lá. Só sei que ela é da Divisão de Tráfico Sexual e Prostituição.

~

Birgitte Johnsen era inacreditavelmente azul-marinho, pensou Søren. Saia azul-marinho, terninho

azul-marinho, meias de náilon azul-marinho, sapatos azul-marinho com enormes fivelas douradas. A blusa sob o terninho era branca, mas, não fosse por ela, a mulher seria um amplo contínuo azul.

Eles se apertaram as mãos e Søren a conduziu para a sala de reuniões externa, localizada logo à direita da recepção. Visitantes não tinham permissão para transitar pelos corredores do PET, nem quando eram da polícia.

– Você tem informações sobre o imóvel da Gasbetonvej? – indagou ele, e sinalizou para que a mulher se acomodasse à mesa. – Sente-se, por favor. Quer um café?

– Não, obrigada. Mas se tiver uma água mineral...

– Claro. – Søren abriu para ela uma garrafinha de Ramlösa. As letras do rótulo eram, por coincidência, azul-marinho.

– A proprietária do imóvel é Malee Rasmussen, uma figura bastante conhecida lá no nosso departamento. É tailandesa, casada com um ex-operário chamado Hans Jørgen Rasmussen, que se aposentou por invalidez. É quase certo que se trata de um casamento de fachada, mas não temos como provar. Seja como for, a tal Malee já foi presa uma vez por rendimentos ilícitos e por muitos anos tem vivido da prostituição.

– Prostituição? Mas... não é estranho que uma oficina mecânica tenha sido usada para esse tipo de coisa?

– Você ficaria surpreso se soubesse os lugares que as pessoas se dispõem a frequentar para comprar sexo – disse Birgitte. – Mas você tem razão: pisos de concreto e fossos de inspeção não são lá muito adequados para um bordel. Não temos nenhum motivo para acreditar que era para isso que se prestava a tal oficina. O mais provável é que o imóvel seja exatamente o que parece ser: uma toca para abrigar ciganos e outros habitantes do Leste Europeu que vêm para cá durante os meses de verão e pagam cerca de 80 ou 100 coroas por noite para poderem dormir em condições que provocariam uma rebelião na Prisão Estatal de Vridsløselille.

– Nesse caso, é uma enorme mudança de carreira, não é? Você acha que ela é mesmo a proprietária do imóvel ou está servindo de testa de ferro para outra pessoa?

– Imagino que ela tenha um padrinho por trás. Quanto a essa “mudança de carreira”, como você falou, tem precedentes. A crise econômica tem afetado duramente o negócio da prostituição.

– Você sabe por quê?

– Menos conferências e cursos na cidade, o que significa menos oportunidades de recreação clandestina. As crises também acarretam uma necessidade maior de segurança. Os maridos preferem não correr o risco de comprar uma briga com as esposas. E, ao mesmo tempo que a demanda cai, a oferta aumenta em razão das dificuldades sociais naqueles países que têm sido ainda mais afetados pela crise do que a Dinamarca. Lá, um número cada vez maior de meninas tem recorrido à prostituição. Malee e seu padrinho não seriam os únicos a ter que enfrentar uma mudança de rumo.

– Entendi. Você faz ideia de quem pode ser esse padrinho?

– Já perguntamos a ela, claro. Trouxe uma gravação para você dar uma olhada. Mas antes eu gostaria que você visse um vídeo, de cinco anos atrás, quando ainda investigávamos o caso de rendimentos ilícitos. Nessa época, ela devia ter quase 40 anos.

Birgitte colocou um DVD no drive de seu laptop e virou a tela para Søren. Via-se uma mulher de

cabelos negríssimos e olhos escuros muito vivos. Uma mulher vivaz, expressiva. Vaidosa no modo de se vestir, na escolha das joias, na maquiagem estilosa, apesar de um tanto pesada. Os olhos piscavam de leve a cada pergunta feita.

“... ela disse isso, é?”, perguntava ela. O melodioso sotaque tailandês era bastante evidente. Os olhos faiscavam, prontos para a briga. Ao que parecia, ela se referia a uma conhecida, mencionada pelo interrogador principal. Após um risinho curto e ferino, seguido de um muxoxo, ela emendou: “Aquela lá é uma mentirosa de marca maior. Muito mentirosa. E invejosa!”

Birgitte interrompeu a gravação e abriu um arquivo de vídeo.

– Agora veja isto aqui. Foi gravado hoje de manhã.

De início, Søren pensou que ela tivesse aberto o arquivo errado. Não poderia ser a mesma mulher. E, no entanto, era. Malee Rasmussen sorria de um modo tão rígido que lembrava uma daquelas máscaras balinesas grotescas e sorridentes que a ex-mulher dele, Susse, havia comprado em uma viagem lá pelos idos de 1990. Se a tailandesa tinha quase 40 anos naquele primeiro vídeo, agora tinha menos de 45, mas parecia ser muito mais velha. Sua maquiagem era um grande clichê da prostituição, parecia coisa de teatro, e embora a voz fosse tão melodiosa quanto antes, a rigidez do rosto roubava-lhe qualquer traço de vitalidade.

– O que aconteceu com ela? – perguntou Søren. – Está doente ou algo assim?

– Não que eu saiba. Mas há boatos de que seu novo padrinho ensinou a ela uns truques aí. Do modo mais difícil. Como você vai ver daqui a pouco, ela hoje não é tão sociável quanto foi um dia.

A câmera se afastou um pouco de modo que Malee agora podia ser vista de corpo inteiro. Um corpo atarracado num vestido cor de hortelã com flores no colarinho e sapatos no mesmo tom de verde. As pernas estavam cruzadas. As mãos jaziam quietas no colo, mas o pé direito ia e vinha com o mesmo frenesi das perguntas que a metralhavam. Quem estava usando a oficina? Quem tinha as chaves? Afinal, por que ela havia comprado aquele lugar? De onde havia tirado dinheiro para comprá-lo?

A testa suada de Malee brilhava ligeiramente sob o rebuscado penteado dos cabelos negros. Sorria o tempo todo e, nas vezes em que se dignava a falar algo, apenas repetia aquilo que já dissera antes: “Eu não sabia que aquelas pessoas estavam na oficina. Comprei o imóvel como investimento. Não sabia que tinha gente lá. Desde fevereiro não piso naquele lugar. É apenas um imóvel. Um investimento.”

– Preste atenção nos olhos dela neste momento – falou Birgitte, e voltou a imagem até o ponto em que os olhos de Malee reluziam com visível aflição em meio à máscara rígida do rosto. Balançando a cabeça, Birgitte acrescentou: – Não sei do que ou de quem ela está com tanto medo, mas certamente não é da polícia. Tenho a impressão de que não vamos conseguir tirar mais nada dessa mulher. Mesmo assim, pedi aos especialistas em fraudes para dar uma boa investigada nas finanças dela. Talvez a gente consiga levantar alguns nomes.

– Algo aconteceu com ela – insistiu Søren. – Seria ótimo se pudéssemos saber o quê.

– Pois é. Malee Rasmussen não era exatamente um doce de pessoa antes, sobretudo com as meninas que trabalhavam para ela. Mas agora...

Søren voltou os olhos para a figura pálida e fossilizada na tela do computador.

– Agora o quê?

Birgitte fechou o laptop e o guardou em sua maleta.

– Ainda não sabemos. Mas conversamos com algumas dessas meninas e elas se recusam a testemunhar. Dizem por aí que a pessoa que se recusa a fazer o que Malee manda é enterrada viva. É jogada num tal de “caixão”.

Enterrada viva... Søren imediatamente pensou no garoto do tanque.

FREDERIK NÃO ESTAVA DISPOSTO A correr nenhum tipo de risco. Já não fazia a menor questão de se mostrar minimamente civilizado, de oferecer poltronas ou cervejas. Sándor agora estava sentado no chão junto ao radiador, a mão boa atada ao cano de água por meio de duas algemas descartáveis que o faziam lembrar do dia em que havia sido preso. Ele se sentia menos zozzo, mas ao mesmo tempo... mais distante. Como se estivesse do outro lado de uma fronteira, olhando para um passado para o qual não poderia mais voltar. A mão esquerda pulsava terrivelmente, o grave constante de uma caixa de som estourada, um ritmo que ele não podia ignorar mas também não podia aceitar placidamente como uma parte sua. Aquilo era o seu próprio pulso. E não deveria estar ali.

Debruçado sobre a mesa de centro, baixa demais para ele, Frederik trabalhava num laptop cercado de pastas de arquivo que pareciam pertencer a diferentes contas corporativas. Vez por outra, ele largava o computador e, com os dedos ágeis de quem tinha muita prática naquilo, começava a fazer contas numa pré-histórica calculadora de bolso.

– Você pode me trazer um pouco de água? – perguntou Sándor.

Frederik ergueu os olhos do computador.

– Não vai dar. Só depois que o Tommi voltar.

– Estou com sede.

– Sinto muito. Não vou chegar perto de você. Não enquanto estiver sozinho aqui. – Frederik voltou a digitar, mas, segundos depois, olhou novamente para Sándor e indagou: – De onde foi que saiu aquilo?

– Aquilo o quê?

– Aquele... rompante. A maioria das pessoas, elas são... A gente mais ou menos percebe. Elas vão esquentando e a gente nota os sinais. Mas você parecia absolutamente calmo, relaxado. De repente... *bum!* Você ataca sem aviso, que nem um pitbull.

Frederik estava com uma aparência absurdamente normal para as circunstâncias. Barbeado, ele agora vestia uma camisa azul-clara muito bem-passada, calças de linho leve e mais um suéter Ralph Lauren, displicentemente jogado sobre os ombros curvos. O Sr. Asseio, pensou Sándor. A respeitabilidade em pessoa. No entanto, esse mesmo Sr. Asseio havia cruzado os braços enquanto Tamás morria.

Sándor não respondeu nada. Frederik deu de ombros e tirou da bolsa do laptop uma garrafinha de água mineral.

– Toma – disse ele, e rolou a garrafa na direção de Sándor.

Sándor ficou olhando para ela. Até poderia alcançá-la com a mão presa ao cano, mas não conseguiria desenroscar a tampa com a mão avariada.

– Não dá para abrir.

– É, acho que não – replicou Frederik, mas não fez nada a respeito.

Ter uma garrafa d'água ao alcance da mão e não poder beber dela era muito pior do que não ter água nenhuma. Seria possível que Frederik tivesse feito aquilo deliberadamente? Sándor não sabia dizer. Eles ficaram ali por um instante, um olhando para a cara do outro, mudos, dois homens respeitáveis que, sob a superfície, não eram tão respeitáveis assim.



Não era prática do orfanato bater nas crianças. Eles não acreditavam na violência física, mas na ordem, na limpeza, no comedimento das emoções – e sobretudo na coerência. “Melhor que aprendam agora” era o princípio pedagógico difundido.

Por isso havia o Pátio.

Não passava de uma caixa de ventilação metida a besta, com mais ou menos 8 metros de lado, um piso desde muito corroído pelas geadas e, no centro, uma sorveira-brava raquítica plantada num vaso de cimento. As alas de quatro andares do orfanato cercavam o espaço, mas só havia janelas a partir do segundo pavimento. No primeiro, apenas os dutos de ventilação da cozinha e dos banheiros, além de uma porta solitária e pesada.

– Peça desculpas à Srta. Erzsébet – ordenou o *gadjo* velho e alto que aparentemente era o mandachuva do lugar.

Mas Sándor não queria se desculpar.

– Vocês não podem levá-los! – berrou o mais alto que pôde. – Eu sou o irmão deles!

– Olhe bem para mim, Sándor – mandou o homem. – Você precisa aprender a controlar esse seu gênio ruim. Aqui neste orfanato todo mundo sabe se comportar. Quando eu achar que você está pronto para pedir desculpas à Srta. Erzsébet, calmamente, educadamente, aí vai poder entrar de novo.

Em seguida, ele saiu e trancou a porta do Pátio.

Já estava ficando tarde. Sándor não tinha medo de ficar ao ar livre; o céu ainda estava claro. Em Galbeno, as pessoas em geral se recolhiam apenas na hora de dormir ou quando o tempo piorava. Não havia muito o que fazer dentro de casa.

Mas aquilo ali não era bem “ao ar livre”. Era apenas um espaço cercado de paredes e sem teto.

Num acesso de fúria, ele começou a berrar e a chutar a porta, mas o ímpeto dos golpes nem era tão grande assim. Era como se um pouco da serenidade e da firmeza do *gadjo* tivesse se transferido para ele, uma espécie de parasita que repetia “isso não vai adiantar, isso não vai adiantar”, minando a força e a determinação do garoto de 8 anos que era.

Quando o sol havia desaparecido e restava apenas o reflexo dourado nas janelas superiores do prédio, o mandachuva ressurgiu. Assim que o viu, Sándor correu em disparada e tentou atropelá-lo para atravessar a porta, mas foi detido por um braço forte; ao tentar se desvencilhar, foi empurrado de volta para o Pátio, não com violência, mas com firmeza. Uma segunda tentativa foi frustrada da mesma maneira.

– Estou vendo que você ainda não se acalmou – disse o homem. – Então vou contar lentamente

até dez, e você vai aproveitar esse tempo para refletir. Se depois você ainda não estiver disposto a conversar comigo como uma pessoa civilizada, vai ter que passar a noite aqui.

Ele começou:

– Um. Dois. Três. Quatro.

– Quero voltar para casa! – berrou Sándor.

– Cinco. Seis.

Sándor chegou a fechar a mão para desferir um murro, mas não teve coragem.

– Sete. Oito. Nove.

– A gente quer voltar para a nossa mãe... – suplicou Sándor com a voz falha, rouca, resignada.

– Infelizmente isso não será possível. Dez. Muito bem. Você está pronto para se desculpar?

Sándor balançou a cabeça.

– Sou o irmão deles – repetiu, mas com menos veemência.

– Boa noite, Sándor – falou o homem, e voltou a fechar a porta.

Fazia frio, mas não estava gelado. Afinal, era primavera e a sorveira-brava já apresentava uma tímida folhagem. Sándor descobriu uma torneira de onde podia beber, apesar de a água ter um gosto barrento e metálico. Mas estava sozinho ali. Não se lembrava da última vez que isso acontecera. Em sua vida, havia sempre alguém por perto. Quando não era a mãe, era a vovó Éva. Ou uma das outras duas avós. Ou a tia Milla, que morava a quatro casas de distância. Ou Tibor ou Felisia ou Vanda ou... *alguém*.

Mas agora não. Agora havia apenas escuridão, paredes e céu, além daquelas lajotas frias do piso e do vapor que escapava dos dutos de ventilação, que a seus olhos ainda eram um grande mistério. Naquela primeira noite, ele se encolheu ao lado da porta e fitou as cinzentas colunas de vapor condensado, rezando para que não fossem *mulos*. A certa altura, voltou a gritar. Depois parou. E, quando o tiraram dali na manhã seguinte, pediu as devidas desculpas à Srta. Erzsébet e começou a aprender as regras do mundo *gadjo*. Ainda se meteria em encrencas e passaria a conhecer muito bem o Pátio, mas nunca voltaria a ficar uma noite inteira nele. O mandachuva estava certo ao dizer a um inspetor da prefeitura: “As crianças ciganas não são mais problemáticas do que as outras. Basta cortar as asinhas delas desde cedo.”



Um carro parou do lado de fora. Frederik se enrijeceu, depois enfiou a mão na bolsa do laptop. O gesto era de tal modo um clichê que Sándor ficou se perguntando se haveria ali uma arma escondida. Uma porta do carro bateu e o dinamarquês respirou aliviado, deixando a bolsa de lado.

– Ele conseguiu. Pegou a mulher.

Mas não foi a enfermeira quem surgiu na sala segundos depois, empurrada por Tommi. Foi a garota do apartamento. Ela parecia um pierrô desfigurado com o rosto muito branco e os olhos borrados de preto por uma mistura de lágrimas e rímel barato. Sándor ficou atordoado.

– Que merda... – começou Frederik, que também não parecia lá muito satisfeito. – Por que você trouxe *ela*?

– Foi moleza – respondeu Tommi com um sorriso triunfante. – Só precisei dar uma olhada no horário escolar dela.

Ah, pensou Sándor. Então por isso ele havia roubado a mochila da garota. Já pensava na possibilidade de precisar encontrá-la novamente.

Frederik balançava a cabeça, sem acreditar.

– Você devia ter trazido a porra da enfermeira, e não a filha dela!

– Isso vai ser muito melhor. E mais divertido também.

NA CABEÇA DE NINA SE FIZERA uma estranha calma após a saída do agente do PET. Ainda havia um restinho de enxaqueca, um distante sibilar não muito diferente do que ela costumava ouvir, antes de adormecer, na tubulação hidráulica de sua casa em Viborg, onde passara a adolescência. Nina afastou a bandeja com rissoles e cenouras frias, cozidas muito além do ponto, recostou-se na cama e fechou os olhos. Não estava com sono, mas também não tinha nenhum refúgio de paz para os pensamentos, então deslizou para a escuridão pulsante dentro de sua cabeça.

Ouviu os sons segundos antes de tudo acontecer.

A porta se abrindo quase imperceptivelmente; passos com solado de borracha no linóleo do quarto, primeiro junto da porta, depois mais próximos; o clique suave da porta se fechando automaticamente às costas de quem havia entrado.

De repente, algo grande e quente cobriu sua boca e ela abriu os olhos de supetão. Sua cabeça foi empurrada contra o travesseiro, quase sendo engolida por ele, e o sufocamento a deixou em pânico. Era impossível mover a cabeça, pois seu agressor punha todo o seu peso sobre ela. Nina desferia golpes a torto e a direito, tentando agarrar rosto, cabelo, pescoço, braços, mas o homem era ágil o bastante para se esquivar sempre que preciso. Um dos mindinhos dele se enfiara em uma das narinas dela, obrigando-a a lutar para sorver pelo menos um pouco do ar que os pulmões imploravam. Nina tinha a impressão de que estava respirando através de uma toalha molhada. No meio de toda a confusão, ela via um rosto magro oscilante que escancarava um sorriso. Os olhos brilhavam distantes e extasiados. Olhos de um drogado, foi o que ocorreu a ela naquele momento de pânico. Um viciado à procura de morfina ou talvez um doente mental, perdido na ala errada do hospital. O homem arfava e Nina sentia o hálito dele, um misto de cigarro e hortelã. Aparentemente, ele tentava olhar em seus olhos e, por algum motivo, isso fez com que ela se retorcesse menos. No entanto, por mais que Nina tentasse caprichar na mira e na força dos golpes, a mão do sujeito não se movia um milímetro sequer. Por fim, ela ficou totalmente imóvel, tentando respirar através da fresta que ainda restava numa das narinas.

Ao que parecia, era isso que ele vinha esperando.

O homem relaxou um pouco a pressão sobre a boca e estendeu a mão livre para algo. Nina tentava seguir os movimentos dele com os olhos, mas ainda estava com a cabeça de tal modo afundada que o travesseiro obscurecia sua visão, como uma cadeia de montanhas brancas. Não via muita coisa além do teto e de partes do corpo do homem. Toda aquela maciez sufocante abafava até os sons. De repente, ela achou que poderia escapar dali. O homem ainda cobria a sua boca, mas usava apenas esse mesmo braço para imobilizá-la. Talvez fosse possível escorregar para o lado e puxar a cordinha de emergência que pendia logo ao lado da cama.

Era nisso que ela pensava quando viu à sua frente um objeto preto. Levou alguns segundos para

focalizar e outros tantos para se dar conta do que era aquilo. Um celular. Estava ligado e o monitor exibia o que parecia ser uma imagem de vídeo congelada. Diante de um fundo muito escuro, quase preto, estava uma menina aparentemente filmada de cima. A palidez do rosto contrastava fortemente com o breu do cenário. Os olhos estavam semicerrados naquela expressão de rebeldia que ela sempre estampava no rosto quando tentava conter o choro.

Ida.

Nina não gritou.

Sem dúvida era isso que o homem havia previsto, pois ele intensificou a pressão sobre sua boca antes de dar sequência ao vídeo. Mas Nina não seria capaz de gritar. Nada dentro dela estava funcionando direito. Ao redor, havia apenas silêncio e frio e aquele telefone que dançava a poucos centímetros de seu rosto. Algo começou a se mexer na telinha do aparelho. Ouviam-se os passos de alguém por perto, ecoando de um modo estranho e oco. De repente, a pessoa que estava filmando disse algo. Nina não conseguiu decifrar o que era, mas viu a filha recuar um passo como se tentasse sumir em meio à escuridão. Onde estaria ela? Desesperada, Nina tentou encontrar pistas que lhe permitissem descobrir que lugar era aquele. Não se tratava de seu apartamento, pois a parede atrás de Ida era de um tom horrível de roxo. Fora isso, não havia nenhum indício.

O ângulo agora era outro. Acima de Ida, o câmera mandou:

– Dá um alô para a mamãe. Abre um sorriso.

Ida olhou de relance para a câmera, depois encarou o homem à sua frente e projetou o queixo com raiva.

– Dá um sorriso.

Ida fez que não com a cabeça, deu mais dois passos para trás e bateu de costas na parede roxa. O telefone agora estava a poucos centímetros de seu rosto. De repente, o homem deslizou um dedo pelo queixo dela e puxou um dos cantos da boca para cima, produzindo um grotesco sorriso torto.

– Sorria para a mamãe.

A imagem escureceu e Nina sentiu seu agressor lentamente relaxar a pressão sobre sua boca. Assim que ele afastou a mão, ela virou a cabeça e só então pôde ver a figura inteira do homem ao lado da cama. Ele não era muito mais alto que ela, magricela sob a camiseta larga. Estava usando um jeans muito desbotado e um cinto de couro com tachas e uma reluzente caveira na fivela enorme. Os cabelos batiam no ombro, tinham um tom escuro de louro e pareciam recém-lavados. O homem era carcomido pelo fumo, muito embora parecesse não ter mais que 30 anos. O nariz estava inchado, com um hematoma de um lado, e os olhos se arregalavam numa expressão febril. Decerto ele havia cheirado uma carreira de metanfetamina algumas horas antes, concluiu Nina, e se sentiu relativamente satisfeita ao pensar na vida curta e miserável que ele teria, nas feridas purulentas que ele abriria na própria pele ao coçá-la para afastar insetos inexistentes, nos gritos de dor e misericórdia que daria antes de morrer sozinho numa sarjeta qualquer. Nina o mataria com as próprias mãos ali mesmo se tivesse a oportunidade. Pelo que ele fizera a Ida. Descontrolada, ela avançou para cima do homem, mas, sem forças, conseguiu apenas arranhar um pouco do pescoço dele antes de ter o punho facilmente imobilizado.

– Calma aí, garota – disse ele num inglês carregado e num tom de voz condescendente, como se

estivesse falando com uma criança.

Em seguida, soltou Nina, esperou que ela se sentasse na cama e tirou uma embalagem plástica da bolsa que havia deixado no chão. Colocando-a sobre as cobertas, ordenou:

– Veste isso.

Nina rasgou o plástico e rapidamente examinou o conteúdo. Dentro da embalagem, estavam uma calça e um blusão esportivos ainda com a etiqueta de preço.

– Onde está minha filha?

O homem sorriu para ela.

– Muito linda a sua filha. Parece com você. Só um pouco mais firme das carnes. Bocetinha deliciosa, macia...

O sotaque era carregado, como se ele falasse com pedras na boca, mas o vocabulário era bastante convincente.

A maldade daquelas palavras foi o suficiente para que Nina finalmente entregasse os pontos. Àquela altura, todas as suas defesas já haviam desmoronado. Era como se uma comporta tivesse sido aberta e o medo que despontara em seu peito ao ver a primeira imagem de Ida naquele vídeo agora a afogasse por completo numa torrente avassaladora, invadindo cada pensamento, formando imagens terríveis e filminhos sórdidos que iam se repetindo interminavelmente na sua cabeça: Ida nua diante dos três invasores; Ida jogada num porão qualquer; Ida no retrovisor do Fiat, apenas uma silhueta pedalando na escuridão a caminho da Fejøgade. Fora a última vez que ela vira a filha.

Nina encheu os pulmões o quanto pôde e tentou pensar no que deveria fazer. Ganhar tempo? Puxar a cordinha para chamar a enfermeira? O homem não poderia detê-la. Bastava esticar o braço.

Eles ouviram passos no corredor e o homem sentou-se na cadeira ao lado da cama. Da mesma bolsa de antes, tirou um buquê de tulipas e o depositou sobre a cama, um buquê pequeno e sem frescor que vazava água através do plástico e formava uma ampla mancha molhada no lençol. Ele não estava nem um pouco nervoso, observou Nina. Agia com desenvoltura e a mais absoluta calma, como se aquilo tudo fosse totalmente normal.

Uma enfermeira surgiu do outro lado da janelinha da porta e, na mesma hora, o homem pousou uma das mãos sobre as de Nina, sorrindo muito perto do rosto dela, um sorriso que até sugeria alguma preocupação. Dois arranhões vermelhos desciam de uma das orelhas dele até a bochecha e Nina não pôde deixar de pensar nas unhas pretas da filha.

– Coitadinha do meu amor... – disse o homem.

Nina viu a enfermeira sumir do outro lado da porta, ouviu os passos dela corredor afora e deduziu que dali a pouco a moça já estaria espalhando para as colegas a fofoca mais recente sobre a esquisitona que ocupava o quarto de isolamento. Àquela altura todo mundo já teria lido sobre os seus problemas conjugais no *Ekstra Bladet* e a notícia de um visitante com flores seguramente traria um pouco de animação ao almoço dos funcionários.

Nina olhou para o homem e soube que não ofereceria nenhum tipo de resistência. Ela não se atreveria. Ele tinha Ida.

O homem ficou de pé, jogou as cobertas para o lado e atirou a calça e o blusão contra Nina com um resmungo impaciente.

– Veste isso. Agora!

Sem protestar e sem olhar para o homem, Nina foi vestindo a roupa sobre a camisola hospitalar ao mesmo tempo que sentia arrepios de nojo ao pensar naquele bandido intimidando Ida, tocando nela. Os planos que ele tinha para Nina naquele momento não eram nada importantes diante do que ele pretendia fazer com Ida. De rabo de olho, ela podia ver que o homem havia aberto o móvel ao lado da cama e remexia nos lençóis e cobertores que ficavam guardados ali.

Ele deixou escapar um palavrão, depois questionou:

– Cadê os seus sapatos, porra?

Recostada à cama, exaurida pelo esforço de vestir a roupa, Nina via o quarto oscilar à sua volta.

– Jogaram minhas coisas fora. Por causa da radiação.

O homem praguejou de novo, depois tirou do móvel um par de meias compridas brancas e jogou sobre ela.

– Veste isso e nem pensa em dar uma de espertinha.

Nina obedeceu e se viu ali, sem nada para calçar, vestindo uma roupa azul-marinho um tanto folgada para seu tamanho. O homem se colocou atrás dela e Nina pôde sentir sua respiração quente e carregada em uma das orelhas.

– Agora vamos. Finja que você está saudável e calçada. E finja que você não é você.

SØREN ENXAGUOU A XÍCARA DE café na pia do banheiro masculino, encheu-a de água fria e bebeu. No dia seguinte, na semana seguinte, ou fosse lá quando terminasse aquele maldito caso e conseguisse respirar de novo, ele se daria o trabalho de procurar e postar na intranet do Serviço aquele artigo que havia lido em algum lugar e do qual se lembrava apenas vagamente sobre a concentração de bactérias nos bebedouros públicos. Tinha plena consciência de que aquele pequeno ato de protesto contra a tirania dos bebedouros não passaria de desperdício de energia, mas também achava que os homens de sua idade tinham todo o direito de vez por outra pular no seu pangaré de batalha e atacar um moinho de vento qualquer.

Ele novamente segurava a xícara sob a torneira quando a deixou escorregar. Agarrou-a com as duas mãos antes que se espatifasse, porém a água espirrou na camisa e na calça, deixando desagradáveis marcas junto à braguilha.

Merda. O problema maior nem era o acidente – as roupas secariam depressa –, mas o que aquilo significava. Ele estava exausto. Precisava ir para casa ou pelo menos tirar uma soneca num dos quatinhos do subsolo. Não tivera mais do que três horas de sono na noite anterior e, desde então, já completara onze de trabalho ininterrupto. É, ele não tinha mais 18 anos. Mas seu colega da Hungria pousaria no aeroporto de Copenhague dali a uma hora, a pesquisa da placa do Opel Rekord logo ficaria pronta e ele queria muito conversar pessoalmente com a tal Malee – talvez arrancasse dela alguma coisa que Birgitte e seus colegas do NEC não haviam conseguido. Uma gravação de vídeo era muito pouco.

Um banho. Uma camisa limpa. E, sim, uma horinha de descanso. Mas não em sua casa em Hvidovre, pois tomaria tempo demais. Tampouco nos quatinhos do subsolo. Aqueles cubículos eram detestáveis, pareciam celas de presídio.

Enfiou a cabeça no escritório de Torben e viu que o chefe trabalhava compenetrado em seu computador, rolando a barra de um arquivo longo o bastante para provocar câimbras no dedo de qualquer um.

– Vou dar um pulo na casa da Susse se você não se importar – avisou Søren. – Só por uma hora.

Torben assentiu sem tirar os olhos da tela.

– Tudo bem. A gente se vê daqui a pouco.

Por que diabos ele subitamente se sentia um perdedor que não estava dando tudo de si? Ora, Torben não havia levantado às três da manhã. E aquilo não era uma competição para ver quem ficava acordado por mais tempo.

– Qualquer coisa, me liga – pediu Søren.

Torben abanou a mão para enxotá-lo dali e ele obedeceu.

Susse morava a menos de um quilômetro de distância, num velho bangalô não muito distante da linha de trem. Uma cerca razoavelmente sólida e pintada de branco fora colocada ao redor do quintal para manter cachorros e crianças longe da rua. O jardim era descuidado, mas de um jeito agradável, com narcisos pontilhando a grama alta e roseiras magricelas que careciam de uma boa poda. As duas pereiras que ele havia plantado séculos antes ainda estavam de pé e começavam a florescer.

Os filhos já tinham saído de casa: um deles para um internato fora da cidade e o outro, de modo mais permanente. Mas os cachorros continuavam lá. Quando ele tocou a campainha, dois deles, cocker spaniels malhados de preto e branco, latiram com entusiasmo e sujaram o vidro da porta com os focinhos molhados e as patas cabeludas.

Susse surgiu com o celular grudado à orelha. Acenou para que ele entrasse e prosseguiu com sua conversa:

– Sim, eu sei, mas ainda acho que Linus fica muito estressado com a bagunça que Karl apronta na sala de aula. Acho que a gente devia separar os dois, pelo menos por algumas semanas, então a gente vê como é que fica. Tudo bem. A gente se fala depois.

Ela desligou e sorriu para Søren.

– Quer um café ou você veio aqui só para deitar? Você parece cansado.

– Não, chega de café. – Søren fez uma careta só de pensar. – Você se importa se eu tomar um banho antes?

– Claro que não. Você já é de casa, não é? Se precisar de alguma coisa, estou lá no solário, corrigindo provas.

Eles trocaram beijinhos civilizados no rosto. Susse estava com ótima aparência, pensou Søren. Mais do que bonita, era uma mulher que se sentia bem na própria pele. Os cabelos acobreados roçavam os ombros num corte que decerto já tinha saído de moda havia muito, mas que emoldurava perfeitamente o rosto em forma de coração. A silhueta era razoavelmente rechonchuda. Os olhos eram plácidos, límpidos, calorosos. Fazia mais de trinta anos que eles se conheciam. Tinham sido namoradinhos de colégio. Depois se casaram, compraram uma casa, aquele mesmo bangalô onde se encontravam. Mas os filhos que ela tivera não eram dele, não era ele o homem com quem ela dividia a casa, a quem era dedicada. E, embora Susse lhe abrisse a porta de vez em quando com aquela generosidade que era um dos traços mais marcantes de sua personalidade, não havia a mais remota possibilidade de que ela fosse infiel a Ben.

Tampouco era essa a vontade de Søren. Não era para isso que ele estava ali. Era mais pela... paz. Uma pequena dose de sossego e normalidade antes de voltar àquele mundo em que pessoas enterravam garotos em tanques de combustível e planejavam construir bombas contaminadas com material radioativo para causar o maior número de mortes possível.

Ele tomou uma longa chuveirada no banheiro do porão, depois se deitou na cama do quarto de hóspedes, que na verdade era o estúdio em que Ben ensaiava, um cômodo repleto de discos de vinil, amplificadores, três guitarras diferentes, dois teclados e um contrabaixo num canto. Não demorou para que ele apagassem como se alguém tivesse desligado um interruptor.

Foi Susse quem o acordou.

– Seu telefone está tocando.

De fato o aparelho vinha tocando sem parar, cada vez mais alto, mas Søren nem tinha ouvido. Não até que a ex-mulher o sacudisse pelo ombro.

Ele enfim atendeu.

– Alôôô... – disse, com a impressão de que alguém havia tentado limpar sua garganta com uma escova de banheiro.

– Oi, sou eu, Gitte.

– Fala.

– Jesper Due ligou do hospital. A enfermeira sumiu.

– Como assim, sumiu?

– Ainda estamos examinando as imagens das câmeras de segurança, mas parece que ela deixou o hospital com um cara mais ou menos novo, sem dizer nada para ninguém. Uma das enfermeiras chegou a vê-los juntos no quarto.

Søren praguejou.

– Não era o marido dela? Ou ex-marido, sei lá?

– Não. Já ligamos para ele.

– E ninguém a estava vigiando?

– Não. Quando o Jesper chegou lá, ela já tinha ido embora.

Merda. Merda. Merda.

– Ah, o cara do NBH ainda não chegou – prosseguiu Gitte. – O voo de Budapeste está atrasado.

Pelo menos isso, pensou Søren, muito embora ainda tivesse que encontrar um tempinho para receber o húngaro. As colaborações internacionais eram importantes, necessárias e tal, mas também demandavam certa medida de diplomacia, e no momento eles não tinham os recursos de que precisavam para o protocolo.

– Chego aí em quinze minutos – disse ele.

~

As imagens de vídeo do hospital eram uma sucessão de borrões granulados, mas havia um trecho em que era possível identificar claramente Nina Borg. Ela vestia um agasalho escuro e de fato estava acompanhada de “um cara mais ou menos novo”. Eles caminhavam lado a lado, separados por pouco mais de um metro. A única certeza que se podia ter era que o sujeito não era Sándor Horváth.

– Você acha que ela saiu por iniciativa própria? – perguntou Gitte.

Søren balançou a cabeça ligeiramente e Mikael interveio:

– O cara está afastado demais para ser uma coação. Eles estão num local público, um monte de gente por perto. Ele estaria mais próximo da mulher se quisesse controlá-la. Além disso, não há nenhum sinal de que esteja armado.

– Sim, mas armas podem ser das mais diversas naturezas – observou Søren. Em seguida, pediu: – Providenciem uma imagem congelada desse sujeito, a mais nítida possível, depois mandem para

todas as divisões. Inclusive para o NEC. Nunca se sabe. Talvez alguém por lá saiba quem é essa pessoa. Então, Mikael, você conseguiu falar com a filha da enfermeira? Com o namorado dela também, que foi atacado?

– Ela não estava na escola – explicou Mikael. – Até chegou a ir para lá, apesar do ataque, mas depois pediu para ir embora e eles deixaram, claro. Vou dar um pulo naquele endereço em Greve, para ver se a acho por lá.

– Tente encontrar o namorado também, o tal de Ulf. Traga os dois para cá. Quero falar com eles. Ah, Gitte... Será que alguém de Transportes pode ir até o aeroporto buscar o nosso colega do NBH?

– De Transportes? Todo mundo está naquele treinamento. Ou vai a moça da cafeteria ou então vou eu. Será que não dá para ele tomar um táxi?

— **MUITO BONITO ISTO AQUI...** — comentou o homem, olhando para a imensidão verde da planície, entrecortada aqui e ali pelos fiapos cinzentos e salobros de algum curso d'água. As nuvens iam baixas no horizonte, riscando o céu com um tom azul-escuro.

Nina percebeu que o homem estava de bom humor. Ele guiava com apenas uma das mãos no volante e, com um toco de cigarro entre os dedos da outra, gesticulava sempre que queria mostrar algo particularmente interessante na paisagem. Ali, ali, ali... Do outro lado daquele arvoredo, ele havia pescado uma truta com uma isca artificial, como costumava fazer na Finlândia. Diversos fios pendiam de um buraco na coluna de direção, certamente porque a van verde fora roubada. O celular com as imagens de Ida jazia esquecido sobre o painel; tudo indicava que ele não era mais necessário, que o homem já tinha outras coisas na cabeça.

Nina tinha a estranha sensação de que deixara o próprio corpo. Precisava se refugiar não apenas da exaustão e dos enjoos, mas sobretudo daquela conversa mole que o finlandês vinha desfiando desde que haviam deixado o estacionamento do hospital. No início, ela tentara tirar dele mais alguma informação a respeito de Ida, descobrir onde estava a filha, se ela estava bem, mas o homem ora ignorava suas perguntas, ora a mandava calar a boca. Por fim, ela se resignara a olhar pela janela e deixar que ele falasse sozinho. Não saberia dizer onde estavam agora, talvez nas imediações da Dragør Sydstrand, na parte sul da ilha de Amager, nos subúrbios de Copenhague. De repente, ela avistou uma pequena edificação mais ao longe na estradinha de cascalho e, nesse mesmo instante, o finlandês magricela acelerou, virando o rosto para lhe dar um sorriso.

Tratava-se de uma casa de fazenda bem ao estilo dos anos 1970, com janelas que pareciam lançar um olhar mortiço. O finlandês desceu, deixou cair a guimba e contornou a van para abrir a porta de Nina. Puxou-a para fora com tanta força que por muito pouco ela não aterrissou de joelhos no chão. Os pedregulhos do cascalho eram do tamanho de ervilhas e machucavam seus pés, ainda calçados apenas com um par de meias brancas. Além disso, não tinha nenhuma reserva de forças no corpo, nada que lhe permitisse algum tipo de resistência, e o finlandês parecia ter plena consciência disso, pois já ia batendo portas casa adentro, gritando com impaciência para alguém. Claro que não estava sozinho, pensou Nina, grogue. Três homens haviam invadido o apartamento de Østerbro, e agora, fosse lá onde tivessem escondido Ida... Era bem possível que ela estivesse ali.

Subir os degraus à entrada da casa foi o mesmo que escalar uma montanha e, a cada passo, Nina sentia o pulso acelerar. Assim como a fachada, o hall era uma relíquia dos anos 1970, forrado com um carpete verde já bastante surrado, sobre o qual se via apenas um par de tamancos de plástico sem salto. A porta que dava para o que parecia ser uma cozinha estava aberta. O piso era de um linóleo bem esgarçado num tom claro de amarelo com motivos florais em marrom e, onde outrora havia armários de parede, se viam apenas manchas encardidas. Uma mesa de baralho estava encostada à

parede com uma chaleira elétrica e uma pilha de jornais velhos. No chão, jazia um quadro com o vidro espatifado e a foto de uma moça nua, escancarando as pernas e levando à boca os peitos enormes com mamilos róseos. *Sabrina, 18 anos*, informava a legenda. *Gosta de ficar de quatro, de pegada forte*.

Tomando cuidado para não pisar nos cacos de vidro, Nina atravessou a cozinha e passou à sala da casa.

A primeira coisa que viu foi Ida.

Na extremidade oposta do cômodo, sentada no chão, ela se encolhia com as costas apoiadas na parede e um dos braços jogados displicentemente sobre a cabeça. Uma boneca de pano descartada por uma menina entediada. Os olhos estavam mais escuros que de costume. O rímel havia borrado, transformando as órbitas em poços profundos e negros. Mas ela estava ali, encarando-a atentamente, com aquela mesma expressão adolescente de desafio. Ali estava a filha.

O alívio de Nina foi tão grande que por um momento ela perdeu o chão. Ajoelhou-se ao lado de Ida e, com delicadeza, correu um dedo pelo rosto borrado de preto.

– Mãe?

Com o olhar não mais alerta, ela deitou a cabeça descabelada no ombro da mãe e, quase atropelando as palavras, disse:

– Ele apareceu lá na escola, no meu horário livre, e a gente tinha ido até a padaria, e eu nem tive tempo de fazer nada quando ele... Mãe, me desculpa, me desculpa, me desculpa...

Os soluços irromperam como um terremoto, fazendo-a tremer da cabeça aos pés. Nina tentou puxá-la mais para perto e apertar aquele corpo desengonçado de adolescente, mas não conseguiu. Só então entendeu por que a filha estava sentada daquele modo tão estranho. Alguém prendera o pulso esquerdo dela ao cano do radiador com uma algema descartável preta. Ainda assim, a filha se agarrou à mãe com o braço livre enquanto tagarelava sobre Ulf, sobre Morten, sobre o que havia acontecido na escola. Sem prestar atenção ao que ela dizia, Nina esticou o braço até a algema. Estava apertada, mas não a ponto de machucar.

Afagando os cabelos dela, correu os olhos à sua volta e só então percebeu o rapaz do outro lado do radiador, também sentado no chão e preso ao cano que corria às suas costas. Espantou-se ao reconhecer nele o garoto de Valby. O ferimento acima da sobrancelha estava um pouco aberto e ele parecia ter apanhado ainda mais desde o último encontro com Nina: a face direita estava quase tão roxa quanto as paredes da sala e uma ferida profunda sangrava em sua mão livre.

Nina não se condeou nem um pouco do garoto. Não importava o que tivesse feito para estar amarrado ali; ele merecia a surra que havia levado. Pena que não fora ela quem a dera.

O finlandês parecia ter se esquecido dela. Colocara um chapéu de caubói e talvez por isso estivesse caminhando daquele modo tão presunçoso. Ele abriu uma cerveja e grunhiu de dor quando acidentalmente bateu a borda da latinha contra o nariz machucado.

– Você aí, cigano. Sándor... É assim que você se chama, não é? – perguntou, apontando a lata para o garoto de Valby. – Como se fala “boceta” em húngaro?

O rapaz ergueu a cabeça lentamente, mas não respondeu. O finlandês chutou de leve a perna dele.

– Anda, diz aí. Como se fala?

– *Cuna* – respondeu o garoto, inexpressivo.

O caubói psicopata franziu a testa.

– Como se escreve? – quis saber, como se aquilo fosse uma informação vital para uma dissertação sua sobre a língua húngara.

Na sala também estava outro homem, sentado no sofá preto de couro que ficava no centro do cômodo. Ao lado dele, um encorpado labrador cor de chocolate abanava o rabo timidamente enquanto seguia o caubói com os olhos. O homem fechou o laptop em que vinha trabalhando, ergueu os ombros quase à altura das orelhas e, irritado, cravou os olhos no finlandês, que havia acabado de tirar um cigarro do bolso e agora perambulava em torno do sofá com sua lata de cerveja na mão.

– Porra, Tommi. Será que você não consegue ficar parado um segundo?

O finlandês abriu um sorriso afetado.

– É contra a minha filosofia de vida. Pedras rolantes não juntam limo, sabe como é. – Mas, de repente, ele estacou e, estreitando os olhos na direção de Nina, falou: – Muito tocante esse reencontro de mãe e filha. Mas agora a gente tem um negocinho para tratar.

Nina teve a estranha sensação de que deixara de ser apenas uma companheira de conversa fiada do psicopata para se tornar um inseto sob a lupa de um garoto sedento de vingança depois de apanhar na escola. Não fazia ideia de que “negocinho” aquele homem teria para tratar com ela, mas boa coisa não deveria ser.

E ela ainda não podia fazer nada. Não havia a menor possibilidade de que conseguisse soltar a filha para arriscar uma fuga. Mesmo que, por obra de um milagre, ela conseguisse sair daquela casa com Ida, elas estavam no meio do nada, cercadas de campos por todos os lados, de muitos quilômetros de estradas de terra. Os músculos das suas coxas já tremiam apenas pelo esforço de se ajoelhar ao lado da filha. Sua mandíbula estava retesada e a boca estava seca, pastosa, clamando por água.

– O que vocês querem? – perguntou ao homem no sofá, deliberadamente ignorando o finlandês irrequieto que ele havia chamado de Tommi.

O homem do sofá lhe parecia uma pessoa mais normal. Aliás, tão normal que se encaixaria perfeitamente em um dos subúrbios residenciais de Copenhague, desses em que os pais saem à rua com um cachorro, um carrinho de bebê ou uma bolsa de academia. Certos pais, no entanto, pareciam acalentar sonhos bem mais ambiciosos do que ver o filho sair vencedor de um campeonato de futebol da liga infantil. Nina não conseguia imaginar que vínculo aqueles dois homens poderiam ter com o material radioativo que passara pela oficina de Valby. Difícil imaginá-los fabricando uma bomba caseira. Não se via neles, tampouco naquela casa, qualquer coisa que pudesse ser associada a algum tipo de fundamentalismo religioso ou político. Então o que eles queriam? Talvez alguma coisa relacionada a dinheiro e moças de 18 anos feito Sabrina.

O homem no sofá não se dignou a responder-lhe. Dava a impressão de que nem a enxergava. Por uma fração de segundo, ele fixou os olhos muito azuis nela, depois se virou novamente para Tommi..

– Tudo bem, então. Mas você cuida disso. – Seu inglês tinha um forte sotaque dinamarquês. – Não estou a fim de lidar com esse tipo de coisa agora. – Reabriu o computador e deu um gole numa caneca vermelha de cerâmica pintada com letras infantis pretas: PARA O PAPAI.

Então, Nina sentiu os dedos magros e fortes de Tommi se fecharem em seu braço.



– O casaco, cadê ele?

O quarto para o qual Nina havia sido arrastada era inteiramente pintado de azul-bebê com estrelinhas brancas que desciam do teto para as paredes. Quase toda a área do cômodo era ocupada por uma cama de casal com seu desbotado edredom de estampas florais, fazendo com que uma cadeira de plástico branca e algumas latas de tinta vazias competissem pelo pouco que sobrava do espaço. Acima da cama, uma TV de tela plana projetava uma luz azulada pelo quarto. O ambiente tinha um leve odor de celeiro misturado a cheiro de mofo e desodorante de carro, desses que os motoristas penduram no retrovisor. Tommi cruzava os braços diante de Nina, trazendo no rosto a mesma expressão de superioridade que havia exibido no hospital ao sacar o celular para mostrar as imagens de Ida.

– Casaco? – perguntou ela. – Que casaco?

– Na noite de sábado, você deu carona para aquele ciganinho de merda. Ele estava usando um casaco. Cadê o casaco?

Nina começou a ligar os pontos. O rapaz húngaro. Ainda no Fiat, bem em frente ao seu prédio, ela havia retirado o casaco do garoto para examinar as costelas dele. Depois disso... o que teria ocorrido? Os acontecimentos daquela noite bruxuleavam na sua lembrança, semiescondidos pelas nuvens verdes do enjoo.

– No carro – respondeu ela afinal. – Ficou no carro.

– Mentira – disse o finlandês, encarando-a, inexpressivo. – Não acredito em você.

Nina esperou alguns segundos por uma explicação que não veio. O finlandês balançou a cabeça lentamente, depois ergueu a mão e desferiu um tapa na face esquerda dela. O golpe não chegou a ser forte, mas foi inesperado. Nina cambaleou para trás e bateu as costas na parede. Os olhos do finlandês estavam vidrados, assim como no hospital enquanto empurrava a cabeça dela contra o travesseiro. Ela agora tremia não só de exaustão, mas também pela antecipação de um novo tapa. No entanto, o homem subitamente lhe deu as costas, pegou o laptop conectado ao aparelho de televisão e o colocou sobre a cama. A tela plana tremeluziu e abriu uma página com um menu de opções. *Putinha currada no hotel. Colegial com o professor.* E, claro, mais *Sabrina, 18 anos*, que aparentemente gostava de tudo a qualquer hora e em qualquer posição. Sem nenhuma pressa, o finlandês navegou pelos diversos títulos até escolher o vídeo de duas asiáticas na praia.

As sirenes de alerta máximo já haviam disparado desde muito na cabeça de Nina. A porta às suas costas ainda estava aberta e todas as células de seu corpo pareciam clamar por uma tentativa de fuga. Sua vontade era sair dali imediatamente. Correr para Ida, libertá-la daquele cano, tirá-la daquele lugar, mantê-la o mais longe possível daquele homem. Afinal, que interesse ele poderia ter num casaco?

– Se não está no meu carro, então não sei onde está.

Tommi nem ergueu o rosto do computador. O ruído de seus dedos ágeis tecando era o único som

no quarto. De repente, uma nova imagem surgiu na televisão. Ida. Mas num outro momento, não aquele que o finlandês havia mostrado no hospital. Ela agora estava em seu quarto no apartamento de Østerbro. O vídeo começou e Nina imediatamente cravou os olhos nele. Ida tentava escapar da filmagem, mas alguém a imobilizava por trás. Nina levou alguns segundos para reconhecer o rosto chupado do finlandês. Era ele quem estava segurando sua menina, tocando nela. O homem precisava de muita força para mantê-la no campo de visão da câmera, apertando o antebraço contra os seios dela enquanto lhe sussurrava algo no ouvido. Ida continuou a berrar e a chutar quando ele começou a baixar a calcinha dela, mas por fim passou a chorar, nua, os ombros derreados, trêmulos. O homem que a filmava aparentemente se entediou com o que via, pois começou a passear com a câmera pelo quarto, apontando-a para os outros dois homens junto da escrivaninha de Ida. Nina reconheceu o rosto perplexo e a cabeça raspada de Ulf, bem como o rapaz ao lado dele, o jovem cigano, que exibia uma expressão estranhamente vazia, como se nem estivesse ali. Alguém balbuciou alguma coisa. Talvez Ulf. O homem com a câmera desistiu de fixá-la para o que quer que fosse e berrou: “Calado aí, seu frangote tarado!” Depois disso, a imagem congelou.

Tommi se virou calmamente para Nina.

– Você ficaria surpresa com o sucesso que esse tipo de coisa faz na internet... Dá para descolar uma boa grana, se você tem o material certo. Sua filha é muito bonita, é fotogênica. A gente bem que podia fazer um segundo filminho com ela. Só eu e ela...

Ele pôs a língua pontuda para fora dos lábios encardidos de cigarro, em seguida para dentro, para fora, repetidas vezes, num gesto quase cômico. Aquilo foi o suficiente. Encarando o homem, Nina teve um furtivo momento de felicidade ao se imaginar fincando os dedos nos olhos ligeiramente injetados dele, arranhando, mordendo e chutando o filho da puta até ter absoluta certeza de que o havia machucado o bastante para que ele nunca mais se levantasse do chão, para que nunca mais encostasse um dedo que fosse em Ida.

No entanto, ela não fez nada disso. Simplesmente ficou imóvel sobre o carpete cinzento e manchado de gordura. Sentia o corpo inteiro enregelado. Virar a cabeça era difícil. Respirar era difícil.

Ela pensou na radiação que havia contaminado a oficina de Valby, nos raios que tinham penetrado em tudo, nela, nas crianças... Sabia que deveria dar importância a tudo isso, mas só teve forças para fechar os olhos e tentar lembrar onde deixara o casaco. Colocara-o no banco de trás do carro junto com o kit de primeiros socorros, depois...

Ela procurou relembrar todos os detalhes daquela noite. Os enjoos, a enxaqueca. A penosa viagem até a Cruz Vermelha. Foi então que lhe ocorreu. Havia dois casacos. Antes de levá-la para o hospital, Magnus tinha retirado do Fiat todas as coisas dela e as transferira para seu adorador Volvo. Entre essas coisas, havia dois casacos. O dela e o do rapaz húngaro.

– Magnus Nilsson – disse ela, e engoliu em seco. – Meu chefe lá na clínica. Estava tudo no carro dele quando a gente saiu do acampamento da Cruz Vermelha.

Deixou a cabeça pender para trás, lembrando-se da sensação de leveza quando Magnus a havia carregado. Magnus, grande, forte, ocasionalmente mal-humorado. Só lhe restava esperar que o amigo não estivesse presente no momento em que o finlandês desse as caras.

O homem deixou que ela se sentasse ao lado da filha, não sem tomar o cuidado de prendê-la ao mesmo cano de radiador. Ao cabo de algumas demoradas manobras, as duas enfim conseguiram se ajeitar numa posição mais ou menos confortável: o braço de Nina servia de apoio para a nuca de Ida. Pouco depois, o finlandês sumiu. Tão logo ouviu o barulho de pneus no cascalho, Nina deduziu que ele estava indo em busca do casaco esquecido no Volvo de Magnus. O Sr. Subúrbio ainda se achava no sofá preto, olhando fixamente para o computador à sua frente. Ida agora cochilava com a cabeça apoiada no ombro da mãe.

Embora o cansaço paralisasse cada músculo de seu corpo, Nina não conseguia dormir. Ela agora estava preocupada com Magnus. Com ele e com Ida. Não havia o menor indício de que aquele seria o fim da história. Era um péssimo sinal que o finlandês não tivesse tomado o cuidado de esconder o próprio rosto ou de manter em segredo a localização daquela casa de fazenda.

Baixando os olhos para o rosto borrado de lágrimas que pesava em seu ombro, Nina se corroeou com a mesma sensação de impotência que a tomara de assalto no hospital ao ver as imagens gravadas no celular do tal Tommi. Ela não deveria ter entregado Magnus. Não deveria ter ajudado aquela gente a encontrar a porcaria do casaco. Talvez tivesse adiado o martírio de Ida, mas nada além disso.

O rapaz do outro lado do radiador deslizou a mão machucada alguns centímetros pelo cano em que estava preso e gemeu baixinho quando tentou erguer o corpo. Em seguida, pigarreou e, de rabo de olho, Nina viu que ele a fitava.

– Desculpe – disse o rapaz.

Nina se remexeu um pouco para poder encará-lo. O sujeito estava com um péssimo aspecto. A camisa estava empapada de suor, imunda, coberta do sangue escorrido tanto do rosto quanto da mão. Os olhos não tinham nenhum brilho, pareciam desbotados.

– Eu estava lá no apartamento – prosseguiu ele. – Devia ter feito alguma coisa para impedir aqueles dois.

Seu inglês era mais fácil de entender que o do finlandês, talvez porque ele falasse mais devagar, levando um bom tempo até encontrar as palavras certas. Nina não se deu o trabalho de responder. Não tinha energia suficiente para dar ao rapaz a água, o sabão e a toalha de que ele precisava para lavar as próprias mãos. Vira as imagens. Não havia ninguém apontando uma arma para a cabeça dele. Ninguém o obrigara a ficar olhando de braços cruzados enquanto arrancavam a calcinha de sua filha. Ele estivera livre para fazer o que bem entendesse.

– Minha filha só tem 14 anos – replicou ela, irritando-se ao perceber que a voz tremia de cansaço e revolta.

O rapaz se contraiu. Nina sabia que o correto naquele momento seria ter pena dele. Mas não estava nem aí.

– *Eu* teria feito alguma coisa – rosnou ela. – *Qualquer coisa* para impedir aqueles homens.

Ida ergueu a cabeça, ainda acomodada no ombro de Nina, para fitar o rapaz.

– O Sándor não tem culpa nenhuma, mãe. Ele não podia fazer nada. Estavam com o irmão dele. *Mataram* o irmão dele.

Nina ficou muda e imóvel. Não fez nenhum comentário de surpresa, de dúvida ou de solidariedade. Apenas sentiu o peso do corpo da filha e tentou não pensar nas implicações do que acabara de ouvir. Eles já haviam matado uma pessoa. Já haviam ultrapassado esse limite.

— SEJA QUAL FOR O ÂNGULO PELO qual você olha — falou Torben, alongando-se na cadeira —, trata-se de uma organização secreta que infringe regularmente algumas das leis deste país.

Søren sentia-se quase tão cansado quanto antes da soneca que havia tirado.

— Eles ajudam refugiados deportados e outros imigrantes ilegais, só isso — retrucou. — Um bando de bons samaritanos sentimentais, pelo amor de Deus, muito diferente de uma gangue de extremistas perigosos.

Eles estavam cercados de inúmeras caixas que continham as pastas de arquivo confiscadas na casa de Peter Erhardsen em Vanløse. Nomes, datas, endereços, orçamentos. O sujeito tinha mais informações sobre seus “clientes” do que qualquer organização de assistência social, mas não fazia a menor ideia de como liderar uma operação clandestina. Aquelas listas tão meticulosas bastariam para desmantelar definitivamente o que eles chamavam de “Rede”.

— Você, mais do que qualquer outra pessoa, deveria saber que motivos altruístas ou idealistas nunca são o bastante para que descartemos a possibilidade de uma ação terrorista. Pelo contrário. Existe um risco *real* de que estejamos lidando com um grupo de pessoas dispostas a fazer algo para promover sua causa durante a conferência.

— Sim, mas não uma bomba suja, pelo amor de Deus.

Søren perscrutou o chefe na esperança de descobrir se ele realmente acreditava no que acabara de dizer ou se estava apenas fazendo as vezes de advogado do diabo. Torben não era lá muito fã da atual política do governo relacionada à imigração, mas talvez por isso mesmo julgasse necessário redobrar os cuidados no sentido de avaliar o mais objetivamente possível os riscos de uma situação.

Alguém bateu à porta. Era Gitte.

— Nosso amigo do NBH já chegou — avisou ela.

— Ótimo — disse Torben. — Precisamos resolver essa história antes que seja tarde demais.

Søren ergueu o rosto abruptamente, a tempo de notar toda a tensão que o chefe procurava esconder sob a postura tranquila e profissional. Ao perceber que ele havia notado, Torben sutilmente encolheu um dos ombros e falou:

— A Estação Central. Ou o estádio numa noite de jogo internacional, uma quarta-feira qualquer. Eles nem precisam escolher algum participante da conferência como alvo. Basta acertar uma parte da cidade. Se eles conseguirem abrir uma cratera grande e radioativa em algum lugar no centro de Copenhague, a conferência não vai mais acontecer, pelo menos não aqui, não agora. E talvez isso já seja uma vitória para eles.

Søren sentiu um frio na espinha. Ainda bem que naquele momento não era ele o responsável pela segurança interna do país. Ainda bem que não caberia a ele decidir como distribuir os poucos recursos disponíveis, para onde mandar um técnico com um contador Geiger, para onde *não* mandar.

Não seria possível cobrir toda a cidade. Alguém teria que priorizar quem e o que deveria ser protegido. Quanto ao resto, só o que podia ser feito era esperar pelo melhor.

– De que tamanho seria essa área de que estamos falando? – perguntou Søren. – Quero dizer, a zona de contaminação.

Outro gesto discreto do ombro.

– Depende inteiramente da força dos explosivos e da quantidade de material radioativo – respondeu Torben. – Quanto a essa última variável, talvez a gente descubra mais sobre ela depois que falarmos com nosso companheiro do NBH.

~

O agente húngaro mais parecia um lutador aposentado, pensou Søren. Baixo, cabelos escuros já com alguns fios brancos, ombros fortes e pescoço largo, com mais músculos do que gordura. Chamava-se Károly Gábor e irradiava uma serenidade profissional que não deixava nada a dever à de Torben.

– Rastreado o material radioativo, chegamos a este velho hospital desativado – informou ele, e apertou um botão do laptop. O projetor agora exibia a foto do esqueleto de um prédio e um pequeno mapa indicando a localização. – Ao que parece, as tropas soviéticas abandonaram um equipamento de terapia radioativa no porão deste hospital quando foram embora em 1990. Infelizmente, a substância presente é o cloreto de cézio, que, além de ter uma meia-vida biológica muito longa, cerca de trinta anos, possui propriedades físicas que facilitam em grande medida a sua disseminação no ambiente quando o lacre é rompido.

Outra foto, dessa vez mostrando pessoas em macacões amarelos não muito diferentes daquelas que descontaminavam o solo de Valby. O que se via no fundo era uma favela latino-americana.

– A título de comparação, há este desastre que aconteceu no Brasil em 1987, na cidade de Goiânia, onde um descuido no manejo de um equipamento semelhante ao nosso resultou na morte de quatro pessoas e na contaminação grave de outras 249. Assim como neste dispositivo de Goiânia, o nosso estava lacrado numa cápsula de chumbo cilíndrica alojada numa segunda cápsula também de chumbo, ambas com pequenas aberturas que, ao serem alinhadas, e só assim, deixavam escapar um rápido e controlável jato de radiação.

Gráficos comparativos e animações ilustravam a exposição do húngaro, que havia feito direitinho seu dever de casa.

– No nosso caso, entretanto, o dispositivo foi danificado durante um terremoto. A cápsula externa rachou, permitindo que os dois ciganos que encontraram o dispositivo tivessem acesso à cápsula interna: um pequeno cilindro cheio de sal de cézio, que depois foi acondicionado numa lata de tinta grande, recheada de areia. Interrogamos um desses ciganos, um garoto de 18 anos chamado László Erős, mais conhecido pelo apelido Pitkin. Ele agora está num hospital em Miskolc, sendo tratado da sua intoxicação radioativa. Parece que vai ficar bem. O outro, de 16 anos, chama-se Tamás Rézmüves e foi identificado com base na foto que vocês nos enviaram. É o cadáver que vocês encontraram.

Gábor apertou mais um botão e uma nova foto surgiu: o Branca de Neve vivo, sorrindo

petulantemente para a câmera. Os dentes eram um tanto separados, mas isso não subtraía nada do charme do garoto.

– Como ele foi parar num tanque de combustível em Valby? – perguntou Mikael.

– É bem provável que ele e o meio-irmão, Sándor Horváth, tenham encontrado na Dinamarca um comprador para o material radioativo, logo vieram fazer sua entrega aqui. Acreditamos que a motivação de ambos tenha sido exclusivamente financeira, mas não podemos afirmar com certeza. Parece que o jovem Rézműves nutria certa revolta pelo sistema húngaro. Quanto à identidade do comprador, a única pista que temos é o endereço de IP que já passamos para vocês.

– Ainda não conseguimos encontrar nenhum vínculo entre esse endereço e os ciganos de Valby – falou Søren. – Mas continuamos trabalhando nisso. O que de fato sabemos, no entanto, é que Sándor Horváth esteve em Valby.

– Depois disso ele não foi encontrado?

– Não. O celular está desligado desde sábado e até agora o cartão de crédito não foi usado. Ninguém viu o garoto desde a noite de sábado, quando aparentemente ele ajudou na invasão do apartamento de uma das pessoas que cuidavam das crianças doentes em Valby, uma enfermeira dinamarquesa chamada Nina Borg. Foi ela quem nos falou da tal oficina mecânica em Valby, depois de ter sido diagnosticada com intoxicação radioativa.

– E vocês interrogaram essa tal Nina, claro.

– Tudo indica que se trata apenas de uma enfermeira idealista tentando ajudar os necessitados. Por outro lado... – Søren hesitou um instante. Qual seria a palavra certa? “Fugir” talvez fosse um exagero. – Ela deixou o hospital na companhia de um homem relativamente jovem que ainda não conseguimos identificar. E também não sabemos onde ela se encontra no momento.

Gábor arqueou uma das sobrancelhas apenas alguns milímetros, mas o bastante para que Søren praguejasse baixinho. Nenhum sinal de Sándor Horváth e, como se não bastasse, uma das principais testemunhas do caso simplesmente saíra do hospital sem nenhum esquema de vigilância. O húngaro deve achar que somos amadores.

O celular de Søren vibrou no bolso da calça, mas ele não atendeu. Fosse quem fosse, teria que esperar até o término da reunião. No entanto, ele percebeu a inquietude de Gitte na fileira de cadeiras atrás dele e, dali a pouco, ela se inclinou e lhe entregou o próprio celular.

– Acho que você devia ouvir isso aqui, chefe – sussurrou.



Eles haviam trazido o namorado da filha de Nina Borg para ser interrogado numa das saletas do Prédio C. Ele parecia nervoso e tinha um hematoma no rosto, fruto do ataque de sábado à noite.

Era um adolescente de 1,60 metro e cabeça raspada vestindo uma camiseta preta do Iron Maiden e calças camufladas caídas. Estava sozinho porque a namorada Ida não fora encontrada.

– A gente se conhece de Greve – explicou ele. – Moro do outro lado da rua.

– Pensei que ela morasse em Østerbro...

– Não mais. Ela foi morar com a tia desde que a mãe começou a brilhar no escuro e contaminou o

apartamento deles lá em Østerbro. Mas ainda está estudando na Jagtvejen. A gente tinha combinado de se encontrar depois da aula, mas ela não apareceu. Quando fui falar com uma colega dela, Anna, ela disse que a Ida não tinha aparecido nos dois últimos períodos.

Søren ergueu o indicador na direção de Gitte. Ela meneou a cabeça e saiu da sala. Eles também não haviam encontrado Ida no endereço em Greve. Era possível, claro, que a garota tivesse ido para a casa de alguma amiga, mas, por outro lado, era estranho que tantas pessoas associadas ao caso estivessem sumindo assim, de uma hora para outra. Talvez já fosse a hora de apertar o botão do pânico.

– Ulf, gostaríamos de saber mais um pouco sobre os três homens que atacaram vocês.

Pacientemente, Søren começou a perguntar, sem forçar a barra, mas tirando informações dele. O primeiro homem era mais baixo ou mais alto do que você, Ulf? Estava usando um casaco, uma camiseta, uma camisa social? Eles falavam inglês com o mesmo sotaque ou com sotaques diferentes?

– Diferentes – respondeu Ulf. – O que não estava mascarado quase não disse nada. Mas os outros dois, os de meia na cabeça... um deles era dinamarquês, eu acho. O outro falava meio assim... tipo aqueles caras do *The Dudesons*.

– *The Dudesons*? O que é isso?

– Aquele programa de televisão, não conhece? Aqueles finlandeses malucos que fazem todo tipo de doideira na frente das câmeras, tipo... tacando fogo neles mesmos, sentando de bunda de fora no formigueiro... essas coisas. Mais ou menos que nem o *Jackass*.

– Quer dizer então que um deles era finlandês?

Ulf deu de ombros.

– Sei lá. O cara, tipo, falava como eles, só isso.

Nesse instante, Ulf baixou os olhos para a mesa e Søren pôde ver que ele se debatia com alguma coisa. Lágrimas, que não eram “coisa de macho”? Afinal, o suposto finlandês também havia arrancado a calcinha de Ida enquanto o outro filmava tudo com a câmera do celular. Isso era mais do que suficiente para despertar emoções até mesmo em almas bem mais fleumáticas que a do jovem Ulf.

– Por que ela não apareceu lá na escola? – perguntou ele, ainda com os olhos baixos. – Aconteceu alguma coisa com ela?

– Não vamos imaginar o pior – respondeu Søren.

Porém, ele pensou consigo mesmo que, se o cara do *The Dudesons* tivesse a garota como refém, era mais do que compreensível que a mãe não houvesse oferecido nenhuma resistência ao sair daquele hospital.

— APOLÍCIA VAI ENCONTRAR A GENTE, não vai, mãe? Ninguém fica em cativeiro por muito tempo num país tão pequeno como a Dinamarca. Hoje em dia eles conseguem fazer tanta coisa com um celular e... e...

Ida estava falando com uma voz estridente, no seu inglês claudicante, ora olhando para Sándor, ora para a mãe, como se ali estivessem seus pais divorciados e ela tentasse em vão promover uma conversa entre eles.

No sofá, o Sr. Subúrbio assistia a um DVD de James Bond e o troar das explosões retumbava no poderoso sistema *surround* enquanto Pierce Brosnan pelejava com os vilões. O suporte da televisão havia empenado substancialmente para o lado direito, deixando a imagem torta, mas nada indicava que o sujeito se incomodasse com isso.

— Claro que vão encontrar a gente — garantiu Nina calmamente, em dinamarquês. — E, se não encontrarem, estou aqui para proteger você. Não se preocupe, tudo vai acabar bem.

Sándor meneou a cabeça como se adivinhasse o que ela estava dizendo e endossasse o otimismo, mas em seguida eles se entreolharam furtivamente, e Nina pôde ver nos olhos dele a mesma conclusão a que ela própria já havia chegado: se eles não fizessem alguma coisa, e rápido, Tommi e o Sr. Subúrbio matariam todos. Ida por último, provavelmente.



Ida já havia adormecido quando Tommi voltou.

O vento soprava forte do lado de fora e Nina podia ouvir o fustigar da chuva na janela acima do radiador. O Sr. Subúrbio tinha preparado uma sopa instantânea na chaleira elétrica da cozinha e agora falava ao telefone enquanto comia, uma longa conversa que terminou com um carinhoso “Beijinhos, minha linda”. Nina deduziu que do outro lado da linha estivesse a pessoa que o presenteara com a caneca de cerâmica vermelha. Frederik, era esse o nome do homem, pelo que Sándor dissera. Mas ela continuava a pensar nele como o Sr. Subúrbio.

Outro filme de James Bond passava na televisão, dessa vez um dos clássicos com Sean Connery, e o Sr. Subúrbio assistia com os pés cruzados sobre o sofá maior, terminando sua sopa antes de atacar os biscoitos de chocolate. Nina tentou calcular as horas. Seu relógio fora confiscado no hospital e sua última referência de tempo era o relógio digital do carro de Tommi, que marcava 14 horas quando eles chegaram. O crepúsculo chuvoso projetava uma luz amarelada sobre a sala e Nina imaginou que já passava das seis e seriam no máximo sete. Não dava para ser mais precisa do que isso.

Eles só deram pela chegada de Tommi quando ele já estava dentro da casa, atravessando a sala

com seu gingado de gato. Ainda trazia o chapéu de couro de aba larga enterrado na cabeça. Nina logo viu que a viagem dele havia sido um sucesso. Mais relaxado, ele abanava, triunfante, um papel entre os dedos enquanto se aproximava do Sr. Subúrbio.

– Consegui – disse.

O *staccato* do sotaque finlandês fez com que o Sr. Subúrbio se virasse e enfim baixasse o volume daquela cacofonia de carros e armazéns explodindo.

– Excelente – comentou ele com entusiasmo e, pela primeira vez desde a chegada de Nina, sorriu com gosto. Em seguida, ficou de pé e arrumou a camisa sobre a barriguinha incipiente. – É o nome do comprador?

Tommi balançou a cabeça.

– Não. É uma espécie de código, mas já saquei o que é. Dá só uma olhada nisto. – Ele desdobrou o papel e apontou. – Estes números aqui são datas e estes aqui, números de telefone. Só para mensagens de texto, como está escrito embaixo.

A essa altura, ele já havia sacado o celular para digitar o primeiro dos números. A seu lado, o Sr. Subúrbio olhava timidamente para o papel como se ainda não tivesse entendido direito o princípio da coisa. Percebendo isso, Tommi abriu um sorriso ferino.

– Ei, cara, o contador desta operação é você, não eu. Que tal você começar a mostrar um pouco de serviço? – Parou de digitar e, correndo o dedo sobre o papel que havia deixado sobre a mesa, explicou: – Esta coluna aqui é de datas e aqui... um número de telefone diferente para cada dia. Este comprador é um cara supercauteloso da porra. O que é ótimo para nós. Vou mandar um torpedo para ele dizendo que já estamos prontos para entregar a mercadoria.

Frederik assentiu e Nina pôde ver o esforço que ele agora fazia para conter um sorriso de felicidade. Então era apenas isto: dinheiro. Provavelmente uma fortuna, mas, ainda assim, só dinheiro.

O enjoo havia voltado e ela começava a ficar zozza depois de tanto tempo imobilizada. Ainda estava com sede, mas Sándor já tinha pedido água e recebido “não” como resposta. “Senão vocês vão querer mijar depois”, fora a explicação dada pelo Sr. Subúrbio, que aparentemente não queria nenhum contato com seus reféns durante a ausência de Tommi.

E agora que o finlandês estava de volta, Nina não queria pedir nada a ele. Não queria chamar a atenção do homem, por medo de que ele se lembrasse de Ida. O que ela realmente queria era ficar invisível junto com a filha. Até quando fosse possível.

Tommi foi até a cozinha e voltou dali a pouco com uma lata de cerveja na mão. Olhou de relance para o filme emudecido na televisão empenada, depois se jogou no sofá de dois lugares, quase inteiramente ocupado pelo labrador marrom. Deu um tapa no focinho do cachorro, que, pensando tratar-se de uma brincadeira, tentou abocanhar os dedos rápidos que dançavam à sua frente. O finlandês deu-lhe mais um tapa no focinho e outro mais forte na testa. Confuso, o cão ficou abanando o rabo até ser atropelado por mais uma saraivada de tapas na cabeça.

– Quer brincar, não quer? Que cachorro bonzinho!

Tommi desferiu mais um golpe na testa do labrador, que só então se deu conta da seriedade da situação. Ganindo, fugiu do sofá e foi se esconder debaixo da mesa de centro.

Frederik imediatamente se pôs de pé.

– Que diabos você pensa que está fazendo?

– Lugar de cachorro não é no sofá.

– Mantenha essas suas patas imundas longe do Tyson! – berrou Frederik. – Ele tem mais direito a esse sofá do que você!

Tommi encostou o queixo no peito e fez uma careta de espanto.

– Ora, ora, ora... Isso não foi lá muito gentil da sua parte – falou, com tamanho veneno que Nina sentiu um calafrio. O Sr. Subúrbio aparentemente também ficou assustado.

– Deixa o cachorro em paz, só isso – pediu, mas sem a agressividade de antes.

A ausência de oposição decepcionou o finlandês, que voltou os olhos inquietos para o trio de reféns sob a janela. Nina desviou o olhar na tentativa de se tornar invisível com a filha. Tarde demais. Tommi já atravessava a sala com passos rápidos e decididos.

– Olá, gatinha – disse para Ida, que havia despertado com toda a gritaria. – Quer virar uma estrela de cinema?

Ele as encarava do alto com as pernas afastadas, a virilha a poucos centímetros do rosto de Nina. Exalava um cheiro que era uma mistura de sabonete líquido vagabundo, nicotina e amaciante de roupas, um desses bem doces, que decerto vinha dos jeans desbotados. Nina ergueu os olhos e isso fez com que o homem sorrisse e projetasse a virilha, tão perto que ela instintivamente jogou a cabeça para trás, batendo-a contra o radiador. A seu lado, Ida estremeceu de raiva. Nina rezou para que ela fosse inteligente o bastante para não provocar o finlandês, para não lhe dar nenhum pretexto para tocar nela. Anos atrás, quando trabalhava nos campos de refugiados em torno de Dadaab, ela havia aprendido com as quenianas locais o que fazer para evitar problemas. O principal era não chamar atenção para si. Até mesmo o mais bruto dos homens gostava de ter um pretexto qualquer para estuprar. A menina que arriscava alguma afronta no olhar ou na voz era sempre a primeira a ser escolhida.

– Vai embora – vociferou Ida. – Deixa a minha mãe em paz.

Não faça isso, meu amor, pensou Nina. Não é seu trabalho me defender!

Tommi sorriu, mas de um jeito terno, desconcertantemente normal.

– Puxa, você é mesmo uma gracinha. Acho que vai ser um filme muito bom.

Ele se ajoelhou diante de Ida e foi correndo o dedo pela camiseta dela.

– Deixe a minha filha em paz – disse Nina baixinho, dando a mesma ênfase a cada sílaba. Não faria nada que pudesse despertar a ira do homem.

– Não me toca, porra! – sibilou Ida, e tentou morder a mão do homem.

Não, não, não, Ida... Não faça isso!

O finlandês agora respirava de modo diferente e começou a passar a mão sob a camiseta de Ida. Numa atabalhoada tentativa de se desvencilhar, Ida ficou de joelhos e se contorceu. Nina viu nisso uma oportunidade e, sem hesitar, desferiu um murro na virilha do finlandês com todas as forças que tinha.

Não acertou na mosca, mas perto o bastante para fazer o homem recuar um passo e pôr as duas mãos sobre a região, gemendo de dor. Então, de alguma forma, Sándor conseguiu apoiar ambas as

mãos no chão e chutou Tommi com os dois pés, como se desse um coice.

A sola de um dos sapatos bateu diretamente no nariz quebrado do homem. Tommi berrou de dor e revidou com um chute forte na coxa de Sándor, mas Nina teve a impressão de que o húngaro nem notou. Encolhido no chão, ele agora apertava contra o peito a mão machucada, que voltara a sangrar. Um hematoma na perna seria a última de suas preocupações.

– Parem com isso! – exclamou Frederik.

O labrador latia escandalosamente sob a mesa de centro, mas não dava o menor sinal de que pretendia sair dali para se envolver na briga.

– Eu mato esse moleque – disse Tommi. – Desta vez eu mato!

Ensandecido, ele se virou para pegar a jaqueta de franjas que havia jogado no encosto do sofá, mas Frederik foi mais rápido e puxou-a, tirando algo de um dos bolsos. Uma arma, claro. Nina surpreendeu-se apenas porque, em vez de um reluzente revólver prata de caubói de seis tiros, se tratava de uma pistola preta de cano curto, moderna, com no máximo 12 ou 13 centímetros de comprimento.

– Me dá isso aí – rosnou Tommi.

– Fica frio, homem – retrucou Frederik, visivelmente irritado, não muito diferente de um pai que é interrompido por uma briga dos filhos enquanto vê o noticiário. – Você está descontrolado! Primeiro o cachorro, e agora isso! Chega de confusão, está me ouvindo?

– Mas... – Tommi jogou os braços para o alto como se fosse protestar e, por um segundo, Nina chegou a pensar que ele fosse dizer “Mas foram *eles* que começaram!”.

Então, soou um *pling* em outro bolso da jaqueta de franjas junto de Frederik. Sem jeito, o dinamarquês largou a pistola sobre a mesa e pegou o celular.

– É ele. Vai ser hoje à noite. Às nove e meia. Mas o endereço vai ser enviado só mais tarde. – Ele encarou Tommi. – Agora falta muito pouco. Vê se você consegue parar de pensar com a cabeça do pau. De agora em diante quero discrição. Calma. Aquele outro negócio vai ter que ficar para depois.

Tommi lançou um olhar de fúria para Nina, Ida e Sándor. Para Frederik, disse:

– Tudo bem. Fica aqui então, bancando a babá.

Em seguida, despediu-se dos três reféns com um dedo médio erguido no ar e saiu para o quarto azul, provavelmente para ver um vídeo e aliviar a frustração na companhia da Sabrina de 18 anos.

Nina encarou Ida. Havia um pânico mal disfarçado nos olhos dela e o braço tremia apesar de preso ao cano.

– Está tudo bem, meu amor – mentiu. – Nada vai acontecer. Estou aqui para proteger você.

POUCO DEPOIS DAS SETE, ELES finalmente ganharam sua merecida bolada na loteria da identificação. Søren já havia tido uma conversa inútil com Malee Rasmussen, que não fizera mais do que repetir, com precisão quase cirúrgica, as frases prontas que ele já conhecia da gravação: “Comprei o imóvel como investimento. Não sabia que tinha gente lá. Desde fevereiro não piso naquele lugar.” Incapaz de identificar qualquer buraco na carapaça da mulher, ele acabara reconhecendo a própria derrota. Ela morria de medo de algo ou alguém e isso a blindava contra qualquer pressão de um interrogatório mais convencional.

Apenas porque estava desesperado, Søren havia passado quase vinte minutos assistindo na televisão a um grupo de jovens finlandeses com merda na cabeça que se sujeitavam às mais diversas modalidades de autoflagelo enquanto riam histericamente ou berravam coisas, sempre em inglês e com um sotaque carregado. Quando seu telefone tocou, ele não se incomodou nem um pouco com a interrupção.

Era sua amiga azul-marinho, Birgitte Johnsen.

– Acabei de ver a descrição que você distribuiu. A do homem no vídeo.

– Você sabe quem é? – perguntou Søren.

– Pode ser Tommi Karvinen.

Søren se empertigou na cadeira e bateu a caneta com força na borda da mesa.

– Um finlandês?

– Isso mesmo. Uma importação nórdica de que a gente realmente não precisava. Suspeitamos que ele tenha um envolvimento pesado com o tráfico, mas as moças que ele alicia não abrem o bico. Ainda não conseguimos botar as mãos nele. A não ser por uma condenação por posse de narcóticos em meados dos anos 1990, ele tem apenas uma suspensão de pena por agressão, um caso de 2003.

– Suspensão de pena?

– Ele bateu num cliente que havia agredido uma prostituta. O advogado alegou autodefesa em favor da prostituta, por isso foram mais lenientes com ele.

– Pelo ato cavalheiresco de defender uma pessoa?

– Exatamente. E ainda tem mais.

Ela fez uma pausa.

– Diga.

Pela voz de Birgitte, Søren percebeu que ela estava ansiosa para contar a próxima parte da história. Mas por que diabos precisava fazer tanto suspense?

– A tal prostituta, que evidentemente depôs como testemunha, era ninguém menos que Malee Rasmussen.

Bingo!

– Por favor, me passe tudo o que você tem sobre esse finlandês. A começar pelo endereço.

De repente, ele sentiu-se vivo de novo, afugentando para longe a frustração que o assombrava desde o início da tarde. Saltou da cadeira e escancarou a porta da sala.

– Gitte! Gitte, cadê você?

Christian apareceu, trazendo um material impresso.

– Gitte acabou de descer para tirar uma soneca no subsolo. Mas tenho isto aqui para você.

Søren automaticamente estendeu as mãos para receber os papéis.

– O que é?

– O resultado da pesquisa com os proprietários de Opel.

– Quero só o resumo. Descobrimos alguma coisa?

– Não exatamente. Nenhum endereço de IP interessante. Nenhum membro de um grupo militante conhecido. Nenhum antecedente criminal, a não ser por um sujeito que devia ser um hippie e pegou uma pena leve por posse de drogas lá pela década de 1970. Todos da lista são pilares da sociedade na faixa etária dos 60 e poucos anos, o que não chega a ser nenhuma surpresa, dada a antiguidade do carro. São pessoas que optaram pela qualidade alemã e não largaram mais. A única coisa que... – Christian fez uma pausa.

– Sim?

– Não é nada definitivo ainda. O homem tem mais de 80 e já se aposentou. Trabalhou por quase meio século na prefeitura, no Departamento de Alvarás e Segurança. Não é exatamente um candidato a terrorista.

– Porra, Christian, desembucha. O que tem o homem?

– É que... Bem, mais especificamente, é a mulher dele. A casa está no nome dela e faz pouco tempo o imóvel foi hipotecado. Por um valor bastante significativo. Mas não conseguimos descobrir que fim eles deram a esse dinheiro.

– Quanto?

– Seiscentas mil coroas.

É, de fato não era nenhuma merreca.

– Bem, em carros novos é que eles não gastaram – disse Søren.

– Pode ter sido numa casa de campo ou algo assim. Mas, nesse caso, não foi aqui na Dinamarca.

– Mande a Gitte ir falar com eles assim que acordar.

– Pode deixar. E você, está indo aonde?

Søren abriu o sorriso de um predador faminto.

– Caçar um finlandês.

OSUSTO FOI DUPLO. PRIMEIRO, UMA visita da polícia. Segundo, era uma mulher quem se apresentava como oficial.

Skou-Larsen tinha plena consciência de que a polícia empregava inúmeras mulheres, claro, mas, quando uma moça de aspecto simpático aparecia à sua porta e tocava a campainha, a primeira coisa que vinha à sua cabeça não era exatamente “Opa, a polícia está aí”.

– Aconteceu alguma coisa com a Helle? – perguntou ele tão logo viu o distintivo da mulher.

– Não, não, fique tranquilo. Só queremos investigar as pistas de um caso em que estamos trabalhando. Se não me engano, o senhor é proprietário de um Opel Rekord 1984, correto?

– Sim. – O carro está logo ali na garagem, pensou Søren, basta virar a cabeça para ver. Mas ele supunha que era de praxe perguntar. – Modelo E – completou, tentando mostrar um pouco mais de paciência. – Um carro velho, claro, mas muito confiável. Mas do que se trata?

A moça não estava uniformizada, então não devia ser uma infração de trânsito. Ou... será que ultimamente os guardas de trânsito já não usavam mais uniforme?

– O senhor se importa se entrarmos um pouco?

Entrarmos? Só então ele percebeu a presença do outro policial que ainda estava na calçada, falando ao telefone. Skou-Larsen franziu a testa, mas seria indelicado dizer não. Indelicado e suspeito.

– De modo algum. Minha mulher não está em casa, mas acho que ainda sou capaz de preparar um café sozinho.

O segundo policial se juntou a eles e se apresentou como Mikael Nielsen, mas não quis se sentar.

– Tudo bem se eu der uma olhada no carro enquanto vocês conversam? – perguntou.

Skou-Larsen imediatamente sentiu uma ferroadinha de irritação. Não gostou nem um pouco da informalidade da pergunta.

– Antes disso, talvez vocês pudessem fazer a gentileza de me dizer que caso é esse que vocês estão investigando – sugeriu. – Posso garantir que não fiz nada de ilegal.

Nenhum deles disse “Não, claro que não” ou qualquer outra coisa no sentido de apaziguá-lo. Tanto Mikael Nielsen quanto a moça – como era mesmo o nome dela? Nystrøm, Nyhus, Nymand? – permaneceram como estavam, observando-o com uma neutralidade que começava a lhe dar nos nervos.

– Se o senhor preferir – replicou Gitte –, podemos providenciar um mandado de busca.

Ah, sim, Gitte Nymand. Era esse o nome da policial. Ele abanou a mão, irritado.

– Não precisa. Podem olhar o que bem quiserem.

– Muito obrigada, senhor – agradeceu Gitte, recompensando-o com um sorriso cordial. – Isso vai agilizar bastante as coisas. Inclusive para o senhor.

Skou-Larsen não tinha a menor intenção de amolecer. Tudo bem, a moça era consideravelmente mais educada que o companheiro, porém o recado estava dado: eles estavam no comando da situação, podiam revistar a casa e o carro como lhes aprouvesse. Remoendo-se com a afronta, Skou-Larsen decidiu que não se daria o trabalho de pelejar com a máquina de café. No entanto, uma arraigada noção de etiqueta fez com que permanecesse de pé até a moça se acomodar no sofá. Só então ele ocupou sua poltrona predileta. Talvez fosse melhor mesmo que Helle tivesse saído para o ensaio extra do coral; com sorte, ele conseguiria enxotar aquela dupla antes que ela voltasse.

– Vou direto ao ponto – continuou Gitte. – Alguns meses atrás, o senhor e a sua esposa tomaram um empréstimo num valor superior a meio milhão de coroas. Esse empréstimo foi retirado em dinheiro, o que é muito incomum. O senhor poderia me dizer que destino teve esse dinheiro?

– Ah – fez Skou-Larsen, vendo agora aquela invasão com olhos bem menos severos. – Vocês são do setor de *fraudes*.

– Não, senhor – negou Gitte. – Somos do PET.

– Mas isso certamente tem alguma coisa a ver com aquele golpe na Espanha – insistiu ele.

Sem hesitar, Gitte perguntou:

– O senhor poderia explicar que golpe é esse? Do seu ponto de vista, claro.

– Receio que minha mulher tenha se deixado levar por meia dúzia de fotos coloridas num panfleto e pela conversa de um vendedor espertalhão. E, como esta casa está no nome dela, só soube o que ela tinha feito quando já era tarde demais. Era para ser uma surpresa, a senhora entende? Tenho quase 85 anos e Helle achou que seria uma boa ideia se tivéssemos um lugar mais quente aonde ir nos invernos.

Gitte meneava a cabeça para incentivá-lo a falar.

– Mas, no fim das contas, o negócio era um grande golpe. O apartamento que minha mulher pensou ter comprado nem existe. Quer dizer, existe só naquelas fotos do panfleto.

– O senhor ainda tem esse panfleto?

– Claro. Quer que eu pegue?

Skou-Larsen tirou o panfleto da gaveta da mesinha de cabeceira de Helle e o colocou sobre a mesa de jacarandá da sala, diante da policial. PUEBLO PUERTO LAGUNAS, era o que se lia na primeira página em maiúsculas de um amarelo solar. As fotos abaixo traziam um número suficiente de palmeiras, varandas, piscinas e guarda-sóis para fazer doer de desejo qualquer alma já alquebrada pelos rigores do inverno dinamarquês. Nem mesmo ele estava completamente imune àquelas imagens. Nada mais natural que uma pessoa quisesse se ver livre das crises de asma que vinham com os nevoeiros, ou das crises de artrite provocadas pelas temperaturas baixas, mas nem por isso tinha que jogar janela afora todo o discernimento e juízo.

– Esse apartamento que minha mulher *acha* que comprou... Ele nem foi construído ainda e o mais provável é que já tenha sido vendido para outra pessoa. Helle insiste em dizer que houve um engano, mas nada me tira da cabeça que se trata de um grande golpe.

– Entendo. O dinheiro do empréstimo foi usado como entrada para essa compra ou como um depósito?

– Como um depósito.

– Sr. Skou-Larsen, não temos nenhum registro de que esse dinheiro tenha sido transferido para outra conta, nem aqui na Dinamarca nem em outro país. Ele apenas foi sacado da conta que o banco criou exclusivamente para esse fim.

– Infelizmente, minha mulher cometeu a sandice de pagar esse depósito em dinheiro vivo a um corretor qualquer. Liguei para a incorporadora na Espanha, mas eles falaram que nunca ouviram falar do tal sujeito. E que, inclusive, nem tinham corretores na Dinamarca. Apenas na Espanha e num único local na Inglaterra, acho que em Brighton.

– O senhor acha que sua mulher foi vítima de uma fraude...

– Acho, não, tenho certeza. A senhora não chamaria isso de uma grande patifaria?

– Se as coisas realmente aconteceram como o senhor está dizendo, claro que sim. Vamos ter que investigar toda essa história mais a fundo. Enquanto isso, o senhor pode me dizer o que estava fazendo no sábado, dia 2 de maio, entre as seis da tarde e as onze da noite?

– O que eu estava fazendo? – repetiu ele, hesitante.

A pergunta era típica dos detetives de romances policiais vagabundos, quando interrogavam o suspeito de assassinato. Ele não fazia ideia da relevância que aquilo poderia ter na investigação do golpe sofrido por Helle. A menos que o falso corretor tivesse se envolvido em algum acidente de carro. Afinal, eles haviam pedido para revistar o Opel.

– Acho que estava vendo televisão – respondeu ele enfim. – É isso que geralmente a gente faz nas noites de sábado. Minha mulher adora esses filmes do horário nobre. – De repente, ele se lembrou de algo: – Não, espere. Esse pode ter sido o sábado em que precisei ir até a clínica por conta de um desmaio. Hoje em dia é difícil encontrar um médico que venha em casa, mesmo quando se está quase morrendo. Mas, depois que cheguei lá, eles mudaram de ideia e acabaram pedindo que eu passasse a noite no hospital.

– Que hospital?

– No Bispebjerg.

– E o que o senhor tinha? Isto é, se o senhor não se importar em contar.

– Pressão arterial baixa demais. – No hospital, falaram que ele havia errado a dose das cápsulas de Fortzaar, mas podia jurar que não era esse o caso. – Me deixaram lá até domingo, então eu não estava em casa naquela noite.

O segundo policial, Nielsen, voltou da garagem com um dispositivo amarelo que lembrou a Skou-Larsen o aparelho de pressão que o médico tinha usado naquela noite de internação no Bispebjerg, talvez porque ele tivesse acabado de tocar no assunto. No lugar da braçadeira inflável, o dispositivo se ligava a um objeto parecido com um estetoscópio por meio de um fio em espiral. Skou-Larsen notou que os dois oficiais se entreolharam e balançaram a cabeça quase imperceptivelmente.

– Também vamos precisar dar uma olhada na casa – avisou o tal Nielsen.

– O Sr. Skou-Larsen nos deu permissão para examinar o que for preciso – Gitte se apressou em dizer.

Skou-Larsen imediatamente se arrependeu de suas palavras. Eles iriam revirar os armários? As gavetas de cuecas? Mas, ao que parecia, a intenção do rapaz era bem outra, pois ele agora caminhava pela sala com um par de fones de ouvido na cabeça e ia brandindo à sua frente o estetoscópio de sua

engenhoca amarela.

– Desculpe, mas o que o seu colega está fazendo? – perguntou Skou-Larsen. – Que aparelho é esse na mão dele?

Por um instante, ele achou que não receberia uma resposta, mas por fim a moça disse:

– É um contador Geiger. Mais exatamente, um contador Geiger-Müller. Sr. Skou-Larsen, por acaso alguém usa o seu carro além do senhor? Sua mulher, talvez?

– Helle não dirige – respondeu ele distraidamente. Um contador Geiger? Em sua casa? – Por acaso isso tem alguma coisa a ver com aquela história em Valby? Por que vocês acham que há radioatividade na nossa casa? Vamos ser evacuados, é isso?

Seu cérebro confuso resgatou a memória das simulações de segurança dos anos 1950 e ele começou a pensar no que precisaria caso fosse necessário pernoitar no abrigo antibomba no subsolo da Escola Emdrup. Não, espere um minuto. O nome da escola nem era mais esse. Agora era Escola Lundehus? E o tal abrigo, ainda estaria lá? Ele se lembrava perfeitamente do velho folheto. EM CASO DE GUERRA, era esse o título. Após um prefácio assinado pelo primeiro-ministro Viggo Kampmann, vinham informações gerais sobre “o poder de destruição da artilharia moderna”, seguidas da recomendação de que as famílias sempre tivessem em casa provisões suficientes para um período de oito dias. Mas aquilo não era uma guerra nuclear. Aquilo era... era... outra coisa. Não é possível construir uma bomba atômica com cézio, disse a si mesmo. Mas um contador Geiger... *na sua casa?*

– O que ele está procurando? – conseguiu perguntar.

– Por favor, Sr. Skou-Larsen, procure se concentrar. Quem mais andou usando o seu carro além do senhor? Por acaso ele já foi roubado?

– Não, nunca.

– O senhor possui um computador? – perguntou Gitte.

– Ahn, sim. Nosso filho é muito bom em mandar e-mails, essas coisas.

– O senhor nos autorizaria a copiar o conteúdo desse computador?

– Claro, mas... – De repente, ele se deu conta de que havia pousado a mão no pulso da policial, um gesto que tomara a ambos de surpresa. – A senhora não vai me dizer o que está acontecendo?

Ele recolheu a mão a contragosto, pois sua vontade era deixá-la ali até que a moça lhe desse uma resposta satisfatória. Aquela situação era insuportável. Era como se de repente sua casa na Elnehøjvej tivesse se transformado no cenário de uma daquelas peças absurdistas da década de 1960. Eles haviam visto uma do tipo. O título *Dias felizes* dava a entender que se tratava de uma obra divertida, mas a história era quase toda triste e Helle ficara brava, dizendo que as pessoas não tinham o direito de desperdiçar o tempo das outras com semelhante porcaria. Na verdade, essa fora a última vez deles num teatro, sem contar um ou outro musical.

Gitte o fitou com um olhar que não era inteiramente desprovido de compaixão, ou pelo menos foi isso que ele pensou.

– Sinto muito, Sr. Skou-Larsen. Mas, como eu disse antes, precisamos investigar todas as nossas pistas. Até mesmo as mais improváveis. – Ela se levantou. – Mikael?

– Sim? – veio a resposta abafada do andar de cima.

– Já está terminando aí?

– Quase.

Dali a alguns minutos, o policial com o contador Geiger ressurgiu na sala.

– Está limpo. Radioatividade natural, só isso.

Gitte meneou a cabeça como se já esperasse por isso.

– Está vendo, Sr. Skou-Larsen? Não há motivo para preocupação. Quanto ao computador, o senhor prefere que a gente leve o disco rígido conosco ou que fique esperando aqui até um técnico chegar para fazer uma cópia?

– Podem levar – respondeu ele automaticamente. Quanto mais cedo eles partissem, melhor. – Quase nunca usamos esse computador. Sobretudo depois que Helle aprendeu a mandar mensagens pelo telefone.

Eles enfim se foram. Até mesmo o policial mal-educado havia tido a gentileza de se despedir com um aperto de mãos. Mas Skou-Larsen estava completamente atordoado e confuso; nada daquilo fazia sentido.

Ainda bem que Helle não estava em casa.

RHODESIAVEJ. SØREN NÃO PÔDE DEIXAR de notar a ironia. Embora o nome da rua homenageasse um exótico país africano, o bairro não poderia ser mais representativo da carência dos subúrbios dinamarqueses: pequenos terrenos com casas de tijolinho amarelo grandes demais.

A garagem estava vazia. Segundo os registros do Departamento de Trânsito, fazia quatro anos que Tommi Karvinen era o feliz proprietário de um BMW M6 Coupé. Mas, do carro, nenhum sinal.

Søren havia conseguido surrupiar dois homens do turno da noite, apesar da sobrecarga de trabalho que afligia o quadro de funcionários. Embora tivesse acabado de completar 40 anos, Kim Jankowski era o menos experiente da dupla: alistara-se na academia aos 31, já próximo da idade-limite, mas vinha se aplicando com afinco desde então. Jesper Due Hasen era alguns anos mais novo e acabara de ser transferido da unidade de segurança pessoal para o Contraterrorismo; recebera o apelido de “Pomba”, não por conta de algum pendor pacifista, mas em razão do avicular nome do meio em dinamarquês.

Eles passaram diante da casa e estacionaram mais adiante, onde o carro não podia ser visto.

– O quintal dos fundos dá para o jardim comunitário – observou Jesper Due, o Pomba. – Vai ser mole entrar por lá.

Søren assentiu.

– Talvez ele tenha refêns. Portanto, não vai ser tão *mole* quanto você está achando. Não podemos fazer nenhum barulho para a situação não piorar.

Ele deixou Jankowski de sentinela na Rhodesiavej, depois seguiu com o Pomba pelo caminho asfaltado que cortava o tal jardim comunitário, uma terra de ninguém confinada pelos quintais das diversas casas à sua volta.

– A gente devia ter trazido um cachorro – observou o Pomba. – Assim a gente passaria despercebido.

Pelo menos quatro pessoas passeavam com seus respectivos cachorros na área comunitária; por sorte, três delas estavam bem distantes e a quarta se entretinha com algum tipo de adestramento que envolvia uma infinidade de apitos lamentavelmente audíveis por ouvidos humanos.

– É aquela casa ali. – Søren apontou. – A de cerca de madeira escura.

Com gestos rápidos e atléticos, o Pomba foi o primeiro a saltar para o outro lado. Søren pulou atrás dele. Felizmente, Tommi Karvinen não era desses que curtiam roseirais. O jardim dos fundos era uma selva de ervas daninhas que batiam na cintura e a grama alta, amarelada e seca indicava que o aparador não passava ali fazia tempo. Um matagal no Éden suburbano, pensou Søren. Que simbólico.

Esgueirando-se, os dois agentes correram para a casa e o pátio. Sementes de grama grudavam-se às calças úmidas de Søren e o lugar exalava um cheiro forte de mijo de gato. Nenhuma das janelas

tinha cortinas. No interior da residência, não havia nenhuma luz acesa, apesar de o céu estar nublado e já ter começado a escurecer.

Não se via ninguém na sala nem no cômodo adjacente. Só então Søren notou a luz branda que vinha da janela do porão na fachada traseira da casa. Ele cutucou o Pomba no ombro e o parceiro imediatamente lhe passou uma câmera de vídeo em miniatura montada num suporte e equipada com um monitor externo. Com ela, era possível ver o que estava sendo filmado sem a necessidade de enfiar a cabeça pela janela.

Søren se deitou de bruços sobre o mato e foi serpenteando o corpo rente à parede até posicionar a câmera onde mais lhe convinha. Recuou um pouco, sentou-se e recebeu o monitor que o Pomba já lhe oferecia. Procurando fazer o mínimo de barulho possível, o parceiro seguiu em frente para espiar as demais janelas da casa.

O monitor de LED era aproximadamente duas vezes maior que um celular; era o tamanho mais adequado para uma operação de campo, discreto o bastante, mas sem prejuízo para a qualidade da filmagem. A imagem que Søren agora via à sua frente era de altíssima definição: mais definida que isso e ele seria capaz de ver a celulite nas coxas da moça.

A mulher estaria completamente nua não fosse pela cinta-liga, dessas que têm por única finalidade sustentar um provocante par de meias rendadas. Além de muito jovem, era muito loura, talvez com a ajuda de algum produto de farmácia. Os olhos eram dois pontinhos de luz nas cavernas profundas que o rímel desenhava e ambos os mamilos traziam um piercing de anéis dourados relativamente grandes.

Sobre uma cama coberta por um lençol de cetim preto, ela projetava os quadris para cima e para a frente como se estivesse escanchada num amante invisível, retorcendo-se sobre ele. Mas estava sozinha no cômodo, pelo menos até onde Søren e sua câmera podiam ver.

– Mas que porra é ess... – Søren sussurrou para si mesmo quando a moça enterrou ambas as mãos na virilha e começou a se sacudir violentamente com o tronco.

Havia algo de artificial naquilo tudo. Ele não via problema no fato de uma garota ter uma intensa relação sexual com o próprio corpo, mas aquilo ia além de uma simples masturbação adolescente. Tudo levava a crer que a moça estava representando para alguém: o exagero das expressões faciais, a histeria dos movimentos, o cetim preto da cama... Tudo isso tinha por fim a excitação de outra pessoa qualquer, menos a dela própria.

Muito de repente, ela se aquietou e ficou sentada. Esperando. Ouvindo? Mas Søren não podia ver se havia um telefone perto dela, o que explicaria a artificialidade de tudo o que vinha fazendo. Podia ver, no entanto, que seus lábios se moviam. Ela estava dizendo algo. Subitamente, o rosto se crispou numa careta que nada tinha a ver com desejo. Ela afastou uma das enormes almofadas de cetim preto e pegou o objeto que escondera ali.

Como era de se esperar, era um membro masculino reproduzido em vinil, mas sem nenhum compromisso com a realidade no que dizia respeito ao tamanho. Ela se deslocou para o pé da cama, sentou-se nos calcanhares e escancarou os joelhos. Hesitou um instante, revelando desconforto, depois entreabriu a boca num falso esgar de prazer e lentamente enterrou o gigante entre as pernas.

Søren desligou o monitor. Sabia que, ao invadir a casa, encontraria uma câmera no porão, diante

da cama acetinada. Talvez uma webcam. E, em algum lugar do mundo – Copenhague, Amsterdã, Berlim –, um canalha qualquer pagava pelo direito de dar ordens à moça. Ordens a que ela obedecia, por mais humilhantes e desconfortáveis que fossem.

O Pomba voltou e disse baixinho:

– Não tem ninguém no resto da casa. E lá embaixo, são quantos?

– Apenas uma garota – respondeu Søren, apesar de querer contar o canalha também. – Uma garota muito jovem. Provavelmente com uma webcam. Acho que ela presta serviços sexuais pela internet.

O Pomba arqueou as sobrancelhas.

– Bom, é uma forma de *home office*. Então, vamos entrar?

– Vamos lá. Se essa moça está aqui, é porque conhece o tal de Tommi. Talvez a gente consiga fazer com que ela nos diga onde o cara está.

~

Jankowski não teve a menor dificuldade para arrombar a porta do pátio. Eles desceram juntos até o porão e ouviram o que se dizia lá dentro.

– Mostra aí essa sua bundinha, mostra – ordenou o canalha num inglês estranhamente gutural. – Isso, assim. Vira para o papai, vira.

A moça ficou de quatro e retomou a dança dos quadris, o falso pênis projetando-se para o alto feito a cauda grotesca de algum animal. Estava de olhos fechados e, como o rosto não estava sendo filmado, não era mais necessário fingir. Em razão do incômodo, ela apertava as pálpebras de leve, mas, fora isso, não se via no rosto nenhuma expressão de prazer.

O canalha do outro lado da internet foi o primeiro a vê-los.

– Que porra é essa...?

A moça abriu os olhos e gritou.

– Calma – disse Søren em inglês, pois tinha quase certeza de que ela não era dinamarquesa. – Somos da polícia. Não vamos machucar você.

– Merda – praguejou a voz masculina.

Ouviu-se um clique, depois um discreto ruído nas caixas de som do computador, escondido atrás da cama.

Se a moça fosse menor de idade, Christian entregaria o endereço de IP do canalha diretamente nas mãos ávidas de Birgitte. Mas, se fosse maior de idade, pouco ou nada poderia ser feito. Não era ilegal comprar sexo on-line. Ele quase podia jurar que o lucro auferido com o trabalho da garota ia direto para o bolso de Tommi Karvinen, mas dificilmente conseguiria tirar dela uma confirmação. As garotas de Karvinen jamais abriam o bico, tal como Birgitte dissera.

Karvinen. *The Dudesons*.

Merda.

“Mostra aí essa sua bundinha...” A fala gutural. Os erres e esses arrastados. Exatamente como no episódio de *The Dudesons* que ele tinha visto antes, aquele em que o finlandês sentava no

formigueiro com a bunda de fora.

Só podia ser ele. O homem do outro lado da conexão de internet era ninguém menos do que Tommi Karvinen. E ele os vira.

NINA VINHA SOFRENDOS COM OS ENJOOS. Estava grávida de Ida e, naquela manhã, como de costume, mal conseguia respirar de tanto desconforto. Deitada ao lado de Morten, ouvindo o movimento dos carros na rua, ela procurava se mexer o mínimo possível sob as cobertas empapadas de suor. Se ficasse quieta, talvez conseguisse adiar o inevitável: o súbito influxo de saliva, a queimação na garganta, os engulhos, a corrida para o minúsculo banheiro com seu piso frio de porcelanato. Às vezes ela recorria a outro artifício: ficava pensando em limões, gengibre, gramados molhados e outras coisas refrescantes.

Além disso, ela tentava pensar no bebê como uma coisa boa, um motivo de felicidade, mas raramente conseguia. Podia ver que o corpo tinha mudado, que os peitos estavam mais cheios. Logo abaixo da pele se via uma fina malha de veias azuladas. A barriga se estufara um pouco e ela sabia que dentro dela havia um ser vivo. Mas não se comovia com isso. Não havia um rosto para comovê-la. Era como se o bebê nem existisse. Por vezes, quando era vencida pelo enjoo e precisava se ajoelhar diante do vaso para vomitar, ela se arrependia de ter engravidado, desejava que ela e Morten não fossem obrigados a passar por nada daquilo. Mas logo depois vinham os pensamentos de culpa por ela não amar seu bebezinho o suficiente. Porque se devia amar o próprio filho. Não se devia? Não ousava perguntar a Morten se ele tinha pensamentos semelhantes, pois o mais provável era que não os tivesse. Os sentimentos dele eram sempre os mais apropriados, saudáveis, normais. Ela, por sua vez, sentia o pânico e a ansiedade brotarem das profundezas negras da infância. Em geral, tinha medo de si mesma. O enjoo a tomou novamente e ela estava morrendo de sede. Mas, se mexesse o corpo naquele momento ou se levantasse da cama, não haveria como voltar atrás.

Bang!

Uma porta se escancarou com estrépito nas fimbrias da consciência de Nina e agora alguém gritava. Ela abriu os olhos. Ainda se sentia enjoada, mas não estava mais deitada ao lado de Morten, tampouco ajoelhada no banheiro do primeiro apartamento deles. O ombro esquerdo se esticava de um modo dolorido, o braço ainda servindo de travesseiro para o pescoço de Ida, a mão ainda amarrada ao radiador. Decerto ela havia cochilado, mas não por muito tempo, pois no recinto reinava a mesma penumbra amarelada de antes.

– Merda. A gente vai ter que se mandar daqui. Agora – avisou Tommi, ainda fechando a braguilha.

O Sr. Subúrbio se levantou do sofá e lançou um olhar inquisitivo na direção do finlandês, que agora lutava para calçar os surrados tênis brancos.

– O que houve? Achei que a gente tivesse que esperar pelo endereço.

– Vamos dar o fora daqui *agora* – insistiu Tommi. – A polícia está lá na Rhodesiavej. Pegaram a Mini.

Algo bipou na sala e o finlandês correu os olhos à sua volta até encontrar o celular. Pegou-o com um grunhido de satisfação.

– Deve ser o nosso endereço. Lundedalsvej, 41. Chegou a hora, Frederik.

Ida se retorceu, aflita. Estava usando a calça de que mais gostava, observou Nina, *skinny jeans* pretos com buracos na altura das coxas e dos joelhos. Ela encolheu as pernas contra o peito e os joelhos ficaram visíveis sob o tecido esgarçado. Tremiam ligeiramente.

Frederik ficou olhando para o comparsa, mudo, e então perguntou:

– Como foi que descobriram sua casa na Rhodesiavej?

O finlandês, que se dirigia aos prisioneiros a passos rápidos e decididos, deu de ombros.

– Não faço a menor ideia. Mas não foi culpa minha. O problema é que a Mini está com o passaporte dela lá, mais aquela tralha toda, e se investigarem o nome da garota, vão descobrir este lugar aqui também. Portanto, nosso novo plano é... – Ele tirou um canivete do bolso traseiro das calças, depois postou-se diante dos três reféns. – O novo plano é o seguinte: a gente bota a mão na grana, eu me mando para a Tailândia e fico lá, comendo minhas bocetinhas asiáticas, enquanto você... você volta para sua casa no subúrbio e fica quietinho por lá, até a poeira baixar, até a polícia encontrar outra coisa para perder tempo.

Frederik dava a impressão de que tinha acabado de acordar. Olhou ao redor, guardou displicentemente o laptop na bolsa, depois foi colocando coisas dentro de um saco plástico: pastas de arquivo, DVDs, moedas, sua caneca de cerâmica.

O finlandês o fuzilou com os olhos.

– Deixa essa merda pra lá, Freddie, e vem me ajudar a levantar esses três aqui. Estou de saco cheio de fazer tudo sozinho.

~

A chuva caía num fluxo regular e a umidade se acumulava no rosto e nos cabelos de Nina feito uma toalha molhada, fazendo-a sofrer ainda mais com a sede. Ida e Sándor iam à frente dela, chapinhando no caminho de cascalho em forma de U diante da casa. Encurvada, Ida parecia menor do que era, a mochila pendurada ao ombro como se ela tivesse acabado de chegar da escola num dia perfeitamente normal. Sándor mantinha uma postura que beirava a provocação, embora apertasse a mão machucada contra o abdômen como se quisesse protegê-la do resto do mundo. Tommi vinha por último, com sua arma devidamente empunhada. Parecia menos tenso agora que estava deixando a casa, mas não parava de berrar algo para apressá-los. Eles já contornavam a quina da casa quando Nina sentiu um empurrão forte e por muito pouco não caiu de cara no matagal de urtigas que crescia rente à parede.

– Depressa! – berrou Tommi mais uma vez, alto o bastante para que Ida e Sándor obedientemente apertassem o passo.

Nina se reergueu devagar, mas tropeçou logo em seguida e caiu de joelhos sobre os arbustos espinhosos e molhados. Zonza, sentiu o chão rodar sob si e por um instante de pânico receou não ser capaz de se levantar outra vez. O que faria o finlandês nesse caso? Ele a mataria ali mesmo, diante de Ida? O pensamento atravessou sua mente enquanto fitava as urtigas verde-escuras ao redor. Ela

havia amortecido a queda com as duas mãos e agora sentia as palmas arderem ao tentar, mais uma vez, se reerguer. Em silêncio, Ida foi acudi-la. No rosto dela, não se lia nada, os olhos eram duas fendas estreitas e negras que cortavam a pele muito branca.

– Parada aí! – berrou Tommi em seu inglês pesado.

Com o cachorro na sua esteira, o Sr. Subúrbio rapidamente contornou Nina e Ida, parou ao lado de Sándor e encarou o comparsa com uma expressão de dúvida. Nina tinha a impressão de que o homem estava prestes a se desmanchar na chuva. Se do outro lado daquela camisa polo habitasse uma voz de autoridade, ela havia emudecido por completo. Aquele era claramente o território do finlandês, fosse lá o que isso significasse.

– Cadê aquela porcaria?

Frederik havia tirado do bolso traseiro das calças um gancho de metal e agora chutava as ramas de urtiga, procurando algo. De repente, encontrou o que queria: uma tampa enferrujada cravada na terra. Seria uma fossa séptica? Um velho tanque de combustível do tipo subterrâneo e ilegal?

– Está aqui.

De certo modo, Nina já sabia o que estava por vir, apenas não queria acreditar. Sentiu um frio na espinha quando Frederik içou a tampa de ferro e chamou Ida.

Ida não respondeu, ficou onde estava com sua mochila em punho.

– Anda, vem cá.

Aborrecido, Frederik olhou de relance para o finlandês como se estivesse à espera de alguma instrução sobre como convencer um refém a entrar num buraco. Ida se aproximou ainda mais de Nina, os lábios movendo-se em silenciosas preces, iguais às que ela costumava fazer na infância para espantar os monstros que a imaginação fabricava na hora de dormir.

– Manda ela para dentro do tanque, porra – rugiu Tommi. – Não posso fazer isso com uma arma na mão. Acaba logo com isso.

Frederik deu um passo adiante, agarrou o braço de Ida e começou a puxá-la rumo ao chão boquiaberto. Desajeitadamente, saltou para o outro lado do buraco e tentou erguer uma das pernas de Ida para que ela perdesse o equilíbrio e ele pudesse empurrá-la buraco abaixo. Um plano fadado ao fracasso. Ida enfim deixou cair sua mochila; sacudindo braços e pernas em pânico, começou a emitir ruídos que não eram berros, mas súplicas em meio ao choro.

– Por favor, não faça isso comigo. Por favor, me solte. Por favor, por favor...

Por fim, Nina conseguiu arremeter contra Frederik, mirando nos olhos e no nariz para cravar as unhas.

– Solta. A. Minha. Filha – vociferou palavra por palavra, desesperada, enquanto atacava o homem.

Aturdido, e ainda com Ida entre os braços, Frederik foi virando até que Nina só pôde cravar as garras em suas costas.

Um tiro ensurdecador foi disparado. De rabo de olho, Nina viu um vulto marrom e peludo fugir em disparada pelo matagal de urtigas para depois sumir nos campos da fazenda. Frederik praguejou em voz alta e chamou pelo cachorro. Aproveitando o momento de distração, pela primeira vez Nina conseguiu dar um murro de verdade no homem, em algum lugar atrás da orelha. Então, foi contida

pelo finlandês, que a segurou pelos cabelos.

– Deixa de gracinha, senão mando bala em você, na sua filha e no seu amigo comedor de cabras. Atiro agora mesmo.

Nina lentamente virou a cabeça. O finlandês apontava a arma contra Sándor, que estava ao lado dele, imóvel e lívido. O garoto fechara a mão machucada num punho, mas não passara disso.

De repente, Tommi soltou os cabelos de Nina e, no mesmo instante, puxou-a para um despropositado abraço, espremendo as costas dela contra seu peito, empurrando o queixo dela para cima com o cano frio da pistola. Nina tentou fazer contato visual com a filha, que ainda pendia dos braços de Frederik à borda do buraco. No entanto, Ida só tinha olhos para a arma que ameaçava sua mãe. Estava apavorada.

– Psicologia, meu caro Frederik – disse Tommi. Ainda arfando por conta da confusão, esperou um instante até recuperar o fôlego. – Neste tipo de situação, a gente precisa usar um pouco de psicologia. – Ele encarou Ida. – Não tem perigo nenhum aí embaixo, meu amor. E a gente não vai demorar. Basta que sua mãe e este comedor de cabras aqui ajudem a gente numa coisinha aí. Depois você pode sair. Simples assim.

Ida balançou a cabeça devagar e Nina podia ver que ela procurava dar um mínimo de ordem aos pensamentos, tentava abstrair o tom calmo e quase simpático com que o homem havia falado para então registrar o que ele realmente dissera. Ela estava confusa.

– Em outras palavras – prosseguiu o finlandês, sem alterar a entonação –, se você não entrar nesse buraco agora mesmo sem fazer birra, vou estourar os miolos da mamãe.

Dessa vez a ficha caiu. Por um instante, Ida ficou olhando alternadamente para o homem e para Nina. Os músculos do rosto se retesavam e Nina podia ver que ela procurava controlar os tremores, que não queria chorar, não só por amor-próprio, mas também para poupar a mãe. Nina desejava berrar, porém se controlou. Ida talvez não tivesse consciência dos riscos que uma pessoa corria ao ser trancada num ambiente sem ventilação, da rapidez com que o oxigênio se extinguia. E Nina não iria explicar nada naquele momento.

Muda, Ida sentou-se na beira do buraco com as pernas balançando no ar, depois foi deixando o corpo escorregar para dentro até sumir completamente entre as urtigas. Dali a pouco, Nina pôde ouvir os ruídos que a filha fazia lá embaixo, talvez ralando os joelhos ao engatinhar no chão metálico.

– Joga isso aí também – ordenou o finlandês, apontando a pistola para a mochila de Ida. – Não podemos deixar nenhuma pista para trás. Ah, e não esquece de trancar a tampa interna.

Frederik jogou a mochila dentro do tanque subterrâneo e hesitou um segundo, baixando os olhos para a camisa polo até então milagrosamente limpa. Com uma careta de desgosto, ficou de joelhos, enfiou a parte superior do tronco na escuridão do buraco e assim ficou por alguns minutos, aparentemente pelejando com algo grande e pesado. De repente, se ouviu o clique de um cadeado bem lubrificado e, segundos depois, o dinamarquês voltou à tona, ofegando.

Nina parecia petrificada.

– Preciso encontrar o Tyson – disse Frederik. – Não podemos deixá-lo para trás.

Tommi bufou, irritado.

– Nem pensa nisso. Depois você resolve o problema desse vira-lata burro. De repente pode até pedir ajuda aos policiais bonzinhos.

Ele virou Nina pelos ombros e, encarando-a com a seriedade de um médico que dá instruções aos pais de uma criança moribunda, falou:

– É muito perigoso lá embaixo naquele tanque. Sua filha pode até morrer e, por enquanto, só nós quatro sabemos onde ela está. Mas, se você for boazinha e fizer tudo o que eu mandar, tenho certeza que nada vai acontecer a ela.

AGAROTA ESTAVA SENTADA NA CAMA de cetim preto, mas agora vestia uma camiseta, um par bem justo de Levi's e tênis vermelhos. Christian se espichava no chão, assobiando baixinho sem nem se dar conta, enquanto conectava suas engenhocas à central de pornografia que era o computador.

– Beatrice Pollini – disse Søren, olhando com desconfiança para a identidade que a moça lhe dera, um amarfanhado passaporte italiano. – Será que podemos acreditar nisto aqui?

– Duvido que ela tenha 19 anos – respondeu Jankowski. – Deve ter 17 no máximo.

– E também não deve ser italiana – acrescentou Søren. – *Come ti chiami?*

A moça sorriu desconcertada, depois respondeu:

– Vou bem, obrigada.

– Não foi isso que você perguntou, foi? – indagou Jankowski.

– Não. Perguntei como ela se chama.

– Os passaportes italianos estão entre os mais falsificados do mundo – informou Jankowski. – Tem toda uma indústria em torno deles.

Søren assentiu.

– É possível que isto aqui leve um tempo. E tempo é exatamente o que a gente não tem. Christian, como vão as coisas com o endereço de IP?

Àquela altura, ele já sentia o estresse inundar seu corpo. O finlandês os vira, tinha pessoas como reféns. O desastre poderia eclodir a qualquer momento.

Atormentado, Christian rebateu:

– Posso pelo menos acabar de plugar esta droga aqui?

Søren ergueu as mãos num gesto de desculpas e falou a Jankowski:

– Coloque o número desse passaporte no nosso sistema e veja no que dá. Vou ver se consigo arrancar mais alguma coisa de útil da garota.

Eles haviam sido obrigados a despachar Jesper Due para o turno da noite, que estava quase ruindo sob a pressão.

– Beatrice é um nome difícil – comentou Søren com a moça. – Como é que seus amigos chamam você?

Ela o fitou com os olhos escuros e amedrontados de uma gazela paralisada diante dos faróis de um carro.

– Mini – sussurrou. – Porque sou muito pequena.

Em seguida, começou a chorar, mas de um modo excessivamente contido, como se tivesse aprendido que o barulho só piorava as coisas.

Numa próxima encarnação, pensou Søren, quero fazer outra coisa.

Sobreviver.

Esse era o único plano que Nina tinha em mente: sobreviver para que pudesse contar a alguém onde Ida estava. Nada mais importava.

E no entanto... um arrepio de horror a tomou de assalto quando, obedecendo às ordens do finlandês, Sándor abriu a porta da garagem e, pela primeira vez, ela pôde ver a causa da morte do irmão dele e da sua própria doença. Tratava-se de uma simples lata de tinta, dessas que as pessoas usam para guardar preservantes de madeira: uma lata de alumínio com uma alça de metal forte. Em outras circunstâncias, ela jamais teria notado a presença dela, misturada a uma mixórdia de ferramentas de jardinagem apoiadas na parede. Mas, agora que ela sabia o que era, ficava impossível não imaginar aquela radiação penetrando seu corpo, invisível e sorrateira, aproveitando-se da vulnerabilidade dos órgãos para destruí-los um a um, célula por célula.

A van verde que o psicopata finlandês havia roubado para sequestrá-la achava-se estacionada próximo à garagem. Na traseira, ele tinha colocado parte de uma manilha de concreto sobre duas lajes também de concreto, dessas mais espessas que se prestam à pavimentação. Depois que a lata de cério fosse cuidadosamente acomodada no interior da manilha, outras duas lajes, iguais às primeiras, seriam usadas como tampa. Em termos mecânicos, tratava-se de um procedimento simples. Uma vez que o cério estivesse confinado por todos os lados por paredes de 17 a 18 centímetros de espessura, o risco de contaminação seria quase nulo.

Pelo menos não vou morrer envenenada antes de poder contar a alguém sobre Ida, pensou Nina.

– Não vai ser preciso tocar na lata – disse Sándor. – A gente pega uma daquelas ferramentas ali, passa o cabo pela alça da lata e cada um segura uma ponta.

Tommi e Frederik esperavam a uma distância segura, ambos usando máscaras e luvas de proteção, com um macacão branco de capuz onde se lia, tanto na frente quanto atrás, ENVIRO-CLEAN em maiúsculas pretas. Nina e Sándor não haviam sido agraciados com o mesmo luxo.

– Então vamos usar o ancinho – sugeriu Nina. – O cabo dele parece ser o mais forte.

Sándor já ia pegando a ferramenta quando Nina o interrompeu.

– Deixe que eu faço isso. Não estou com a mão machucada.

Sándor hesitou, mas assentiu. Se fizesse alguma besteira e deixasse cair a lata, eles teriam areia radioativa por todos os lados, e isso só pioraria as coisas.

Nina passou o cabo do ancinho sob a alça e lentamente puxou a lata para mais perto. Só então Sándor se adiantou e pegou a outra ponta da ferramenta. Eles se entreolharam por um segundo e, ao sinal de Nina, ergueram devagar a lata. O importante ali era manter o cabo paralelo ao chão para que o recipiente não escorregasse para um lado ou para o outro. Sobreviver, pensou Nina mais uma vez. Apenas isto: sobreviver.

SÁNDOR JÁ ESTAVA COM OS OLHOS lacrimejantes, tamanha era a concentração com que olhava para o cézio que balançava à sua frente. Procurava respirar com firmeza e tranquilidade de modo que o cabo do ancinho seguisse sempre na mais perfeita horizontal, sem nenhum risco de instabilidade. Mais tarde se daria conta de que, durante todo o tempo consumido na operação de baixar a lata para o tubo de concreto, não ouvira outro ruído que não fosse o bater do próprio coração. Todos os seus sentidos estavam ocupados naquela simples tarefa.

– Perfeito – comentou Tommi, com a pistola em punho. – Agora as lajes.

Eram lajes comuns de 60 por 60 centímetros, frequentemente usadas em caminhos de jardim. Sándor não estava em condições de içá-las com ambas as mãos, então usou a machucada como apoio, apenas para garantir o equilíbrio. Nina jamais teria forças para erguer tanto peso sozinha. Dava a impressão que se mantinha de pé apenas por uma questão de força de vontade.

Por fim, conseguiram colocar as duas lajes sobre o tubo. Tommi inspecionou o trabalho e aparentemente ficou satisfeito com o que viu. Com a mão enluvada, deu um tapinha de camaradagem no ombro de Sándor.

– Parabéns. Agora vocês podem pular para dentro e fazer companhia. Como se diz “carro” em húngaro?

O bizarro interesse do finlandês pelo vocabulário húngaro já não era surpresa para Sándor.

– *Autó* – respondeu ele, sem entonação.

Os olhos de Tommi se acenderam do outro lado do plástico vagabundo da máscara.

– Olha só... Quase igual ao finlandês. Quer dizer então que é verdade...

– Verdade o quê? – questionou Frederik, irritado. – Do que você está falando?

– É verdade que o finlandês e o húngaro são línguas parentes. A família de línguas fino-ugrianas, essa porra toda...

Olhando para o tubo de concreto na traseira do carro, Frederik perguntou:

– Você não acha que tem coisa mais importante para se preocupar agora?

– O que há de errado em querer expandir os meus horizontes?

– Puta que o pariu, Tommi. A palavra *auto* não tem nada a ver com finlandês nem com húngaro. Vem do latim. Agora bota esses dois para dentro porque a gente precisa sair daqui.

Tommi estreitou os olhos.

– Vocês ouviram o que o homem disse. Para dentro!

Ele apontava a pistola vagamente na direção deles, mas de vago o olhar não tinha nada: apesar da máscara de plástico, via-se ali uma intensidade que não deixava margem para nenhum tipo de dúvida. Nina entrou na traseira da van sem protestar, depois lançou para Sándor um olhar que dizia: “Não vá fazer nenhuma besteira. É a vida da minha filha que está em risco.”

Sándor já não tinha tanta certeza assim que a obediência e a invisibilidade fossem as melhores estratégias de sobrevivência, mas, por outro lado, o que mais poderia fazer?

Tommi fechou as portas traseiras da van e dali a pouco eles já estavam na estrada.

– Para onde a gente está indo? – perguntou Sándor a Nina. – Você sabe?

Ela fez que não com a cabeça. Mal podia ser vista na pouca luz que vazava pela janelinha que separava a traseira da cabine do motorista.

– Ouvi o endereço. Mas não sei direito onde fica. Em algum lugar de Copenhague, acho.

– Para encontrar algum milionário maníaco que quer comprar material radioativo – disse Sándor, mas sem conseguir tirar os olhos do contêiner improvisado que escondia o maldito veneno que havia matado Tamás. – Nina, a gente vai deixar eles fazerem isso? Se a gente não se mexer, quantas pessoas vão morrer que nem o meu irmão?

Nina baixou a cabeça.

– Ida... Não consigo pensar em mais ninguém que não seja a minha filha.

A van sacolejou ao transpor um pequeno obstáculo, fez uma curva acentuada para a direita, depois seguiu adiante com mais suavidade. Eles já estavam no asfalto, indo para a cidade.

SKOU-LARSEN ESTAVA COM AS MÃOS trêmulas, sentia pontadas no peito. Talvez já fosse hora de tomar uma de suas pílulas de nitroglicerina. Quanto mais cedo, melhor, dissera o médico. No caso dos ataques cardíacos, como em tantos outros, antes prevenir que remediar.

Ele ainda não compreendia. Não conseguia encontrar nenhum motivo minimamente razoável para que uma policial tão gentil e um policial nem tão gentil assim tivessem passado mais de uma hora fazendo perguntas e examinando a casa e o carro com um contador Geiger. Ou melhor, com um contador Geiger-Müller, como o aparelho agora era chamado.

E não era porque ele andasse fora do ar. Vinha acompanhando regularmente na TV os comentários dos especialistas sobre a Conferência de Copenhague e as bombas sujas, que por sinal eles preferiam chamar de “*Summit*” e “*dirty bombs*”, assim mesmo, em inglês, muito embora o dinamarquês tivesse termos adequados. Isso era outra coisa difícil de entender: por que diabos tudo tinha que ser em inglês? No rádio, ouvira reportagens investigativas sobre o problema dos materiais radiativos no Leste Europeu. No *Berlingske Tidende*, havia lido com paciência um extenso artigo intitulado “Por que a Dinamarca é um alvo”. Também vira aquele documentário sobre o qual todo mundo andava falando, *Como nasce um terrorista*, ou algo do tipo, sobre escolas e campos de treinamento destinados exclusivamente à formação de homens-bomba. As imagens ainda o assombravam, sobretudo as de uma mocinha muçulmana, com não mais de 14 anos, falando sobre a grandeza de Alá com um misto de medo e orgulho no olhar brilhante, um dia antes de explodir a si mesma e outras catorze pessoas numa rua da zona leste de Bagdá.

Skou-Larsen pensou um instante nos minaretes que vinham construindo no seu quintal, no elegante Sr. Hosseini e sua mesquita. Difícil imaginar o homem com um cinto de explosivos amarrado à barriga, mas como saber que aspecto tinham os terroristas?

Ele negara que o Opel fora roubado, mas agora se lembrava daquele dia, semanas antes, em que precisara reajustar o banco ao se acomodar ao volante. Encontrara-o muito mais para a frente do que de costume e isso o havia intrigado. Deveria ligar para a policial gentil e contar a ela? E se alguém tivesse levado o carro para depois devolvê-lo sem que ninguém percebesse?

Mais uma pontada no peito. As pílulas. Antes de qualquer outra coisa, ele deveria se medicar.

Então se arrastou para o banheiro, cuidando para não se apressar, mesmo sabendo que um infarto poderia estar a caminho. Helle havia organizado todos os seus remédios num cestinho plástico, mais ou menos do tamanho de uma lancheira, que ficava sempre no pequeno armário acima da pia. Aspirina, Centyl, Fortzaar, Gaviscon, Nitromex. Tirou uma das cartelas da caixa, pressionou o comprimido para fora do alumínio e o colocou debaixo da língua. Pronto. Agora bastava esperar. Respirar com calma, não se afobar. Sentou-se no tampo da privada e fechou os olhos.

Mas não demorou para reabri-los. Alguma coisa estava faltando no cesto de remédios, ele podia

jurar.

Aspirina, Centyl, Fortzaar, Gaviscon, Nitromex... mas nenhuma caixa de Imovane. Os comprimidos de dormir não estavam lá.

Ao se levantar para procurar o remédio, sentiu uma súbita tonteira e precisou se apoiar na bancada da pia para não cair. Ao fazê-lo, no entanto, derrubou o cesto de remédios e o frasco de Centyl se espatifou na cerâmica da caixa de descarga, espalhando cacos de vidro e comprimidos verde-claros pelos ladrilhos.

Skou-Larsen permaneceu apoiado na bancada até a tonteira passar. Velho gagá, rosnou para si mesmo. Inútil, patético, esclerosado. Como era mesmo aquela expressão horrível que Claus gostava de repetir? “Incapaz de cagar sem jogar bosta para fora do vaso.”

Bosta. Dizer essa palavra lhe trouxe um pouco de alívio, ainda que a tivesse dito apenas mentalmente.

– Bosta – sussurrou. – Tudo é uma grande bosta.

Desconcertou-se um instante ao ferir a educação impecável que havia recebido desde cedo. Mas depois pensou: do que valera ser tão *impecável* e tão *decente* a vida inteira? Nada disso tinha impedido que a polícia invadissem sua casa para interrogá-lo. Nada disso servira para manter seu casamento vivo. Seu senso de decoro tinha se interposto feito uma membrana entre ele e Helle e, durante anos, eles não haviam feito mais do que interpretar um papel muito bem-ensaiado, sem jamais conversar sobre qualquer coisa minimamente relevante.

Basta, disse a si mesmo. Assim que Helle voltar, vou ter uma conversa séria com ela. Uma conversa *de verdade*.

Antes disso, no entanto, seria melhor que ele limpasse a bagunça do frasco quebrado. Não havia motivo para deixar que a mulher visse aquilo e descobrisse que por muito pouco ele não desmaiara. Sua fragilidade física já era bastante evidente.

Fazia anos desde a última vez que ele colocara as mãos no aspirador de pó, mas lembrava que o aparelho ficava no armário sob o vão da escada. Um modelo antigo da Nilfisk, produto dinamarquês de qualidade, muito durável.

Ao abrir o armário da escada, deparou com algo estranho. Numa das prateleiras, junto dos sacos descartáveis do aspirador e dos panos de limpeza meticulosamente dobrados e empilhados, havia um envelope cinzento sem nada escrito por fora.

Que diabos aquele envelope estaria fazendo ali? Que lugar mais estranho para guardá-lo!

Abriu o envelope e espiou o que havia dentro: diversos maços de notas de 500 coroas. Não foi preciso queimar os miolos para saber a quantia.

Cerca de 600 mil coroas.

SØREN HAVIA CONDUZIDO A MOÇA do porão para a cozinha da casa. A ideia era lhe oferecer um café e dar à situação um caráter de mínima normalidade, mas a única máquina de *espresso* disponível era um monstrengo do tamanho de uma pequena nave espacial e, pressionado pelo tempo, dificilmente ele conseguiria vencer os obstáculos oferecidos pela infinidade de botões, compartimentos e filtros.

Percebendo a falta de jeito dele, a moça abriu um pequeno e falso sorriso.

– A gente nunca usa. Muito difícil.

Søren não pôde deixar de notar: “a gente”.

– Tommi é seu namorado?

O arremedo de sorriso desapareceu como se alguém o tivesse apagado com borracha. Ela assentiu, mas com um único e apressado meneio de cabeça.

– Onde ele está? – prosseguiu Søren, mas sem nenhuma esperança de receber uma resposta decente.

– Ele não falou para eu.

De onde seria aquela menina? Certamente de algum lugar do Leste Europeu, a julgar pelos traços. E, se o passaporte italiano tivesse sido comprado na Itália, o mais provável era que ela fosse de algum dos países mais meridionais, como a ex-Iugoslávia, a Bulgária ou a Albânia. Søren intuía que o documento falso tinha por objetivo esconder não só a origem da moça, mas sobretudo a idade.

– Quantos anos você tem, Mini? – perguntou, apenas para ter uma ideia de como ela se comportava ao contar uma mentira.

– Dezenove. – Ela o fitou diretamente nos olhos, mas não conseguiu aquietar a mão que saltitava sobre o colo. Além disso, desviou o olhar tão logo cuspiu a mentira.

Ótimo. Mais uma vez, só para confirmar a tese:

– De onde você é? De que país?

– Sou menina italiana.

Ela o encarou como da outra vez, mas agora as mãos e os pés estavam inquietos. A pequena Mini não gostava de mentir.

Após algumas perguntas mais neutras, Søren conseguiu descobrir que ela estava na Dinamarca havia quatro meses, que tinha vindo para fazer algum trabalho como modelo e que muito em breve estrelaria um filme. Mini acreditava piamente no que estava dizendo, constatou Søren, contendo um arroubo de fúria que em nada ajudaria no seu interrogatório. Era bem possível que quisessem fazer um filme com ela, mas, ao imaginar de que gênero seria, teve vontade de esfolar o rosto do pilantra finlandês no asfalto de Amager.

Em seguida, perguntou mais uma vez se Mini sabia onde estava Tommi Karvinen e ela balançou a

cabeça negativamente, a mão irrequieta no colo.

– Mini... – prosseguiu Søren, tentando ser o mais claro possível no seu inglês. – Tommi levou uma menina com ele. Uma dinamarquesa. De 14 anos.

A garota não disse nada, mas nos olhos dela não se via mais aquela luz que brilhara pouco antes, quando falara da carreira de modelo e dos planos de ser atriz.

– Para onde ele a levou? – perguntou Søren.

Mini encolheu os braços e as pernas do mesmo modo que faz uma aranha quando sopramos nela. Instinto de autopreservação.

– Onde eles estão? – insistiu Søren, com delicadeza. – Você quer ajudar essa menina de 14 anos, certo?

Mini havia começado a hiperventilar e, devagar, foi tombando para o lado. Quando se deu conta de que a cadeira ia virar, Søren estendeu a mão mas não conseguiu impedir que a garota escorregasse para o chão. Ela ficou imóvel, os joelhos flexionados contra o peito, os olhos fechados. Mini *realmente* havia desmaiado, confirmou Søren. Não se tratava de encenação.

Nesse instante, a ampla silhueta de Christian surgiu no umbral da cozinha. Deparando com a moça caída, ele perguntou:

– O que você fez?

Søren cuidadosamente a rolou para o lado e acomodou sob a cabeça dela sua jaqueta de náilon como se fosse um travesseiro.

– Ela estava hiperventilando. Desmaiou e tombou da cadeira. E você, alguma novidade?

– Sim. Demos sorte. A mocinha desmaiada aí é a proprietária oficial de um imóvel na ilha de Amager, uma espécie de sítio nas imediações da Tømmerupvej. E é exatamente lá que fica o endereço de IP que a gente rastreou.

– Excelente! Jankowski e eu vamos para lá agora mesmo. – Pena que o Pomba tivesse precisado voltar, mas não havia tempo para chamá-lo de volta. – Chame uma ambulância para a garota.

Søren teve o pressentimento de que Mini recobrava a consciência e estava ouvindo aquela conversa numa língua que ela não compreendia.

– Ambulância? Mas se ela estava apenas hiperventilando...

– Christian, tire esta moça daqui. Leve-a para um bom hospital, um lugar limpo, com pessoas bacanas que vão cuidar dela. Amanhã a gente vê o que faz, certo? Diga apenas que ela está inconsciente, que você não conseguiu despertá-la.

A ficha finalmente caiu, observou Søren, e Christian assentiu.

Sem a jaqueta, seguido por Jankowski, Søren desceu a rua na direção do carro estacionado.

– O que aconteceu com a garota? – perguntou Jankowski assim que se acomodou ao volante. – Foi só um desmaio mesmo?

– Dirija – disse Søren. – Não sei o que esse cara faz para aterrorizar as mulheres. Mas isso vai ter um fim!

SÁNDOR E NINA SEGUIAM MUDOS um ao lado do outro. O ronco do motor a diesel reverberava na caixa metálica da van, abafando os ruídos que vinham de fora. Assim que pararam pela primeira vez, Sándor começou a chutar as portas traseiras com as duas pernas, mas Nina o segurou pelo braço.

– Ida. – Nos olhos dela, havia uma centelha que não podia ser ignorada, um brilho imperativo e feral. – Você está arriscando a vida da minha filha.

O carro arrancou novamente; devia ter parado diante de um sinal fechado.

A mão de Sándor latejava em compasso com o ronco do motor. A cabeça doía de tal modo que por vezes ele preferia que o psicopata finlandês tivesse metido uma bala nela. No coração exausto, ainda havia espaço para a empatia por Nina e para o temor pela garota presa na escuridão daquele tanque de óleo subterrâneo, obrigada a economizar o oxigênio que consumia sob pena de abreviar a vida que porventura lhe restasse. Mas alguém deveria pensar além. Ele compreendia perfeitamente que Nina não pudesse fazê-lo. A garota era filha dela. Mas alguém *tinha* que pensar nas outras pessoas, nos incautos que naquele exato momento estariam no metrô, num quarto de hotel ou num show de rock, sem fazer a menor ideia de que o mundo deles estava prestes a explodir num milhão de pedaços, num milhão de partículas radioativas, dali a uma semana, um dia ou uma hora.

Alguém tinha que pensar nessas pessoas.

Tamás não havia pensado. Pensara apenas no dinheiro, nas injustiças mais imediatas, na sobrevivência e nos sonhos da família. Os passageiros de metrô, os hóspedes de hotel, os roqueiros dinamarqueses... para ele, essas pessoas nem existiam. Os ciganos de Valby o tinham chamado de *mulo*, um espírito do mal. Uma morte impura trazia consigo uma série de maldições, e dificilmente haveria uma morte mais impura que a de Tamás.

Quando Sándor fechava os olhos, via Tamás. Não uma lembrança dele vivo, mas uma imagem do irmão morto, encarando-o com os olhos flamejantes dos fantasmas que vovó Éva descrevia em suas histórias, olhos que choravam sangue. Ele temia jamais ser capaz de dormir sem ver o *Mulo*-Tamás em seus sonhos. Nem sabia se teria outra oportunidade para dormir ou se tudo acabaria de repente com um projétil alojado em seus miolos, apagando a luz do mundo.

A van parou, dessa vez por um tempo bem maior que o de um sinal fechado. Depois, avançou sobre uma superfície mais irregular e mais esburacada.

Os olhos de Nina brilhavam preocupados sob a luz que vinha da cabine do motorista. As portas traseiras foram escancaradas e o psicopata finlandês ordenou que descessem.

Sándor notou que estavam num canteiro de obras. Marcas de pneus no chão enlameado, placas de reboco empilhadas sob plásticos pretos que tremulavam ao vento. Holofotes em postes altos desenhavam sombras negras na paisagem escura daquela noite de maio. Tommi havia estacionado a

van entre dois trailers que faziam as vezes de escritório, escondendo-a de quem passasse na rua.

– Ele quer esta lata lá dentro – instruiu o finlandês. Sua máscara deixava o sotaque ainda mais pesado ou talvez fosse apenas o estado de excitação em que se encontrava. – Depressa. A gente não vai botar a mão na grana se não fizer a entrega do jeito que ele mandou.

Sándor mentalmente calculou a distância, mas Tommi estava longe demais, balançando o corpo para a frente e para trás como um atleta antes do salto triplo, telefone numa das mãos, a arma acintosamente erguida na outra. Talvez achasse que ninguém podia vê-lo, talvez nem se preocupasse mais com isso. Frederik havia sumido de vista. Já devia estar no interior da construção inacabada mais adiante, por trás do vulto irrequieto do finlandês.

Nina começou a retirar uma das lajes de cima da manilha.

– Dá uma ajuda, garoto – disse Tommi. – Não vai deixar a dama fazer todo o trabalho sozinha, vai?

Sándor se adiantou para auxiliar. Novamente passaram o cabo do ancinho sob a alça da lata de tinta e conseguiram equilibrá-la entre eles. A necessidade de manter esse equilíbrio vinha consumindo toda a atenção de Sándor, até que ele pisou em algo ao mesmo tempo mole e firme. Ao baixar os olhos, descuidou-se do que fazia e precisou ajustar depressa sua ponta do cabo para evitar que a lata deslizesse e derrubasse a areia no chão.

Tratava-se de um cachorro. Um pastor-alemão.

De início, Sándor achou que Tommi tinha atirado no bicho, mas não havia sangue suficiente. Percebeu que o pastor-alemão arfava ligeiramente com a língua vermelha tremendo para fora da boca meio aberta. Ele não estava morto, ou pelo menos não ainda. Talvez o tivessem nocauteado com uma paulada, talvez o tivessem drogado, não havia como saber.

– Depressa aí, vocês dois! – exortou Tommi, chegando ao ponto de dar um pulinho de felicidade. – Não estão animados? A festa só está começando!

TIC... TAC... TIC... TAC... No silêncio da casa, Skou-Larsen podia ouvir o ruidoso tiquetaquear do relógio francês antigo que, embora fosse de mesa, ficava empoleirado sobre o armário de roupa de cama. Ele agora se encontrava sentado no terceiro degrau da escada do hall, sem forças para sair dali.

Helle logo estaria de volta. O ensaio do coral raramente durava mais que duas horas. Se é que ela estava mesmo lá.

Cogitou ligar para Ellen Jørgensen e perguntar. A mulher também cantava no coral e morava a apenas algumas ruas de distância; ele já lhe dera muitas caronas nas vezes em que fora buscar Helle de carro.

Mas Skou-Larsen ficou onde estava. A nitroglicerina tinha ajudado um pouco, embora ele ainda não se sentisse perfeitamente bem. Mas o motivo que o prendia àquela escada era... O real motivo era que não queria ligar para ninguém. O que fazer caso Ellen Jørgensen dissesse que ele se enganara e que não havia ensaio nenhum naquela noite?

Foi então que ouviu o portão bater. De onde estava, não podia ver o jardim, mas escutou o *clic-clic-clic* das marchas que a mulher ia trocando na bicicleta. A audição era a única coisa que ainda funcionava quase como na juventude. À custa de algum esforço, ficou de pé. As pernas formigavam terrivelmente: a escada dura havia comprometido ainda mais a circulação nas extremidades, que já não era muito boa.

Helle logo percebeu que havia algo errado. Correndo os olhos à sua volta, viu a porta aberta do armário em que ficava o aspirador de pó, o envelope às costas do marido.

– Me dá isso aí.

– Helle, precisamos conversar. O que você pretendia fazer com este dinheiro?

– Detesto quando você mexe nas minhas coisas – rugiu ela, e tentou passar por ele.

Skou-Larsen apoiou a mão na parede para bloquear a passagem da mulher. Notou que ela estava com a mesma maquiagem elegante que costumava usar para sair, apenas um pouco de sombra nos olhos e um batom rosado nos lábios, nada vulgar. Trazia os cabelos presos num coque frouxo e vestia sua camisa Benetton, aquela que ele comprara com base na lista de desejos da esposa no último aniversário. Ele se lembrou de Claus reclamando: “Mãe, isto aqui não é uma lista de desejos, é um formulário de pedido! Assim você não tem surpresa nenhuma!” Mas Skou-Larsen achava aquilo prático, gostava de ter instruções claras para seguir. Assim não havia como errar.

Helle estava com o mesmo aspecto de sempre. Sem tirar nem pôr.

– Isso não teria sido necessário se você tivesse feito alguma coisa. Mas você nunca faz nada, não é?

– Amanhã vou depositar este dinheiro outra vez no banco – disse ele, paciente. – Depois vou

providenciar um documento para que você não possa mais sacar dessa conta sem uma assinatura minha ou do Claus.

Helle não prestava mais atenção. Era o que diziam os olhos dela, focados mas distantes, como se à sua frente estivesse apenas um objeto esquecido no caminho.

De repente, Helle o empurrou para o lado, não com as mãos, mas com o ombro. Ele cambaleou, pisou em falso no degrau imediatamente abaixo e se esbarrachou no piso do hall sobre o quadril. Ouviu o *crac* rápido e seco de um fêmur quebrado.

– *Aaaarhhh...* – fez ele e, quando a dor se instalou de verdade, voltou a gemer: – *Aaaaaaaarhhh...* – O ar lhe escapou dos pulmões com um ruído pouco digno, quase animal.

Helle recolheu o envelope com o dinheiro.

– Chama... uma... ambulância – disse Skou-Larsen entre dentes.

Ela o olhou com um vinco de preocupação entre as sobrancelhas.

– Agora não tenho tempo. Você vai ter que esperar até eu voltar – replicou, e saiu com o envelope apertado ao peito.

Skou-Larsen ouviu a porta bater, mas já não via nada, nem porta nem mulher. Cegava-o uma dor que não era a do fêmur quebrado, mas outra ainda maior e mais abrangente que irradiava da nuca para borrar os contornos do próprio corpo e diluir todos os demais sentidos.

Não estarei mais aqui, ele ainda teve tempo de pensar. Não estarei mais aqui quando você voltar.

Um vagalhão negro se ergueu inelutavelmente dentro dele. Não havia nada a fazer senão entregar-se.

— NÃO TEM NINGUÉM AQUI – disse Jankowski.

Muito a contragosto, Søren concordou. A casa estava deserta.

– Demoramos demais.

Ele convocara os “uniformes”, tal como Torben se referia à polícia civil, e ordenara que colocassem um carro de patrulha bloqueando a estrada de terra que levava à velha fazenda. Tarde demais. Karvinen já havia se mandado com os reféns. A constatação o corroía e Søren já se arrependia de ter tomado aquela última xícara de café.

– Chame os peritos; vamos ver o que eles conseguem encontrar por aqui – falou, mesmo sabendo que eram ínfimas as chances de encontrarem algo minimamente útil a curto prazo.

Respirou fundo, procurou organizar as ideias. A revolta e a sensação de fracasso não lhe trariam nenhum bem, muito menos aos reféns de Tommi Karvinen.

O finlandês não era exatamente um gênio do submundo do crime. Segundo Birgitte, ele havia começado como um traficante comum de rua antes de passar para a cafetinagem e encontrar nela um terreno fértil para seu temperamento explosivo e brutal, aterrorizando as moças e os clientes delas sempre que necessário. Era inteligente o bastante para saber quem podia agredir a salvo da polícia e era esse instinto de sobrevivência que dificultava imaginá-lo como um homem-bomba fanático. Sua modalidade de terror era mais individual: escolhia suas vítimas com cuidado, depois desenvolvia com elas uma relação íntima e intensa. Não entendia como ele poderia encontrar o mesmo tipo de satisfação ao explodir um bando de desconhecidos.

Nesse caso, quais seriam suas intenções com a enfermeira e a filha dela?

Por um instante de pavor, Søren aventou a possibilidade de que as duas coisas não tivessem nada a ver uma com a outra, que os motivos de Karvinen não se relacionassem com Valby, césio e bombas sujas.

– Søren?

– O que foi agora?

– Escute só o contador Geiger.

Søren colocou um dos fones no ouvido. Os bipes intermitentes iam ficando cada vez mais fortes à medida que eles se aproximavam da garagem.

– Chame o pessoal da Proteção contra Radiação. Rápido.

De acordo com aquela apresentação de PowerPoint, a fonte de césio não ocupava muito espaço: o cilindro em si era menor do que uma lata de sopa. Seria possível que estivesse escondido ali naquela garagem?

Søren não queria azarar as coisas com uma ponta de esperança, mas pelo menos agora sabia que o finlandês havia passado por ali. Karvinen novamente estava associado a Valby e à possibilidade

de uma bomba suja. Tudo se conectava. Nada fazia sentido ainda, mas tudo se conectava.

O vento soprava de longe, atravessando os campos abertos e trazendo consigo um cheiro de maresia e combustível de jato. Søren sentiu falta de Susse, da casa dela e da horinha de sossego que mais cedo naquele mesmo dia ele havia conseguido tirar para si. Por que se metera naquela vida em que gastava boa parte do dia tentando entrar na cabeça de parasitas como Tommi Karvinen?

Ânimo, homem!, disse a si mesmo. Pense. Faça alguma coisa. A autopiedade pode ficar para depois.

De repente, notou uma movimentação no espinhento matagal de urtigas que cercava a casa. Sacou a arma, aguçou os ouvidos e foi se esgueirando pela fachada lateral. As urtigas tremeram novamente e, dessa vez, ele pôde ouvir algo. Grunhidos. Alguém cavoucando a terra. Ele continuou a se esgueirar e já havia alcançado a quina da casa quando avistou mais adiante o vulto um pouco avantajado de um labrador escuro. O cachorro fitou-o com os olhos pretos, abanou o rabo de leve, depois voltou à escavação, jogando terra e cascalho por entre as patas traseiras.

Søren guardou a arma no coldre. Por sorte, não gritara “Polícia!” nem fizera nada inadequado do tipo. Estalou a língua contra o céu da boca para que o cachorro o encarasse.

– E aí, amigão, o que você está fazendo?

Constatou que o labrador não estava tentando abrir um buraco. Já havia escavado todo o entorno de uma tampa metálica enferrujada que talvez cobrisse um poço artesiano ou um acesso à tubulação de esgoto.

O Branca de Neve. Søren subitamente se lembrou dos acontecimentos naquela madrugada fria na oficina de Valby, do corpo que haviam encontrado naquele tanque de combustível subterrâneo, naquele sarcófago escuro que fedia a óleo diesel.

Merda.

Não.

De novo, não.

Com o coração martelando no peito, pensou: pelo amor de Deus, a garota, não. Não aquela pobre garota de 14 anos.

Foi então que ouviu um barulho fraco que não era do cachorro. Alguém parecia bater em algo metálico. *Tum-tum-tum... Tum. Tum. Tum. Tum-tum-tum...*

S.O.S.

– Jankowski! Vem aqui! Depressa!

Imediatamente, ele caiu de joelhos sobre as urtigas amassadas e tentou abrir a tampa com os dedos, mas não conseguiu agarrar as bordas direito. Uma chave de fenda, um gancho qualquer... seria ótimo se tivesse alguma coisa para encaixar naqueles dois buracos da tampa. Søren chegou a fazer uma tentativa com sua esferográfica, mas ela logo quebrou. Em seguida, sacou a arma e usou a coronha para bater uma resposta à garota – nada lhe tirava da cabeça que se tratava da filha da enfermeira –, assim, pelo menos, ela saberia que alguém a tinha ouvido e estava ali para ajudar.

– Não se preocupe! – berrou. – Vamos tirar você daí!

Era mesmo a menina. Assim que conseguiram retirar a tampa do tanque de óleo e cortar o cadeado da outra que havia logo abaixo, foi revelado o rosto lívido, imundo e aterrorizado de uma adolescente. As mãos dela sangravam, as unhas estavam quebradas. Os dedos ainda se fechavam convulsivamente sobre as chaves que ela havia usado para tamborilar seu S.O.S. quase inaudível. Lágrimas escorriam por suas bochechas e ela continuou a chorar mesmo depois de ser içada do tanque, embrulhada numa manta térmica, e ingerir água com açúcar.

– Eles levaram minha mãe... E o Sándor também. Ele é do bem, não faz parte da gangue, por favor, não façam nada contra ele. E eles também estão com aquele treco.

– O cézio? – perguntou Søren.

– É, isso. Vão vender para um velho aí, um maluco que vai pagar meio milhão de coroas por ele.

– Por acaso você sabe onde eles vão se encontrar? – indagou Søren, ansioso.

A garota ainda respirava em um ritmo descompassado. Søren se admirava com a força interna e a lucidez que ela estava demonstrando em circunstâncias tão extremas. Era um espanto que ela conseguisse falar, pensar, responder...

– Na Lundedalsvej. Escrevi para não esquecer. – Ela mostrou o antebraço rabiscado com letras grandes, pretas e borradas em zigue-zague. – Usei o rímel.

A vontade de Søren era puxar a garota para um abraço, mas por algum motivo achou que ela não iria gostar muito. Ida lembrava a mãe no esforço ferrenho que vinha fazendo para não perder o autocontrole.

– Obrigado – foi o que ele encontrou para dizer. Falou com sinceridade e, como recompensa, recebeu um sorriso adolescente enviesado e incerto.

Jankowski parecia pensativo.

– Lundedalsvej... – disse ele devagar. – Não é lá que...?

– Exatamente. É lá que estão construindo aquela mesquita nova.

FREDERIK VEIO CORRENDO, SALTANDO AS poças para não enlamear os sapatos. Idiota, pensou Sándor, o homem havia protegido o corpo inteiro com macacão e máscara, mas os pés estavam totalmente vulneráveis.

– Deixei o Touareg a alguns quarteirões daqui – avisou o dinamarquês, esbaforido. – A gente pode desovar a van aqui mesmo. Ela é roubada, não é?

– É, é – respondeu Tommi. – Vem. São quase nove e meia. E coloca essa máscara aí, senão o resto não vai servir para nada.

Frederik subiu o capuz do macacão, vestiu os óculos protetores e posicionou a máscara de filtragem sobre o nariz e a boca.

A porta da edificação que antecedia o domo estava trancada, mas isso não chegava a ser um problema para Tommi.

– Segura isso aqui – ordenou ele, e entregou sua arma para Frederik.

Sándor constatou que o dinamarquês não tinha a menor intimidade com armas quando o viu erguer desajeitadamente a pistola recebida, procurando mantê-la longe do corpo. Nem por isso ficou mais tranquilo: o risco de um tiro acidental e de um deliberado era o mesmo.

Com a chave de fenda que havia buscado na van, Tommi rapidamente arrombou as portas duplas verdes que davam acesso à mesquita.

– Esperem aqui. – Ele tomou a arma de Frederik e sumiu no interior da construção, mas não demorou a voltar. – Tudo em paz. Ele ainda não chegou.

Com a lata de tinta equilibrada entre eles, Sándor e Nina passaram ao hall escuro. O ambiente cheirava a terebintina e madeira nova. O plástico preto que forrava o chão crepitava a cada passo que davam. A luz forte dos holofotes externos vazava pelos arcos das janelas, mas não a ponto de clarear o amplo salão. Manter o cabo do ancinho na horizontal se tornava uma tarefa ainda mais difícil quando não era possível enxergá-lo direito.

– Botem a lata no chão e fiquem onde estão – ordenou Frederik. – Agora é só esperar.

Ele e Tommi saíram da luz e isso fez com que Sándor se sentisse ainda mais vulnerável, parado no meio do salão, completamente visível a alguém que atravessasse a porta. Ao lado dele, Nina havia sentado no chão com a cabeça entre os joelhos.

– Você está bem? – perguntou ele.

– Não. Mas não tem nada que você possa fazer para me ajudar.

Em meio ao silêncio, soou o *pling* de uma mensagem de texto. Tommi jogou o celular para Frederik.

– Vê aí o que ele quer.

Seguiu-se uma pausa enquanto Frederik abria e lia a mensagem.

– Ele quer que a gente leve a lata para o banheiro masculino, que fica à esquerda.

– Ele está vendo a gente? – perguntou Tommi. – Cadê o Tio Patinhas?

– Melhor fazer o que ele está mandando – replicou Frederik, a voz mais aguda que o normal, nervosa. – Quanto antes a gente sair daqui, melhor.

– Sim, mas só com a nossa grana no bolso.

Frederik se afastou ruidosamente pela escuridão, sobre o plástico preto. Sándor ouviu-o abrir uma porta; segundos depois, escutou um clique e viu um retângulo iluminado.

– A luz aqui está funcionando – anunciou o dinamarquês sem a mínima necessidade.

– Alguém aí? – berrou Tommi de repente, alto o bastante para assustar os demais, ecoando na mesquita. – Venha para a luz! *Show me the money!*

A única resposta foi uma nova mensagem de texto que chegou com seu respectivo *pling*.

– *O quê?* – exclamou Frederik. – Por que diabos a gente tem que fazer isso?

– O que ele disse?

Frederik mostrou a mensagem para Tommi, depois acenou para Sándor.

– Vem aqui. Não, porra. *Com a lata!*

Sándor olhou para Nina, estirada no chão. A displicência com que seus braços e pernas estavam jogados para os lados era sinal de que não estava simplesmente descansando.

– Nina – chamou ele.

Ela não respondeu.

– Acho que ela desmaiou – disse Sándor.

Tommi tinha um método bastante simples para descobrir se a boneca de pano realmente estava apagada. Marchou para junto dela e a chutou nas costelas com tamanha força que Sándor, por reflexo e empatia, levou a mão ao próprio tórax.

Nenhum sinal de vida por parte da enfermeira.

Para carregar aquela lata sozinho, Sándor teria que tocar nela. Não havia como segurar o ancinho com a mão machucada, portanto seria preciso usar a mão boa para erguer a lata pela alça.

– Pelo menos me deem uma luva – suplicou.

Frederik hesitou um instante, mas depois tirou uma de suas luvas amarelas e a arremessou para Sándor.

– Toma.

Sándor vestiu-a. Era da mão errada, mas, ainda assim, o protegia daquela coisa. Retirou o ancinho, largou-o no chão e ergueu a lata de tinta o mais longe possível do próprio corpo. Ela era pesada e seu braço tremia ligeiramente com o esforço.

Azulejos verdes e azuis revestiam todo o banheiro e as torneiras eram de um reluzente metal dourado. As portas das cabines ainda não haviam sido instaladas. Nos fundos do recinto, viam-se um aquecedor, alguns canos, os registros principais de água e um vaso de expansão ainda à mostra, esperando pela parede de gesso que um dia seria erguida para cobri-lo.

– Ele quer o negócio dentro disso aí – falou Tommi, indicando o reservatório de água quente. – Só o bagulho, sem a lata.

Isso significava que Sándor teria que tocar diretamente na fonte de radioatividade. Ele hesitou, já

à beira de um ato qualquer de rebeldia. Mas Tommi não hesitou nem um pouco antes de apontar sua arma na direção do cigano e, deliberadamente, atirar um pouco mais para o alto.

O tiro ecoou pela cerâmica do banheiro e uma chuva de poeira caiu sobre a cabeça de Sándor. E eles ouviram um grito abafado no telhado.

Sándor e Tommi olharam para o alto. O teto ainda estava por terminar. Placas de gesso branco estavam sendo montadas na estrutura de madeira e, no espaço imediatamente acima, em meio ao emaranhado de fios soltos e às placas de isolamento térmico, via-se o vulto de uma pessoa.

– Você vai descer daí – rosnou Tommi. – Por bem ou por mal. Você decide.

De início, ele teve a impressão de que a tal pessoa não pretendia obedecer, mas bastou erguer a arma novamente para que ela começasse a se mexer. Movia-se com alguma dificuldade por causa do macacão de astronauta, desses que se usam na remoção de amianto. As pernas surgiram primeiro, depois o tronco, e a pessoa foi retorcendo o corpo, deixando-se escorregar até saltar diante de Tommi e Sándor.

Por causa do macacão, não era possível dizer se dentro dele estava um homem ou uma mulher. Mas, para Tommi, o que realmente importava era o envelope que o astronauta trazia preso ao peito com fitas adesivas.

– Dia de pagamento... – sussurrou ele, arrancando o envelope. – *Money, money, money...*

O homem estava cantando. Muito desafinado, mas não havia dúvida de que se tratava de Abba.

É agora, pensou Sándor. Agora que a atenção dele está inteiramente voltada para o dinheiro.

Tudo o que ele tinha era uma lata de tinta repleta de areia. Reunindo as forças que ainda possuía, arremessou-a contra a cabeça do finlandês, que estava completamente alheio ao que poderia acontecer com o cilindro de césio.

Mas Tommi se esquivou a tempo. Saltou para trás, deixou o envelope cair no chão e disparou sua arma.

ALGUÉM HAVIA ATEADO FOGO EM Nina e ela sabia que precisava acordar. Rápido. Mas a estranha escuridão que a cercava parecia sugá-la de volta mesmo quando conseguia manter os olhos abertos. Era como se o cérebro fosse um computador que se recusasse a iniciar. O chão lhe parecia duro e frio sob o quadril e os ombros. De repente, ela se deu conta de que não estava em chamas. A queimação vinha do lado direito da caixa torácica, provavelmente de uma costela quebrada, que poderia ter perfurado o pulmão. Melhor evitar movimentos bruscos, pensou, aturdida. Mas tudo à sua volta se movia, um amplo breu que rodopiava ora para cá, ora para lá. Por um instante, pensou estar numa sala de espelhos de circo, do tipo em que o mundo se torna torto, distorcido. Ainda penava com uma sede horrível e o chão sobre o qual se deitava também parecia estar imundo. Ela tinha poeira na boca e nas mãos.

Ida.

Nina lembrou-se da filha sendo descida pelo Sr. Subúrbio para o interior de um tanque subterrâneo. De repente, escutou vozes. Virou o rosto na direção delas e viu uma porta se entreabrir a alguns metros de distância, lançando uma faixa estreita de luz. Reconheceu a silhueta do suburbano Frederik. Xingou baixinho, depois procurou ficar imóvel. Melhor seria que ele ainda a desse por inconsciente. Era bem provável que Tommi o tivesse plantado ali como sentinela. Àquela altura, seus olhos já haviam se habituado à escuridão, logo ela podia ver as portas duplas que davam para a realidade do mundo exterior. Bastaria uma corrida rápida para alcançá-las e, uma vez que estivesse do lado de fora... O raciocínio foi interrompido por uma pontada nas costelas ao inalar. Pulmões perfurados. Se estivesse com um assim, ela não poderia correr. Se não estivesse, poderia, mas arriscaria uma perfuração. Os pensamentos agora corriam em círculos, como a roda de um ratinho branco de laboratório. Era como se alguém tivesse fincado um cinzel sob suas costelas para depois empurrá-las com força. Ela não se lembrava do que acontecera, mas, passando os dedos cuidadosamente sobre a parte inferior da caixa torácica, deparou com um relevo que não deveria estar ali. Uma fratura. Não havia dúvida de que a costela estava quebrada. Nada de corridas por enquanto.

Mas Ida ainda se achava trancafiada naquele maldito tanque.

Bang!

O tiro ecoou pelo hall vazio, fazendo com que o Sr. Subúrbio se encolhesse.

– Que diabos está acontecendo? – murmurou ele.

Caminhou rumo à porta com passos decididos, mas por fim ficou apenas parado na soleira, espiando o cômodo adjacente. Aparentemente, ninguém lhe explicou nada, embora fosse possível ouvir a voz do finlandês, que parecia estar cantando.

Cantando?

Frederik olhou de relance para ela, perplexo, depois seguiu para o lugar onde estava o comparsa. É agora ou nunca, pensou Nina. Você não pode morrer aqui.

Com respirações curtas, apoiou as mãos no chão e começou a se levantar aos poucos. Por duas vezes foi cegada pela dor nas costelas e precisou esperar até o mundo ressurgir à sua frente. Assim que pôde, seguiu cambaleando na direção das portas duplas da saída.

Foi aí que ouviu um segundo disparo. O susto foi tão grande que por muito pouco não lhe tirou o chão dos pés. Mesmo assim, ela não olhou para trás.

Por fim, alcançou a saída. Farpas se projetavam por todos os lados na madeira em torno da fechadura arrombada e seus dedos atrapalhados não conseguiam abrir silenciosamente as folhas duplas da porta. O vento forte que vinha de fora acabou batendo uma das folhas com estrépito na parede. De repente, Nina se viu liberta no frio daquela noite de maio. As poças do canteiro de obras cintilavam pardas sob a luz dos holofotes. A uns 100 metros de distância, estava a rua e, do outro lado, uma sequência de casas suburbanas de aspecto pacífico com cercas vivas e bétulas no jardim, os galhos balançando ao sabor do vento. As luzes estavam acesas numa das residências mais próximas, os donos certamente estariam lá.

Buscar ajuda para Ida, foi o que Nina pensou de imediato.

Seguiu caminhando na direção da luz, claudicante mas obstinada, e não parou nem quando ouviu mais três tiros no interior da mesquita às suas costas.

O TIRO ABRIU UM BURACO EM SEU FLANCO, logo abaixo das costelas. Inicialmente, Sándor sentiu apenas o impacto, depois uma umidade quente na região atingida. Ainda estava de pé, não havia sido arremessado para trás como nos filmes de ação. No entanto, deixara a lata cair.

– O que você está fazendo, porra?!

Apesar da entonação de perplexidade, Sándor logo reconheceu a voz de Frederik. Tommi apenas deu uma risada absolutamente normal, como se tivesse ouvido algo muito engraçado.

– *Bum!* Você está morto – disse, e deixou uma segunda bala escorregar para a culatra.

Sándor não queria cair. Uma queda seria bastante dolorosa e ele já havia sofrido o suficiente com todo tipo de dor. Mas as pernas não pediram sua permissão para bambear. Ele caiu de joelhos no chão, encurvou-se e desabou para o lado. E a queda foi, sim, muito dolorosa.

Sobreveio outro tiro, mas dessa vez ele não sentiu nada. O disparo ainda ecoava em sua cabeça quando viu o astronauta rodopiar ligeiramente e desabar no chão. Ah, o outro é que foi o alvo, não eu, pensou Sándor com a bizarra sensação de distanciamento de que apenas repetia fatos não relacionados a ele.

– Para com isso! – berrou Frederik.

– Parar por quê? Cara, são um cigano e um terrorista muçulmano. Estou prestando um serviço à humanidade, porra.

Sándor sentiu seu corpo dolorido ser içado por alguém. Viu que era Frederik e teve a impressão de que ele o segurava de modo quase afetuoso. Sua vontade era que o dinamarquês o deixasse em paz, mas de repente o homem colocou algo frio e metálico em sua mão boa, depois fechou os dedos sobre ela.

Uma arma, ao que parecia.

Com algum esforço, abriu os olhos. Realmente *era* uma arma. Pequena, preta, reta. Menor que a de Tommi.

– Atira nele – sussurrou Frederik. – O homem está completamente doido! Atira antes que ele nos mate...

Por que *você* não atira?, foi o que pensou Sándor, mas não enunciou a pergunta irritada. Ele não teve forças para reagir quando Frederik ergueu sua mão, posicionou o indicador sobre o seu e apertou o gatilho.

A bala abriu um buraco na parte de trás do capuz da roupa protetora do finlandês, mais ou menos na altura da boca, antes de explodir sua cabeça. Segundos depois, o homem tombou para a frente e se esborrachou no chão com um barulho molhado.

Frederik se afastou de Sándor e ficou de pé. Saltou o corpo desfalecido do astronauta e se debruçou sobre Tommi.

Por que estava segurando a mão do comparsa?, perguntou-se Sándor.

Mas não era isso que ele estava fazendo. Após arrancar a luva do finlandês, Frederik recolheu a pistola caída, colocou-a na mão do morto e fechou os dedos inertes sobre a coronha, exatamente como havia feito pouco antes com o próprio Sándor.

Vai me matar, deduziu Sándor. Certamente mataria Nina depois, mas não antes de se assegurar que o astronauta também estava morto. Assim, iria embora seguro, pois ninguém mais poderia apontar para o Sr. Asseio e acusá-lo: “Foi esse aí.”

Sándor ainda estava com a arma na mão. Bastaria erguê-la. Erguer e mirar.

Mas não se sentia capaz.

Anda logo com isso, *phrala*.

Ouviu a voz com tamanha clareza que, por um instante de loucura, achou que Tamás ainda estivesse vivo. Num impulso, ele passou o dedo no gatilho e atirou.

Um estalo. Um berro.

Diante dele, Frederik entrelaçou as mãos como se fosse rezar. Sangue escorria por entre os dedos. O mindinho direito não estava mais lá.

– Merda. Merda. Merda – praguejou ele, a voz mais aguda e estridente a cada palavra. Cambaleou até a porta e sumiu.

Sándor pensou se teria forças para se arrastar prédio afora. Tinha lá suas dúvidas. O astronauta jazia imóvel com uma mancha vermelha no peito; não era possível ver se do outro lado da máscara ainda restava alguma vida. A lata de tinta se achava a poucos metros de distância, tombada, e a areia vazava lentamente pelas frestas onde a vedação não era completa. O envelope com o dinheiro também se encontrava no chão, tão perto que bastaria esticar o braço para alcançá-lo.

Sándor esticou o braço.

NINA BATEU À PORTA COM UMA aldrava de ferro fundido, uma cabeça de leão com uma argola. Podia jurar que estava ouvindo passos do outro lado da madeira espessa, mas ninguém surgiu para atendê-la e ela se arrependeu de ter escolhido a casa mais próxima. Deveria ter escolhido outra, mais distante da construção às suas costas. Caso Tommi e Frederik viessem no seu encalço, ela estaria completamente vulnerável ali, parada diante de uma porta fechada, um alvo fácil. As dores no flanco iam e vinham ao sabor da respiração ofegante e, a cada vez que ela inalava, pontinhos pretos dançavam no seu campo de visão. Ela poderia morrer ali mesmo e ninguém ficaria sabendo onde estava Ida.

Ao lado da porta, havia uma janela estreita e alta. Nina se colocou diante dela e bateu no vidro, ora com os nós dos dedos, ora com a palma da mão.

– Alguém em casa?

As palavras saíram quase inaudíveis. O grito estava lá, na garganta, mas a língua e a boca seca recusavam-se a cooperar. De qualquer modo, ela agora via alguém se aproximar, um senhor mais velho que abanava a mão pintada de manchas hepáticas num gesto que dizia: “Vá embora!” Ela baixou os olhos para si mesma. Estava com um aspecto horrível. O agasalho azul-marinho estava coberto de poeira de construção e o braço direito pendia de um modo pouco natural, afastado da costela quebrada. Tentou sorrir, mas, a essa altura, o homem já se distanciava, voltando para os fundos da casa. Ela bateu novamente, menos esperançosa do que antes.

– Preciso de ajuda!

Nenhuma resposta.

Ela se virou na direção da mesquita. As portas duplas da entrada ainda estavam abertas, mas, além delas, não se via nenhum sinal de Tommi ou Frederik. Foi um susto quando um reflexo de luz cortou as janelas de um dos trailers do canteiro, mas eram apenas as lâmpadas da rua, sacudidas pelo vento forte.

Terei forças para tentar os vizinhos?, pensou Nina. Olhou para a casa ao lado. Mais uma fortaleza de tijolinhos vermelhos, porta de madeira sólida e apenas uma janela iluminada. Nina estava com uma vontade estúpida de chorar. Exatamente como fazia quando era pequena, depois que ralava o joelho no pátio da escola, rodeada por crianças risonhas. Mas, se chorar fora inútil naquela infância, agora então... Esfregou os olhos com o dorso da mão e avaliou seu entorno. No gramado diante da casa, havia uma simpática banheira de passarinhos, confinada por pedras de granito vermelho mais ou menos do tamanho de um punho cerrado.

Agarrando-se ao corrimão de ferro, desceu os degraus da varanda com dificuldade. Um passo, dois passos... Tentou ignorar a dor ao se abaixar para pegar uma das pedras, mas, ao se reerguer, não deixou escapar um sonoro grunhido.

Em seguida, escalou os mesmos degraus e voltou para a janela. Viu que o homem já ia longe com seus passinhos miúdos. Então, ergueu e bateu a pedra o mais forte que pôde contra os vidros duplos à sua frente, uma, duas, três vezes, até que conseguiu abrir neles um buraco grande o bastante para passar um braço. O velhinho seguia pelo corredor escuro da casa e dele não se via mais que um par de calcanhares. Mesmo assim, Nina gritou:

– Chame a polícia! Depressa!

~

O carro de patrulha despontou na rua muito antes que o homem pudesse alcançar seu telefone. Sem sirene e sem luzes piscando no alto, passou por Nina, estacionou diante do canteiro de obras e desligou os faróis.

Nina agarrou o corrimão e desceu os três degraus tão depressa que caiu de joelhos sobre as lajes do caminho que levava à rua. Levantou-se, trôpega, e seguiu arrastando os pés e berrando até onde lhe permitiam as dores:

– Socorro!

Não sabia dizer havia quanto tempo Ida já se achava presa naquele tanque. Uma hora? Duas? De qualquer modo, tempo demais. O céu já estava escuro.

– Socorro! – berrou mais uma vez, apressando-se. – Preciso de ajuda!

Dessa vez, os gritos não ficaram na garganta.

SANGUE OU DINHEIRO. NÃO SE tratava de uma escolha hipotética, mas de um problema de ordem prática. O sangue se esvaía de seu corpo a cada bombeada do coração, assim como a capacidade de se movimentar, pensar e agir. Sándor não sabia se estava morrendo ou não. Talvez não fizesse nenhum sentido pensar no futuro.

E o dinheiro. O dinheiro pelo qual Tamás dera sua vida. Tudo estava ali em suas mãos, no interior de um envelope pardo ensanguentado, quase tão volumoso quanto o livro de direito internacional de Blackstone.

Não lhe restavam muito tempo nem muitas escolhas. De modo desajeitado, ficou de quatro. Levantar-se e andar não faziam mais parte de seu repertório. Uma pontada de dor o tomou de assalto quando tentou apoiar no chão a mão esquerda, mas, para sair dali com o dinheiro, seria preciso ignorar a dor. Por sorte, era da natureza da dor tornar-se irrelevante após ultrapassar determinado limite. O mais importante naquele momento era a mecânica da coisa: o que era possível fazer, o que não era. Ele não conseguiria ficar de pé sem cair. E, se caísse, permaneceria onde estava. Talvez pudesse engatinhar com a mão machucada, e foi isso que fez.

Sándor passou pela pessoa com o macacão branco. Naquelas circunstâncias, pouco importava quem estivesse dentro dele, se era um homem ou uma mulher, se estava vivo ou morto. Ele não dispunha de energia suficiente para gastar com revolta ou curiosidade. Mão-jelho, mão-jelho, era só isso que importava. Bastaria passar pelo finlandês destroçado, atravessar aquela porta, atravessar aquele salão e...

Ele já estava na soleira da primeira porta quando, tomado por uma súbita fraqueza, perdeu o apoio dos braços e rolou para o lado até bater com as costas no umbral.

“Você não vai conseguir, *phrala*.”

Erguendo os olhos, deparou com Tamás, o *Mulo*-Tamás com seus olhos injetados.

– Cala a boca – resmungou Sándor. – Sai do meu caminho! Você sabe que essa merda toda é culpa sua, não sabe?

Mulo-Tamás não se moveu.

“A culpa não é só minha.”

Sándor não tinha forças para discutir com um espírito do mal que talvez nem estivesse lá. Tentou seguir engatinhando, mas o corpo não obedeceu.

“Fiz o que precisava ser feito”, continuou o *mulo*. “Pela sobrevivência da nossa família. Para que a gente saísse daquela miséria. Se você não tivesse virado as costas pra gente... de repente eu não teria precisado fazer nada disso, porra, vai saber.”

– Sai da frente... – repetiu Sándor baixinho.

“Você deixou a gente na mão.” Os olhos sanguíneos do *Mulo*-Tamás flamejavam. “Você deu as

costas para sua gente, seu irmão e suas irmãs, para sua própria mãe. Só para se dar bem no mundo dos *gadji*. E aonde foi que conseguiu chegar? A lugar nenhum. Daqui a pouco vai estar tão morto quanto eu. E o que vai acontecer com a nossa família? Sua morte não vai ser nem um pouco mais pura que a minha.”

Sándor deixou a cabeça cair.

– O dinheiro... – balbuciou ele. – A escola da Feliszia. O telhado novo. O apartamento para Vanda. Eu não estou dando as costas para ninguém, Tamás.

“Só não quer que ninguém saiba que a gente existe.”

– Não é verdade. Ainda vou apresentar todos vocês para a Lujza. Quer dizer... se ela ainda me quiser.

Acho que não sou capaz de amar alguém que não tenha coragem de ser quem de fato é, escrevera a namorada. Mas... e se ele agora desse provas da sua coragem? E se deixasse de ser apenas meia-pessoa? Nas profundezas da consciência, ele sabia muito bem que era por isso que baixava a crista tão facilmente, por isso evitava todo tipo de enfrentamento, por isso tinha medo das autoridades e fugia da maioria das lutas, até mesmo das mais importantes. Uma meia-pessoa tem mais dificuldade para ficar de pé do que uma pessoa inteira. Talvez fosse o momento de deixar de ser um semi-irmão também.

– *Phrala*, agora chega, ok? *Te merav*. Você está me matando.

Mas o *Mulo*-Tamás não estava mais lá. Não havia ninguém à sua frente.

Apoiando-se no umbral, Sándor conseguiu ficar de joelhos. O hall estava vazio, sem Nina. Ele esperava que a enfermeira tivesse conseguido fugir, e não houvesse sido arrastada por Frederik para outro lugar.

Mas logo se deu conta de que não conseguiria fugir também. Ouviu o bater de portas de carros, ouviu passos. Restavam apenas poucos minutos até que entrassem no prédio.

Seu coração martelava na tentativa de bombear o sangue mais rapidamente pelo resto do corpo. Mais uma vez usando a porta como apoio, conseguiu se levantar. O buraco no teto ainda estava lá, mas não havia a menor chance de alcançá-lo – mesmo que fosse possível, não evitaria que o vissem. Mas o dinheiro... Quem sabe poderia arremessá-lo para o alto.

Uma única tentativa. Dificilmente teria forças para uma segunda.

“Vamos lá, *phrala*. Vá em frente!”

Dessa vez, ele não soube dizer de onde tinha vindo a voz: do fantasma do irmão ou de si mesmo. Talvez isso não tivesse mais importância. Talvez as duas vozes fossem uma só.

Arremessou o envelope, mesmo sabendo que seria preciso um milagre para fazê-lo aterrissar na escuridão daquele buraco. Pois foi exatamente o que ocorreu. Um arco perfeito, um impulso muito maior que o imaginado, e o envelope desapareceu em meio ao caos de fios soltos e placas de isolamento.

Sándor ainda cambaleou alguns passos antes de as pernas cederem. Por pouco não sobreviveu à queda, porém ainda assim conseguiu se arrastar por mais alguns metros. Depois parou. Não havia como prosseguir.

Deitou a cabeça num dos braços doloridos e ficou ali, esperando por socorro ou julgamento. Pelo

que estava por vir.

Ok, *phrala*. Você fez o que pôde.

IDA ESTÁ VIVA. IDA ESTÁ VIVA.

Nina só havia notado que estava tremendo quando o policial envolveu-lhe os ombros com sua jaqueta. Logo em seguida, ficara sabendo pelo homem que alguém encontrara Ida e que ela estava viva. Não ouvira muito mais do que isso, mas foi como se de um segundo a outro tivesse uma nova percepção de si mesma. A dor nas costelas se tornara real. O enjoo, a enxaqueca, o tremor das mãos ao erguer a garrafa de água que o policial lhe dera, tudo isso agora fazia parte dela, à custa de muita dor, mas pelo menos estava viva. E Ida também.

Nina se recostou no banco do carro e ficou observando os acontecimentos do lado de fora, o flanco direito latejando regularmente. Agora eram três viaturas estacionadas junto à calçada, mas nenhum sinal dos policiais. A porta que eles haviam atravessado era uma lacuna negra voltada para o estacionamento e a porta do trailer-escritório batia com o vento. Nina esperava que Sándor estivesse vivo. Que ele não tivesse sido o alvo dos tiros que ouvira. Porém, naquele momento, no seu coração, não havia espaço para nada além do alívio com a notícia sobre a filha.

Um homem veio descendo a calçada. Ela nem o teria notado se ele não tivesse apertado o passo ao margear os carros da polícia. Tinha um aspecto comum e vestia uma capa de chuva clara, sem dúvida um habitante local fazendo seu passeio noturno. O que estava fora do lugar ali eram as viaturas. Mas, em vez de parar e bisbilhotar, ele simplesmente se apressou. E foi por isso que ela o reconheceu.

Era Frederik. Prestando mais atenção, ela pôde notar outras coisas estranhas na figura do homem: a capa de chuva era grande demais para ele e um dos bolsos, o que escondia a mão direita, exibia uma mancha de sangue que parecia crescer a cada segundo.

A porta do trailer, aberta e batendo ao vento... A luz que ela vira na janela e pensara ser um reflexo das lâmpadas da rua... Seria possível que Frederik tivesse buscado refúgio no veículo até encontrar um disfarce para sair?

Ela se espichou sobre o banco da frente do carro e meteu a mão na buzina. Aturdido pelo barulho prolongado, o homem se encolheu feito um cachorro medroso, depois começou a correr. E nada mais aconteceu. Os policiais ou não tinham ouvido a buzina ou estavam ocupados demais com algo mais importante. Nina buzinou uma segunda vez e as cortinas se entreabriram na casa do velhinho. Esse aí não vai ajudar em nada, pensou com rancor.

Deixei o Touareg a alguns quarteirões daqui. Subitamente, ela se lembrou do que Frederik dissera ao voltar para o canteiro, saltando as poças do estacionamento para entrar na mesquita. Caso conseguisse alcançar o carro, ele conseguiria escapar. Já voltara a caminhar como se estivesse passeando quando dobrou a esquina. Ele iria se livrar.

O Sr. Subúrbio, que ficara tomando sopa instantânea em sua feiosa caneca de cerâmica vermelha

enquanto Ida estava presa a um cano de radiador.

Como já estivera várias vezes no interior de uma ambulância durante seu período de treinamento como enfermeira, Nina acabara aprendendo alguns dos truques utilizados pelos socorristas mais experientes. Um deles consistia em deixar uma chave sobressalente na viseira do veículo para que qualquer motorista pudesse sair com ele no momento da emergência. Lembrando-se disso, ela se espichou novamente sobre o banco do motorista e baixou a viseira. A chave caiu no assento. Com a agilidade possível, passou ao banco dianteiro, pisou na embreagem, deu partida no carro e acelerou pela Lundedalsvej até dobrar a esquina seguinte. Não sabia exatamente o que iria fazer, sabia apenas que não podia deixar o homem escapar daquela maneira. Não depois do que ele havia feito com Ida. E com Sándor. E com o irmão do garoto.

Avistou-o mais adiante na rua. O homem parecia mais calmo, cada vez mais parecido com um morador fazendo uma simples caminhada. Ele nem olhou para os lados antes de dobrar mais uma esquina e momentaneamente sumir de vista. Nina tratou de acelerar o carro pelo mesmo caminho e se viu na cola dele. Só então Frederik escutou o veículo. Virou-se para trás na calçada, deparou com Nina e, pela primeira vez, a fitou diretamente nos olhos.

Ele tirou as mãos dos bolsos. Uma delas estava embrulhada em toalhas de papel, completamente ensanguentada, e a outra empunhava uma arma. Nina não teve tempo de ver muito mais que isso antes que ele apontasse na sua direção, estirando o braço de um modo nem um pouco convincente. Ela virou o volante, reduziu a velocidade e tombou para o lado quando a janela ao seu lado estilhaçou-se com o tiro, cobrindo-a com uma chuva de cacos. O pneu dianteiro bateu no meio-fio e o carro morreu.

Ela limpou os cabelos depressa e espiou. Frederik ainda estava lá, parado diante do capô branco da viatura, desajeitadamente engatilhando a arma com a mão machucada.

Estava chorando. Provavelmente de dor, o que seria mais do que compreensível. Mas Nina também não desconsiderava a hipótese de que aquilo fosse o choro de uma criancinha mimada que até então não sabia o que era dor de verdade.

Ela deu partida no carro ao ver o homem reerguer a arma. Solto a embreagem rápido demais e o carro saltou adiante à maneira de um canguru, morrendo em seguida. Mas foi o que bastou. Com um baque seco, o Sr. Subúrbio desapareceu sob o chassi da viatura com um uivo pouco digno.

JUNHO

UMA AGRADÁVEL LUZ DOURADA ATRAVESSAVA as persianas do quarto e, de longe, vinha o barulhinho de vozes e passos, das bandejas e carrinhos que as enfermeiras manejavam, das portas automáticas que abriam e fechavam sem cessar. O mês de junho verdejava do lado de fora, as castanheiras deitando ao chão suas flores amareladas e pegajosas. Søren havia pedalado sob chuva até o Hospital Bispebjerg, mas agora o céu já estava claro novamente. Ele recebera permissão para deixar o casaco e as calças de chuva molhados num dos escaninhos da Ala K enquanto interrogava Helle Skou-Larsen.

A mulher estava com o rosto virado para a luz, a cabeceira da cama erguida num ângulo confortável, e assim permaneceu quando Søren entrou no quarto. Se quisesse vê-la de frente, teria que se interpor entre ela e a janela. Assim, arrastou uma das cadeiras para o outro lado da cama após fazer um breve aceno de cabeça para o advogado.

– Bom dia, Sra. Skou-Larsen – cumprimentou num tom afável. – Como vai?

Lentamente, ela se virou para fitá-lo. Os olhos eram de porcelana azul contra a pele muito branca, e a maquiagem discreta não escondia por completo o inchaço escuro das olheiras. Havia um toque de absurdo no tubo de oxigênio brotando de seus lábios pintados de rosa, mas sua capacidade pulmonar ainda estava longe do ideal.

– Estou bem, obrigada. – A voz era surpreendentemente normal. Talvez um tanto mais firme do que seria esperado naquele quadro de fragilidade.

Søren apresentou suas credenciais.

– Søren Kirkegård, PET.

– Pois não – foi só o que ela respondeu.

– Sinto muito pelo seu marido.

Nenhuma reação.

O advogado se levantou da poltrona, a única do quarto, e estendeu a mão para Søren.

– Mads Ahleggaard. É minha obrigação lembrar que os médicos limitaram esta conversa a quinze minutos.

– Eu sei – retrucou Søren, e só então se acomodou na frágil cadeira. – Sra. Skou-Larsen, eu gostaria de conversar um pouco sobre sua tentativa de comprar uma substância radioativa ilegal.

As palavras soaram estranhas, como se não pertencessem ao mesmo universo que aquela senhora tipicamente suburbana, uma dona de casa que cantava num coral uma vez por semana e jogava bridge de quinze em quinze dias, às sextas. No entanto, fora exatamente isso que ela havia feito. Eles já sabiam agora de quase todas as atividades da mulher, pois tinham encontrado o laptop Acer usado para as pesquisas na internet que a colocaram em contato com Tamás Rézműves, bem como os dez telefones descartáveis que ela comprara em diferentes locais da cidade e os restos dos comprimidos de Imovane do Sr. Skou-Larsen, usados para sedar os cachorros da mesquita e provavelmente o

marido também. Além disso, suas impressões digitais haviam sido encontradas no volante e no câmbio de marcha do Opel Rekord, muito embora, pelo que se sabia, ela não dirigisse desde a década de 1970. Portanto, *o que* a mulher tinha feito já estava bem claro. Restava saber *por quê*. A primeira hipótese era a de que fora vítima de algum tipo de chantagem ou coerção, talvez por parte de um grupo de extrema direita, mas não havia nenhuma indicação disso. Ao que parecia, a história toda fora uma brilhante ideia sua.

Os médicos enfim haviam dado sinal verde para que ela fosse interrogada, tarefa que Søren não tinha a menor intenção de delegar a terceiros.

– Sra. Skou-Larsen, o que a senhora pretendia fazer com aquele cloreto de cézio?

Ela fitava a janela. Søren já começava a se irritar com a falta de contato visual, mas não pretendia demonstrar sua raiva.

– Alguém precisava fazer alguma coisa – respondeu ela. – Não dava mais para ficar de braços cruzados.

– Sim, mas o que a senhora pretendia fazer?

– A gente começou a ver essas pessoas por todo lado. Hoje ninguém dá um passo sem... sem tropeçar numa delas. E elas ficam... *olhando* pra gente.

– Elas quem, Sra. Skou-Larsen? – perguntou Søren, mesmo sabendo qual era a resposta.

– Os estrangeiros. Eu não me importaria se fossem apenas alguns, um aqui e outro ali, mas eles não param de chegar. – Pela primeira vez, ela o encarou, com um brilho gélido no azul dos olhos. – Você sabia que eles têm quase duas vezes mais filhos que os dinamarqueses?

Onde é que as pessoas ouviam tanta bobagem? A pergunta estava na ponta da língua de Søren, mas ele soube se conter e abriu um sorriso agradável.

– Sim, posso entender a sua preocupação.

– Depois foi aquela mesquita. Tão perto! No início, minha raiva era tanta que eu mal conseguia dormir. Mas...

Ela se calou e de novo desviou o olhar para as persianas.

Søren precisou incitá-la novamente:

– Mas o quê, Sra. Skou-Larsen?

– Depois passei a achar que tudo aquilo tinha uma razão de ser. Que aquela mesquita realmente *precisava* estar naquele lugar, perto o bastante para que eu pudesse ir a pé. Porque aí, claro, ficava muito mais fácil.

– Sei.

– Eu *detesto* dirigir – comentou ela, subitamente abrindo um sorriso de desculpas. – Meu marido é quem sempre dirige. Quer dizer... dirigia.

Mas onde há vontade há solução, pensou Søren, imaginando aquela mulher aparentemente indefesa e um pouco desconectada da realidade jogando-se no trânsito de Copenhague num Opel Rekord de 25 anos, agarrando-se ao volante com os nós dos dedos embranquecidos. O carro era automático, ainda bem, pelo menos do ponto de vista da segurança no trânsito. Será que fora intencional acessar a internet numa escola em que mais de setenta por cento dos alunos não eram etnicamente dinamarqueses? Era bastante provável que as dificuldades de Khalid se devessem a um

ato de vingança impessoal. De indefesa aquela mulher não tinha nada.

– Quer dizer então que sua vontade era que essa mesquita fosse... removida?

Era importante não usar “destruir”, “contaminar” ou “fazer em pedaços”. A escolha de palavras fazia diferença. Ele precisava descrever o ato de forma que a mulher não se sentisse acuada.

Mesmo assim, ela balançou a cabeça.

– Removida? Não! De onde o senhor tirou essa ideia? Isso arruinaria tudo!

Søren era profissional o bastante para saber mascarar sua surpresa, mas dessa vez precisou de uma dose extra de disciplina para não se trair.

– Como isso arruinaria tudo? – perguntou em tom neutro.

– Bem, porque aí não teria dado certo.

– Quer dizer então que a sua intenção não era... – Agora não havia como evitar: – Sua intenção não era explodir a mesquita? – Isso explicaria por que eles não tinham encontrado nenhum sinal de explosivos, tanto na casa da Elmhøjvej quanto nas imediações do centro cultural.

Indignada, Helle respondeu:

– Explodir? *Claro que não!* Por que diabos eu faria uma coisa dessas? Por quem o senhor me toma? Uma delinquente?

Em seguida, contou a ele qual havia sido seu plano original.



Pedalandando na volta do hospital, Søren sentiu um desejo quase irresistível de se jogar nos braços de uma mulher. Não necessariamente para fazer sexo, ainda que a ideia não fosse de todo má. O que de fato queria era estar junto a um corpo quente e receptivo; conversar com uma pessoa tão próxima que ele pudesse cheirar o hálito dela, o suor, os cabelos, a pele; deitar a cabeça no ombro dela e sentir a maciez e o calor.

Mas não havia mulher nenhuma.

Susse era o que havia de mais próximo, mas ela estava com Ben num concerto qualquer em Randers. Além do mais, ele não poderia contar nada a respeito do caso, mesmo sabendo que boa parte viria à tona depois, à época do julgamento.

Ele estava retornando para seu gabinete em Søborg, muito embora sua visita a Helle Skou-Larsen tivesse sido o último compromisso do dia. Voltar para sua casa em Hvidovre, tomar uma cerveja sozinho, comer um jantar congelado... Não, isso não. Não naquele dia.

Quando chegou ao estacionamento, Torben caminhava para seu Audi. Søren desmontou, empapado de suor, mas não exausto. Talvez a grande pedida fosse ir para a esteira ergométrica e correr até esfriar a cabeça, até conseguir parar de pensar em mulheres, vazios existenciais e fontes de radioatividade, ou pelo menos até onde conseguisse manter a frequência cardíaca por volta dos 190 batimentos.

– Então, como foi? – indagou Torben

– Ela até que colaborou, pelo menos até certo ponto. Tudo indica que agiu por conta própria. Claro, ainda vou conversar com ela outras vezes, e mais demoradamente, assim que os médicos

deixarem. Mas acho que ela não estava escondendo nada.

– Nenhum vínculo com extremistas? Nenhum cúmplice? Nenhuma conspiração?

– Não, nada disso. Aliás, acho que a gente devia liberar o garoto o mais rápido possível. Sándor Horváth. A história dele bate com a da mulher. Ela confirmou que o negócio dela era com Tamás Rézmüves, o meio-irmão do garoto. Sándor estava no lugar errado, na hora errada, só isso.

– Bem, *nós* podemos liberar o cara. Só não sei se o NBH vai querer fazer o mesmo.

– Gábor me pareceu um sujeito bem razoável. Você não pode dar uma palavrinha com ele?

Torben ergueu as sobrancelhas.

– Como foi que Sándor Horváth conseguiu amolecer você?

– Só acho que a gente não tem nenhum motivo para arruinar mais a vida dele.

Torben o avaliou por um instante.

– Tudo bem, vou falar com o Gábor. Claro, desde que você tenha certeza de que a história da Sra. Skou-Larsen é verdadeira.

– Como eu disse, ainda quero voltar a falar com ela. Mas acho que não tem erro. A mulher resolveu comprar um material radioativo na internet para depois plantar no tanque de água quente do banheiro masculino da mesquita.

– Mas com que objetivo?

Søren desabotoou o colarinho da capa de chuva para se aliviar um pouco do calor.

– Ela não queria explodir nada nem ninguém. Aliás, ficou bastante indignada por eu ter sugerido isso. Ela queria apenas “que não houvesse tantos deles”. E os órgãos genitais são os primeiros a serem afetados quando alguém é exposto à radiação.

– Caramba – disse Torben, e se conteve antes de, involuntariamente, levar a mão aos próprios testículos num gesto protetor.

– Pois é. A ideia dela era ir, pouco a pouco, esterilizando toda a população masculina de muçulmanos na cidade.

– Como tem gente doida neste mundo... – resmungou Torben, desanimado, balançando a cabeça.

– Como é que a gente pode prever o que esses malucos vão fazer? Às vezes fico pensando como seria bom se meu trabalho se resumisse apenas a solucionar os crimes *já cometidos*. Mas e você? Não devia estar em casa a uma hora dessas?

– Devia. Mas resolvi dar uma malhada antes.

Torben deu um tapa viril nas costas dele.

– Se topar um desafio no remo qualquer dia desses, quando o tempo estiver bom, é só falar.

Søren se obrigou a sorrir. Era um homem competitivo, quanto a isso não havia dúvida, mas por vezes achava cansativo que tudo acabasse resvalando para um campeonato de mijo a distância.



Após o sexto intervalo de uma corrida com doze por cento de inclinação na esteira, Søren desistiu. Por mais que tentasse disparar os batimentos cardíacos, não conseguia parar de pensar. Frustrado, despiu as roupas encharcadas, meteu-se sob a ducha que recendia ligeiramente a cloro e lavou os

sovacos. Ao ensaboar a virilha, fechou a mão sobre o pênis e os testículos e parou um instante para pensar em tudo que aqueles órgãos significavam. Eram eles que o definiam como homem, que faziam dele um amante, que teriam feito dele um pai se assim tivesse desejado em vez de obrigar Susse a procurar outro homem que lhe desse filhos.

Seria completamente desnecessário esterilizá-lo, pensou Søren. Ele havia conseguido isso com as escolhas feitas ao longo da vida.

De repente lhe veio à cabeça a imagem de Helle Skou-Larsen, indignada por acharem que queria explodir a mesquita. Ela dissera que não acreditava em violência. Não fazia parte dos seus planos matar ninguém. Por quem ele a tomava? Uma assassina?

Søren não sabia mais o que definia um assassino. Supunha que não fosse homicídio aquilo que Helle Skou-Larsen pretendia fazer, pelo menos não no sentido tradicional da palavra, pois não se tratava de matar pessoas. O futuro é que teria uma morte invisível, silenciosa.

NINA VINHA ESPERANDO A NOITE CAIR.

Ainda estava claro do lado de fora, muito embora faltasse pouco para as dez e fizesse mais de uma hora que ela havia se recolhido ao quarto de hóspedes da clínica. Na verdade, ela fora direto para a cama depois de saltar do táxi com seus pouquíssimos pertences a tiracolo. Trouxera consigo um saco de dormir, roupas íntimas, dois pares de jeans, meias, shorts e camisetas. E uma escova de dentes, claro. Era importante trazer uma escova para sua nova casa. Magnus tinha dito que ela poderia ficar na clínica até encontrar um novo endereço para morar e, por algum motivo, Nina suspeitava que isso não aconteceria assim tão rápido. Um novo endereço significava algo como um novo apartamento. Talvez alguma coisa em Østerbro. Dois quartos bastariam, claro. Ela dormiria na sala para que Ida e Anton tivessem seu próprio espaço quando fossem visitá-la. Se é que eles iriam mesmo fazer isso. Anton decerto apareceria com regularidade; já Ida, provavelmente não. Nina havia recebido permissão para abraçar a filha apenas uma única vez desde o fim do martírio que elas tinham enfrentado juntas. Ida a envolvera com os braços e chorara no ombro dela, mas depois a tinha encarado com um olhar bem diferente do seu normal, irritado. Pela primeira vez em mais de um ano, não era raiva o que se via nos olhos dela, mas... cansaço. Cansaço daquilo tudo, talvez desapontamento.

Você prometeu à filha que nada de mal lhe aconteceria, Nina falou a si mesma. Pois Ida agora sabia que isso não era verdade. Sabia que tanto a mãe quanto o pai não eram fortes o bastante para protegê-la de todo o mal que havia no mundo.

Aparentemente, a guerra entre elas estava suspensa, substituída por outra coisa que Nina ainda não sabia ao certo o que era. Mas Ida ainda não a tinha procurado uma única vez desde então.

Morten havia aparecido no hospital algumas vezes com Anton. Protocolarmente perguntava sobre a costela quebrada, sobre a intoxicação, sobre os efeitos de longo prazo. Também sorria, provavelmente por causa de Anton, e contava um pouco sobre o desempenho do menino na escola, sobre a última reunião de pais e alunos. No trabalho, ele havia trocado de turno para que não tivesse de voltar para o mar do Norte antes das próximas férias de verão. Andava pensando em arrumar um novo emprego, algo que não o obrigasse a se ausentar por duas semanas todo mês, mas por ora contava com a ajuda da irmã na logística do dia a dia. Por sorte, o marido dela trabalhava na cidade, não muito longe da escola de Ida e Anton.

Eles não haviam tocado na delicada questão da guarda dos filhos. Não ainda. “Isso pode ficar para depois, quando você estiver melhor”, falara Morten.

E agora ela estava melhor. Não tinha se recuperado de todo, mas estava melhor.

Já não havia sintomas em seu corpo, mas os médicos tinham dito que, por um tempo, ela ainda ficaria mais vulnerável que o normal às infecções. Recomendaram que fizesse checkups regulares e

não se esquecesse de tomar os remédios.

As molas do colchão rangiam ruidosamente toda vez que ela rolava na cama da clínica. O saco de dormir que acabara de retirar do plástico era quente demais, desses que se usam nas temperaturas extremas do inverno europeu. Mas o sol havia brilhado o dia inteiro contra as janelas da fachada sul do prédio e a noite estava abafada, sem uma única brisa. Do lado de fora, jovens berravam uns com os outros, bêbados e agressivos.

A certa altura, ela se levantou, vestiu uma camisa sobre o short largo demais que havia comprado num supermercado, deixou o saco de dormir onde estava e saiu, tomando o longo caminho que levava à unidade infantil do acampamento. O vigia noturno tomava sua sopa enquanto acompanhava o noticiário das dez na televisão da guarita, sempre uma interminável sucessão de violências e profecias apocalípticas: ameaças terroristas, degelo das calotas polares, crise financeira global. Nina passou pelo homem sem cumprimentá-lo.

Encontrou Rina em seu quarto no fim do corredor, encolhida no canto da cama, talvez coberta demais para o calor que estava fazendo, os olhos fechados, a respiração quente e acelerada. Ora resmungava alguma coisa, ora açoitava algo no ar. Nina sabia que ela vinha sendo medicada, por isso já conseguia dormir melhor. Abriu a janela que dava para o gramado e ficou ali por alguns minutos, admirando o anoitecer antes de se deitar ao lado da menina.

As noites eram a pior hora no acampamento da Cruz Vermelha. À noite todos ficavam sozinhos no escuro.

AGRADECIMENTOS

UMA GRATIDÃO ENORME ÀS SEGUINTEs pessoas e organizações pelo tempo e conhecimento generosamente dedicados à produção deste livro:

Iringó Nemes
Orsolya Pánczél
Csilla Báder Lakatosné
Lajos Bangó
Magyarországi Roma Parlament, Budapeste
Kata E. Fris
János Tódor
Szandra Váraljai
Amaro Drom e os residentes de Csenyété, Hungria
Instituto de Cultura Dinamarquesa em Kecskemét, Hungria
Laokoon Films, Budapeste
Hans Jørgen Bonnichsen
Biljana Muncan
Knirke Egede
Hildegunn Brattvåg
Mary Lisa Jayaseelan e o Conselho Dinamarquês para Refugiados
Anne Karen Ursø e a Cruz Vermelha Dinamarquesa
Christian Riewe
Kim Nielsen
Anita Frank
Lone Emilie Rasmussen
Hans Peter Hansen
Henrik Laier
Gustav Friis
Kirstine Friis
Anna Grue
Alex Uth
Mette Finderup
Lotte Krarup
Lars Ringhof
Bibs Carlsen
Erling Kaaberbøl

Eva Kaaberbøl

Berit Wheeler

Por fim, cada autora gostaria de deixar bem claro que todos os erros e deslizes são exclusivamente culpa da outra.

SOBRE AS AUTORAS

© Lisbeth Holten



AGNETE FRIIS é jornalista e escritora infantojuvenil. **LENE KAABERBØL** já publicou mais de trinta títulos e vendeu mais de dois milhões de livros como autora de fantasia, ganhando prêmios nacionais e internacionais. A série Nina Borg já foi traduzida para 26 idiomas.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[Abril](#)

[Maio](#)

[Junho](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre as autoras](#)

[Informações sobre a arqueiro](#)